
Da autora de *A Doçura da Chuva*
Deborah Smith
Doces Silêncios
«Escritora romântica do ano.»
New York Times



Deborah Smith é uma das autoras americanas mais lidas em todo o mundo: a sua obra já vendeu mais de três milhões de exemplares. Nomeada para diversos prémios importantes, como o RITA Award da Romance Writers of America e o Best Contemporary Fiction da *Romance Reviews Today*, foi distinguida com o Prémio de Carreira atribuído pela *Romantic Times Magazine*.

No catálogo da Porto Editora figuram os seus romances *A Doçura da Chuva*, *Segredos do Passado*, *O Café do Amor* e *Milagre* que obtiveram assinalável êxito junto dos leitores portugueses.

Doces Silêncios
Deborah Smith

Publicado em Portugal por
Porto Editora
Divisão Editorial Literária – Lisboa
Email: dellisboa@portoeditora.pt

Título original:
Sweet Hush
© 2003, Deborah Smith
Published by BelleBooks, Inc., TN (USA)

Tradução: Elsa T. S. Vieira

Design da capa: Manuel Pessoa
Imagens da capa: © Shutterstock.com

1.ª edição em papel: junho de 2017

Porto Editora

Rua da Restauração, 365
4099-023 Porto
Portugal

www.portoeditora.pt

ISBN 978-972-0-68899-6

**Este livro respeita
as regras do Acordo Ortográfico
da Língua Portuguesa.**

Pomares

No teu pomar, acolhes todas as almas que florescem,

Espíritos verdes, sonhos dourados, paixões vermelhas –
Maçãs Sour Shaw, Auburn Delilah,
MacLand Tart, Osmo Russett, Candler Wild;
Mil sussurros de árvores desaparecidas –
Maçãs esquecidas, perdidas na terra.
Mas as tuas sobrevivem, minha Hush doce e forte;
As tuas esperanças adejam, suaves e doces;
As tuas árvores crescem para sempre, onde dois corações se encontram.

– Poema escrito para a segunda Hush McGillen, pelo marido, 1899

Prólogo

Hush

Sou a quinta Hush McGillen batizada em homenagem à maçã da variedade *Sweet Hush*, mas a única que atirou uma maçã podre à primeira-dama dos Estados Unidos da América. Em minha defesa, devo dizer que a primeira-dama também me atirou uma *Sweet Hush* podre. Esta troca de projéteis, sem demérito para as ditas maçãs, foi triste e muito séria.

– Deram cabo da minha filha e eu quero-a de volta – acusou ela.

– Troco-a pelo meu filho – respondi. – E pela alma do Nick Jakobek.

No fundo, a discussão não era sobre mim ou ela, mas sobre os nossos destinos tristemente interligados, sobre os nossos respetivos filhos e respetivos homens e sobre aquilo que achávamos ter sido postas no mundo para fazer, sob os olhares das outras pessoas; quer essas pessoas fossem um país inteiro ou apenas uma família obstinada. Há uma linha estreita a separar a fama pública e a vergonha privada. Para quem tem algo a esconder, manter essa separação requer mais energia do que gostaríamos de admitir.

Assim, enquanto estava na Casa Branca naquele dia, com as mãos sujas de polpa de maçã líquida e pútrida, como sangue, apercebi-me de uma verdade básica: o que mantém a ordem no mundo não é a política, o dinheiro, os exércitos ou a religião, mas sim a capacidade obstinada que as almas vulgares possuem de defender aquilo que lhes é caro e secreto sobre as suas lendas pessoais, armadas com o fruto do trabalho de uma vida. No meu caso, maçãs.

Percorri, cansada, um daqueles corredores da Casa Branca que todos vimos em revistas e documentários. Para que conste, a mansão é mais pequena do que parece na televisão, mas o efeito é mais forte ao vivo. Os saltos dos meus sapatos faziam demasiado barulho. Sentia na pele o peso daquele ar importante. A história sussurrava-me: «Hush, vai para casa, lambe as feridas e recomeça com as mãos e as lágrimas numa terra sólida e de confiança.» Passei por um passeio bem arranjado no exterior da mansão, sob o sol de inverno, e depois saí para a via pública. O guarda ao portão do jardim sul dirigiu-se a mim como se eu por ali tivesse passado uma centena de vezes:

– Posso ajudá-la, senhora Thackery?

A fama, por mais indireta ou indesejada que seja, tem os seus benefícios.

– Se tiver um lenço de papel, agradeço. – Só queria limpar os restos de maçã podre das calças de ganga e do casaco, mas ele deu-me um pacote. Hush McGillen Thackery, do condado de Chocinaw, estado da Geórgia, merecedora de um pacote de lenços de papel na guarita do portão da Casa Branca. Devia ter ficado impressionada.

Pus os dedos de montanhesa entre os lábios e assobiei para mandar parar um táxi. Segui nesse táxi até ao hospital em Bethesda, Maryland, onde nos anos cinquenta os médicos do presidente Eisenhower ocultaram os seus problemas cardíacos e onde, nos anos oitenta, os médicos do presidente Reagan ocultaram o facto de o nosso líder de idade já avançada estar a ficar demente. Era um lugar seguro para manter os problemas familiares perto da alma e longe do resto do país. Os agentes dos Serviços Secretos, que ainda não sabiam que eu tinha atingido quem vocês sabem com uma maçã, ajudaram-me a passar por entre uma multidão de repórteres.

Dirigi-me ao quarto privado onde Nick Jakobek estava em recuperação, suspenso algures abaixo da fronteira do sono normal, com a barriga e peito cobertos de ligaduras que escondiam grandes filas de pontos, e uma ligação intravenosa a fornecer-lhe o gotejar reconfortante e lento dos narcóticos que, de certeza absoluta, arrancaria do braço mal acordasse. Sentei-me ao lado da cama de Jakobek e peguei numa das suas mãos grandes.

As pessoas tinham jurado que ele era o tipo de homem que não me traria nada de bom fora da cama. Era um desconhecido suspeito, não um bom rapaz da terra ou um elegante homem de negócios sulista; não era «um dos nossos». Era um homem que nunca tinha arado o solo, nem vendido um alqueire de maçãs acabadas de apanhar a um mundo faminto delas, que nunca se sentara à volta de uma fogueira a beber *bourbon* sob a Lua Cheia. Um homem que sabia mais sobre

maneiras de morrer do que sobre maneiras de viver. Um homem tão envolto em rumores e mistérios que nem o presidente conseguia proteger a reputação dele. Com certeza, diziam as pessoas, que Hush McGillen Thackery nunca se rebaixaria a ponto de amar um homem daqueles, depois de ter amado um homem tão bom como o marido.

Estou aqui para vos dizer que o amei, que não devia, mas que o amo.

– Nunca teve nada a ver connosco – murmurei a Jakobek. – As pessoas têm de crescer onde foram plantadas. É a última analogia com maçãs que te direi até decidires pedir-me mais. Se e quando isso acontecer. Mas lembra-te. Acredita em mim. Conquistaste as tuas bênçãos. – Beijei-o e chorei um bocadinho. A boca dele relaxou, mas não podia acordar.

– Ouvi dizer que teve um encontro infeliz com a minha mulher – disse uma voz. Virei-me e vi o presidente a olhar para mim à porta.

– Atirei-lhe uma maçã podre. – Não é propriamente o que gostaríamos de dizer a um homem que comanda o seu próprio exército.

O presidente, porém, limitou-se a assentir com a cabeça.

– Ela deve ter merecido.

Coloquei um pequeno crucifixo de madeira de macieira na mão aberta de Nick, encostei a minha testa à dele durante um longo momento e depois saí do quarto. Estava na altura de regressar a casa, às montanhas férteis e selvagens da Geórgia, onde era o meu lugar, o meu e o de todas as pessoas que amava – exceto Nick Jakobek e a sua família presidencial.

Todos nos reinventamos à medida que o tempo passa, até que as histórias embelezadas das nossas vidas envolvem as fraquezas e humilhações como a casca dura de uma macieira. Podemos chamar-lhe relações públicas para o bem do país, ou tirar o melhor partido de uma situação má numa família, num casamento ou num caso de amor, mas, seja como for, enraizamos as nossas vidas nas ideias que as outras pessoas têm de quem somos, tanto em público quanto privado, grandes e pequenas.

Mas a maçã, claro, nunca cai muito longe da árvore, e uma pessoa nunca pode deixar de ser aquilo que é.

Parte Um

Capítulo 1

Hush

Conquistar as suas bênçãos. Nós, os McGillen, sempre tivemos de conquistar as nossas bênçãos aos caprichos cruéis das estações e à esperança vermelha e dura das maçãs maduras. O nosso legado começou em 1865 com Hush Campbell McGillen, uma jovem escocesa cujo marido, Thomas, morreu despedaçado na Batalha de Bull Run. Suspeitamos que Thomas McGillen era um escocês da Pensilvânia ao serviço do Exército da União, mas a tetravó Hush nunca admitiu tal coisa depois de ter chegado a território inimigo, no sul dos montes Apalaches. Trouxe consigo quatro filhos e filhas meio criados, uma mula, uma carroça, cinquenta dólares e um saco de sementes de maçã recolhidas em todos os pomares por onde passou entre a Pensilvânia e a Geórgia.

A Primeira Hush crescera a cultivar maçãs no seu país de origem, onde o pai cuidava das árvores de fruto de um inglês. Hush sabia onde localizar um pomar, como fazer um enxerto pegar, como atrair abelhas cobertas de pólen na primavera, como armazenar as maçãs durante meses no inverno. Compreendia que uma macieira precisa de solo quente, água boa, céu limpo e ar fresco; e as macieiras compreendiam-na a ela. Tal como as macieiras, Hush ansiava pela terra, por aquele tipo de terra boa para plantar um pomar, que até uma viúva sem ter onde cair morta podia reivindicar de graça. Essa terra ficava no berço de um paraíso montanhoso selvagem chamado Chocinaw, na Geórgia.

A Primeira Hush viajou até um vale largo pelo qual corria um ribeiro, no sopé da montanha Chocinaw e das suas montanhas irmãs, Big Jaw e Ataluck. As pessoas da montanha chamavam a esse vale o Hollow, como a cavidade misteriosa na base de uma grande árvore. Ficava tão escondido nas profundezas dos colos de Chocinaw, Big Jaw e Ataluck que só se podia lá chegar a pé, e tão longe da civilização que só uma pessoa desesperada quereria sequer tentar lá chegar. O Hollow ficava dezasseis quilómetros a oeste de Dalyrimple, a sede de concelho de Chocinaw (onde todos estavam declaradamente felizes por a Guerra os ter ignorado), trinta e dois quilómetros a sul da cidade de Chattanooga, Tennessee, que fora bastante abalada pelos combates, cento e sessenta quilómetros a norte da cidade arrasada de Atlanta e mil e seiscentos quilómetros a oeste das Terras Baixas da Escócia onde Hush nascera.

Seria mais fácil encontrar «Nenhures» num mapa.

A juntar à sua mística, o Hollow era evitado pelos habitantes locais, que o consideravam um vale dos mortos. Ali, num vale estreito paralelo ao ribeiro, jaziam sepultados os corpos de quase cinquenta soldados Rebeldes e da União que se tinham matado uns aos outros num massacre terrível, apenas um ano antes de Hush chegar. Os montanheses reservados do condado de Chocinaw tinham sepultado os soldados em campas rasas no sítio onde haviam perecido. O homem mais culto de Dalyrimple, o fundador da cidade, Arnaud Dalyrimple – empregado de bar, jogador, sacerdote dos evangelhos e colunista de jornal – escreveu no *The Dalyrimple Weekly Courier*:

«O esplêndido Hollow selvagem é tão assombrado como o Inferno pessoal do Sr. Abraham Lincoln.»

Hush, contudo, olhou para o Hollow e viu território de maçãs. As encostas das montanhas protegiam-no dos ventos fortes e proporcionavam sombra do sol escaldante do sul; os regatos e nascentes da montanha desaguavam no grande ribeiro do Hollow, oferecendo um fornecimento fiável e constante de água doce. E, acima de tudo, a parte inferior das encostas estava coberta de macieiras silvestres, como oásis entre as falésias de granito. Aquelas arvorezinhas resistentes e cobertas de flores agarravam-se às fendas, entre loureiros e pedras. Reconheciam um bom lar quando o encontravam e sabiam que o Hollow era feito para macieiras.

– As maçãs não se incomodam com os ossos, e os mortos não se incomodam com as maçãs – declarou Hush.

Deu os seus cinquenta dólares pela escritura dos oitenta hectares do Hollow, montou acampamento, limpou a terra e plantou as suas sementes.

Ora bem, as maçãs são como as pessoas. Não há duas sementes iguais. Se plantarmos cem sementes, teremos cem macieiras distintas – umas boas, outras más, mas na sua maioria normais, como os filhos de toda a gente. Hush sabia que só o tempo e o destino organizariam a curiosa

mistura que ela plantara – *Vandermeers* da Pensilvânia, *Colridge Yellows* de Maryland, *Spirit Reds* das Carolinas, e muitas mais. À época, havia centenas de variedades de maçãs na metade oriental do país, a mais fresca. Qualquer pequena quinta tinha um pomar e todos os condados tinham uma variedade de maçã própria. Os agricultores esperavam para ver o que as abelhas trariam em cada estação nas patas peludas cobertas de pólen. Estudavam cada nova planta como peregrinos à procura de um líder sagrado.

Talvez esta seja especial. Talvez esta seja a rainha-mãe de todas as macieiras.

Hush observou as suas árvores durante dez anos, depois vinte. Nessa altura, os filhos há muito que tinham crescido e partido, ela acrescentara uma divisão à casa de troncos arejada, criara uma data de gado, galinhas e porcos, construíra um celeiro e comprara duas mulas novas. Os filhos tinham aberto um trilho lamacento até Dalyrimple, ao qual chamaram McGillen Orchards Road. Hush ganhava a vida a vender carroças de maçãs aos aldeões todos os outonos. Porém, até agora, ainda não surgira nenhuma árvore especial. Todas as primaveras via as abelhas esvoaçarem entre o seu pomar manso e as macieiras silvestres e sedutoras nas encostas das montanhas. Uma filha que se mudara para Atlanta escreveu a uma amiga: «A mamã ainda acredita que Deus no Céu sorrirá sobre o casamento das árvores dela com as Dele.»

À medida que envelhecia, Hush ensinou uma neta, Liza Hush McGillen (conhecida como a Hush McGillen, *a Segunda*) a ajudá-la no pomar. Juntas, estudavam as jovens árvores que amadureciam todos os anos, à procura da «tal». No outono de 1889, encontraram-na. Ali estava ela, na sua primeira estação de fruta – uma jovem árvore orgulhosa e forte, mesmo no meio do velho terreno onde estavam sepultados os soldados mortos, nascida dos seus ossos, com maçãs tão doces que o sumo explodia na boca como açúcar.

Hush e Liza caíram de joelhos, a chorar e a rir enquanto comiam aquele fruto maravilhoso. Nos anos que se seguiram, cortaram galhos dos ramos da jovem árvore, enxertaram-nos nas outras e clonaram a maravilhosa árvore mãe uma centena de vezes, depois duas centenas, e mais. A notícia correu como abelhas famintas de amor; e as pessoas vieram comprar. Hush vendeu maçãs, e Hush vendeu rebentos enxertados, e Hush vendeu Hush – quer isto dizer, a sua lenda.

Mais vermelha do que uma *Arkansas Beauty*, tão boa de conservar como uma *Ben Davis*, mais sumarenta do que uma *Jenny's Eureka*, mais doce do que uma *Blush Delilah*.

A Maçã *Sweet Hush*.

Todas as gerações antes de mim conquistaram o direito a esse nome, e eu também o conquistara.

Aprendi a cultivar a *Sweet Hush* com a minha tia-avó Betty Hush (a quarta Hush McGillen), proprietária do Hollow antes do meu pai. Betty aprendera o negócio das maçãs com o seu primo mais velho, William Hush McGillen (o terceiro Hush McGillen e o único que calhou ser homem), que geriu os famosos pomares *Sweet Hush* no seu primeiro apogeu, entre 1900 e 1930. Segundo rezam as histórias da família, William Hush McGillen tinha tanto jeito para os negócios como um pregador a extorquir moedas aos pecadores. Gosto de pensar que herdei esta capacidade.

No reinado de William Hush, havia pomares de maçãs *Sweet Hush* por todo o condado de Chocinaw, e o clã McGillen residia agora em casas confortáveis, com bons fogões de ferro nas cozinhas e carros *Model-T* rápidos à porta. William Hush e todos os seus primos vendiam maçãs à tonelada e *brandy* de maçã caseiro ilegal ao barril. Em Atlanta, a irmã de William, Doreatha McGillen, fundou a Companhia de Bolos Sweet Hush. Todos os anos, os McGillen da montanha enviavam para Doreatha milhares das melhores maçãs *Sweet Hush*, em carroças puxadas por mulas e por comboio, que ela depois cozia, transformava em puré, temperava com especiarias, e com as quais fazia recheios para todo o tipo de bolos. Estes produtos deliciosos eram entregues em mão nas melhores casas da cidade por homens negros de fatos brancos, em bonitas carruagens puxadas por cavalos com as palavras COMPANHIA DE BOLOS SWEET HUSH escritas de lado em caligrafia vitoriana. As *Tartes de Maçã Sweet Hush* constavam regularmente da ementa de sobremesas na mansão do governador.

Depois a Depressão acabou com a fábrica de bolos de Doreatha. Os agentes fiscais federais da administração Roosevelt destruíram o negócio de bebidas alcoólicas dos McGillen (e a família também – o meu orgulhoso avô e um dos seus primos, ambos pastores na Igreja Batista de Dalyrimple, foram apanhados com alambiques ilegais e suicidaram-se para não serem presos). Mas o pior de tudo foram os avanços na refrigeração moderna e nos transportes de longa distância, que

transformaram as maçãs locais numa novidade, não uma necessidade.

A maioria dos grandes pomares do sul já tinha desaparecido quando eu nasci em 1962 – cortados, queimados até ao chão, esquecidos, indesejados, sem amor. Potter Prides, Escanow Plumps, Sweet Birsdsaps, Black Does, Lacey Pinks – todos extintos da face da Terra, bem como centenas de outras. Desaparecidos para sempre. Nós, os McGillen, continuámos a aguentar um golpe de azar após outro (o meu próprio pai morreu jovem, de um ataque cardíaco, enquanto cortava arbustos nos pomares) mas nós e as nossas *Sweet Hush* agarrámo-nos pelos caules, obstinados, recusando desistir num mundo que nos tinha trocado por *Wisconsin Winesaps* baratas e *Matsus* japonesas geladas.

Em criança, decidi que faria com que as pessoas nos voltassem a saborear.



Os primeiros onze anos da minha vida, antes de o papá morrer, foram perfeitos. A mamã cantava enquanto trabalhava nos pomares ao lado dele e o papá estava sempre contente, ou pelo menos era o que parecia. Eu era a sua princesa das maçãs, a quinta Hush McGillen de Sweet Hush Hollow, o sítio mais bonito à face da Terra. Florescia na primavera, amadurecia como um ventre no verão, alimentava-nos a alma no outono e dormia com tranquilos sonhos nos invernos frios.

Os pomares McGillen estendiam-se pelo largo vale e pelos sopés das montanhas Chocinaw, Ataluck e Big Jaw, cobrindo socalcos construídos por gerações de trabalho árduo dos McGillen. Na nossa família, tínhamos um ditado: «As verdadeiras maçãs *Sweet Hush* só podem ser cultivadas por Deus e pelos McGillen.» Havia algo sombrio, rico e assombrado no nosso solo, sussurravam os velhos.

– Esse tipo de solo produz sempre a fruta mais satisfatória – dizia o papá.

Eu não fazia ideia de que éramos pobres e ainda não tinha começado a compreender o que queriam dizer os nossos familiares quando lamentavam as últimas provas do passado grandioso da família – o jarro de prata com monograma que o papá polia carinhosamente e expunha em cima de uma velha mesa de pinho. Houve uma altura, ouvia as velhas tias dizerem, em que a nossa família não tinha de vender os seus magníficos bens antigos.

Para mim, todos os magníficos bens antigos continuavam connosco. Cresciam numa beleza esplêndida e florida à minha volta, nas colinas, e eram registadas nos poeirentos textos agrícolas arrumados na simples estante de carvalho da sala. Na parede da sala de estar, num lugar de glória por cima do velho sofá de xadrez, estava pendurada a única peça de arte emoldurada da nossa casa: uma gravura botânica de 1909, a cores, de uma maçã *Sweet Hush*.

– Foi publicada pela primeira vez nos grandes livros agrícolas federais da altura – explicava o papá, que me contou a história repetidamente quando eu era criança, como se fosse uma história de embalar ou um conto de fantasmas preferido. Eu adorava a expressão de orgulho no seu rosto quando falava da nossa antiga grandeza. – Mandaram dois homens de Washington. Sentaram-se nos pomares, com toda a família a assistir, enquanto um deles pintava um espécime perfeito de uma maçã *Sweet Hush* e o outro estudava dezenas de maçãs e tirava apontamentos.

Depois o papá abria o nosso antigo exemplar do livro governamental resultante e lia solenemente as conclusões dos dois homens, como se tivesse a recitar um versículo da Bíblia:

– «A maçã *Sweet Hush* madura é de um vermelho-escuro, quase cor de vinho; o fruto é uniforme e redondo, de tamanho médio; o caule é grosso e comprido, numa cavidade pronunciada, escura e lisa; a base é larga e pouco funda, sem rugas; a polpa é extra fresca e muito branca. As maçãs amadurecem de setembro a dezembro; aguentam bem o inverno e mantêm o sabor quando são cozinhadas.» – O papá fazia sempre uma pausa neste ponto, respirava e recitava a parte mais importante de todas no seu sotaque arrastado: – «O sabor é como mel fresco puro, misturado com o melhor açúcar de cana. Não há qualquer acidez na *Sweet Hush*. Cada dentada parece derreter na língua. Uma maçã verdadeiramente espetacular!»

Verdadeiramente espetacular! Imaginem. Homens do governo a usarem esse tipo de superlativos sem serem subornados.

A mamã, que era parte Cherokee, punha-se ao lado do papá e oferecia o conselho da sua avó nativa:

– A avó Halfacre dizia que a *Sweet Hush* é a melhor maçã para a saúde. Porque as maçãs doces

acalmam o estômago, limpam os intestinos e confortam o coração.

Anos depois, viria a recordar essas palavras com uma certa mágoa. Para sobreviver como criador de maçãs era realmente preciso ter coração e estômago.

Contudo, em criança, tudo o que me interessava era o milagre da nossa associação com uma das melhores dádivas de Deus que, ainda por cima e para meu orgulho, tinha o mesmo nome do que eu.

– Minha maçãzinha premiada – chamava-me o papá. – És tal e qual a tua mãe.

Eu tinha o rosto comprido e anguloso da minha mãe, o mesmo nariz de ponta abatatada, a boca grande de cantos virados para baixo e as maçãs do rosto Cherokee, mas o queixo forte e os olhos verdes eram do papá. Não havia corte ou permanente que conseguisse impedir o meu cabelo castanho-avermelhado de me cair à volta da cara como o topete de um cavalo. As pessoas nunca diziam que eu era bonita, mas diziam sempre que dava nas vistas. Por outro lado, também um potro albino dá nas vistas. O papá dizia que eu tinha olhos cor de maçãs verdes. Na altura, eu olhava com esses olhos puros e ainda por amadurecer para o mundo além de Chocinaw e desafiava esse mundo a vir dar uma dentada nesta maçãzinha alegre e resistente.

Até que finalmente, um dia, foi o que aconteceu.



No início da época da maçã, em 1974, enquanto a mamã trabalhava arduamente a servir às mesas no Restaurante Dalyrimple, eu despejei cidra do jarro de prata para as raízes retorcidas da primeira árvore de *Sweet Hush* e chorei até pensar que a cabeça me ia rebentar. O papá morrera a trabalhar nos pomares nesse verão, enquanto a mamã lhe segurava na cabeça e eu corria a chamar ajuda, e nunca deixaria de sentir a falta dele. Tinha apenas doze anos e ainda estava tão apaixonada pelo meu papá que o mundo começava e acabava com a morte dele.

– Um dia, o Hollow será teu – dissera-me ele pouco tempo antes de morrer. – Sei que lhe darás motivos de orgulho. És a quinta Hush McGillen. Nunca te esqueças disso.

Eu tinha de fazer alguma coisa, ou perderíamos a quinta. A fama e fortuna dos velhos tempos estavam reduzidas a um trator cheio de mofo no celeiro grande e aos restos do serviço de prata que ainda não tínhamos vendido. Agora, compreendia.

Tudo o que nos restava era as nossas maçãs.

Peguei em dois cestos vazios, uma tábua, um punhado de sacos de papel, uma caixa de cartão cheia de maçãs *Sweet Hush* acabadas de apanhar e no meu irmão mais novo, Logan, atravessei o pomar e percorri o caminho de terra que ia de casa à McGillen Orchards Road. Aí montei a minha banca improvisada e pus-me ao lado dela com um cartaz na mão, que pintara num quadrado de cartão com tinta vermelha.

A VERDADEIRA E ÚNICA
MAÇÃ SWEET SUSH
SEM BICHO
SEM MOSSAS
55 CÊNTIMOS O SACO
2 SACOS POR UM DÓLAR

Tinha reparado que ultimamente as pessoas de Atlanta atravessavam muito o Hollow. Subiam o novo ramal da autoestrada e depois viravam à direita na estrada nacional, atravessando as montanhas para ver a paisagem antes de regressarem a casa, aos seus bairros e centros comerciais. Eu andava a contar o número de carrinhas de Atlanta que estacionavam todos os sábados e domingos junto do alto arbusto perto da nossa velha caixa de correio. As pessoas saíam e tiravam fotografias à quinta. Uma vez, fui até à estrada alcatroada e olhei para trás, para o Hollow, para ver o que as intrigava. Vi o vale largo repleto de filas de macieiras, as montanhas redondas por trás delas e os bonitos telhados da nossa casa e celeiros a espreitarem entre um maciço de grandes faias, no cimo de um monte sombrio. Tudo o que via era o meu lar, mas adorava-o terrivelmente.

Se queria conservá-lo, tinha de o fazer render como nos velhos tempos.

Trinta minutos depois, tive a minha primeira cliente. Nunca me esqueci dela – uma senhora de

Atlanta, de cabelo branco, que andava a mostrar às irmãs o território das maçãs num *Cadillac* com um autocolante desbotado que dizia «Nixon a Presidente».

– Porque é que estas são as verdadeiras maçãs *Sweet Hush*, minha querida? – perguntou ela, com um sorriso.

– Porque as nossas são as únicas *Sweet Hush* no condado de Chocinaw que nascem sobre os ossos de uma centena de soldados ianques. – Apontei para o pomar com um gesto dramático. – Que foram mortos pelos rebeldes ao fundo do nosso Hollow na Batalha de Dalyrimple em 1863. – Fiz uma pausa calculada. – A minha tetravó Hush McGillen, *a Primeira*, dizia que as macieiras não se importam com os mortos. Por isso plantou as suas primeiras árvores mesmo em cima das campas dos soldados. E, desde então, é em Sweet Hush Hollow que crescem as melhores maçãs do mundo. Porque os ossos são raízes e as raízes são ossos. É o que a minha mãe diz, e a minha mãe é parte índia Cherokee, e toda a gente sabe que os índios conhecem os espíritos da terra. O que eles dizem é verdade. – Respirei fundo. – Dois sacos, um dólar, por favor. E mais vinte e cinco cêntimos se quiserem tirar fotografias.

A senhora e as irmãs riram-se e compraram-me a caixa inteira de maçãs.

– Pagaria só para te ouvir contar histórias – disse ela. Tocou-me no cabelo castanho-avermelhado. Era comprido e impossivelmente ondulado, e eu tinha-o prendido com um fio tirado do bolso das jardineiras. – Pareces ter nascido da terra dentro de um anel de fadas da quinta. Se continuares tão bonita e de imaginação tão viva, as pessoas hão de comprar-te as maçãs todas.

Depois de ela arrancar, pus Logan no carrinho de mão e empurrei-o ao longo do caminho para ir buscar mais maçãs, de testa franzida e a morder a língua.

– Logan – concluí. – As pessoas compram maçãs se lhes dermos também uma história para levarem para casa.

A partir daí, comecei a contar a toda a gente que parava a história maravilhosamente sinistra dos mortos da Guerra Civil enterrados debaixo do coração do nosso pomar. Essa história vendia maçãs.

Duas horas depois, tinha despachado quarenta sacos de *Sweet Hush* e feito cerca de vinte dólares. Tirava constantemente as notas do bolso das calças de ganga para as contar, com dedos trémulos. Em 1974, era uma fortuna.

Ouvi uma mota e ergui os olhos para a estrada alcatroada entre as árvores e os rododendros. Vi Davy Thackery subir o monte, com a irmã, Mary May «Smooch» Thackery sentada atrás dele, os caracóis castanhos-escuros típicos dos Thackery a esvoaçar ao vento. Algumas famílias nunca conseguem alcançar o estatuto de respeitabilidade almejado. Os Thackery eram uma delas, apesar de a maioria dos seus membros terem naturezas simpáticas e calmas e trabalharem arduamente para se manterem na classe média. Eram conhecidos – e, para dizer a verdade, admirados por muitos – pelo seu legado de álcool ilegal e pelo talento com carros rápidos. Afinal de contas, os ralis profissionais têm as suas raízes nas estradas do sul, nos anos quarenta e cinquenta, quando contrabandistas em carros artilhados e carregados de uísque fugiam aos agentes do governo. Os Thackery eram uma lenda em Chocinaw nesse aspeto. Nesses tempos antigos, nunca um Thackery fora apanhado – pelo menos vivo – na montanha Chocinaw.

Davy sorriu-me por baixo dos caracóis e senti o coração bater mais depressa. Ele tinha apenas treze anos, um ano mais velho do que eu, era alto e desengonçado e rápido a dar um soco em quem o aborrecesse. Mas os seus olhos eram doces e azuis quando olhava para mim, e eu estava desesperada por amar e ser amada por um novo homem, agora que o meu pai partira. O pai de Davy também morrera novo, a conduzir carros de corrida nas estradas de terra sulistas, e depois a mãe abandonara-os, a ele e a Smooch. Smooch tornara-se uma miúda carente e ansiosa por agradar. Davy tornara-se imprudente e zangado. Estavam a ser criados por uma avó doente na cidade, que não conseguia controlar Davy. Mas eu conseguia. Achava eu.

– Olá, linda – cumprimentou Davy em tom sedutor. – Que maluquice estás a fazer agora?

Corei. Linda. As mentiras dele eram a minha única fraqueza.

– Essa é a mota do senhor Jetters, seu ladrão.

– O velho idiota só dará por falta dela daqui a uma hora, no mínimo.

Smooch saltou rapidamente de cima da mota.

– Disseste que ele ta tinha emprestado!

Davy deu-lhe um soco ao de leve no queixo.

– Bom, maninha, menti – admitiu. Sentou-se de lado no banco de cabedal da mota e estudou os meus cestos e caixas. – A tua mamã mandou-nos ver o que se passa aqui. Alguém lhe disse que estás a vender maçãs, como uma cigana. Ela está com medo de que sejas atropelada ou agredida. Eu disse-lhe que tomava conta de ti.

Tirei o monte de notas do bolso.

– Acho que me estou a sair muito bem, obrigada.

Smooch olhou para mim de boca aberta e olhos a brilhar.

– Oh, quem me dera também ser rica.

– A mamã pode comprar muitas mercearias com este dinheiro.

Smooch pegou no meu cartaz e analisou-o.

– Se fosse a ti, tirava a parte dos bichos e das mossas. Só estás a pôr maus pensamentos na cabeça das pessoas.

– Depois logo faço outro cartaz.

– Deixa-me fazê-lo eu, oh, deixa-me lá! Quero ajudar, por favor! Faço-te um cartaz novo com enfeites bonitos aos cantos.

– Está bem, obrigada. – Smooch tinha jeito para o desenho e passava muito tempo a tentar descobrir o que as pessoas queriam ouvir. Eu tinha pena dela, e podia aproveitar os seus conselhos de relações públicas. Olhei para os dois irmãos. – Se me ajudarem a vender maçãs às pessoas de Atlanta, dou dois dólares por dia a cada um.

– Estou contratada! – exclamou Smooch.

Mas Davy limitou-se a olhar para mim com aqueles olhos azuis e desordeiros.

– Eu ajudo-te só porque me pediste. Mas não vou dar graxa a ninguém de Atlanta. São todos judeus e pretos e estúpidos ricos e convencidos.

Foi um daqueles momentos em que as raparigas espertas se tornam estúpidas e cegas. Eu devia ter-lhe respondido à letra e dado um raspanete. Devia ter percebido que havia demasiada raiva na visão que ele tinha do mundo, mas já estava apaixonada por ele, portanto ignorei. Mas sabia que as palavras eram importantes. As ideias eram importantes. A reputação era importante. A minha mãe era um quarto índia e eu já ouvira pessoas chamarem-lhe nomes e dizerem que o papá não devia ter casado com ela. Até o meu tio Aaron e os parvos dos filhos. Os meus próprios primos.

– Deixavas as pessoas chamarem-me nomes feios como tu fizeste? – perguntei a Davy, com ar sério.

Ele empertigou-se.

– Se alguém te chamar um nome feio e eu ouvir, leva um pontapé no rabo.

– Então, por favor, Davy… – sorri-lhe – … és tão boa pessoa. Não fales assim. Promete.

– Está bem, está bem. Se não gostas, eu não falo mais assim.

– Ótimo.

– Pelo menos quando estiveres a ouvir.

Irritada, quase lhe respondi, mas nessa altura vi um *Volkswagen* amarelo aparecer ao fundo da estrada.

– Façam um ar simpático – ordenei.

Smooch, Davy e eu olhámos para a estrada, com ar descontraído. Smooch acenou e eu levantei o cartaz. O *Volkswagen* parou e um homem saiu com um par de câmaras com lentes compridas.

– Oh, este é o sítio mais bonito das montanhas – disse. – Tem mesmo aquela vibração de regresso à natureza. O Jardim do Éden. Consigo sentir o *chi*, sabem. As boas energias. Uau. – Tinha bigode e patilhas compridas. Olhámos para ele, de boca aberta. Os homens em Chocinaw barbeavam-se religiosamente e tinham sempre cortes à escovinha respeitáveis.

– Este homem é um *hippie* – murmurou Smooch.

– Este homem é um cliente – retorqui.

Davy pôs-se em frente de mim e de Smooch, de punhos cerrados. Passei-lhe à frente, com o cartaz na mão.

– Bem-vindo à Quinta Sweet Hush, senhor. O estacionamento é grátis se comprar maçãs, mas se veio só para tirar fotografias, são vinte e cinco cêntimos.

– Negócio fechado, jeitosa. – Com um sorriso, deu-me uma moeda e eu enfiei-a no bolso. – Então posso tirar-vos uma fotografia?

– Nem pensar – disse Davy.

– É para o jornal em Atlanta.

– O grande? – inquiri.

– Isso mesmo. Sou fotógrafo.

– Isto é bom para a venda de maçãs – disse-me Smooch ao ouvido.

Acenei fervorosamente.

– Sim, senhor, pode tirar-me uma fotografia, mas só se os meus amigos também aparecerem.

Smooch guinchou, deliciada. Davy franziu a testa até eu enfiar o braço no dele. Levantei o cartaz com a mão livre, mas Smooch tirou-mo.

– Eu seguro no cartaz, tu mostras o dinheiro – sussurrou.

– Boa ideia. – Tirei as notas do bolso das calças e levantei-as bem alto.

O fotógrafo *hippie* riu-se e começou a tirar fotografias.

Nesse domingo, milhares de pessoas viram a nossa fotografia a cores na primeira página da secção *Dixie Living* dos jornais de Atlanta. Eu não tinha dito nada à mamã sobre o fotógrafo. Em Chocinaw, as boas meninas não falavam com *hippies*.

Depois da igreja, como de costume, as pessoas reuniram-se no restaurante e trouxeram o jornal. A mamã estava a servir almoços e ainda não se tinha apercebido de nada. Davy, Smooch e eu escondemo-nos na cozinha e trocámos olhares preocupados. Só aparecia nos jornais de Atlanta quem era mau, ou um político, ou ambas as coisas.

– Doris Settee McGillen, olha lá, és cega, surda e muda? – disse uma cliente à mamã. Depois levantou o jornal com uma risada. – A tua filha anda a comunicar com o mundo lá fora sem te dizer nada. O que é que passou na cabeça daquela criança?

A minha mãe parou no meio do restaurante, com os braços magros carregados de pratos sujos, o uniforme de poliéster azul salpicado de molho de natas, a comprida trança de cabelo castanho-escuro a baloiçar quando baixou a cabeça e olhou para a minha fotografia no maior jornal do Estado. Leu as palavras da legenda, movendo os lábios silenciosamente: «A vida é doce para “Sweet Hush” McGillen e o seu negócio de venda de maçãs à beira da estrada.» A mamã parecia estupefacta.

– Estou feita – lamentou-se Smooch.

Davy pôs o braço sobre os meus ombros.

– Dou cabo de quem te chamar «doce».

Inclinei-me para o calor da curva do braço dele e espreitei pela porta da cozinha, observando a minha mãe. Lentamente, ela levantou o queixo. O molho de um dos pratos sujos pingou para cima dos seus ténis brancos manchados. Olhou para os vizinhos sorridentes que a fitavam das suas mesas, vestidos com as roupas de domingo, aqueles que podiam pagar um almoço especial de frango frito depois da missa.

– Não sou cega – disse em voz bem alta. – Vejo que tenho uma filha que sabe vender maçãs. Não há dúvidas de que é a quinta Hush McGillen, e está a conquistar esse nome. Vão ver, todos vocês… a maçã *Sweet Hush* ainda não morreu. Tenho a certeza absoluta de que um dia a minha Hush o vai provar. – A mamã fez uma pausa. – Agora, se me dão licença, tenho de a ir agarrar pelo cabelo e gritar com ela.

Toda a gente se riu e aplaudiu. Eu tinha a cara a arder. As pessoas achavam que eu era uma piada. Foi então que soube que um dia seria alguém, só para os fazer ver a todos. Teriam de me levar a sério. Eu levar-me-ia a mim própria a sério.

Nessa tarde, a mamã e eu sentámo-nos em casa, com uma fotografia emoldurada do papá em cima da velha mesa de madeira entre nós, ao lado da espantosa fotografia de jornal. A mamã tinha Logan ao colo. Não parecia realmente zangada, apenas espantada com as minhas ideias. O primeiro indício de redenção começou a espalhar-se pelo meu peito como a pomada de mentol quente com que a mamã me esfregava quando estava constipada. Encostei a cabeça ao ombro dela. Cheirava a leite materno, maçãs e *Marlboros*.

– Sei que sou estranha – comecei. – Toda a gente o diz.

– Ora, ora – disse a mamã. – Ora.

Fumou um cigarro e levantou a *T-shirt* para Logan poder mamar no mamilo direito. Olhou da fotografia do papá para o jornal e depois para mim, unindo-nos numa linha de visão como se estivesse a perguntar ao marido que raio de encanto McGillen ele colocara dentro dela doze anos

antes. Tinha apenas vinte e seis anos de idade e olhos escuros e cansados. Os traços Cherokee viam-se nas maçãs do rosto altas e na boca forte. Praguejava quando pensava que eu não estava a ouvir, bebia cerveja quando pensava que eu estava a dormir, dava-me palmadas ou beliscões no braço quando achava que eu precisava de castigo. Cantava solos na pequena igreja, rezava como um pastor mas trabalhava como um cão para pôr comida na mesa. Continuava de luto pela perda do meu pai e estava assustada.

– Ontem, quando estavas no trabalho – disse-lhe cautelosamente, avaliando a sua reação –, fiz mais quarenta e dois dólares a vender maçãs à beira da estrada. – Tirei o tesouro secreto do bolso das calças e pus as notas e moedas em cima da mesa. A mamã abriu e fechou a boca.

As lágrimas deslizaram-lhe pelo rosto.

– Não quero que os meus filhos tenham de se matar para viver. Quero dar-lhes uma vida decente.

– Não me estou a matar. – Engoli em seco e inclinei-me mais para ela. – Mamã, tenho de te dizer uma coisa. O meu destino é vender maçãs. Eu sou capaz. Sei que sou. Porque… tenho pele de açúcar.

Pele de açúcar. A maioria das pessoas dizia que a pele de açúcar era apenas uma história que os McGillen tinham inventado nos anos de glória para dourar um pouco mais as suas próprias lendas. No entanto, os mais velhos da família afirmavam que a pele de açúcar era magia verdadeira e que todos os Hush McGillen, até agora, tinham sido fadados com esse dom. A mamã susteve a respiração.

– Já fizeste a experiência?

– Sim, senhora. Mais do que uma vez. Não te quis assustar, por isso não te contei.

– Oh, meu Deus. Podias ter sido picada até à morte.

Assenti com um aceno. Só havia uma maneira de uma pessoa saber se tinha pele de açúcar. Íamos para a rua no outono, quando as abelhas voavam em enxames, no pico da época, à procura de sarilhos, com os ferrões em brasa cheios de veneno, procurávamos um dos seus ninhos no chão e passávamos por cima dele.

E depois estendíamos a mão às abelhas.

– Elas pousaram todas em cima de mim, mamã – sussurrei. – Aposto que eram umas cem. Mas nem uma me picou. Elas… lamberam-me a pele, mamã. A sério. Tenho pele de açúcar.

– Oh, meu Deus – repetiu a minha mãe.

– Mamã, vou montar uma banca de maçãs todos os fins de semana, e vamos ficar ricas, e depois vou para a universidade para aprender a vender ainda mais maçãs e nunca mais ninguém se rirá de nós.

– Promete. Universidade. Promete. – A mamã deixara a escola no oitavo ano. Casara com o papá quando tinha catorze anos e ele trinta. Eu nasci seis meses depois do casamento. Ela tinha sonhos melhores para mim e para Logan. Sonhos de universidade. – Universidade – repetiu.

– Prometo. Juro pela alma do papá. – Apertei a fotografia dele contra o peito.

Ela abraçou-me com força. Chorámos as duas. Depois afastou-me e fitou-me com olhar feroz.

– Não duvido de que tenhas a magia, a pele de açúcar. E não duvido de que sejas capaz de vender maçãs. Mas também não tenho dúvidas de que não são as abelhas as únicas criaturas a saber que és doce como uma maçã. Mantém a distância daquele maldito Davy Thackery ou ele roubar-te-á tudo. – Sacudiu-me levemente. – Promete.

Olhei para ela, confusa.

– Mas o Davy é bom para mim, e quer cuidar de mim… – A incredulidade dura no rosto da minha mãe silenciou-me. – Prometo – disse-lhe, por fim.

E estava mesmo convencida de que não quebraria essa promessa.

E de que ela viveria para o ver.

Não viveu. Uma mãe só pode proteger-nos até certo ponto, depois temos de nos proteger a nós próprios.

Capítulo 2

Hush

Na semana antes do meu décimo sexto aniversário, a mamã morreu de uma infeção causada por uma apendicite. Lembro-me de estar debaixo da macieira *Sweet Hush* original, na noite de inverno gelada depois da morte dela, sentada às escuras, enrolada numa manta, com um braço à volta de Logan e o outro à volta da velha árvore, como se esta se tivesse tornado uma mãe substituta. Chorei com aquela árvore velha, falei com aquela árvore velha, e comecei a acreditar, naquele poço de solidão desesperada, que ela – chamava-lhe *Grande Dama* – me ouvia e respondia.

«Agarra-te à terra, Hush. Agarra-te bem a mim e enterra as tuas raízes ao lado das minhas.»

«Assim farei, e nunca te abandonarei.»

Forças para além do meu círculo de experiência começaram a abater-se sobre mim. Vi-me sentada na pequena sala de audiências do tribunal de Chocinaw, enquanto advogados debatiam o meu futuro e o do meu irmão e o futuro da quinta em Sweet Hush Hollow.

– Meritíssimo, é simplesmente impossível que uma criança tão nova como a Hush possa manter o devido controlo sobre um grande pomar e uma casa com equipamentos – entoou o advogado Mac Crawford, a defender a causa de um primo que o meu pai odiava. «O Aaron McGillen é um filho da mãe», ouvira-o eu dizer muitas vezes. – Ora, o senhor Aaron McGillen é um comerciante bem conhecido, com uma participação no *franchise* do Pancake Diner na nova autoestrada, e está disposto a comprar toda a propriedade de Sweet Hush Hollow por um preço de mercado justo que deixará a jovem menina Hush e o seu pobre irmãozinho órfão com uma boa quantia para viver.

O meu advogado, o velho e forreta Fred Carlisle, que bebia *bourbon* no escritório ao lado do tribunal e usava um capachinho ruivo de má qualidade para esconder uma mossa no alto da cabeça grisalha, levantou-se com melodrama artrítico.

– Meritíssimo – disse, em sotaque arrastado –, o Aaron McGillen rouba as gorjetas das panquecas às suas próprias empregadas.

O público, composto pelos membros da família McGillen e familiares, assentiu com acenos solenes. Eu tinha muito apoio do lado da família. Mas o juiz resmungou entre dentes, pouco impressionado, e fiquei ainda mais tensa atrás da mesa do réu. O perfume mentolado e alcoólico do senhor Carlisle quase me dava vómitos. O suor escorreu-me entre os pequenos seios e o casaco e vestido comprados na loja de roupas em segunda mão estavam a fazer-me comichão. Atrás de mim, no banco da frente, Logan agitou-se, sentado entre Smooch e Davy. O meu irmãozinho rechonchudo e bem-disposto murmurou em tom bem audível, como qualquer criança de cinco anos entediada:

– Hush? Vá lá! Hush! Vamos para casa.

Por fim, virei-me e sussurrei:

– Bubba Logan, estou a fazer tudo o que posso para podermos ir para casa e ficar lá, como a mamã e o papá haviam de querer. – Isto fez chorar algumas das mulheres da família.

O juiz Redman, um homem idoso e corpulento, de cara vermelha, que fumava cigarrilhas durante a audiência, mandou sentar o senhor Carlisle e apontou para mim:

– Menina McGillen, eu seria um idiota se deixasse uma jovem de dezasseis anos ficar com o controlo desse Hollow, não acha?

Levantei-me. Pousei as mãos suadas numa pequena mala adquirida por uma pechincha na feira de Dalyrimple e disse em voz bem clara:

– Sim, meritíssimo, seria um idiota se fizesse isso, caso eu fosse uma jovem de dezasseis anos vulgar. Mas, uma vez que não sou, seria um idiota se não o fizesse.

As pessoas soltaram exclamações abafadas e o juiz semicerrou os olhos. Fumou a cigarrilha até a cinza cair em cima da mesa.

– Diga-me lá como é que vai aliviar os meus receios idiotas, menina McGillen.

Abri a pasta, olhei para ele e despejei o conteúdo em cima da mesa. Maços de notas de vinte dólares rebolaram. Certificados de ações esvoaçaram contra o copo de água estranhamente mentolada do senhor Carlisle. Títulos do Tesouro espalharam-se em cima da pilha.

– Eis os meus bens, meritíssimo. Que ganhei a vender maçãs à beira da estrada nos últimos quatro anos. A minha mãe não ficou com muito do que ganhei. Insistiu para que eu poupasse a

maior parte. E foi o que fiz. – Apontei para os vários montes. – Dinheiro. Ações. Títulos. Um total de cinco mil, duzentos e oitenta e cinco dólares e vinte e sete cêntimos, à cotação no encerramento do mercado de ontem, segundo o *Atlanta Journal*, meritíssimo.

Uma vaga de murmúrios percorreu a sala de audiências. O juiz bateu com o seu martelo.

– Menina McGillen, sei que é uma jovem espantosa. Toda a gente o diz e eu não discordo. Mas tem de concluir os seus estudos e cuidar do seu irmãozinho. A sua mamã queria que fosse para a universidade. Como tenciona vender maçãs e fazer tudo isso?

– Vou terminar a escola secundária um ano mais cedo. Tenho uma bolsa de estudos. O dinheiro é suficiente para fazer o primeiro ano na Universidade do Norte da Geórgia, indo e vindo todos os dias. A avó da Smooch e do Davy Thackery concordou em tomar conta do meu irmão enquanto eu estiver nas aulas. E poderei trabalhar também na quinta.

Mac Crawford soltou uma fungadela desdenhosa.

– A jovem tem boas intenções, meritíssimo, e ninguém duvida de que é uma rapariga extraordinária. Mas não é sensato, meritíssimo, deixá-la ficar no controlo de oitenta valiosos hectares de pomares. Ora, aquele Hollow é um sítio sagrado para a família McGillen. Devia estar nas mãos de um homem McGillen que…

– Que rouba as gorjetas das panquecas às suas próprias empregadas! – repetiu o senhor Carlisle. Toda a gente se riu. Senti o coração apertado.

O juiz apoiou-se no cotovelo e olhou para Mac Crawford.

– Diga-me, senhor Crawford, alguma vez conseguiu poupar cinco mil dólares?

– Meritíssimo, isso não é relevante…

– Não, não, eu diria que é mesmo muito relevante. E o senhor McGillen? Consegue apresentar-me essa quantia em dinheiro e títulos neste momento? – O juiz apontou para Aaron, que estava sentado num dos bancos da frente, magro e severo, vestido com um belo fato. Eu tinha apontado o nome dele num livro de registo. Aaron nunca mais poria os pés no Hollow, se eu o pudesse evitar.

Aaron agitou-se, pouco à vontade.

– Tenho investimentos, meritíssimo. Não há muito dinheiro vivo, mas dão um bom rendimento.

O juiz sorriu.

– Se calhar devia chamar as suas empregadas de mesa para testemunharem quanto às suas técnicas de gestão.

Ouviram-se gargalhadas e o senhor Carlisle exclamou:

– Eu bem disse!

– Isto é uma piada, certo? – questionou Aaron, em tom seco. – Só um perfeito imbecil deixaria o Hollow nas mãos de uma rapariga de dezasseis anos sem sequer um trabalhador para a ajudar a apanhar maçãs.

– Está a dizer que sou um perfeito imbecil? – perguntou o juiz.

– Oh, não, não, meritíssimo! Mas a pobre Hush não tem ajuda nenhuma…

– Isso é mentira! Eu sou a ajuda dela! – exclamou Davy, levantando-se de um salto, como um soldado a pôr-se em sentido. Virei-me para olhar para ele. Dezassete anos, quase um metro e noventa, magro como um poste, de calças de ganga e blusão de cabedal, Davy tinha pestanas compridas e aquele cabelo Thackery escuro e brilhante, além de um charme arruaceiro glorioso e uma fonte inesgotável de lábia. Ajeitou teatralmente a gravata torta que trazia com a camisa de xadrez, por baixo do blusão de cabedal.

– Sou um homem feito – anunciou Davy. – E levo muito a sério o cultivo da maçã!

A maioria dos meus familiares revirou os olhos. O resto do público riu com vontade. Nem o juiz conseguiu conter um sorriso.

– Senhor Thackery, conheço-o demasiado bem. Falar é fácil, filho, e você tem muita conversa fiada.

Davy ficou muito calado. Normalmente parecia estar a bambolear-se mesmo quando estava quieto, mas desta vez não. Fitou o juiz Redman nos olhos, com ar calmo, suplicante, prometedor. Valha-me Deus, um arrepio de excitação e adoração percorreu-me o corpo. Naquele momento acreditei nele e apaixonei-me o suficiente para conseguir ver o meu destino.

– Meritíssimo – disse ele, numa voz suave e masculina –, juro pela minha alma que trabalharei até cair para o lado pela Hush McGillen. Nunca lhe virarei costas e nunca trairei a sua confiança, e

estarei lá sempre que ela precisar de mim. Sei que tenho muito a provar, e hei de prová-lo, por ela. Mas, por favor, meritíssimo, deixe-a ficar com o Hollow. Ela morrerá sem ele. E se ela morrer eu morro também.

Arrepiada, fiquei com os olhos cheios de lágrimas, que limpei com as costas da mão. Smooch olhou para o irmão de boca aberta, como se extraterrestres o tivessem substituído por um desconhecido sentimental. Toda a sala de audiências estava em silêncio, assombrada.

A cinza comprida caiu da cigarrilha do juiz Redman. Pousou a cigarrilha no cinzeiro, uniu as mãos, levou-as aos lábios e falou por entre os dedos.

– Menina Hush, a minha reputação de não ser um idiota nem um perfeito imbecil está nas suas mãos. Se você ou aqui o seu ajudante fizerem alguma coisa que dê cabo dessa reputação, voltaremos a ver-nos nesta sala. Entendido?

Levantei-me, ofegante e esperançosa.

– Sim, meritíssimo.

– Muito bem. – Olhou para Aaron McGillen de testa franzida, acenou com a cabeça aos McGillen reunidos na sala e depois levantou a cabeça para um momento oratório. – O controlo da propriedade de Sweet Hush Hollow é assim entregue à menina Hush McGillen! – declarou, e bateu com o martelo.

A multidão aplaudiu.

Virei-me e olhei para os olhos brilhantes de Davy. Este corou, franziu a testa e afivelou a fachada habitual com um encolher de ombros.

– Que tal esta dose de graxa? – murmurou. Levantei a mão e toquei-lhe no rosto, o que o fez pestanejar e suster a respiração, espantado.

Nesse momento, tive a certeza de que ele me amava com toda a fé e honra do mundo.

Ninguém acreditava realmente que eu conseguisse ficar com a quinta. Estava tão mergulhada na tristeza e na preocupação que mal levantava a cabeça – mas, sempre que o fazia, Davy estava lá. Um sedutor, um artista da velha escola, que conduzia demasiado depressa e enganava a sorte. A maioria dos homens, mulheres e crianças não conseguiam deixar de lhe sorrir. Na pista de corridas, já era um ídolo. Mulheres duras, de penteados armados, usavam o número dele – 52 – nas *T-shirts* brilhantes. Os homens apostavam nele para a vitória. As raparigas namoriscavam com ele incessantemente. Eu sabia. Ele dizia que eram apenas fãs. E eu acreditava.

No entanto, trabalhava ao meu lado nos pomares mais arduamente do que alguma vez trabalhara ou viria a trabalhar na vida, embora no tempo livre uivasse à Lua e tentasse convencer-me a fazer o mesmo.

– Não gosto das corridas – dizia-lhe eu, sem rodeios. – Prefiro ler um livro.

– Oh, bom, linda – dizia ele naquele sotaque arrastado, com um leve indício sinistro de aborrecimento nos olhos –, não é a ler que vais ficar rica.

– Não é só ler. Educação. É com a educação que vou fazer fortuna. Ser inteligente compensa.

– Já és a rapariga mais inteligente do mundo. E a mais bonita.

Ele fazia o que queria das palavras.

Mas não de mim. Ainda não. Não podia correr o risco de me enrolar nos lençóis com ele.

Ainda não.

– Seria um idiota se concedesse um empréstimo a uma miúda de dezasseis anos – disse o presidente do banco. Era um recém-chegado a Dalyrimple e não sabia nada sobre os McGillen em geral ou sobre mim em particular. Um grande banco de Atlanta tinha comprado o Banco Agrícola de Chocinaw nesse ano.

Respondi com a minha melhor deixa. Já tinha resultado antes.

– Senhor, eu não sou uma rapariga vulgar, e a *Sweet Hush* não é uma maçã normal, por isso seria um idiota se não me concedesse o empréstimo.

Ele olhou para mim de boca aberta.

– O que é que quer construir, exatamente?

– Um pequeno celeiro de maçãs na parte da frente do Hollow, onde seja visível para quem passa de carro. Com uma cozinha para fazer bolos de maçã e coisas do género, e um parque de estacionamento. – Fiz uma pausa. – E quero um grande cartaz à entrada a dizer Quintas Sweet Hush. A Smooch Thackery vai fazer o desenho, mas preciso de pagar a uma empresa para o fazer. – Outra pausa. – E vou pôr outro cartaz na saída da autoestrada. O primo da minha mãe tem um pedacinho de terra paralelo à estrada e deu-me permissão para colocar lá o cartaz.

– Um cartaz a dizer às pessoas de Atlanta para fazerem quinze quilómetros até à montanha Chocinaw para comprar maçãs? – O banqueiro abanou a cabeça.

– Não, senhor. Não é para comprar maçãs. Para comprar a magia Sweet Hush. – Lancei-me numa longa explicação sobre nostalgia e herança e o Hollow e soldados mortos, enquanto ele sorria com ar ignorante.

Quando acabei, ele disse:

– Lamento muito, mas preciso de provas de que o seu plano de negócios tem pernas para andar, menina McGillen, e não me apresentou nenhuma.

Levantei-me, pus um cesto de maçãs *Sweet Hush* em cima da secretária dele e respondi:

– Nesse caso, vou arranjar-lhe provas.

Parei entre as macieiras carregadas do fruto da determinação – elas e eu. Smooch assistia, horrorizada, a quinze metros de distância, mas Davy, pálido e com uma câmara de vídeo apoiada no ombro, estava mais perto de mim. Pedira a câmara emprestada ao departamento de vídeo da Escola Secundária de Chocinaw. Com um toque do dedo, acendeu a luz branca escaldante.

– Força – disse.

Eu tinha um microfone na mão direita. Gotas de suor escorriam-me pelo rosto e manchavam as axilas da camisa de xadrez encarnada. Sorri.

– Venham às Quintas Sweet Hush – disse –, e vejam por que motivo as maçãs *Sweet Hush* são tão boas que até encantam as abelhas.

Com o pé direito, fora do enquadramento da câmara, tirei a tampa de uma lata de vinte litros. Centenas de abelhas furiosas ergueram-se no ar. Em segundos tinham-me coberto as mangas, o cabelo, a cara. Quase sem respirar, continuei:

– Deixem-me falar-vos sobre os McGillen do condado de Chocinaw e as suas maçãs *Sweet Hush* – disse, de olhos postos na câmara enquanto as abelhas se passeavam pelas minhas sobrancelhas. – E deixem-me dizer-vos porque vão adorar visitar-me, a mim e às minhas abelhas, e porque levarão para casa cestas das melhores maçãs sulistas alguma vez beijadas pelas abelhas.

Continuei a falar, coberta de abelhas. Aprendera a vê-las como um problema necessário – os espinhos em torno da rosa, o veneno que acompanha a fruta mais doce a menos que sustenhamos a respiração da maneira certa antes de a apanhar – um dos preços a pagar por uma boa colheita de maçãs ou em questões do coração. Havia sempre dores tão fortes que pensei que morria. A mamã. O papá. Logan a chamar pela mamã quando só lá estava eu. Demasiado orgulho. Demasiada responsabilidade. Amar Davy Thackery, tanto que nem conseguia pensar como deve ser quando estava com ele. Mas continuava a viver.

Levámos a gravação a todas as estações de televisão de Atlanta e deixámos cópias – juntamente com um colorido comunicado de imprensa escrito por Smooch. E depois esperámos.

Resultou.

Fui entrevistada por duas equipas de repórteres. Imagens de mim, coberta de abelhas, passaram nas estações de televisão de Atlanta, e depois a CNN pegou na história. Isso foi nos primeiros anos, quando as pessoas troçavam tanto da CNN como troçavam de mim. De qualquer maneira, Hush McGillen e as suas abelhas tiveram cobertura nacional.

Nesse fim de semana, vendi quinhentos alqueires de maçãs a visitantes de Atlanta, e recebi encomendas de mais quatrocentos.

E consegui o meu empréstimo.

– Seria um idiota se não fizesse negócio com a *Rapariga das Abelhas* da CNN – disse o banqueiro, em tom solene.

– Obrigada. E, já agora, quando eu ganhar o meu primeiro milhão de dólares, deixo-o consigo para investir. Mas só numa condição.

Ele abanou a cabeça e sorriu.

– E qual é?

– Que o use para fundar novamente o Banco Agrícola de Chocinaw. Porque o dinheiro faz dinheiro e eu quero manter as sementes aqui, onde podem ajudar as pessoas de quem gosto.

Depois de me estudar por um instante, o banqueiro assentiu.

– Estou convencido de que faria mal em não concordar.

E apertámos a mão para selar o acordo.



Davy e eu estávamos a podar os ramos mortos no pomar, nesse inverno, quando ele caiu de uma escada escorregadia por causa do gelo e perdeu os sentidos. Quando acordou, levei os dedos ao corte ensanguentado na parte de trás da cabeça dele.

– Quantas cervejas bebeste antes de vires para cá? – inquiri.

Ele riu-se.

– Não as suficientes para me fazer cair, raios.

Conduzi-o até à casa, baixando a guarda e quebrando outra das regras que jurara à mamã manter: nunca deixar Davy Thackery apanhar-me sozinha dentro de casa. Smooch levara Logan para passar a tarde com a avó deles. O tempo nesse dia estava frio e chuvoso e cheirava ao início da primavera, quando os animais começam a reproduzir-se e as abelhas a procurar as flores ávidas e húmidas das minhas árvores. Eu estava bem consciente de que a Mãe Natureza encorajava o acasalamento e a sobrevivência acima de tudo o resto.

– Abre a janela e deixa-me sentir o cheiro fresco da chuva para limpar as ideias – gemeu Davy dramaticamente enquanto se esticava em cima das velhas mantas da cama dos meus pais.

Abri a janela e deixei o ar frio envolver-me como uma proteção.

– Não deixes sangue na almofada boa da minha mamã. – Pus-lhe uma toalha debaixo da cabeça, sentei-me na beira da cama e estudei-o com mais simpatia do que estava disposta a admitir. Ele estava sujo, desgrenhado e molhado, tal como eu.

– Tens cerveja? – perguntou.

– Não.

– Importas-te que fume um charro?

– Importo-me.

Ele gemeu.

– Então vou ficar aqui deitado, cheio de dores, à espera que a tua doçura alivie o meu sofrimento.

– Duvido muito. – Mas limpei-lhe as mãos e a cara com uma toalha húmida, ternamente. Ele calou-se e observou-me com os olhos semicerrados.

– És boa de mais para mim – murmurou. – A sério.

– É porque nunca conseguirei pagar tudo o que fizeste para me ajudar.

– Não quero que me pagues. – Uma mentira, mas eficaz. Segurou-me nos pulsos, acariciou-me as palmas das mãos com as pontas dos dedos e pousou-me as mãos no peito dele. Estremeci. Tudo parecia cinzento e miserável exceto o calor das mãos dele. De súbito, puxou-me para si. – Pobre e doce Hush. Cansada. Com frio. Preocupada. Anda cá. Encosta a cabeça ao meu ombro e deixa-me abraçar-te. Mais nada. Juro.

Eu sabia que não devia, mas estava tão sozinha, tirando ele, e ele estava tão quente. Inclinei-me, ainda sentada na beira da cama, e apoiei a cabeça no seu ombro magro e duro. Ele tinha braços tão fortes. Quando me apertou contra o peito e puxou a manta de retalhos para nos tapar, não consegui conter um suspiro de satisfação por estar naquele casulo de conforto, entre a colcha e o abraço dele. Quando Davy me acariciou o cabelo e as costas por cima da camisa, a sensação era boa de mais para me queixar. Quando enfiou os dedos na cintura das minhas calças de ganga e me acariciou a pele suave junto do umbigo, comecei a ficar húmida e quente e relaxada.

– Amo-te – murmurei.

– Eu amo-te mais – murmurou ele em resposta.

E perdi-me.

Algumas horas depois, enquanto ele dormia entre manchas de sémen e sangue nos lençóis de algodão branco que os meus pais tinham partilhado, vesti-me e saí do quarto sob a luz fria do crepúsculo. Desci as escadas em cima de pernas de mulher, fiz uma cafeteira de café e sentei-me no degrau do alpendre das traseiras com uma caneca na mão, tão quente que me queimou os dedos. As montanhas cinzentas estavam desfocadas por trás da neblina prateada e das sombras roxas. Os pomares eram como uma aguarela desbotada de árvores cinzentas e despidas. Estremeci até bater os dentes.

Era uma rapariga esperta; disse a mim própria que não cometeria qualquer erro. No outono, iria para a universidade. Davy, que mal conseguira acabar a escola secundária, continuaria a trabalhar para mim. Eu continuaria a dormir com ele. Amava-o e ele amava-me. Gostava de ir para a cama com ele. Fazia-me esquecer todos os medos, todas as preocupações, todos os trabalhos.

Convenci-o a usar preservativos. Também seguia rigorosamente os dias férteis do meu ciclo. Só tinha sexo com ele em certas alturas do mês. Mas Davy era potente e eu estava apaixonada e era descuidada.

Nessa primavera, quando percebi que estava grávida, caí de joelhos sob os ramos da *Grande Dama* e sacudi os punhos no ar.

– Porquê? Porquê dar-me mais responsabilidades? O que é que eu fiz para merecer este castigo? Dei-te tudo e tu não me dás nada senão outro bebé para criar! Já tenho de cuidar do meu irmão! Não preciso de outra criança, não quero outra criança!

Amaldiçoei o meu filho por nascer, tentei arranjar formas de poder pagar um aborto, e depois admiti, resignada, que não tinha coragem de arriscar o fogo do inferno que todos os sacerdotes da montanha pregavam enquanto apontavam para as mulheres de má índole. Ergui o rosto para a macieira e para as montanhas azuis.

– Então mata-me e manda-me para o inferno! – Não aconteceu nada. Não fui atingida por um raio, nenhuma rajada de vento indicou o hálito quente de anjos zangados, nada. Estiquei-me na terra mole e relvada da primavera, bati no chão e chorei.

Foi aí que Davy me encontrou. Pálido, sem saber o que se passava, agachou-se ao meu lado.

– O que foi, querida, o que foi?

Sentei-me, limpei as lágrimas e a terra da cara e disse, em voz tão gelada como o solo primaveril.

– Deixei que me engravidasses, foi o que foi.

Nunca esquecerei a expressão que lhe invadiu o rosto – esperançosa, assustada, mas depois entusiasmada, como se eu lhe tivesse prometido um carro mais veloz ou um *pack* de cerveja.

– Vamos ter um filho! – Tentou puxar-me para si. – Vais ter o meu bebé!

– Vou perder a quinta por causa disto. O juiz Redman vai tirar-me a quinta. Vai dizer que sou irresponsável. E com razão.

– Não. Eu caso contigo! Não percebes? Amo-te! Tu amas-me! Está tudo bem!

Era verdade, mas nesse dia não me reconfortou muito. Por fim, deixei-o apertar-me contra si e agarrei-me a ele desesperadamente. Como podia amá-lo e estar tão infeliz?

– Estás contente por ires ter o nosso bebé. Admite – pediu ele. – Estás mesmo contente.

– Sim. Estou contente.

Abracei-o, mas não sentia nada a crescer no ventre a não ser aquela mentira. Adeus à universidade. Encostei a cara ao ombro dele e gemi. Passaria o resto da adolescência sentada à mesa da cozinha, como a minha mamã, jovem mas gasta, com um bebé pendurado na mama e sem sítio para onde ir a não ser o pomar, para apanhar maçãs.

A velha árvore falou comigo.

«Nem mesmo as melhores frutas são, por vezes, fáceis de criar.»

Marquei o casamento com Euell Davis Thackery na conservatória local numa manhã fria de primavera, uma segunda-feira, sem convidar ninguém a não ser Smooch, duas primas McGillen já de

idade que me adoravam incondicionalmente e Henry Thackery, o tio-avô bondoso e meio louco de Davy, um veterano da Segunda Guerra Mundial com cicatrizes por dentro e por fora. Smooch estava encantada por ser a minha dama de honor.

– Oh, agora vamos ser irmãs! – exclamou. – Já não me sentirei tão sozinha no mundo!

Davy vestiu um fato azul novo, sorriu do princípio ao fim, disse a toda a gente que ia rebentar de felicidade, mas nunca deixou de me observar com um brilho preocupado nos olhos. Acho que sempre desconfiou que eu não queria estar ali. Só não estava ainda disposto a admiti-lo.

Vesti uma saia branca e um *blazer* branco e garanti que também estava feliz, pelo menos em público. A cerimónia foi no gabinete do juiz Redman, que mandou Davy sair e fechou a porta.

– Perdeu o juízo, menina Hush? Este rapaz não vale nada. Está a fingir-se de respeitável por si, e não tenho dúvidas de que caminharia sobre carvões em brasa por si, mas não apostava nele a longo prazo. Só me resta depreender que não se importa que ele fume droga e emborque cervejas e passe a vida nas pistas de terra a competir com zés-ninguéns em calhambeques velhos? – O juiz fez uma pausa. – Já para não falar – concluiu, em tom gentil –, que é um rapaz atraente que nunca se esforça muito para virar a cara quando as raparigas olham para ele.

Escondi as mãos trémulas atrás de um *bouquet* de junquilhos amarelos. Os junquilhos dão flor mesmo com geada nas pétalas. Tal como eu daria.

– As pessoas gostam muito de fazer mexericos, e ele é o rapaz mais bonito do condado, o que naturalmente causa muita inveja…

– Hush, só há uma maçã podre no seu barril, e é ele.

– Está sempre disposto a ajudar-me, sempre esteve. Não é nada podre.

– E acha que a vai apoiar enquanto estiver na universidade?

– Decidi adiar a universidade um ano ou dois. Concentrar-me na quinta.

Ele franziu a testa.

– Menina Hush, tenho duas netas da sua idade, logo não sou um completo ignorante no que diz respeito às respostas evasivas e parvoíces da geração atual. Portanto, deixe-me ser franco: por acaso traz a tarte de maçã do Davy Thackery no seu forno?

Os meus ombros abateram-se.

– Sim, meritíssimo.

– Oh, valha-me Deus! – Inclinou a cabeça como se estivesse a rezar uma oração triste e depois suspirou e ergueu as sobrancelhas hirsutas com ar zangado. – Devia tê-la proibido de se aproximar do Davy Thackery como condição para lhe entregar a quinta.

– Não, meritíssimo. Eu escolhi-o, e ponto final. Ele vai ser bom para mim e eu serei boa para ele.

– Hush, não basta casar com o Davy Thackery para fazer dele um homem honesto.

– Vou casar com ele porque o amo. E não sou parva. Sim, ele é o pai do meu bebé. Sei que hoje em dia há raparigas a ter filhos sem casar. Amor livre e essas coisas. Mas eu não me sigo por essas regras. Farei o que está correto pelo meu bom nome. Por isso o casamento com Dave deve resolver quaisquer questões sobre a minha responsabilidade e a minha capacidade de gerir a quinta como uma adulta. – Calei-me e aguardei, tensa, morta de medo de que ele argumentasse mais. Tudo o que já me dissera sobre Davy zumbia na minha mente como abelhas furiosas que não conseguia domar.

O juiz suspirou.

– Não vou tirar-lhe a quinta, menina Hush. Já vai ter problemas suficientes sem a minha ajuda. O orgulho será a sua desgraça, receio.

– Obrigada – murmurei.

Ele abanou a cabeça.

– Não tem nada por que estar grata.

Quinze minutos depois, grata ou não, casei-me com Davy.



Em agosto estava grávida de cinco meses, começava a parecer que tinha engolido uma bola e tinha de chupar fatias de maçã *Sweet Hush* molhadas em água salgada para combater os enjoos matinais que duravam cerca de vinte e quatro horas por dia. Passei o verão a suar em *T-shirts* baratas e calções largos que comprava na Feira e Cinema *drive-in* de Chocinaw. Aqui, quase tudo e

toda a gente tinha pelo menos duas funções, por necessidade e sentido prático. O velho cinema *drive-in* passava filmes todas as sextas-feiras à noite, na sua maioria filmes da Disney, já que todos os outros tinham asneiras ou cenas de sexo demasiado ousadas para poder passar em público, ao ar livre. Ao fim de semana, contudo, o dono dos terrenos arrendava bancas a dez dólares cada – o que significava, na prática, duas mesas de armar num espaço que cabia dentro de um lugar de estacionamento. Eu punha o meu cartaz das QUINTAS SWEET HUSH num poste e vendia doce de maçã e bolos e tartes de maçã. Também troquei produtos por roupas de bebé e um berço. Nessa altura, já todo o condado sabia que eu estava grávida.

E depois descobri a namorada de Davy.

Apanhei-a atrás do bar de cimento do *drive-in* num domingo à noite, quando quase toda a gente já tinha arrumado as coisas e ido para casa depois da feira. Segui-a como um cão de caça, pelo cheiro do perfume barato, enquanto ela se bamboleava no calor do final do dia, sob as luzes amarelas. Havia traças e pequenos morcegos a esvoaçar por cima de nós, tão baixo que juro que um ou dois morcegos rasaram o seu penteado à Farrah Fawcett. Nessa altura, Farrah já estava a sair de moda em Hollywood, mas o seu penteado viveria ainda muitos anos, pelo menos em Chocinaw.

– Vira-te – disse-lhe, baixinho. A namorada de Davy tinha os braços cheios de sacos. Tinha andado às compras de calças de ganga, ainda mais apertadas do que as que faziam com que as suas nádegas parecessem dois balões prestes a rebentar. Ela virou-se, surpreendida.

– Oh, meu Deus – disse.

– Deus não está aqui. Só eu e a ira de todas as mulheres casadas do mundo. – Levantei o revólver de serviço que o meu pai trouxera da guerra da Coreia e encostei-o mesmo no meio dos olhos dela.

– Oh, meu Deus – repetiu ela, e começou a recuar, agarrada aos sacos, a gemer baixinho entre dentes. Segui-a, empurrando a arma contra a cabeça dela com tanta força que já conseguia ver a marca na pele.

– Cala-te – ordenei e, para meu espanto, ela calou-se. Não afastei a arma enquanto ela se comprimia contra a parede das traseiras do bar, entre um velho cartaz de *Coca-Cola* e um barril cheio de lixo meio queimado.

– Por favor, não me mates, por favor – suplicou.

– Afasta-te do meu marido. Se alguém perguntar, nunca tiveste nada com ele. Ele nem sequer olhou para ti. Ouviste?

– Por favor, não me mates…

– Se lhe voltares a tocar, ninguém encontrará o teu corpo. Nem sequer pedaços. Esventro-te com a faca que uso para cortar a madeira das macieiras e dou a tua carcaça aos porcos do Tom Willis em Castleberry Road. Aqueles porcos hão de guinchar o teu nome quando forem para o matadouro.

Os joelhos dela fraquejaram.

– Juro, nunca mais, oh, meu Deus, não…

– Ótimo. Tenho a tua palavra. Agora, desaparece.

Baixei a arma e ela fugiu a correr. Enquanto a via enfiar-se numa pequena carrinha com bancos cor-de-rosa, guardei a arma num saco de serapilheira velho cheio de frascos de maçã em conserva. Tinha a mão a tremer um bocadinho e senti uma vaga de náusea. Rapidamente, tirei uma fatia de maçã em água salgada que tinha num frasco ao de cimo do saco. Chupei com força e senti-me melhor.

Nessa noite, quando Davy chegou a casa depois de uma viagem à Carolina do Norte, onde ele e alguns dos seus amigos faziam corridas de motas de vez em quando, encontrou-me à espera dele no caminho de acesso à quinta. Davy tinha um *Impala* vermelho, todo artilhado, para as corridas em pistas de terra. Era o carro mais rápido num raio de quatro condados. Eu tinha estacionado o *Impala* no caminho da quinta, rodeado de fardos de palha ensopada em gasolina. Esperei ali, à luz dos faróis, com o rosto inchado de chorar mas orgulhosamente erguido. Numa mão tinha a lata de gasolina e na outra o isqueiro.

Ele saiu da carrinha.

– O que vem a ser isto?

– Sei da tua namorada.

Davy baixou a cabeça. Naquele primeiro momento fugaz, vi o sofrimento que ele causara a si próprio; vi que ele sabia. Não podia fazer outra coisa senão erguer as mãos num gesto de súplica.

– Ela não interessa. Não quero saber dela para nada.

– Então porque quebraste os nossos votos?

– Porque tu não queres o meu bebé.

– Não te atrevas a virar isto para…

– Achas que consegues fingir? Achas que não vejo como és infeliz desde o dia em que me disseste que estavas grávida? Pensei que passaria, com o tempo, mas não passou! Achas que não sei que só casaste comigo para as pessoas não falarem? – Nesta altura, estava a gritar e a chorar. – Tens ideia de como isso me faz sentir mal?

– Eu amo-te! Mas não tenho culpa de não querer um bebé tão cedo! E não tenho culpa de não querer estar casada tão nova!

– Não podes amar-me realmente e pensar assim!

– Posso, sim! Tenho de fazer o que é melhor pela terra e pelas maçãs!

– É isso. O problema é esse. Gostas mais das malditas maçãs do que de mim!

– Gosto mesmo!

Ambos nos calámos de repente. Mordi a língua. Aquelas palavras mudaram para sempre o nosso casamento. Mudaram-me a mim. Mudaram-no a ele, mudaram-nos a nós. Naquele instante, parti-lhe o coração, tanto como ele partira o meu.

Larguei a lata de gasolina e o isqueiro, voltei para casa e tranquei a porta atrás de mim. Durante semanas, chorei todas as noites, mas Davy nunca soube. Dormiu no celeiro até setembro, altura em que precisei dele para me ajudar com a colheita.

– Nunca mais tocarei noutra rapariga – prometeu. – Desculpa.

– Aceito o teu pedido de desculpas. – Éramos frios e formais um com o outro. Eu não acreditava nele, e com razão, mas precisava da sua ajuda para apanhar as maçãs.

E tínhamos um filho a caminho.

Capítulo 3

Hush

Uma vez que menti em relação à data prevista do parto para esconder que estava grávida de dois meses no dia do meu casamento, encontrava-me sozinha na noite chuvosa de novembro em que o nosso filho nasceu. Smooch sabia a verdade sobre a data e ficou com Logan nessa semana, apesar de estar morta de medo. Davy também sabia que estava na minha hora, mas não conseguiu resistir a ir à pista de terra nesse dia, com o velho *Impala* amolgado e reconstruído em que costumava correr.

– É a Corrida de Mudcat Five – disse-me. – Tenho hipótese de ganhar bom dinheiro… duzentos, talvez trezentos dólares. Precisamos do dinheiro. Se ganhar o primeiro prémio, compro um *kart*. Vais ver. O nosso filho vai conduzir *karts* antes de saber andar.

– E se for uma menina?

Davy soltou uma fungadela desdenhosa.

– As raparigas também podem conduzir. Será a primeira miúda no circuito de NASCAR. A primeira mulher a ganhar a Daytona 500, se eu tiver alguma palavra a dizer.

Não vais ter, pensei, mas não disse nada. Nunca lhe pediria para ficar comigo por ter medo de o bebé estar a chegar. Nunca admitia ter medo ou precisar de alguma coisa em frente de Davy. Tentava não reparar no ventre gigante e não pensar no bebé que estava lá dentro. Menino ou menina, só o queria fora do meu corpo para poder voltar ao trabalho.

– Ainda temos dois acres das últimas maçãs para apanhar. Há um grossista que fica com todas se conseguirmos ter os caixotes cheios até ao fim da semana. As maçãs são dinheiro garantido. Temos contas para pagar. Fica em casa. Apanha maçãs.

– As maçãs podem esperar. A vida é demasiado curta para maçãs.

– Eu disse «Fica em casa e trabalha.» Estou a falar a sério.

– Para ti não passo de um trabalhador contratado, pois não? – Davy levantou a voz. – É só por isso que me deixas sequer tocar-te. Para apanhar mais maçãs.

– Se apanhasses mais maçãs e não me tocasses tanto, não estaríamos à espera de um bebé sem dinheiro para o sustentar. Um bebé antes de termos sequer dezoito anos, sem nos conseguirmos orientar.

Os olhos azuis ficaram gelados.

– Oriento-me sozinho desde que o meu velho morreu e a cabra da minha mãe nos abandonou, a mim e à Smooch. Tiveste muito mais sorte do que eu, por isso não te queixes. E foste tu que me deixaste pôr-te as mãos em cima. Não te obriguei a nada. Admite: não sou suficientemente inteligente ou sofisticado para ser o pai do bebé da Hush McGillen. Vá, admite. Não me amas e preferias ter feito um aborto. Admite.

– Não me digas o que devo fazer. Sai desta casa. Estou farta de tentar falar contigo. Tenciono ter uma educação e bons pensamentos e aprender mais sobre o mundo… mesmo que nunca viva noutro lado senão neste velho Hollow assombrado. E tenciono ter mais dinheiro no banco e coisas boas à minha volta e o respeito de todo o condado… não, de todo o Estado… para mim e para todos os McGillen que não têm onde cair mortos neste momento. Tal como nos velhos tempos. E vou fazê-lo com a tua ajuda ou sem ela… mesmo com o meu irmão Logan para criar e um bebé aos berros a atrapalhar.

– Estás a ver? Não queres saber do meu bebé, tal como a maldita da minha mãe não quis saber de mim e da Smooch.

– Não fales comigo como se fosse uma campónia. Sou uma McGillen, não sou uma vadia de beira de estrada. Vou ter este bebé, não vou? Podia ter-me visto livre dele, mas não o fiz. – Apontei para mim própria, enfurecida. – Eu faço a coisa certa! Eu tenho honra!

– Tretas! Só porque tens medo do que as pessoas vão pensar.

– O que as pessoas pensam é mais importante do que a verdade! Sou uma McGillen! Tenho uma reputação a manter!

– O quê? Deus não criou os McGillen a seguir a Adão, por mais que penses o contrário! És mais pobre do que qualquer Thackery e estás gorda como uma vaca. Tens um empréstimo para pagar e ainda nem sequer começámos a construir a loja de maçãs ou lá como lhe queres chamar… e quem é

que vai supervisionar os trabalhos, enquanto tu tomas conta do bebé? Eu. Eu é que cuidarei de ti, agora e sempre. – Deu uma palmada no peito. – Eu. Euell Davis Thackery. E exijo respeito!

– Tu vais cuidar de mim? Não, vais cuidar é das tuas cervejas e do teu cachimbo de água e dos teus carros. E das tuas namoradas. Eu é que vou cuidar de mim. – Virei-me para sair. Estávamos na velha cozinha, uma divisão cheia de correntes de ar que nem a antiga lareira de pedra conseguia aquecer. Estava a chegar à porta para o corredor quando Davy gritou:

– Pelo menos consigo meter-te medo! – Tirou dois copos baratos do escorredor da loiça e atirou-os, um a seguir ao outro. O primeiro partiu-se contra a pedra da lareira e alguns fragmentos afiados atingiram-me. Gritei e levantei as mãos. O segundo copo despedaçou-se contra a ombreira de carvalho da porta e um estilhaço cortou-me por baixo do olho direito.

Foi como se me tivesse cortado com uma lâmina. Levei a mão ao rosto, com o sangue a escorrer pela face. Virei-me para ele – grávida, ensanguentada, a tremer.

– Oh, meu Deus! – exclamou Davy, e correu para mim. – Hush, querida, oh meu Deus, eu não queria…

– Sai da minha casa. Sai. E não chames por Deus. Ele não te ouve.

– Estás ferida. Deixa-me…

– Sai, ou juro que te mato com as minhas próprias mãos. Ninguém me trata desta maneira. Ninguém ameaça a Hush McGillen, nem tu, nem ninguém.

Davy ficou branco e com expressão empedernida.

– Hush Thackery – corrigiu em voz baixa.

– Só na certidão de casamento. Sai.

Subi as escadas e tranquei-me num quarto. Ouvi-o gritar, com voz rouca:

– Um dia ainda hás de acreditar em mim! – e bater com a porta ao sair. A casa estremeceu. Estava velha e gasta e eu não tinha dinheiro para obras. As vigas do sobrado estavam comidas pelas térmitas, as portas empanadas, havia infiltrações no telhado. Fiquei uma hora deitada na cama, com um pano molhado em cima do corte feio por baixo do olho e a esfregar a barriga enorme, enquanto olhava com amargura para a mancha de água que se espalhava pelas tábuas do teto.

Podes ficar aqui deitada a sangrar e à espera que a casa se desmorone à tua volta, ou podes levantar-te e ir apanhar maçãs.

Tapei a ferida com um retângulo de gaze barata, presa com fita isoladora cinzenta, enfiei-me num velho casaco militar de Davy, com um impermeável amarelo por cima, prendi o chapéu do meu pai à cabeça com um lenço da mamã e saí para a chuva fina do dia cinzento. A raiva e pura determinação deram-me energia. Conduzi a carrinha da quinta através dos pomares, até à última área de fruta por apanhar, estacionei debaixo de uma árvore e trepei para a caixa aberta da carrinha, de onde conseguia chegar à maior parte dos ramos mais baixos.

E, por Deus, comecei a apanhar maçãs.

Quatro horas depois, a carrinha estava quase cheia. Não era feito de pouca monta, tendo em conta que a caixa da carrinha tinha um metro e meio de altura. Eu estava em pé em cima da porta da caixa aberta, esticada, a apanhar maçãs e a gemer com o esforço. Tinha atrás de mim uma montanha de maçãs que me dava quase pelo ombro. A chuva pingava-me da aba do chapéu. Sentia a ferida no rosto a latejar e o sangue a escorrer, misturado com a água, por baixo do penso. Estava tão cansada que me engasguei com a saliva. Doíam-me as costas, tinha os tornozelos inchados e um peso ao fundo da barriga.

Quando a dor da primeira contração me atingiu, os joelhos dobraram-se e cambaleei para trás, contra o monte de maçãs. Amparada pelas *Sweet Hush* maduras, fiquei ali deitada, ofegante, agarrada à barriga. Senti o fluido ensopar-me as pernas das jardineiras. A dor diminuiu e desci, a tremer, da caixa da carrinha. Com esforço, dirigi-me à porta do condutor. Tinha um pé no ar, para subir, quando outra dor me deixou de gatas. Rastejei para debaixo da porta de trás para me proteger da chuva, e estiquei-me.

Duas horas depois, enquanto a escuridão caía, consegui sentar-me, soltar os botões do peitilho das jardineiras e empurrar a ganga macia até aos joelhos. Com um canivete, cortei as cuecas brancas baratas dos lados e tirei-as. Depois encostei-me a um dos pneus de trás da carrinha e, a tremer de frio, comecei a gritar enquanto o bebé saía de dentro de mim.

– Não me vais destruir! Não me vais destruir! – gritei, a plenos pulmões, para algum destino

desconhecido, ao mesmo tempo que me debatia e cravava os dedos na terra molhada. A escuridão e a chuva envolveram-me; tinha o cabelo pendurado em madeixas ensopadas e emaranhadas à volta da cara e comecei a soluçar quando uma grande, última dor quase me partiu ao meio.

E depois acabou tudo. Estava vazia, sem fôlego, meio inconsciente mas a respirar apenas por mim, depois de nove meses de trabalho a dobrar. Pestanejei e limpei a chuva dos olhos. Algo molhado e quente mexeu-se entre as minhas coxas. Dobrei-me para a frente e estiquei os braços. As minhas mãos formaram um escudo em torno do rosto molhado e da cabeça macia e vulnerável do meu bebé. Ele chorou baixinho.

E, nesse momento, transformei-me. O que restava da minha infância e da minha infelicidade e autocomiseração evaporou-se perante uma vaga de amor e devoção. A luz fraca envolvia-nos a ambos em sombras; ele estava tão só e tão carente como eu, e isso tornava-o meu. O fim de um dia molhado de novembro, num vale escondido nos montes Apalaches, consegue deixar qualquer um convencido de que não há mais ninguém no mundo. Mas eu já não estava sozinha; tinha esta pessoa pequena e espantosa, este fruto que nascera nos meus pomares, na minha terra, debaixo de uma das filhas da grande árvore, tal como eu. De uma união aleatória e imperfeita nascera perfeição, tal como uma maçã *Sweet Hush*. Puxei o impermeável para cima de ambos, como uma tenda, cortei o cordão umbilical com o canivete, peguei no meu filho e encostei-o ao calor do peito.

– Eu quero-te, sim, e amo-te, e perdoa-me por ter dito o contrário – solucei. – E a tua vida será boa e rica e cheia de tudo aquilo que eu não tive. Prometo. Prometo.

Quando Davy finalmente chegou a casa nessa noite, bêbado, drogado, coberto de lama, com duas notas de cem dólares na mão, eu estava enfiada na cama no piso de cima, entre lençóis velhos sujos do meu sangue, com o nosso filho a dormir contra os seios.

– Eu disse-te, eu disse-te que ia trazer o primeiro prémio… – começou Davy ao entrar no quarto, ensopado e sujo, salpicando gotas de chuva por todo o lado. – Eu bem te disse…

De súbito, calou-se. Parou no meio do chão de linóleo, a olhar para mim através do espaço sombrio, iluminado apenas por uma pequena lareira de pedra e um candeeiro de querosene em cima da mesa de cabeceira, porque nos tinham cortado a eletricidade no princípio dessa semana. Estávamos quase em 1979, mas eu construíra a minha própria luz e o meu próprio calor. Os homens já tinham ido à Lua mais do que uma vez, os computadores começavam a zumbir pelo mundo, e estávamos a entrar na era da prosperidade, dos *Volvos* e dos álbuns de Bon Jovi. Mas eu dera à luz o meu filho sem medicamentos, sem médicos, sem um hospital, tal como as minhas antepassadas pioneiras. Um momento difícil mas orgulhoso. Nessa noite, aprendi mais sobre a minha própria força. E percebi o que era real.

Olhei para o meu marido como se fosse uma mãe animal no seu covil de inverno – sem confiar nem mesmo no macho que colocara dentro de mim a semente desta cria, muito quieta, a proteger o meu filho. O rosto doía-me quase tanto quanto o resto do corpo. Lentamente, Davy aproximou-se da cama em bicos de pés, estendeu os dedos sujos de lama e afastou um pouco a colcha. Quando viu o nosso filho, soltou um som baixo de assombro e sentou-se ao nosso lado como se tivesse ficado sem forças nas pernas. Tocou com os dedos na face do bebé e as lágrimas deslizaram-lhe pelo rosto sujo.

– Temos um filho – murmurou. – Tenho um rapaz.

Não, é meu. Trouxe-o ao mundo sozinha. Pensei-o e quase o disse, mas a expressão de ternura no rosto de Davy deteve-me. Tinha batalhas importantes a travar pelo meu filho e este era o pai dele. Davy queria o filho. Eu conseguia lidar com ele, mas tinha de escolher muito bem as minhas batalhas.

– Daremos o teu nome a este menino – disse-lhe. – Davis Júnior. Mas com uma condição.

Davy ficou muito quieto e os seus olhos sombrios e embriagados fitaram os meus.

– Diz qual.

– Jura sobre a cabeça do teu filho. Jura. Vivas a tua vida como viveres… faças o que fizeres quando estiveres longe desta quinta… ele nunca terá motivos para ter vergonha. Nunca ouvirá nada sobre ti senão coisas boas.

A raiva, a defesa e a desilusão invadiram o rosto de Davy, mas não era parvo. Não discutiu. Conhecia as suas próprias fraquezas e as minhas forças. Selou as expectativas que eu tinha dele – e as que tinha de si próprio. Pousou a mão enlameada na cabeça do nosso filho.

– Juro.

Depois encostou a cabeça à minha e chorou.

E eu chorei também.



– A próxima fase do negócio de maçãs das Quintas Sweet Hush está prestes a começar – anunciei. Era uma manhã de abril ventosa, na primavera seguinte; o ar fértil confortava-me e entusiasmava-me. Logan e Smooch estavam estoicamente sentados em cadeiras de armar baratas, ela uma adolescente nervosa e enérgica, ele um menino de sete anos rechonchudo com cabelo arruivado e olhos verdes, com o sobrinho ao colo, Davis, o meu bebé lindo e alegre. Davy Sénior estava numa pista de corridas algures. Quatro elementos mais velhos das famílias McGillen e Thackery, com ar sério, assistiam também sentados em cadeiras de armar. Peguei no jarro de prata e despejei um pouco de cidra de maçã na parede de pinho de um pequeno celeiro rodeado por um parque de estacionamento de barro e gravilha. O edifício era quadrado e simples, com uma grelha de metal a assinalar o lado onde a pequena cozinha aguardava as tartes de maçã e os fritos de maçã e outros doces. Do outro lado, seria um mercado e loja de recordações, onde venderíamos maçãs e artesanato relacionado. Bonecas feitas com maçãs secas. Dedais de madeira de macieira. Velas com perfume de maçã.

Expliquei os meus planos aos familiares amáveis mas preocupados, tentando não perder a calma falsa e não começar a torcer as mãos como Smooch estava a fazer. Era suficientemente nova para ser filha ou neta destas pessoas.

– Estou a pedir-vos a todos que trabalhem para mim – disse, constrangida. – Primeiro a meio-tempo, depois a tempo inteiro. Não tenho dinheiro para pagar salários nesta primavera e verão, mas, se a colheita for boa no outono, pagarei todos os salários atrasados e um bónus.

Silêncio.

Eu tinha apenas dezassete anos. Eles precisavam de empregos a sério, não de promessas de cheques futuros.

– Sei que é correr um grande risco este ano, e compreendo se me disserem que não podem…

– Vais fazer-nos ricos ou só orgulhosos? – O meu tio Gruncle Thackery levantou-se. Tinha apenas cinquenta e tal anos mas inclinava-se e semicerrava os olhos como um velho, mais por causa da sua mente excêntrica do que da idade.

Pestanejei.

– Desculpe?

– Ricos ou só orgulhosos?

– Ricos não, Gruncle. Mas desafogados. E orgulhosos, sim, como as nossas famílias foram no passado.

– Nesse caso, eu trabalho para ti. E os outros também.

Como se estivessem à espera do sinal dele, os restantes levantaram-se e concordaram com um aceno. Levei a mão ao coração, deslumbrada. As Quintas Sweet Hush tinham o seu primeiro edifício comercial e os primeiros funcionários. Puxei Logan e Smooch para junto de mim e peguei em Davis ao colo, mas não derramei uma única lágrima de alegria. Não naquele momento. Deixei a verdade dura e fria instalar-se dentro de mim, onde viveu a sua vida triste, sem o apoio de Davy. Inclinei a cabeça para o meu filho. Aconteça o que acontecer, hei de fazer com que tu e todos se orgulhem de mim e do teu pai. Dar-te-ei aquilo que queria dele – todo aquele amor. E nenhum do sofrimento.

Mantive essa jura enquanto consegui.

Deus me ajude.

Vinte e três anos depois

Capítulo 4

Hush

Davy estava morto há cinco anos, nesse outono. E sim, chorei a sua morte. Contudo, ao longo do tempo, ele fizera-me ainda mais mal do que ao princípio, e os segredos que tive de esconder sobre a nossa vida em comum sobrecarregavam-me. Eu tornara-me uma encarnação desencantada da rapariga dura e ambiciosa que faria tudo para ser alguém, que amava maçãs mais do que o marido, por isso chorei Davy mas não posso jurar que tenha sentido a falta dele.

Tínhamos construído as Quintas Sweet Hush juntos, diziam as pessoas, e era verdade se pensássemos no jeito que Davy tinha para aparecer quando eu precisava dele – na maior parte das vezes – e montar um bom espetáculo de trabalho árduo. É triste dizê-lo, mas havia pessoas, nos primeiros anos, que não teriam feito negócio comigo se o meu marido não estivesse envolvido. Como Davy colocava uma fachada razoável de homem de negócios – chegando mesmo a investir num *stand* de automóveis local, desde que os sócios acedessem a pôr o nome dele no cartaz – as pessoas presumiam que era ele que geria as contas da quinta, que tinha as ideias para as novas promoções e que supervisionava os empregados. Não era verdade, e ambos o sabíamos.

Para começar, eu pusera Smooch a estudar *Marketing* numa universidade em Atlanta, e era ela que lidava com as promoções. Ajudei um primo McGillen a formar-se em Contabilidade, e era ele que tratava das contas. Uma prima Thackery tirou um curso profissional de culinária pago por mim, e era ela que geria as cozinhas da quinta. Um primo Halfacre, do lado da minha avó, aprendeu sozinho a trabalhar com o sistema de encomendas, e supervisionava o departamento de expedição. E Davis, o meu filho, cedo se revelou um brilhante homenzinho de negócios e programador informático.

Quanto a mim, trabalhava com afinco em todas as tarefas da quinta, enquanto tirava o bacharelato em Gestão de Empresas à noite. Conduzia uma hora e meia pelas montanhas até à Universidade do Norte da Geórgia em Dahlonega, com Davis ao meu lado. Aos dez anos, Davis já tinha assistido a tantas aulas na universidade que lhe dei um diploma: Bacharelato em Ver a Mãe Aprender.

– Gosto da universidade – declarou ele, com ar solene. – Um dia, vou para Harvard.

Disse-o com apenas dez anos de idade. Estava a falar a sério. E, nos últimos cinco anos, conseguiu-o. Não podia estar mais orgulhosa. O pai também se orgulhava dele, apesar de terem pouco em comum exceto o amor por carros, graças a Deus. Quando se tratava de um motor de corrida ou de um *chassis* reconstruído, não havia pai e filho mais próximos do que eles.

E nenhum filho fora alguma vez mais amado. Independentemente do estado cada vez mais degradado do nosso casamento, com o passar dos anos, Davy nunca deixou de ser um pai bom e dedicado, e nunca me deu motivos para duvidar de que venerava o chão que Davis pisava.

Mas também nunca me deixou esquecer que, ao princípio, eu não quisera este filho. Essa ferida nunca cicatrizou. Escondemo-la, para bem de Davis, e era um milagre que ele nunca tivesse desconfiado de que discutíamos atrás de portas fechadas, de que muitas vezes dormíamos em lados opostos da grande cama, e de que o pai cada vez se entregava mais a uma vida distinta longe do Hollow, nas pistas de corridas, bares e casinos. Porque, quando Davy Thackery estava em casa, tudo o que as pessoas viam – incluindo o nosso filho – era uma família feliz.

Quando Davy morreu, pensei que Davis morreria também de desgosto. Nada que eu fizesse conseguia confortá-lo. Só uma coisa manteve Davis agarrado à vida durante esse período sombrio: uma regra simples que o pai incutira nele ao longo de toda a vida.

Nunca desiludas a tua mãe. Um dia, ela vai precisar de ti.

Davis não se apercebera da mágoa e do sarcasmo nas palavras do pai. E Davy, tenho de o admitir, nunca o explicou ao filho.

Naquela madrugada fria de setembro, o primeiro dia do que devia ter sido uma estação de colheita normal na Quinta Sweet Hush, ajoelhei-me no coração dos meus pomares, inconsciente de que os próximos minutos transformariam as minhas meras preocupações diárias num drama extraordinário. Vivemos a maior parte da vida nessas épocas calmas, antes de a tragédia ou a vitória arrasarem tudo aquilo que pensávamos saber sobre nós próprios e as pessoas e sítios que amamos.

Sweet Hush Hollow era um desses sítios.

Banhada pelas sombras longas da manhã, que recuavam como dedos suaves sobre a terra, despejei sidra do pequeno jarro de prata para as raízes ancestrais da árvore *Grande Dama*. Encostei a testa à mão fechada e rezei silenciosamente uma oração pela alma do meu marido morto e pela minha. Rezei para conseguir continuar a esconder os nossos segredos ao nosso filho e pedi perdão. Depois levantei a cabeça e abri os olhos.

– Por favor, faz com que esta seja a melhor estação de sempre – concluí. Um velho ritual, uma pequena oração, uma cerimónia.

Contudo, não havia em mim nada de cerimonial. Como proprietária e presidente da empresa, e principal polidora de maçãs de um negócio de família com um rendimento bruto anual de dois milhões de dólares, estava vestida para trabalhar. O meu uniforme habitual na época da maçã era calças de ganga, uma camisola de lã vermelha com o logótipo das Quintas Sweet Hush bordado a branco no lado esquerdo e sapatos de caminhada de sola grossa. Nos próximos meses ia passar cerca de dezoito horas por dia em pé. No cinto vermelho trazia um telemóvel, uma calculadora e as chaves de um antiquado cofre de ferro que comprara ao Banco de Chocinaw num leilão de solidariedade. Há dois tipos de negócios numa pequena cidade sulista. Um é pessoal. O outro é mais pessoal. Os meus colegas comerciantes prosperavam. Os meus vizinhos prosperavam. A minha família prosperava. E eu também.

No bolso tinha um pacote de comprimidos energéticos naturais adquiridos numa loja de produtos naturais em Dalyrimple. Fizera trinta e nove anos há um mês e queria começar a cuidar melhor de mim. Com uma boa dose de extrato de *ma wong* e um café decente, conseguia aguentar-me com seis horas de sono por noite até ao Ano Novo. Depois fechava a quinta e enfiava-me na cama com os livros de contas da estação, uma garrafa de *chardonnay* e uma almofada de massagem *shiatsu*. Punha aquela amiga eletrónica ondulante na nuca, ao fundo das costas e perto de sítios que as jovens viúvas solitárias não discutiam em público. Enquanto sarava da tensão do outono, começava a planear o ano seguinte. Estava sempre a planear o ano seguinte.

Porém, para já, oitenta hectares de macieiras carregadas de fruta madura esperavam por mim, como marcos verdes e vermelhos no mapa da minha vida. Metade da colheita estava já armazenada em grandes contentores refrigerados nos celeiros; a outra metade seria colhida nos próximos meses por equipas de McGillen e mexicanos. Os mexicanos encontrariam o seu lugar em Chocinaw, tal como os Cherokees e os escoceses tinham encontrado, os Dalyrimple e os Thackery ingleses, os africanos que tinham chegado como escravos e ficado como agricultores, e todos os outros credos e raças que compunham o nosso povo. Eu não contratava ninguém para fazer aquilo que qualquer McGillen não fizesse, incluindo eu própria, desde que tinha idade para trepar a uma árvore.

Uma suave brisa outonal fez com que a macieira ao meu lado inclinasse os ramos como se estivesse a lembrar-se. Dei uma palmadinha no tronco da *Grande Dama*. O vento cheirava a lareiras quentes e fumo de madeira, a maturidade. A grande casa da quinta – que eu tinha restaurado, devolvendo-a ao seu esplendor original – erguia-se, sólida e confortável, num monte atrás do ribeiro, acima do resto do vale largo que formava o Hollow. Sob os meus pés, os ossos dos soldados ainda jaziam onde tinham tombado em combate, muito antes de a primeira macieira *Sweet Hush* ter enroscado carinhosamente as raízes neles. Aguardavam num silêncio galante.

Dentro de poucas horas abriria os portões da quinta para deixar entrar os primeiros dos mais de vinte mil visitantes do outono. Cerca de trinta funcionários – na sua maioria familiares – colocariam dinheiro suficiente nos bolsos deles e nos meus para sustentar corpo e alma durante mais um ano. Depois de pagar os impostos e as despesas de funcionamento, essa compota densa de dois milhões de dólares seria reduzida a uma geleia mais modesta, e eu esticava-a sempre o mais possível. O meu rendimento pessoal proporcionava-me uma vida confortável, mas não era rica. Confortável, tendo em conta a minha infância, era mais do que suficiente.

Mais uma oração. Estava a abusar da sorte.

– Dá-me forças para conquistar as minhas bênçãos. E, por favor, faz com que o Davis aguente mais dois semestres em Harvard com a média intacta, e que eu ganhe dinheiro suficiente nesta estação para pagar o resto do curso dele sem ter de hipotecar outra vez o pomar da frente.

Família, lar, amor, morte e orgulho. Para mim, as maçãs ainda significavam tudo isso e mais ainda. Não eram apenas o fruto da tentação, mas o resultado maduro dos meus sonhos plantados e

medos colhidos. Eu cultivava as melhores maçãs e a melhor reputação como mãe, viúva, mulher de negócios e McGillen do condado de Chocinaw, Geórgia.

– A Hush McGillen Thackery – diziam as pessoas –, é uma lenda do seu tempo.

Quem me dera. As pessoas querem acreditar em algo ou alguém superior às suas próprias tribulações. É por isso que temos atores e políticos e padres. Contudo, tal como a maioria das lendas, eu era de carne e osso e só queria guardar as minhas vergonhas privadas para mim. Graças ao meu trabalho árduo e cuidadoso, as pessoas acreditavam numa série de bonitas fantasias em relação a mim e aos meus. Às vezes, porém, estamos à altura de nós próprios. Nesses dias, a nossa lenda torna-se um indício verdadeiro de quem realmente somos.

A minha vida estava a chegar a um desses dias.

Tirei o telemóvel do cinto, olhei para o relógio, depois para o telefone, e esperei. Só precisava de mais uma tradição para concluir o ritual. Davis ligava-me sempre de Massachusetts para me desejar um bom primeiro dia da estação. O telefone tocou. Mais precisamente, tocou os primeiros acordes dessa velha canção dos anos quarenta, «*Don't Sit Under the Apple Tree With Anyone Else But Me*». Graças a Smooch, nunca ninguém poderia acusar-nos de subtileza na publicidade. Aprendêramos com os anos de experiência que as maçãs, tal como a maioria dos víveres desta vida, se vendiam melhor com um acompanhamento de ilusionismo e nostalgia.

Levei rapidamente o telefone ao ouvido.

– Como está o meu querido e inteligente filho em Harvard?…

– Mãe, espera, tenho de fazer esta curva. Estou em Chocinaw. – Ouvi o vento a assobiar em fundo e o ronco suave de um motor potente.

Levantei-me rapidamente.

– O que se passa? Porque não estás na escola?

– Posso explicar depois. Estou a descer para o Hollow, não devo demorar mais de dez minutos a chegar a casa. Venho a conduzir desde ontem. Catorze horas. Trago-te uma surpresa.

– Porque é que deixaste a escola? Ouve lá, mas que… Davis, o que raio…

– Olá, senhora Thackery! – exclamou uma voz. Uma voz feminina. – Davis, diz à tua mãe que estou ansiosa por a conhecer e…

– Eddie, deixa-te estar debaixo da manta!

– É evidente que eles já sabem que eu estou no carro. Esconder-me debaixo da manta não vai servir de nada.

Apertei o telemóvel com tanta força que fiquei com os nós dos dedos brancos.

– Euell Davis Thackery Júnior – disse, lentamente. – Porque é que tens uma rapariga escondida no carro?

– Mãe, posso explicar… espera. – Ouvi-o a remexer em qualquer coisa, depois uma rajada de ar e um gritinho da rapariga desconhecida chamada Eddie.

– Eles estão outra vez colados a nós – gritou ela. – Acelera.

– Não, não! – exclamei. – Raios, Davis…

– Mãe, espera por nós ao portão e prepara-te para o fechares assim que entrarmos.

– Quem é que vem atrás de ti e dessa rapariga?

– Não posso falar! Tenho de conduzir! Adoro-te, mãe!

Um estalido e fiquei a olhar para o telemóvel. Senti as pernas a tremer. Um segundo depois estava a correr para a casa, deixando o jarro de prata e todas as minhas orações e tradições de proteção derramadas por baixo da velha árvore.

«Mãe, trago-te uma surpresa.»

Eduquei o meu filho para me tratar por «mãe» e não «mamã» ou «mãezinha», e eu tratava-o por Davis, ao contrário do pai, que era conhecido por Big Davy. O pai nunca crescera. O meu filho sim. E eu não estava disposta a fazer cedências. Nem a aceitar surpresas desagradáveis.

Saltei para a carrinha vermelha que usávamos para fazer entregas nas lojas locais. «Se não for uma Sweet Hush, não é uma maçã», proclamava o logótipo da carrinha por baixo da silhueta delicada de uma macieira. Arranquei demasiado depressa e a roda da carrinha passou por cima das pedras que delimitavam os canteiros de íris e lírios, pedras que já eram velhas quando eu era nova. A estrada da quinta fazia quatrocentos metros de curvas e contracurvas entre os pomares antes de abrir numa zona ampla e larga a que chamávamos agora os Celeiros.

O meu primeiro edifício ainda era a nossa loja de recordações, mas a cozinha e o mercado tinham sido transferidos para estruturas muito maiores e os artigos em venda incluíam agora bijuterias de cristal e prata, joias de ouro, toalhas de mesa de qualidade e outros artigos para o lar – tudo relacionado com maçãs. Entre os celeiros ficavam os armazéns de refrigeração e um pavilhão rústico para o mercado ao ar livre. Todas estas estruturas eram rodeadas para um enorme parque de estacionamento e cercas de madeira cuidadosamente fabricadas para parecerem autênticas.

A estrada de terra esburacada desaparecia no parque de estacionamento e saía do outro lado, lisa e asfaltada, subindo a colina entre macieiras e buxos podados, até chegar aos bonitos portões que davam para o pavimento civilizado da McGillen Orchards Road. O cartaz vermelho e branco erguia-se entre os dois postes de pedra grandes e cinzentos.

Quinta Sweet Hush
Aberta todos os dias, das 10h às 18h
De 1 de setembro a 31 de dezembro
Se não for uma *Sweet Hush*, não é uma maçã.
www.sweethushapple.com

Tirei o telemóvel do cinto enquanto abria o cadeado do portão e o escancarava, de olhos postos no ponto onde a estrada nacional desaparecia entre grandes abetos, pinheiros e loureiros, molhada pelos fios de água que brotavam das encostas rochosas no sopé da montanha Chocinaw.

– Preciso de ti aqui no Hollow – disse, para o telemóvel. – Já. Temos problemas.

– Estou a caminho. Dez minutos. – A voz masculina grave não fez qualquer pergunta. O meu irmãozinho mais novo, que era agora o xerife Logan McGillen, dispensava palavras como se fossem diamantes: poucas, mas preciosas. Para Logan, a vida era simples e fácil de resumir. Eu educara-o para proteger o nosso mundo, e era o que ele fazia.

Esperei.

Esperar é o mais difícil de tudo, para uma mãe.

Na estrada da montanha, Davis – de 23 anos, finalista da faculdade de Economia em Harvard, o que significava que era suficientemente inteligente para saber o preço das suas próprias escolhas – acelerava pela encosta abaixo no *Trans Am* de 1982 que ele e o pai tinham reconstruído carinhosamente, com um motor melhorado, depois do décimo sexto aniversário de Davis. O *Trans Am* era tudo o que um bólide devia ser, até à matrícula que dizia 2FAST. Davis tinha no porta-luvas uma velha fotografia dele com o pai. Cobertos de óleo, com os braços sobre os ombros um do outro, a sorrir ao lado da carcaça desmontada do *Trans Am*. O carro era uma obra de devoção de pai e filho. Não deixaria Davis e a sua passageira misteriosa ficar mal.

Atrás dele, três SUV pretos desapareceram numa curva da montanha. Davis atirou o telemóvel para o lado.

– A minha mãe sabe que vamos a caminho e ela ficará do nosso lado!

A rapariga espreitou por baixo da manta, no banco de trás do *Trans Am*.

– Davis, nem sequer lhe disseste qual é o «nosso lado». Pregaste-lhe um susto de morte.

– A minha mãe, assustada? Nunca. Já te disse, nada abala a minha mãe.

– Tudo o que ela sabe é que o filho vem a acelerar pela montanha como um louco e traz consigo uma desconhecida.

– Tenho um primo que trouxe para casa uma *stripper* de uma feira itinerante. Isto não é nada.

– A tua lógica é muito reconfortante. Ouve, não vou ficar aqui atrás mais tempo. Não tenciono chegar ao teu lar ancestral desta maneira, e deixar que a tua mãe, estupefacta e preocupada, me veja encolhida no banco de trás do carro, ao lado dos teus CD's e de uma caixa de *donuts* bolorentos.

– Fica onde estás. É mais seguro. Os *donuts* são como pequenos *airbags*.

– Prefiro ser projetada de cabeça pelo para-brisas quando nos atirarmos de uma dessas falésias como a Thelma e a Louise. Será muito mais dramático para a CNN do que ficar esmagada entre o

banco da frente e o porta-bagagens, não achas?

Edwina Margisia «Eddie» Jacobs – caloira de Direito em Harvard, o que significava que era suficientemente inteligente para saber que não devia estar a fazer isto, ou pelo menos para compreender por que razão não devia estar a fazer isto – estava acostumada a limusines e iates, cortejos motorizados e tanques militares, e até, numa visita recente ao Médio Oriente com a mãe, à caravana cerimonial de camelos de um xeque. Eddie libertou-se da manta mexicana barata que ela e Davis tinham comprado na noite anterior numa estação de serviço na autoestrada, depois de saírem do Massachusetts. Enfiou o pé entre os bancos da frente. Calçava mocassins de camurça que tinham custado para cima de mil dólares.

Davis apertou o volante.

– Eddie, raios, não…

– Não me distraias. Se eu cair para cima de ti é que nos despenhamos mesmo pela montanha abaixo.

Saltou entre os bancos da frente do *Trans Am* enquanto Davis fazia uma curva sobre uma ravina cheia de pedregulhos e rododendros gigantes. Os primeiros tons de outono coloriam já os vales verdes que passavam a toda a velocidade do lado esquerdo do *Trans Am*, e a encosta íngreme de granito da montanha da Geórgia erguia-se como uma muralha coberta de musgo do lado direito. Davis fora treinado a conduzir nas estradas da montanha pelo pai; sabia que um movimento errado do volante forrado a cabedal, para um lado ou para o outro, podia matá-los aos dois.

Eddie deixou-se cair no banco do passageiro e prendeu o cinto de segurança. Davis olhou para ela.

– Como está a barriga?

Ela levou a mão ao abdómen.

– Não está grande coisa. – O rosto sardento empalideceu, mas afastou o cabelo castanho da cara e soltou uma risada forçada. – É a primeira vez em vários anos que ando de montanha-russa sem os homens de negro a bordo para me protegerem. Gosto. Nem me importo de vomitar.

– Segura-te.

– Não te preocupes, eu sei como viajar numa carruagem em fuga. Ou lá como é que se diz. – Olhou para o perfil dele e sorriu. – Gostava de fazer amor contigo agora mesmo. Pareces selvagem.

Ele sorriu com expressão tensa.

– No meu quarto há uma cama cheia de mantas artesanais e almofadas de penas. Podemos despir-nos e enterrar-nos nela como dois coelhos.

– Prometes?

– Prometo. A vida no Hollow é mesmo assim tão simples.

Ouviram um ruído atrás deles. Eddie virou-se para trás, de testa franzida. Os carros negros fizeram a curva, a pouco mais de cem metros de distância.

– Houston, temos um problema. Eles estão a aproximar-se outra vez.

Davis olhou para o espelho retrovisor. Para o diabo com as notas perfeitas nos exames de admissão, a prateleira cheia de troféus e prémios de liderança conquistados na Escola Secundária de Chocinaw e as classificações impecáveis em Harvard. Ele vinha de uma longa linhagem Thackery que não conseguia resistir a um desafio sobre rodas. Ninguém conseguia apanhar um corredor de carros de Chocinaw. Pelo menos, vivo.

Pensou no pai. Reduziu uma mudança.

Eddie abanou a cabeça.

– Não te atrevas a desistir agora! Disseste-me que ninguém conseguia apanhar a tua família na montanha Chocinaw!

– E também disse que não te ia matar. – Pisou levemente o travão. – O jogo acabou. Chegámos até aqui. Desde Boston. Ninguém pensou que conseguíssemos. A minha mãe nunca me perdoará se fizer alguma estupidez. E eu nunca me perdoarei a mim próprio. Nem sequer conseguiria encontrar palavras para te pedir que me perdoasses. E isso é tudo o que importa.

– Disseste-me que a tua mãe é a pessoa mais forte que conheces. Disseste-me que ela apoiaria o nosso direito de viver a nossa vida. O que achas que ela vai pensar se desistirmos mesmo à porta de casa? Vai pensar que trouxeste contigo uma falhada qualquer! – Eddie agarrou-se ao banco. – Não vou desistir! Amo-te, Euell Davis Thackery Júnior, e coloco o meu futuro nas tuas mãos! Disseste que

o teu pai te ensinou a conduzir este carro mais depressa do que qualquer outro homem na região. Portanto, acelera!

O vento perfumado de outono assobiou através do teto aberto do carro como uma canção de desafio, seduzindo todos os homens e mulheres que tinham enfrentado a velha Chocinaw para se instalarem nos vales férteis lá em baixo. Davis engoliu em seco, com um nó na garganta, olhou para o rosto apaixonado de Eddie e decidiu que um homem não podia desiludir a sua mulher em Chocinaw.

– Eu também te amo! Segura bem esse traseiro giro!

Eddie soltou uma exclamação abafada quando ele pisou o acelerador com um grito. O *Trans Am* voou pela estrada sinuosa na encosta da velha montanha. Davis conduzia com mão leve e uma perícia que o pai teria admirado. O carro ia a cento e quarenta quando Davis e Eddie passaram por um bonito letreiro de madeira que lhes dava as boas vindas ao condado de Chocinaw, Terra da Famosa Maçã *Sweet Hush*. Os pneus guincharam como um espírito da montanha quando Davy virou para uma estrada sombria de duas faixas que levava a Sweet Hush Hollow. Passaram por um sinal de metal verde que assinalava o início da McGillen Orchards Road e depois por um sinal de metal branco que informava ser também a Estrada Estadual 72, e finalmente por um segundo letreiro de madeira colocado pelo serviço estadual de parques:

«Está a Entrar na Estrada Panorâmica Sweet Hush.»

Davis gritou de novo. Conseguira. Trazia a sua mulher para casa, para um legado de fé, sacrifício, trabalho duro e as melhores maçãs sulistas alguma vez cultivadas. Para viver como uma rapariga normal, para ficar, para ser recebida pela mãe dele, a Hush mais famosa numa linhagem de Hushes, desde que a primeira Hush rezara uma oração presbiterana escocesa-irlandesa e plantara um rebento de macieira em cima dos ossos dos soldados no Hollow selvagem.

Eu. Que estava à espera deles.

Sem sonhar o que me esperava.

Ouvi o rugido grave do *Trans Am* a subir a estrada. Era tão sensível como uma gata que reconhece o ronronar da sua cria. Agarrada à tábua de cima do portão, rezei uma oração rápida pelo carro baixo, apesar de o odiar com todas as minhas forças. Não tinha nada contra as corridas, simplesmente não queria que o meu filho morresse antes de mim. O *Trans Am* apareceu, a pelo menos cento e vinte quilómetros à hora, com a traseira a fugir ligeiramente. Cravei as unhas no portão e firmei as pernas. Ele também era filho do seu pai.

Davis parecia calmo e determinado. Tinha as janelas do *Trans Am* abertas, pois sempre gostara de sentir o ar da montanha. O cabelo curto e escuro agitava-se ao vento, mas era a única coisa nele que sugeria caos. O meu filho. Metódico. Inteligente. Sensível. Honesto. Bondoso. Adorado pelas raparigas, que respeitava como um homem a sério, ensinado por mim e pelo exemplo do pai, pelo menos em público. Um líder forte. O melhor aluno.

No último ano da escola secundária, vencera o prémio de Empresário Júnior do Ano da Geórgia. Juro que não o pressionei para ser sempre o melhor. Bom, talvez ele tenha pressentido a minha necessidade de o ver fazer escolhas mais sensatas do que as minhas. Fosse como fosse, era o meu filho maravilhoso.

Por favor, tem cuidado. Meu Deus, por favor, não deixes que ele se magoe. Quando ele era pequeno, cheguei a fazer uma lista secreta com o título COISAS A QUE NÃO SOBREVIVERIA. A primeira coisa da lista eram estas palavras: *Ver algo mau acontecer ao Davis.* Nem consegui ser mais específica. Uma superstição qualquer disse-me que dava azar pôr o nosso pior medo por escrito.

A rapariga (naquele momento estava a pensar nela como «aquela maldita rapariga que fez o meu filho meter-se em sarilhos») vinha sentada ao lado dele, muito direita, agarrada ao *tablier* com as duas mãos, a olhar para a frente, também com expressão calma. Estavam bem um para o outro. Algures, a mãe dela também devia ter registado aquele momento como um dos seus piores medos.

Davis travou com perícia, guinou, entrou com o *Trans Am* pelo portão, parou com uma derrapagem, saltou do carro e dirigiu-se a mim, com o cuidado de afivelar um sorriso no rosto. Alto, desengonçado e de uma beleza masculina como o pai, vestia calças de caqui, sapatos bons e uma

camisa amarrotada. Pestanejei, surpreendida. O meu filho despretensioso, que andava sempre de calças de ganga. «Que rapazinho tão crescido», diziam as pessoas desde que ele era pequeno. Mas quando é que se tinha tornado um adulto? De repente, eu tinha um filho adulto. Conhecia mulheres da minha idade que ainda estavam a ter bebés!

– Fala comigo – disse-lhe.

– Mãe, não tens com que te preocupar. A Eddie e eu não estamos metidos em sarilhos propriamente ditos. Estamos aqui para marcar uma posição. – Abraçou-me rapidamente antes de se dirigir ao portão aberto. – Deixa-me só fechar isto. Tem paciência e olha para a estrada. Estamos a defender um princípio.

– É difícil defender princípios e marcar posições sem haver problemas. Violaste alguma lei?

Ele riu-se, tenso.

– Não.

– Isto é alguma pesquisa para as aulas?

Davis riu-se outra vez e abanou a cabeça.

– Não costumamos fazer excursões em Economia.

– Então arriscaste a vida… a tua e a desta Eddie… para marcar uma posição em relação a quê? Conduzir demasiado depressa e faltar às aulas e trazer-me problemas no dia mais importante da estação?

Ele franziu a testa.

– Não arrisquei…

– Nem tentes justificar esta corrida pela montanha abaixo. Não te atrevas. O teu pai morreu naquela montanha.

Ele estacou e engoliu em seco. Mesmo cinco anos depois da morte de Davy, ainda era difícil falar sobre ele. Deus sabe que eu tinha os meus motivos para evitar o assunto.

– Senhora Thackery? – interrompeu a rapariga. Virei-me e vi-a calmamente de pé ao lado do *Trans Am*. Alta e esguia, com cabelo loiro escuro, o rosto bonito mas de uma palidez doentia, grandes olhos azuis repletos de preocupação. – O Davis é o meu melhor amigo e confio-lhe a minha vida. Ele não está em sarilhos, garanto-lhe.

Fiquei sem saber o que responder. Por fim, perguntei:

– E precisas de um herói?

Ela parecia cada vez mais exausta, e começou a cambalear.

– Um bocadinho, sim – admitiu. Davis correu para ela e passou-lhe o braço sobre os ombros. Ela abraçou-o pela cintura e agarrou-se a ele como musgo a uma árvore.

Olhei para os dois, presos um ao outro.

– Parece-me que o meu filho te pregou um susto de morte.

– Não, ele tem sido maravilhoso para mim. – Virou-se e inclinou a cabeça para cima, olhando para Davis com uma expressão de adoração que fez soar sirenes de alarme na minha mente. Queria que alguma rapariga o amasse mais do que à própria vida e que ele a amasse da mesma maneira. Queria que a mulher dele fosse para mim a filha que sempre quis mas que nunca me atrevi a tentar ter com Davy Sénior. Queria netos, um dia. Mas não antes de o meu filho ter quarenta anos, estar à frente de uma empresa da *Fortune 500* e ganhar um prémio Nobel.

– Parece-me que temos de ser apresentadas – recordei, lentamente. – E preciso mesmo de saber o que se passa.

Davis franziu a testa.

– Eu explico-te tudo, dá-me só algum tempo.

Eddie assentiu com a cabeça.

– Garanto-lhe, senhora Thackery, que fizemos isto para provar um ponto importante. «Planta os teus sonhos com paixão e honra, e as raízes manter-te-ão firme em qualquer tempestade…»

– Um livro sobre o pioneiro Johnny Appleseed. Li-o ao Davis quando ele era pequeno. Gravei essa citação numa placa para o quarto dele.

– Sim, sei que faz gravações em madeira como passatempo. O Davis falou-me muito sobre si. E sobre o seu pai maravilhoso, que Deus o tenha. – Benzeu-se. *Uma rapariga católica*, pensei. O meu filho trouxera-me uma católica exótica para casa? De certeza que devia ter pais religiosos e severos. Ainda bem. Não demorariam a levá-la para casa, onde quer que fosse. – E deve estar orgulhosa,

senhora Thackery. O Davis tem-se esforçado muito para viver segundo os valores que a senhora e o pai lhe transmitiram.

Perfeitamente ignorante. Tal como o meu filho, acreditava nas fantasias que eu criara. Virei-me para Davis.

– O que é que fizeram, exatamente? Fala, já.

– Não temos tempo. Os índios chegaram. Reúnam as carroças. – Riu-se outra vez e olhou para a estrada. Três grandes SUV pretos fizeram a curva a toda a velocidade, guinaram para a entrada do nosso caminho e estacaram com um guinchar de pneus, perfeitamente alinhados. Todas as portas se abriram e delas saíram mais de uma dúzia de pessoas – quase todos homens, mas havia também uma mulher. Tentaram parecer naturais, com as calças amarrotadas e camisas de golfe. Até a mulher. Todos tinham coldres com armas presos ao ombro.

– Agentes federais – disse-me Davis ao ouvido. – A Eddie tem guarda-costas. Explico-te melhor depois.

Agentes federais? Guarda-costas? Baixei lentamente as mãos e olhei para um bando de gente armada em camisas de golfe. Golfistas armados.

– Por favor, mantenham todos a calma – pediu Eddie. Davis deixou estar o braço à volta dela, num gesto protetor. A jovem ergueu o queixo. – Lucille, lamento muito ter-vos colocado nesta posição. Mas tinha de o fazer.

– Eddie, sempre fomos justos consigo – retorquiu a mulher, que pelos vistos se chamava Lucille. Era alta e musculada, talvez a meio da casa dos trinta, com cabelo loiro pelos ombros, sardas e rugas aos cantos dos olhos. Estendeu as mãos para Eddie num gesto amistoso. – Sei porque está aborrecida. Mas esta não é a maneira certa de lidar com a situação.

– Lucille, é precisamente a maneira certa de lidar com a situação. A minha mãe reage melhor a ações do que a palavras. Agora, tenho a certeza de que está a prestar atenção.

– Seja razoável. Podemos chamar um helicóptero e levá-la, a si e ao seu amigo, o senhor Thackery, para um local seguro, onde podemos falar melhor. A sua mãe adiou os compromissos em Inglaterra. O seu pai está em Tel Aviv à espera de um telefonema. Eles querem ouvi-la.

Franzi a testa. Inglaterra? Tel Aviv? Helicópteros? Quem eram os pais desta rapariga? Comissários de bordo em voos internacionais?

Eddie ficou tensa.

– O meu pai quer ouvir, mas a minha mãe quer acabar com toda a privacidade que me resta. Nada justifica aquilo que ela me fez. Nada. Nada.

– Eddie, não estou em posição de discutir essa questão…

– Também lhe apresenta relatórios, Lucille? Era um dos espiões dela?

– Não. Dou-lhe a minha palavra.

– Neste momento, só acredito na palavra de uma pessoa. – Olhou para Davis. – E lamento muito o que a minha mãe te fez.

– Por favor, já sou crescidinho. O que interessa és tu. Fazer o que é melhor para ti.

– Não. Para nós.

Davis beijou-a. Todas as antenas no meu cérebro estavam no ar.

– Alto! – exclamei. – Desculpa, mas o que é que a tua mãe fez ao Davis?

Davis abanou a cabeça.

– É uma questão de princípios, não de danos concretos e pessoais. Não é nada com que eu não possa lidar.

– Muito bem. Diz-me o que ela fez, e eu ajudo-te a lidar com a situação.

– Davis, deixa-me explicar – interrompeu Eddie. – Lamento muito ter de o admitir, mas a minha mãe andava a espiar-me. Começou a fazê-lo quando eu saí de casa para ir para Harvard, e agora tem *dossiers* de informações sobre todos os meus amigos mais chegados. Incluindo o Davis. Só descobrimos ontem.

Fechei a mão com força. Tinha uma centena de perguntas a fervilhar-me na mente, mas Eddie virou-se de novo para Lucille, com expressão firme.

– Declaro que a partir deste momento prescindo de todos os serviços da vossa agência. Sou uma adulta, maior de idade, e tenho o direito de rejeitar esta proteção formal.

– Lamento muito, Eddie, mas nós somos como as Finanças. Não pode simplesmente dizer-nos

para a deixarmos em paz.

– Então digo eu – avisou Davis.

Lucille aproximou-se um pouco.

Rapidamente, inclinei-me sobre o portão e levantei a mão.

– Espero que compreenda o conceito de «propriedade privada».

Ela parou, de testa franzida.

– Mãe – disse Davis em tom afetuoso.

– Obrigada, senhora Thackery – murmurou Eddie.

– Estou a defender o meu portão. – Lucille e eu travámos uma batalha silenciosa e primitiva por cima das tábuas pintadas de branco.

Ela pestanejou primeiro.

– Minha senhora, não sabe com quem está a lidar.

– O meu filho disse-me que não violou qualquer lei.

– Tecnicamente não, mas…

– A Eddie violou alguma lei? O que aconteceu? Fugiu de algum programa de proteção de testemunhas? O pai dela é algum mafioso escondido?

– Um mafioso escondido – repetiu Eddie entre dentes, e quase sorriu.

– Não, mas…

– Nesse caso, não me interessa quem vocês são. Não estão autorizados a entrar na minha propriedade.

Lucille parecia cada vez mais infeliz.

– Na verdade, temos autoridade para interceder se considerarmos que a situação o justifica.

Eu era uma McGillen obstinada por nascimento e uma Thackery combatente por casamento. Um hino soou na minha mente: «Salvei esta quinta com trabalho árduo e sem qualquer ajuda do governo; sou uma agricultora montanhesa, com um oitavo de sangue Cherokee, cujo avô se suicidou porque os agentes do governo lhe confiscaram o alambique ilegal.»

– Tenho duas dúzias de soldados da União mortos no meu pomar, soldados que cometeram o erro de invadir Sweet Hush Hollow em 1863.

O olhar de Lucille ficou gelado.

– Isso é uma ameaça?

– Pode ter a certeza.

Davis afastou-me.

– Vou levar a Eddie para a casa onde a minha família vive há mais de um século… – apontou para trás de nós, para a grande casa que espreitava entre os pomares no vale – … e é aí que ela vai ficar. – Girou sobre si próprio e pegou no braço de Eddie. – Vamos. – Ela assentiu fervorosamente.

– Eddie, a minha obrigação é segui-la – preveniu Lucille. Pousou as mãos no meu portão.

Peguei no telemóvel e marquei um número.

– Smooch? Liga para a Asia Makumba e pede-lhe que entre em contacto comigo imediatamente.

– Está bem. Passa-se alguma coisa?

– Nada que um pouco de cobertura mediática não resolva.

– Hã? Vou ter contigo daqui a uma hora para revermos os anúncios de rádio do dia de abertura…

– Pede à Asia que me ligue já. Depois falamos. Estou a tratar de uma coisa. – Desliguei. – Asia Makumba. É uma jovem daqui. Chamava-se Alice. Alice Jones. Casou com um nigeriano e decidiu prestar homenagem às suas raízes africanas. Mudou de nome. Agora trabalha para uma das estações de televisão em Atlanta. Repórter de investigação. Tenho a sensação de que vocês não querem aqui câmaras e público.

Lucille ficou vermelha, furiosa. Inclinei-me sobre o portão e chamei-a com o dedo. Quando ela se aproximou, disse-lhe, em voz baixa:

– Mande recuar os outros membros da equipa e eu deixo-a entrar. Só você. De acordo?

Os segundos passaram lentamente. Lucille não se mexeu. Tinha de admitir que ela era dura. O meu telemóvel tocou e encostei-o ao ouvido.

– Asia?

– O que se passa? Em que posso ajudar, senhora Thackery? – Alice/Asia tinha trabalhado na minha quinta para pagar o curso na Universidade da Geórgia.

– Tenho uma história para ti. Espera, vou passar o telefone à Lucille. É uma agente federal qualquer que está prestes a…

Lucille levantou as mãos num gesto de rendição.

– Asia, eu volto a ligar. Se calhar não vale a pena incomodares-te.

– Está bem… mas tem a certeza?

– Não, mas se for preciso eu entro em contacto contigo. – Enfiei o telemóvel no cinto. – É a isto que o mundo chegou. Para conseguir alguma coisa, temos de ameaçar as pessoas do governo com a televisão.

– Está bem, senhora Thackery, ganhou – disse Lucille lentamente, e olhou para mim com algum respeito. – A minha equipa espera do outro lado da estrada até lhes dar permissão para entrar.

– Ótimo. – Abri o portão para a deixar passar e virei-me para Davis e Eddie. – A Lucille vai entrar. Apenas ela.

Lucille mandou o resto dos agentes esperarem do outro lado da estrada e entrou. Tranquei o portão atrás dela. Eddie parecia aliviada. Era evidente para mim que gostava desta Lucille e não lhe queria causar mais problemas.

– Obrigada, senhora Thackery. O Davis disse que podíamos contar consigo, e tinha razão.

Davis acenou com a cabeça.

– Obrigado, mãe.

Lancei-lhe um olhar que o fez baixar os olhos. Eu tinha um negócio para gerir. O nosso sustento e o rendimento da maioria dos nossos familiares dependiam desse negócio. Dez dos primos McGillen estavam na universidade, apoiados pelo meu dinheiro e inspirados pelo exemplo de Davis.

– Quero respostas, e quero-as depressa.

– Não te censuro por estares aborrecida, e sei que é a época das maçãs, por isso vou limitar-me aos factos básicos, por enquanto. – Pigarreou. – Gostaria de te apresentar a Edwina Margisia Nicola Jacobs. Eddie, esta é a minha mãe, Hush McGillen Thackery.

Eddie estendeu-me a mão.

– Não me reconheceu, pois não, senhora Thackery? Agora sim: Já sabe quem eu sou. Portanto compreende agora por que motivo estou numa posição difícil? Senhora Thackery? Sou a Eddie Jacobs. – Estudou o meu rosto. – Eddie. Jacobs.

– Eddie Jacobs – repeti, aturdida, mas apertei-lhe a mão, que estava transpirada. Ela cambaleou.

Davis pegou-lhe ao colo.

– Calma. Já podes relaxar. Estamos em casa. O Hollow é o sítio mais seguro do mundo.

Eddie levou a mão à boca, com as pernas compridas e magras, vestidas com calças largas, a abanar no ar da montanha.

– Acho que vou vomitar outra vez. Esta não é a entrada digna que queria fazer à frente da tua mãe.

– Vou chamar o médico – disse Lucille.

– Não é preciso, eu estou bem.

– Tem uma virose. Ou uma intoxicação alimentar.

Davis abanou a cabeça.

– Ela só precisa de descansar. Foi uma longa noite.

Eddie olhou para mim, com ar cansado.

– Senhora Thackery, peço muita desculpa. Parece que sou uma autêntica mariquinhas.

Pousei-lhe a mão no braço.

– Não te preocupes. Vamos levar-te para casa e dar-te umas fatias de *Sweet Hush* com sal. Não há melhor para problemas de estômago. – Virei-me para Lucille. – Lucille, já lhe disse para se afastar.

Lucille franziu a testa.

– Não está a perceber, pois não? Não compreende minimamente a situação.

– Estou à espera que alguém me esclareça. E depressa. – Olhei para Davis.

Ele contraiu o maxilar. Levantou a cabeça e apertou Eddie um pouco mais contra o peito.

– A Eddie e eu conhecemo-nos em Harvard, este verão. Namoramos desde então. Em segredo. Ela é aluna do primeiro ano de Direito. – Fez uma pausa. – E o pai dela é o presidente.

Levantei uma sobrancelha, pouco impressionada. Afinal de contas, eu também era presidente das

Quintas Sweet Hush.

– Presidente do quê?

Davis esperou um segundo, apenas o suficiente para permitir que o momento se enraizasse nas nossas vidas sossegadas.

– O presidente dos Estados Unidos da América – respondeu.

Capítulo 5

Hush

No meio de um tornado, não há tempo para pensar antes de o vento nos sugar pela chaminé acima. De súbito, o mundo fora do Hollow – um mundo que eu convidava a entrar em minha casa todos os outonos, mas segundo as minhas regras – invadiu-nos sem qualquer convite.

A maior parte da minha família achava que Al Jacobs não era suficientemente atraente para ser presidente. Ou suficientemente duro. Ou suficientemente inteligente. Ou «como nós», quem quer que fosse esse «nós». O presidente Jacobs fora advogado dos pobres em Chicago, depois juiz, depois congressista, depois senador e, finalmente, o primeiro presidente católico desde Kennedy – e o único presidente de ascendência polaca.

– O país elegeu o raio de um polaco burro – disse Aaron McGillen alto e bom som numa reunião de família na primavera depois das eleições.

Os *cartoons* nos jornais retratavam frequentemente o queixo pontiagudo de Al Jacobs como o bico inferior de uma gaivota, e o seu cabelo denso e grisalho com um penteado maluco à Einstein.

– O Roosevelt não parecia maluco – queixou-se Gruncle, citando o seu presidente preferido. – Quem diabo estaria disposto a morrer pelo Jacobs como fizemos pelo Roosevelt? Acham que o Al Jacobs conseguiria inspirar os homens a matar pobres mulheres alemãs em nome da guerra? Não me parece. – Gruncle Henry, agora muito velho mas ainda atormentado pelas memórias da grande guerra e do seu papel na mesma, não sentia simpatia por presidente nenhum desde Roosevelt.

O facto de Al Jacobs se referir a si próprio como Al também não ajudava nada, pois reduzia a sua importância com um nome que era na realidade um diminutivo. No entanto, o seu nome de batismo era Aleksandr, segundo a tradição familiar, e os verdadeiros americanos tinham dificuldade em aceitar tal coisa, quanto mais em saber como se pronunciava. Os familiares imigrantes do presidente eram Jakobek ao chegar de barco a Ellis Island, tendo mudado de nome para Jacobs antes da grande guerra de Gruncle – estavam completamente americanizados, lutavam pela nova pátria, trabalhavam como mecânicos e talhantes e secretárias, construíram o seu sonho americano até produzirem o velho e sólido Al. Al Jacobs. O bom Al Jacobs. Tão americano como salsichas e tarte de maçã. Na minha opinião, conquistara a presidência porque tinha olhos escuros e bondosos e irradiava uma espécie de decência que ninguém conseguia ignorar, quer gostasse dele ou não. A maioria dos residentes de Chocinaw, que pendiam fortemente para o lado dos sobrevivencialistas agrestes e dos conservadores fanáticos, detestavam este presidente mole e liberal.

Quanto à mulher dele, Edwina Habersham Jacobs, era vista como a resposta às orações da mulher moderna, ou como uma aristocrata espalhafatosa de rabo grande vinda da Costa Leste, que escondia as suas cores feministas atrás de roupas de estilista e da promessa de campanha de ser «amiga das mães trabalhadoras», promessa que os seus inimigos não levaram a sério nem por um segundo. Os seus antepassados tinham chegado no *Mayflower* e desde então que eram uma família rica e frequentadora de clubes de campo. Edwina licenciara-se no cimo da sua turma na faculdade de Direito nos anos setenta e conquistara posteriormente uma reputação de advogada de acusação implacável no gabinete do promotor público de Chicago, o que deixava muito confusas todas as pessoas que a acusavam, a ela e ao marido, de serem socialistas sentimentais. Os seus admiradores insistiam que Edwina tinha o estilo e a classe de Jackie Kennedy, apenas com um número de calças mais elevado. Bolas, não havia mulher nenhuma, nem mesmo a primeira-dama, que conseguisse deixar de ser avaliada pelo tamanho do traseiro! Eu própria olhava mais para o espelho do que gostaria de admitir.

Durante a campanha de Al, o país pôde analisar bem Edwina pela primeira vez. Baixa, em forma de pera e de um loiro mortífero, ela subiu ao placo na convenção nacional do partido do marido sem uma piscadela nervosa dos olhos azuis gelados de peregrina de Maryland.

– Estou aqui para vos dizer – anunciou –, que não só o meu marido será o melhor presidente alguma vez eleito, como eu serei a melhor primeira-dama alguma vez eleita.

Os delegados da convenção explodiram em aplausos entusiásticos. Depois de o resto do país fechar a boca perante esta franqueza admirável ou atrevimento inacreditável – conforme o ponto de vista – ela dominou as nossas atenções como um general Patton com sapatos importados. Durante

meses, roubou as capas das revistas às supermodelos. Estabeleceu as suas condições para dar entrevistas nos principais canais de cabo e nacionais e os jornalistas seguiam-na como cachorrinhos apaixonados.

No entanto, as sondagens diziam que a maioria dos americanos normais – incluindo muitos do seu partido – não se aproximaria dela nem com um varapau. Demasiado desbocada. Demasiado ambiciosa. Pouco modesta. Com alguma simpatia, vi-a tentar reparar a sua imagem pública com bolachas caseiras.

– Faço-as a partir da minha receita preferida… são bolachas estaladiças de canela e nozes – disse ela a Jane Pauley, no programa «Dateline». – É como eu e o Al lhes chamamos.

Primeira na sua turma na faculdade, superinteligente, Edwina geriu a campanha política do marido desde o primeiro dia, mas tinha de fingir que fazia bolachas para as pessoas confiarem nela como mulher. Eu via a dificuldade dessa decisão nos seus olhos. Também tinha sido obrigada a fazer a minha dose de bolachas ao longo da vida.

– Imagino que as vai atirar para a sanita mais próxima assim que tiver oportunidade – comentei com Smooch na altura. – Já viste alguém pedir a um homem que mostre que é capaz de fazer bolachas para acreditarmos que não representa uma ameaça?

– Mas aquelas bolachas cativam as donas de casa do eleitorado do marido – disse Smooch, espantada com a minha revolta. – É o que diz o meu professor de *Marketing*. E que mal tem fazer bolachas? Eu faria bolachas, se algum homem me pedisse. – Os seus olhos encheram-se de lágrimas. – Mas nem sequer consigo encontrar um homem bom que se case comigo, quanto mais fazer bolachas.

Eu não disse mais nada sobre o assunto, mas sabia. Edwina Jacobs faria o que fosse preciso para o marido – e ela – chegar à Casa Branca. Até fingiria ser uma menina doce e feminina aos cinquenta e tal anos de idade, se tivesse de ser.

A fachada não durou muito. Num palco ventoso, em frente de uma multidão em Des Moines, Iowa, Edwina aproximou-se demasiado de um microfone que devia estar desligado e disse a uma das assistentes:

– Aquela cabra do *LA Times* está cá. Diz-lhe que se voltar a chamar à minha filha «uma totó escanzelada» e a magoá-la, corto-lhe a cabeça e cago-lhe para o pescoço.

Deus, o canal de televisão MSNBC e toda a gente ouviram cada uma das suas palavras elegantemente obscenas.

Ora vejam.

Nas duas semanas seguintes não se falou de outra coisa no país. Os outros candidatos e as suas mulheres não tiveram hipótese no combate pela atenção pública. A mulher de um dos candidatos presidenciais viu-se obrigada a garantir a Larry King numa entrevista que «também solto um bom "raios" de vez em quando», e depois todos os malucos religiosos do país começaram a debater o valor das imprecações e a potencial influência de Edwina Jacobs nas nossas *Queridas Crianças*. Sim, Edwina Jacobs não era uma esposa doméstica que fazia bolachas nem uma Jackie Kennedy recatada. Acabou por pedir desculpa, mas via-se que fora preciso engolir um grande sapo para o fazer.

Então aconteceu algo muito estranho. Os números dela nas sondagens dispararam. As pessoas decidiram adorá-la durante uns tempos. Afinal de contas, era uma lutadora. Uma mulher que defendia a filha e estava disposta a ameaçar pessoas para o fazer. Com certeza também defenderia os filhos das outras mulheres. Ela percebia. Era uma mãe trabalhadora.

Graças a ela, Al Jacobs venceu as primárias no Iowa e o resto é história. Eu não votei nele, mas na verdade nunca votei numa eleição presidencial. Considerava-me uma independente com tendências libertárias, o que significava que não tinha muitos candidatos por onde escolher. Perdi a esperança nos candidatos independentes nacionais depois de Ross Perot perder o juízo.

No entanto, se tivesse votado, votaria em Edwina.

Ao longo de toda a campanha, uma coisa ninguém podia negar: Al e Edwina Jacobs tinham feito um excelente trabalho como pais. A filha, Eddie – aquela totó escanzelada – apoiava-os com a sinceridade sadia de uma escuteira a vender bolachas fora de prazo. Não havia um único murmúrio sinistro a macular a sua reputação de filha devotada, aluna dedicada e cidadã exemplar. Não bebia, não fumava, não consumia drogas.

Toda a gente devia ter percebido que ela estava só à espera do momento certo para se rebelar, e

que uma mulher com a personalidade de Edwina era precisamente o tipo de mãe autoritária que faria uma filha fugir à primeira oportunidade.

Só lamentava que Eddie tivesse escolhido o meu filho para fugir com ela.



Eddie vomitou no lava-loiça na cozinha. Dei-lhe fatias de maçã mergulhadas em água salgada, tal como prometera. Ela comeu a fruta educadamente.

– A medicina holística é tão admirável e terra a terra. O Davis contou-me que a sua avó materna era uma agricultora Cherokee chamada Fruit Halfacre. Admiro muito as tradições dos nativos americanos.

– Obrigada. – A minha avó Fruit era uma velhota dura que todas as manhãs emborcava um copo de aguardente caseira e mascava tabaco, em vez de maçãs. Eu ainda fumava um cachimbo de greda que ela me deixara. Claro que não disse nada disso a Eddie. Enervada, comi também várias fatias de maçã medicinal enquanto pensava se um copo de vinho às sete da manhã pareceria muito mal.

Cinco minutos depois, a nossa primeira-filha fugitiva estava a dormir com a cabeça nos braços em cima da minha mesa de pinho antiga. Davis inclinou-se sobre ela e acariciou-lhe o cabelo dourado.

– Descansa, amor – murmurou. – Eu estarei aqui.

Fiz-lhe sinal para me seguir. Sentámo-nos em frente um do outro sob a luz fria da manhã na grande sala de jantar, uma sala com boa carpete e teto de madeira e papel de parede branco com pequenas folhas de macieira douradas em relevo, uma sala cheia de cristais e porcelanas e boas mobílias antigas que eu reunira ao longo dos anos, peça a peça, fruto de muito trabalho árduo. Nenhum grossista de maçãs, presidente de supermercados, da associação de produtores ou do turismo estadual se sentaria alguma vez à minha mesa e pensaria que os McGillen de Chocinaw não tinham regressado à sua anterior glória, ou que eu era apenas uma campónia ignorante com umas maçãs para vender. E acreditem que todos me levavam a sério, a mim e às minhas porcelanas. Olhei para o meu filho por cima de uma fruteira de cristal cheia de bonitas maçãs de madeira que eu esculpira na oficina da quinta com as ferramentas do meu avô.

– Vamos esclarecer já uma coisa – começou Davis. – Eu amo-a. E ela ama-me.

Estava à espera dessa afirmação, mas mesmo assim atingiu-me como um soco no estômago. O melhor que consegui foi uma frase feita:

– O que é que o amor tem a ver com o caso?

– Amo-a como o pai te amava. Ele vivia para ti. Faria tudo para cuidar de ti quando estavas em baixo e precisavas dele.

Davis não fazia a menor ideia.

– E estás a proteger a Eddie do quê? De uma mãe metediça?

– Ela é prisioneira na sua própria vida. Ameaças de morte, cartas de ódio, perseguidores… é vítima de tudo isso. Se se sentar sozinha num café ou numa livraria ou num teatro, há sempre alguém a insultar-lhe os pais. Não imaginas como é a vida dela. Como o mundo é para a filha de um presidente.

– Então tens pena dela e achas que podes cuidar dela sem a ajuda de um esquadrão de profissionais treinados para darem a vida por ela se fosse preciso. Portanto decidiste livrar-te deles e assumir pessoalmente esse trabalho. Faz todo o sentido.

– Não é assim tão simples.

– Podias tê-la aconselhado a conversar com os pais. Podias ter-me dito que namoravas com ela e eu teria conversado com ela. – Fitei-o com pesar. – Porque é que não fui digna de saber desta relação? Se calhar devia contratar uns espiões para saber as coisas mais importantes que se passam na vida do meu filho.

– A Eddie tinha medo que se soubesse. O último tipo com quem namorou acabou na capa da *Enquirer*.

– Achas que não sou capaz de guardar um segredo?

– Só queríamos privacidade. – Fez uma pausa. – Sei como é crescer debaixo dos holofotes, sob o peso das expectativas.

Fiquei muito quieta.

– O quê?

– Não queria que tu e mais uma centena de McGillen e Thackery começassem a debater se ela era boa para o meu futuro.

– Achas que a tua vida tem sido assim?

– Só estou a dizer que compreendo a pressão a que ela está sujeita.

– Estou a ver. Também não confias na tua mãe.

– Mãe…

– Ela é jovem. Não sabe o que quer. Nem tu, neste momento.

– Não? Deste-me uma conta bancária e um computador quando eu fiz dez anos e ensinaste-me a ajudar-te a gerir o negócio. O pai deu-me uma espingarda e uma mota e ensinou-me a defender-me. Tu disseste-me que eu era um génio. Ele disse-me que eu era um homem. Nenhum dos dois me disse alguma vez que eu era demasiado novo para cuidar de mim próprio.

– Mentimos.

Davis levantou-se.

– Queres que eu e a Eddie nos vamos embora?

– Não. Claro que não. Esta é a tua casa. E ela é tua… convidada. Minha convidada.

– Ótimo. Então, por favor, não me peças para explicar cada decisão que tomo.

Levantei-me também, a lutar contra a fúria.

– A escola tem de vir em primeiro lugar e os problemas de namoradas em segundo. Não me interessa que os pais da Eddie sejam a família mais importante dos Estados Unidos… podiam ser os Imperadores da Imperalândia, que tanto se me dava. Não permitirei que arrisques o teu futuro e arrastes o nome da nossa família pela lama. Trabalhei demasiado para o manter limpo.

– O que queres dizer com isso?

Lancei-me num longo discurso sobre os mexericos terríveis em torno dos presidentes e dos seus familiares. A comunicação social não tinha corrido para a cidade de Plains para desenterrar todos os familiares excêntricos e histórias desagradáveis da família de Jimmy Carter? E o que a família Clinton tinha passado? E os Kennedy nem se fala. E o problema com a bebida de Betty Ford – na primeira página dos jornais todos. E os disparates de Patty Davis em relação à mãe. E, na verdade, o segredinho da mãe sobre astrologia. Gritei tudo isso ao meu filho porque, quanto mais pensava no assunto, mais me apercebia de que as pessoas exigiam remexer em toda a porcaria ligada a cada casa presidencial, até à quinta geração. E estava aterrorizada.

– Calma, mãe – disse Davis com ar preocupado. – Não percebo o que é que isso tem a ver connosco e com a nossa família. Não temos nada a esconder.

– Só não quero ver-te na capa da *National Enquirer* como o namorado que raptou a Eddie Jacobs – concluí, sem grande convicção.

– Achas que o bom nome da família não está seguro comigo?

– Só quero que voltes para a escola e acabes o curso na primavera e tenhas as oportunidades que eu nunca tive.

– A minha mãe é a melhor criadora de maçãs e a melhor mulher de negócios do Estado – respondeu Davis, com voz rouca. – Conseguiu trazer de novo o nome da família para a ribalta apesar de toda a gente lhe ter dito que não conseguiria. O meu pai amava-a e acreditava nela e dedicou-se a ajudá-la a realizar os seus sonhos. – Davis parou, pigarreou e cravou em mim os olhos azuis do pai. – Seria uma honra viver a minha vida com tanto sucesso como tu ou ele. Porque vocês os dois me inspiraram, continuam a inspirar-me. Mas nas minhas condições.

Contive a vontade de chorar. Ao longo dos anos aprendera que as lágrimas só regavam o chão que as desejava.

– Muito bem, então diz-me o que vai acontecer agora.

– Os pais da Eddie vão mandar um familiar para a vir buscar. Não tenciono permiti-lo. Gostava de ter o teu apoio.

– Quem é esse homem misterioso?

– Chama-se Nicholas Jakobek. – Davis fez uma pausa. – E já matou um homem pela Eddie.

Capítulo 6

Nick

Tinha catorze anos em 1972, quando conheci o meu tio John Aleksandr Jacobs, o futuro presidente, no corredor sujo da morgue de um hospital na Cidade do México. A polícia tinha levado o corpo da minha mãe depois de ela morrer com uma *overdose* de heroína. Julia Margisia Jacobs era uma pessoa bonita e boa, mas frágil. Não sabia quem era o meu pai, apenas que devia ser um dos rapazes com quem namorara no primeiro ano na Universidade do Illinois. Margisia Jacobs – a primeira rapariga universitária na história dos Jacobs na América.

– Estavam todos tão orgulhosos de mim – gostava ela de me dizer, a chorar. – Até que caí em desgraça quando engravidei de ti.

Ela nunca compreendeu como isso soava aos meus ouvidos, aos ouvidos do seu filho. Costumava ficar acordado na cama e jurar que seria merecedor de cada golfada de ar que inspirava. Dizia a mim próprio que tinha de conquistar o direito de viver. Que, se a conseguisse salvar de mim, seria digno de amor. O diplomata mexicano e toxicodependente que era o mais recente namorado da minha mãe chamava-lhe *Margarita Sonhadora*. Ela contou-me que o irmão mais novo, Al, em Chicago, lhe chamava Margee. Quando morreu, eu já não lhe chamava nada. Magoava-me de mais chamar-lhe mãe. Ela abandonou esse papel assim que eu tive idade suficiente para cuidar de mim próprio. Pensava que continuava a cuidar de mim, nunca se apercebeu de que os papéis estavam invertidos. As drogas faziam-na pensar que detinha o controlo, mas eu sabia que não era verdade. Cuidei dela o melhor que consegui e que ela me deixou e nunca fiz nada para a magoar, mas também nunca mais lhe chamei mãe.

E, para o fim, ela deixou de reparar.

Nessa noite, no hospital, eu estava acorrentado a um banco metálico, com sangue nas mãos e nas roupas, os nós dos dedos inchados e feridos, de cabeça baixa. Olhei para o chão entre os meus ténis e tentei não pensar. O corredor estava vazio. A minha mãe era conhecida na sociedade como a amante americana e drogada do diplomata. E eu deixara-o bastante maltratado.

Ouvi passos no chão de azulejos mas não levantei logo a cabeça. Passara muitos anos na rua e conseguia avaliar a proximidade dos problemas pelo som, pelo cheiro, até pela sensação do ar, como um cão. Quando os sapatos de sola dura se aproximaram, tirei um picador de gelo da manga do casaco e, com a ponta afiada escondida na palma da mão, levantei a cabeça.

– Para trás – disse, em espanhol.

O tipo parou, tão surpreendido como eu devia estar. Percebi ao primeiro olhar, de forma instintiva, que ele estava aqui para me ver. Era um homem jovem, a meio da casa dos vinte, mas de ar muito sério. Tinha olhos e cabelo escuros, como eu e a minha mãe. Pela sua estatura, calculei que teria praticado pugilismo, ou futebol americano. As mãos eram grandes mas limpas, tal como as calças e a camisa, e trazia uma gravata vermelha larga, desapertada no colarinho. Tinha mais de um metro e oitenta – tão alto como eu, e eu ainda estava a crescer. O rosto parecia vulgar, inteligente e honesto. Esse pensamento surpreendeu-me. Honesto.

Enquanto o fitava, meio aturdido, ele aproximou-se e agachou-se a centímetros dos meus joelhos. Endireitei-me rapidamente e fechei os dedos sobre o punhal escondido. Quem era ele? Um encantador de serpentes?

– Já vi que tens problemas de audição – disse-lhe, em inglês.

– Oiço o que quero ouvir. Só uma coisa me interessa: encontrei-te, por fim. – Fez uma pausa e engoliu em seco. – E à tua mãe.

– Não te conheço.

– Mas eu acho que te conheço. És parecido com ela. Deves ser o Nick. Chamas-te Nicholas Jakobek. Jakobek é um velho nome de família. O nome que a família da tua mãe trouxe quando veio da Polónia para os Estados Unidos. – Não respondi. Não sabia o que dizer. A minha mãe e eu tínhamos mudado muitas vezes de casa. Tanto quanto eu sabia, não tinha outra família além dela. Usava o nome Jakobek porque ela gostava. Achava-o elegante e romântico.

– Para trás – repeti, mais alto, e levantei a mão, revelando o picador de gelo.

– Impressionante. Tive um desses quando era miúdo. – A voz do desconhecido era gentil. – O meu

pai encontrou-o na minha gaveta das meias. Deitou-o fora e fez-me limpar carcaças de frango durante um mês depois da escola, no talho dele. «Vá», disse-me, «seu idiota, queres fazer sangue? Corta a barriga dos frangos.» Ele parecia o John Wayne. Adorava-o, mas metia-me um medo de morte. – O desconhecido fez uma pausa. – Nunca superou o desaparecimento da tua mãe. Morreu novo.

Respirei fundo. Doíam-me as costelas. Não podia chorar à frente dele.

– Quem diabo és tu?

Ele hesitou. Voltou a engolir em seco.

– Sou o irmão mais novo da Margee Jacobs. O teu tio Al.



Al Jacobs podia parecer muito americano e íntegro, mas não hesitou em subornar um polícia para me libertar das algemas. Entrei na morgue e esperei, de pé, enquanto um funcionário de ar entediado trazia a maca com o corpo da minha mãe tapado com um lençol. Quando o funcionário fez menção de afastar o lençol, disse-lhe, em espanhol:

– Não lhe toque.

Ele olhou para Al, que, num espanhol atrapalhado mas esforçado, disse:

– Faça o que o meu sobrinho está a pedir, por favor.

O homem levantou as mãos e afastou-se.

Fiquei parado ao lado da maca, com os punhos fechados encostados às pernas, desafiando quem quer que fosse a tocar na minha mãe, desafiando-a a continuar morta e a fazer-me sentir como se tivesse sido esventrado. Desafiando-a a deixar-me com este irmão, este tio que aparecera ao fim de tantos anos.

– Nick, dás-me permissão para ver a cara dela? – As palavras chegaram até mim através de um longo túnel escuro. Este tio recém-descoberto estava a falar comigo em voz baixa e rouca. Estávamos sozinhos na morgue, as únicas duas criaturas vivas. A minha mãe falara-me um pouco sobre o irmão, quando estava sóbria. Ele ainda era pequeno quando ela fugira de Chicago, mas os dois eram chegados. Ela amava-o.

– Nick, tu é que decides – continuou ele. Falou comigo em tom respeitoso. Pediu a minha permissão.

– Ela nunca te esqueceu – disse-lhe. – Podes olhar para ela. – Dirigi-me à parede e agachei-me com as costas contra os azulejos frios.

Ouvi o lençol a ser afastado e depois os soluços baixos do meu tio, a chorar sobre o corpo inchado da irmã. Não levantei a cabeça, olhei para o chão e passei as costas das mãos ensanguentadas pelos olhos. Passado algum tempo, ele calou-se. Ouvi os seus passos. Ajoelhou-se ao meu lado e olhámos os dois para o chão, em silêncio. Por fim, ele falou.

– Sei que pensas que não tens família, mas tens. Quero que venhas viver comigo em Chicago.

Queria dizer-lhe que era um hipócrita e que não precisava da sua caridade. Devia ter-lhe dito que não sabia como viver entre pessoas como ele, e que a família devia ter feito alguma coisa para levar a minha mãe a fugir quando estava grávida de mim. Uma vez que ele fora ingénuo o suficiente para me libertar das garras da polícia, podia sair do hospital quando quisesse e desaparecer na noite mexicana. Nunca mais me encontrariam, se eu não quisesse ser encontrado. A ameaça formou-se na minha língua como sangue e abri a boca para a proferir.

Nessa altura, ele estendeu a mão direita e mostrou-me o meu picador de gelo.

– Não me subestimes – disse –, e eu não te subestimarei. Tens uma hipótese de escapar à prisão no México. Para eles, não importa que tenhas apenas catorze anos. Nem sequer penses em fugir, ou serás preso. Fecha a boca e segue-me. Vou levar-te de novo para a América. Vamos para casa. Para Chicago. É isso ou uma prisão mexicana. Escolhe.

Engoli o orgulho, aceitei a arma que ele me devolvia, escondi-a no bolso das calças, levantei-me e aproximei-me do corpo da minha mãe. Cobri-lhe o rosto cuidadosamente, entalando o lençol à volta do cabelo escuro e morto, tocando-lhe com as pontas dos dedos uma vez mais, murmurando-lhe, sem palavras:

«Queria salvar o mundo por ti mas não consegui.»

– Tenho de te dizer uma coisa em relação à minha mulher, a Edwina – disse Al, quando entrámos pela primeira vez no grande edifício onde ele morava na baixa de Chicago, num dia de neve. – Ela é um bocadinho obcecada com as aparências.

– Sim, eu também – resmunguei. Passámos por um porteiro que olhou para mim de lado enquanto entrávamos no elevador. Eu trazia um saco de lona com tudo o que possuía neste mundo. Não era muito, e incluía um par de crânios de coiote que eu guardava como talismãs contra a solidão. Não precisava de olhar para o espelho para saber que era um rapaz alto e magro e vulgar aos catorze anos de idade, com manchas de acne nas bochechas, nariz torto e silêncios tão profundos que as pessoas presumiam que eu não sabia falar. Al, por outro lado, era um cidadão sólido e impecável. Falava constantemente e trazia um saco de viagem de pele com as iniciais bordadas de lado. O elevador começou a subir.

– O que querias dizer em relação à tua mulher? – perguntei, por fim. Ele apontou para o saco. – Este foi o meu presente quando fiz vinte e seis anos. Foi a Edwina que mo deu, o ano passado. Custou mil dólares. Comprou outro igual para ela. Eu disse-lhe: «Querida, somos advogados novatos no gabinete do promotor público. Ainda pensam que estamos a aceitar subornos da máfia.» E ela respondeu: «Querido, nenhum mafioso podia dar-se ao luxo de pagar a qualidade desta pele.» A família dela é rica. Os Habersham. Os Habersham de Maryland. Estão no negócio dos transportes. – Sorriu por baixo dos olhos escuros e cansados. Sim, tínhamos sem dúvida os mesmos olhos. – O primeiro Habersham chegou a este país no *Mayflower*. Eram muito, muito ingleses. A Edwina é descendente de uma duquesa.

Não percebi por que motivo estava a contar-me aquilo. Apesar do meu ar de indiferença estudado, Al conseguia cativar-me e obrigava-me a ouvir.

– O *Mayflower* – repetiu.

Encolhi os ombros.

– E os Jacobs? Como é que a nossa família veio da Polónia?

– Num barco a vapor, em 1902, encafuados um convés abaixo das cabras e das galinhas. Acho que o nosso antepassado mais famoso foi um pedreiro chamado Ludvig.

– Então porque é que a Edwina casou contigo?

– Porque acha que eu sou brilhante e honrado e especial, e que vamos salvar o mundo juntos. Consegui mesmo enganá-la, não achas?

Salvar o mundo. Certo. Subornar polícias mexicanos para me salvar era uma coisa. Mas salvar o mundo? Não. Ele era demasiado mole para isso. Esse trabalho era para mim.

– Bem, em relação à Edwina – continuou ele. Enquanto o elevador subia contou-me que se tinham conhecido na faculdade de Direito. Na turma que concluiu o curso em 1970 havia apenas cinco mulheres. Al era o único tipo que levava Edwina Habersham a sério e que não se sentia ameaçado por ela. Edwina era rica e franca e inteligente, e acabou o curso entre os melhores da turma. Al estava «entre os mais baixos do meio», explicou, diplomaticamente. Quando um dos professores chamou a Edwina uma lésbica machona, Al ameaçou-o com um soco. Edwina defendeu Al perante o conselho diretivo da escola e venceu o caso.

– Saímos juntos pela primeira vez nessa noite – contou Al. – Foi amor à primeira defesa.

De súbito, chegámos à porta do apartamento e fui acometido de um pânico irracional. Pensei em empurrar Al para o lado e correr para a escada de emergência. Ele tinha apenas vinte e seis anos de idade – como podia levá-lo a sério no papel de tio? E esta Edwina parecia uma carga de trabalhos.

– O que é que ela disse quando lhe falaste de mim? – perguntei, abruptamente. – Deixa-me adivinhar. Disse que não queria um sobrinho vadio a empestar-lhe a vida.

Al segurou-me no ombro. Estaquei, surpreendido. Os olhos dele trespassaram os meus. Conseguira finalmente irritá-lo.

– Estás a pensar assaltar-nos?

– Claro que não.

– Recusares-te a tomar banho?

– O quê?

– Matares-nos enquanto dormimos?

Afastei-lhe a mão. Estava furioso.

– Vai à merda! Não! É isso que pensas de mim? Posso não ser um menino da universidade como tu, mas tenho a minha honra…

– Calma, Nick. Estou só a fazer perguntas. Se não tencionas causar-nos problemas, porque não havemos de ficar contentes com a tua presença?

– Eu… o quê? Estás a tentar confundir-me! Olha, tudo o que posso dar-te é a minha palavra. É pegar ou largar.

– Muito bem, aceito-a. Tenho a tua palavra de que és honesto e digno de confiança. Então por que raio estás a gritar comigo?

Olhei para ele, desconfiado.

– Porque estás a fazer joguinhos mentais comigo, e és bom nisso.

– Estou contente por estares aqui. Estou a ser sincero.

– Bom, está bem. Quando mudares de ideias, vou à minha vida.

– Não mudarei de ideias. Terás de ficar e tentar provar que eu estava errado, não é?

Não sabia o que responder. Atrapalhado, desloquei o peso de um pé para o outro.

– E a Edwina? Não acredito que a tua mulherzinha elegante me queira aqui. É só isso que estou a dizer.

– Não a conheces. Só tens de ser honesto com ela também. Não sujares as mãos, teres a mente aberta e não dizeres asneiras em voz alta a menos que queiras ouvir como ela responde.

Olhei para ele. Al abriu a porta do apartamento e disse:

– Querida, chegámos.

Entrei atrás dele numa sala luxuosa, com tapetes orientais e estantes carregadas de livros, mobílias com frisos dourados e quadros de mulheres europeias seminuas rodeadas de querubins. No centro dessa sala estava Edwina Habersham Jacobs, baixinha e rechonchuda e com cabelo de um loiro atrevido, a olhar para mim com olhos semicerrados, como um gato persa a estudar um pássaro. Vestia um fato branco, com calças à boca de sino, e tinha um cinto dourado à volta das ancas. Tive de admirar uma mulher suficientemente ousada para realçar a largura das ancas. Ao mesmo tempo, encolhi-me ainda mais dentro de mim próprio, certo de que não podia esperar outra coisa dela senão frieza. Quantas raparigas ricas convidavam o sobrinho do marido para ir viver com eles?

– Bem-vindos! – Beijou Al rapidamente e depois analisou-me. – Bom trabalho. Vejo que conseguiste convencer o bandido armado a juntar-se ao nosso pequeno gangue. Estou orgulhosa de ti.

– Ele defendeu-se bem, mas não desisti. – Al segurou-me no braço. Eu estava demasiado surpreendido para o afastar. A minha vinda para cá também fora ideia da mulher dele? – Edwina, apresento-te o meu sobrinho, o senhor Nicholas Jakobek. Nick, apresento-te a minha mulher, Edwina Habersham Jacobs. Muito bem, estão devidamente apresentados. Agora, ao ataque. – Recuou. Eu estendi a mão. Edwina fechou os dedos delicados mas fortes sobre os meus, com a força de um camionista, enquanto continuava a dissecar-me com olhar calmo.

– Nicholas – disse, em tom firme.

– Edwina – respondi. Indiquei os quadros de querubins com um aceno. – Von Hosterlitz, não é?

– Ora, é mesmo.

Tirei do ombro um estojo comprido e estreito e larguei-o em cima do saco do lona. Ela olhou para baixo.

– A tua faca de mato?

– A minha flauta.

Todo o ar do apartamento pareceu desaparecer, sugado por aquele nariz delicado. Al levou a mão à boca e tossiu. Edwina inspecionou-me desde a biqueira das velhas botas de *cowboy* até ao cabelo cortado em casa, que usava comprido, a tocar nos ombros. De súbito, estendeu o braço, pegou numa das minhas mãos feridas, virou-a e examinou as marcas da luta.

– És esperto de mais para seres tão estúpido. Temos de te ensinar formas melhores de lutar por aquilo em que acreditas.

– Há pessoas que só compreendem uma coisa. – Levantei o punho inchado.

Ela e Al trocaram um olhar que dizia que eu era matéria-prima com uma filosofia mais entranhada do que esperavam.

– Esse debate fica para outra noite – sugeriu Al.

Edwina conduziu-me a um quarto cheio de folhos, aparentemente indicado apenas para raparigas.

– Normalmente a minha mãe e as minhas irmãs é que ficam aqui quando me visitam. Mas agora é teu. Vamos mudar a decoração assim que for possível. – Apontou para o meu saco de lona. – Tens alguma coisa que queiras pôr já na parede, para o quarto ficar menos feminino?

– Crânios.

Edwina não se atrapalhou.

– Humanos?

– De coiote. Encontrei-os no deserto.

– Oh, ótimo. Eu digo ao decorador para seguir um tema *western*. Ou talvez «sacrifício pagão».

Embaraçado, não respondi. Atrás de mim, Al fungou e, por fim, desatou a rir.

– Por amor de Deus, não acredito em vocês os dois. Desculpa. Desculpa, Nick, isto não é apropriado. – O riso transformou-se num gemido angustiado. – Lamento muito. Meu Deus, lamento muito o que aconteceu à tua mãe. A minha irmã. Margee. Lamento muito. Margee. Sacrifício. Foi isso que ela foi. Um sacrifício aos seus próprios impulsos destrutivos e a estigmas sociais que não fazem qualquer sentido. – Escondeu o rosto nas mãos. – Se eu a tivesse encontrado mais cedo… Nick, desculpa. Precisavas de ajuda com ela e não a tiveste. Estou contente por estares aqui, mas triste por ela não estar. – Edwina aproximou-se dele e abraçou-o. Al apertou-a contra si e ficaram agarrados um ao outro. Eu era apenas um desconhecido que não conseguia chorar, não conseguia pedir ajuda, não sabia como o fazer. Fiquei a olhar, fora daquele círculo de conforto, com alguma inveja.

– Anda cá – ordenou Al subitamente. Limpou o rosto e estendeu-me o braço. Não tive tempo de recuar. Abraçou-me com um braço, mantendo o outro à volta de Edwina. – Se alguém merece compaixão és tu, Nick, não eu.

– Não quero compaixão de ninguém – resmunguei, com a voz embargada. Mas não me afastei.

Al apertou-me com mais força e olhou para Edwina.

– Diz ao Nick como são as coisas cá em casa e como queremos que o mundo seja.

Ela assentiu com um aceno.

– Um por todos e todos por um. Tão simples como isso, Nicholas.

A bênção, as regras, as expectativas. Se queria ficar, tinha de fazer a minha parte.

Encolhi os ombros.

– Se isso vos deixa mais contentes, posso pôr os crânios de coiote numa gaveta.

Ela sorriu.

– Podes ter a certeza disso.



Al e Edwina apresentaram-me à família de Edwina, os Habersham.

– Chamemos-lhe as audições preliminares para a tua estreia na sociedade – disse Edwina em tom irónico. – Por outras palavras, se vais ser um imbecil, o Al quer que pratiques a imbecilidade primeiro com a minha família.

Apanhámos um avião para Maryland. Al comprou-me um fato. Eu despi-o na casa de banho do aeroporto e substituí-o por calças de ganga e um blusão de ganga desbotado e gasto com a palavra «Diablo» estampada no ombro. Al fitou-me com expressão dura mas esforçou-se por sorrir.

– Não há problema. Acredito firmemente em ir contra as tradições e celebrar o nosso estilo pessoal.

Edwina, contudo, não me deu hipótese.

– Deves-nos duzentos dólares pelo fato.

– Como se o dinheiro te fizesse falta. Não pedi que me comprassem um fato. Não o queria. Não é o meu estilo. Não quero vestir-me bem só para o Al não ter vergonha de mim.

– Ouve, Diablo, vamos lá esclarecer os aspetos básicos da dinâmica familiar. O Al comprou-te o fato porque achou que te sentirias mais confortável com ele. Fê-lo por ti, está bem? Não por ele.

Fiquei sem saber o que responder, por isso fingi que não queria saber.

Na verdade, os Habersham não eram complicados. Olharam para mim como se fosse um bocado de sujidade na sua roupa interior de seda e continuaram a beber os *martinis*. Pelo menos, foi o que me pareceu na altura. Fui um imbecil, e esforcei-me por parecer um durão, chegando a falar com um leve sotaque latino, o que só me fez parecer um ator de terceira categoria num filme de série B.

Edwina bebeu dois *gins* tónicos no voo de regresso a Chicago, e até chupou o *gin* das azeitonas.

– Acho que correu bem.

Al olhou para a janela e não disse nada.

Senti-me mal, claro, mas nunca o admitiria.

A seguir foi a vez da família Jacobs. Al elogiou-me perante eles como se eu fosse um tesouro que tinha encontrado no sótão. Que lata. A maior parte dos Jacobs eram tipos da classe média típicos do Midwest, gente terra a terra, muito conservadores ou muito católicos ou ambas as coisas, e rapidamente percebi que Al era a ovelha negra. Quero dizer com isto que não era conservador. Nem particularmente religioso, pelo menos de forma pública. Tive de dar crédito a Al por se ter aguentado de cara séria, ao meu lado, no átrio do hotel da baixa onde teve lugar a minha chamada festa de receção. Al e o Diablo.

Desta vez, contudo, vesti o fato. Edwina obrigou-me. Não serviu de muito.

Metade dos Jacobs parecia ter medo de mim; a outra metade chorou e rezou e agradeceu a vários santos por terem ajudado Al a encontrar-me. Nem uns nem outros me conquistaram. Contudo, mantive a boca fechada e não estraguei a festa de Al com a única pergunta que queria fazer: *Porque é que nenhum de vocês ajudou a minha mãe?*

Finalmente, uma velhota de costas curvadas, com uma gabardina preta e um chapéu com flores, encurralou-me a um canto.

– Odeias-nos a todos. Tens medo de nós – murmurou ela, num forte sotaque polaco. – Não me mintas, que eu vejo que é verdade.

Depois de pesar as minhas opções por um instante, assenti com um aceno. Ela segurou-me nos dedos, com as mãos retorcidas e de veias azuis salientes, e colocou-me um rosário preto nas palmas das mãos.

– Trouxe este rosário do nosso país. Pertenceu à minha mãe, e à mãe dela. Nele se encontram as orações da família. Tem *fé* na nossa família… na *tua* família – murmurou –, e quando tiveres coragem para ouvir a verdade sobre a tua pobre mãe, pergunta-me. Não perguntes aos outros. Eu sou a única que sabe.

Era a minha tia-avó Sophie, a última dos Jakobek ainda nascida na Polónia.

Ela tinha razão. Fiquei tão aturdido que não tive coragem para lhe perguntar mais na altura.

E, quanto mais pensava nisso, menos coragem tinha.

A arrogância nobre é um osso duro de roer.



Al era do tipo calado e sério, mas Edwina era o oposto. Afetada, vaidosa e convencida. Mas sem falsidades nem segundas intenções. Gritava comigo em latim, até eu aprender latim suficiente para lhe responder à letra. Arrastava-me consigo para o tribunal para me manter debaixo de olho, pelo que passei os primeiros meses da minha vida em Chicago a vê-los trabalhar, a ela e a Al. Eles tinham uma missão. Defendiam ideais importantes – verdade, justiça, o modo de vida americano, o que quer que isso significasse nas trincheiras da vida real.

Têm de imaginar Edwina em tribunal, vestida com os seus casacos formais, com grandes lenços ao pescoço e aquelas saias por baixo do joelho que as mulheres usavam nos anos setenta. Parecia uma bibliotecária loira e feroz. Mas era fantástica. Lançava golpes legais complexos com o seu sotaque sofisticado de Maryland, tão depressa que as pessoas nem percebiam o que as atingira. Eu adorava ver os acusados durões olharem para ela de boca aberta. Os idiotas não tinham qualquer hipótese. Al era igualmente impressionante, à sua maneira. Transformava as suas intervenções em discursos em defesa da humanidade. No final do julgamento, os jurados podiam não ter a certeza se Lonnie o Agiota merecia dez anos por ter partido os joelhos a um homem, mas sabiam com certeza absoluta que todos os americanos tinham direito constitucional à vida, à liberdade e a um par de pernas com as articulações intactas.

Todas as noites, depois de jantar, sentava-me com Al e Edwina à mesa de jantar dourada, onde eles debatiam os casos que venciam e perdiam.

– O que achas, Nick? – perguntavam-me sempre, e, por fim, comecei a dizer-lhes, o mais delicadamente que conseguia, que eles eram ingénuos e não imaginavam como a maioria das pessoas era má. A maioria das pessoas, disse-lhes, merece pior do que aquilo que tem.

– O Nicholas é um juiz de enforcamentos – gostava Edwina de dizer. Achava uma certa graça à minha filosofia «olho por olho».

Al, contudo, não achava graça nenhuma.

– A civilização baseia-se em padrões mais elevados do que a vingança. As pessoas de boa consciência têm de *manter* esses padrões, mesmo quando as suas emoções lhes dizem outra coisa. Mesmo quando o objeto da consideração ética não o merece. A sociedade, no seu todo, merece melhor do que os nossos instintos mais básicos.

A isto, a minha resposta básica era sempre:

– Há filhos da mãe que são maus e têm de morrer.

Isto lançava Al numa cruzada para convencer a minha consciência superior do contrário, acompanhada por muitos murros na mesa. Eu deixava-o falar. Tínhamos crescido em lados diferentes do esgoto que corre através da vida das pessoas. Nunca lhe dizia que não, mas as minhas motivações resumiam-se sempre a um simples desgosto.

Se eu tivesse matado todos os homens que transformaram a minha mãe numa prostituta drogada, talvez ela ainda estivesse viva.

Al e Edwina acreditavam no *sistema* – esse *sistema* vago pelo qual as pessoas concordam em tudo o que é bom e sagrado. Acreditavam um no outro e até acreditavam em mim, apesar de eu não lhes facilitar a vida.

Um dia, estava sentado ao fundo de uma sala de audiências quase vazia, a ver Edwina tentar convencer o júri a condenar um falhado qualquer cuja ideia de diversão era dar uns sopapos à mulher. Edwina estava a fazer um dos seus discursos feministas. Atrás de mim, ouvi um tipo resmungar entre dentes:

– Sim, blá blá blá. O maricas do teu marido precisa é de te dar umas palmadas no rabo.

Virei-me e olhei para o imbecil gordo, que estava a escrevinhar num bloco de repórter. Ele sentiu o meu olhar e ergueu o rosto com ar seboso.

– Há problema?

– Está a falar dos meus tios.

– Sim? Isso quer dizer que és o sobrinho bastardo do Al Jacobs. – Sorriu. – Já ouvi falar de ti. O segredinho feio da família do Al Íntegro. A tua mãe bateu a bota no México com uma agulha espetada no braço e as pernas enroladas à cintura de um mexicano rico qualquer, não foi?

Dei-lhe um soco na boca sem aviso prévio. O sangue brotou-lhe entre os dentes e um incisivo da frente soltou-se da gengiva e caiu. Ele revirou os olhos e tombou para a frente com força suficiente para bater com a testa com estrondo nas costas do banco onde eu estava sentado. Edwina, o juiz, os jurados, os funcionários, o réu, o advogado deste e a sua mulher espancada correram para nós. Ninguém sabia bem o que tinha acontecido.

– É o Haywood Kenney – murmurou um dos jurados. – Um repórter do *Tribune*. Se calhar está morto.

– Espero que sim – murmurou outro. – Vive no meu prédio. É um autêntico filho da mãe.

Haywood Kenney estava tombado para o lado, com a cabeça encostada a um senhor negro de idade que tivera o azar de estar sentado junto dele. O velho empurrou Kenney.

– Branquelas venenoso – cuspiu entre dentes.

– O que aconteceu aqui? – quis saber o juiz, enquanto dava um toque em Kenney com o martelo de madeira. – Kenney, não suje o meu tribunal de sangue. – Pelos vistos, também não gostava do repórter.

Olhei para o rosto preocupado de Edwina e abri a boca para admitir que tinha dado um murro no imbecil, quando o velhote me cortou a palavra.

– O tipo desmaiou, meritíssimo. Vi tudo. Perdeu os sentidos, caiu para a frente e bateu com a boca no banco. Este jovem tentou segurá-lo, mas já não foi a tempo.

O juiz olhou para mim, para o velhote e para Kenney com expressão arguta.

– Parece-me uma explicação razoável – declarou, por fim. – Não há membro da comunicação social mais merecedor de tal coisa do que este. – Edwina acenou em concordância.

– Silêncio – ordenou o juiz. – Alguém que veja se ele está vivo.

Edwina encostou as pontas dos dedos à garganta do repórter.

– Vai sobreviver – anunciou.

– É pena – disse o homem de idade.

Quando Kenney recuperou a consciência olhou durante alguns segundos, meio aturdido, para os rostos pouco amistosos do juiz, dos funcionários, do velho obstinado, de Edwina e de mim, apanhou o dente do chão e fechou a boca ensanguentada. Mas um dia, pouco tempo depois, ao passar por mim e por Edwina num corredor do tribunal, ameaçou:

– Deem-me tempo. Hei de apanhar-vos aos dois, e a esse sobrinho indigente e bastardo também.

Edwina levantou uma sobrancelha.

– Oh, acho-o tão assustador como a Bruxa Má do Oeste. «Hei de apanhar-te, Dorothy, a ti e ao teu cãozinho.» Seja como for, não imagino o que quer dizer com isso, senhor Kenney, mas para a próxima precisará de mais do que um dente arranjado. – Depois, puxando-me pelo braço como um pequeno trator loiro, afastou-se.

– Acho que está na altura de insistirmos em canalizar essa tua energia para fora da sala de audiências – declarou Al. – A Edwina sabe tomar conta de si própria e tu precisas de algo mais construtivo para fazer do que esmurrar repórteres. Há demasiados Haywood Kenney no mundo para te dedicares à missão de tratar dos dentes de todos. – Disse tudo isto com um braço sobre os meus ombros, e depois acrescentou: – Portanto, meu rapaz, está na altura de te encarcerarmos. Na escola.

Eu não conseguia aguentar tal coisa – nunca tinha estado numa escola a sério mais do que alguns meses, aqui e ali, e tudo antes de a minha mãe e eu nos termos mudado para o México.

– Vou largar esta espelunca – disse a mim próprio ao fim de uma semana. Apanhei um autocarro para o lado sul da cidade, menti em relação à idade e arranjei emprego a esfolar novilhos numa fábrica de processamento de carne. Quando Al descobriu, ficou furioso.

– Mentiste-me. Nunca mais me mintas. Desculpa, mas tens de ir para a escola.

– Não preciso de me sentar numa sala a ouvir professores que nunca estiveram em lado nenhum e nunca fizeram nada senão cuidar das suas merdas. Não podes transformar-me num macaco enjaulado.

– Antes de essa arrogância dominar por completo a tua visão da vida, Senhor Macaco, pelo menos faz alguns testes para sabermos se consegues contar as tuas bananas.

– Veremos.

Fiz a porcaria dos testes. Eles não sabiam que a minha mãe, quando estava sóbria, me mantinha na companhia de pessoas inteligentes e cultas e que me instigara a aprender com eles. Além disso, eu gostava de ler. E tivera um bom número de mulheres prestáveis como tutoras, embora não tencionasse falar nelas a Al e Edwina. Uma professora de Matemática ensinara-me álgebra e trigonometria antes de me levar para a cama. Eu tinha doze anos quando ela fez de mim um homem, por assim dizer. Podem ter a certeza de que sabia muito bem resolver equações na cama. Há aulas que nunca esquecemos.

Assim, fiz os testes e toda a gente ficou muito espantada. Estava ao nível universitário, sobretudo a Matemática.

– O nosso macaquinho adolescente tem bom cérebro – brincou Edwina a Al, espetando o dedo em mim enquanto falava, como se quisesse ver se eu tinha pelo de macaco debaixo da camisola. Depois virou-se para mim. – Muito bem, então o que queres ser quando fores grande, macaquinho?

– Não faço a mínima ideia.

– E não é a esfolar vacas que vais descobrir.

– Não sou como tu e o Al. Não sei salvar o mundo como vocês fazem na procuradoria pública.

– Nem sequer sabes salvar as *vacas*.

Era verdade, mas consegui o diploma da escola secundária sem precisar de me sentar numa única sala de aula, e recusei-me a ouvir quando tentaram convencer-me a dar uma vista de olhos a universidades. Continuei a trabalhar na fábrica de carne, poupei dinheiro, insisti em pagar renda a Al e Edwina e, apesar de isso os irritar, acabei por conquistar o respeito deles, tal como tinham conquistado o meu. Vivia uma vida reservada, entre o círculo vasto de amigos cultos e interesses

sofisticados de Al e Edwina e o mundo sombrio e sanguinolento da fábrica de processamento de carne, onde até os filhos da mãe mais problemáticos me deixavam em paz depois de eu lhes ter tirado alguns dentes.

Ele é um rapaz violento e isolado e sempre vai ser, diziam as pessoas a Al. *Ainda se vai arrepender deste gesto de caridade.*

Porque continuas a guardar esses crânios de coiote horríveis na gaveta? perguntavam-me, nervosas, as irmãs elegantes de Edwina. Edwina mostrara-lhes os crânios sem me pedir autorização. Na altura, pareceu-me uma grave violação da confiança que depositava nela.

Porque são a única família em que posso realmente confiar, respondia eu.

Aos dezassete anos continuava a trabalhar na fábrica, sem grandes planos e sem saber como havia de decidir o que queria ser, quem queria ser. Al e Edwina quase tinham desistido de tentar suavizar-me, ou refinar-me, ou convencer-me de que conseguiria aprender o segredo para a paz de espírito numa sala de aulas universitária. Tinha poupado bastante dinheiro mas sem qualquer outro objetivo além de comprar uma flauta nova e uma câmara de 35mm com equipamento para revelação. Tirava fotografias a prédios, a carcaças de bovinos, a raparigas bonitas e a homens na fábrica que ameaçavam cortar-me os tomates se *disparasse mais uma vez a merda da máquina*, o que trazia ao meu passatempo um lado perigoso que me agradava.

Porém, no fundo, odiava-me a mim próprio e odiava o vazio escuro de incerteza que não me deixava perceber onde era o meu lugar. Tencionava salvar o mundo em homenagem à minha mãe? Mas como? Quando? Menosprezara as sugestões melodramáticas da tia-avó Sophie mas, no fundo, queria saber.

Foi então que recebemos um telefonema.

Sophie estava às portas da morte e queria falar comigo.

E eu fui.

Sentei-me ao lado da cama dela, enquanto uma sobrinha-neta de ar preocupado olhava para mim e para o rosto enrugado de Sophie. Como se achasse que eu ia fazer mal à velhota.

Finalmente, Sophie olhou para ela com o seu ar mais altivo.

– Sai do quarto, estás a aborrecer-me – ordenou. – Achas que o Nicholas me assusta, é? Não sejas parva.

A sobrinha-neta suspirou, saiu e fechou a porta.

Sophie e eu olhámos um para o outro durante um minuto.

– Obrigado – agradeci, em tom mal-humorado.

– Tens o meu rosário pendurado no espelho do teu quarto. Perguntei ao Aleksandr. Foi ele que me disse.

Apertei as mãos nos joelhos.

– Disse-me para ter fé na nossa família. Há três anos que tento, mas ainda não me integrei.

– Mas *queres* integrar-te. És leal ao Aleksandr e à Edwina. Toda a gente vê.

Encolhi os ombros.

– Eles aturam-me. E eu aturo-os.

– Não chega. Faz a pergunta que mais temes. Abre o coração.

– O que aconteceu realmente para a minha mãe se ir embora?

Sophie levantou a pequena mão mirrada com algum esforço e pousou-a sobre a minha.

– A tua mãe e o Aleksandr foram criados pelo pai, que adoravam. Mas ele era um homem muito severo.

Assenti com um aceno.

– O Al falou-me muito sobre ele. – O meu avô tinha morrido anos antes de Al me encontrar. Al dizia que ele fora um grande homem. Tinha o retrato dele na parede da sala e afirmava que o velho tinha a coragem das suas convicções.

– Todos tentaram encontrá-la quando ela fugiu – continuou Sophie. – Os primos, o pobre Aleksandr, que estava muito preocupado, e o resto da família. Procuraram durante anos. Ninguém conseguia perceber por que diabo ela achara que a sua única opção era fugir e não voltar para casa

com o bebé. As pessoas boas perdoam facilmente esse tipo de pecados. E nós *somos* pessoas boas. A Margisia era uma jovem amada. Porque fugiu ela? Ninguém percebia.

– A minha mãe só me disse que não podia voltar. Que engravidara sem ter um marido e que sabia que ninguém a queria de volta.

– Pobre Margisia. – Sophie fez uma pausa, para recuperar as forças. – Ninguém sabe aquilo que te vou dizer, ninguém além de mim. Cabe-te a ti decidir se queres contar ao Aleksandr e aos outros. Sei que partiria o coração do Aleksandr. E sei que o que tenho de dizer também te vai magoar, mas sofrerás muito mais se continuares a culpar a família pela infelicidade dela.

– Diga-me – pedi.

Sophie fechou os olhos e depois abriu-os e fitou-me com expressão triste mas resoluta.

– O pai dela disse-lhe que só podia voltar para casa se desse o bebé. Chamou-lhe nomes. Disse-lhe que tinha dado cabo da vida. Que lhe tinha partido o coração e que nunca lhe perdoaria. Disse-lhe que preferia tirar-lhe o bebé e atirá-lo ao rio do que criar um bastardo debaixo do seu teto. Disse-lhe que se ela não se livrasse do bebé, tinha de se ir embora e nunca mais voltar para casa. Eu sei. Estava presente quando ele lhe disse todas estas palavras terríveis.

Durante muito tempo, fiquei sentado, de cabeça baixa. Não disse nada, não queria *sentir* nada, porque nesse momento percebi o que a minha mãe tinha sacrificado para ficar comigo, embora tivesse sido tão má a gerir tudo o resto. De certa forma, eu fora um bebé abandonado, e isso magoava-me o suficiente para querer fazer justiça à verdade. Quando olhei de novo para Sophie ela estava um pouco ofegante mas observava-me com olhar perspicaz.

– Depois de a tua mãe desaparecer, o teu avô nunca mais pronunciou o nome dela. Foram estas mágoas que o mataram. Ninguém sabe porque morreu com o coração partido, a não ser eu.

– Toda a gente nesta família honra a memória dele. E o Al acha que ele era um santo.

– Sim. Agora, é contigo se queres contar a verdade ao Aleksandr, ou se precisas mesmo de lhe contar seja o que for. Mas chega de ressentimento e rancor contra esta *família*, está bem?

Levantei-me e inclinei-me como se me estivesse a curvar perante ela, com a sua mão frágil como uma ave na minha.

– Tia-avó Sophie – disse-lhe, simplesmente –, confio em si.

Os olhos dela brilharam.

Nunca contei a Al o que o seu pai fez à minha mãe e, por consequência, a mim. Não precisava de o fazer. Não queria fazê-lo. Não magoamos as pessoas que amamos.

Agora, eu tinha uma família.

Não me transformei depois da confissão de Sophie, mas comecei a sentir que talvez houvesse um bom motivo para ter sido salvo por Al, e queria deixá-lo orgulhoso de mim, a ele e aos outros Jacobs. Quando fiz dezoito anos, dei por mim em frente de uma montra na baixa da cidade, a olhar para um cartaz de recrutamento do exército, como se tivesse sido atingido por um relâmpago. A guerra do Vietname terminara, mas deixara um sabor amargo na boca do público. O exército parecia sinistro. As pessoas diziam que os generais eram todos mentirosos, como Nixon, e uma carreira militar parecia um disparate. Al prestara serviço na Guarda Nacional durante a universidade e debatera-se com o seu ódio pela máquina bélica, contra o facto de dois dos seus primos preferidos terem morrido ao serviço dos fuzileiros e ele não.

– Os soldados não têm culpa de que os malditos políticos e generais os mandem matar e morrer sem razão – gritava, talvez motivado pelo sentimento de culpa.

Eu tinha uma visão mais simples das coisas.

Um jovem boina verde de maxilar quadrado olhava para mim na fotografia do cartaz. Vestia uniforme completo, incluindo espada. O *slogan* por baixo dizia *Podes ser um soldado das Forças Especiais. De Oppresso Liber. Libertar os oprimidos.* Senti um arrepio na espinha. Podia ser um soldado. Podia ser um guerreiro. Um samurai. Um cavaleiro de armadura reluzente. Libertaria os oprimidos. E ninguém poderia perguntar-me como me sentia em relação fosse ao que fosse, ou dizer-me que devia aprender a integrar-me no mundo normal. Os boinas verdes não tinham de se sentir de determinada forma, nem de se integrar. Eram diferentes por definição. Só tinham de fazer

o seu trabalho.

O trabalho de salvar o mundo.

Entrei no gabinete de recrutamento e alistei-me no exército.

– Finalmente tenho uma missão – disse a Al e Edwina nessa noite. – Vou ser um boina verde.

– É o melhor que consegues fazer? – gritou Edwina. – A tua aspiração é viajar para lugares exóticos e matar pessoas exóticas? – Depois desatou a chorar. Nos quatro anos em que vivia com eles, nunca a tinha visto chorar. Edwina deixara o gabinete do promotor público para trabalhar com um grupo de defesa das liberdades civis. Ganhara nome na política metropolitana. E Al também. Vencera a eleição para juiz do tribunal estadual. Juiz Al, como eu lhe chamava, às vezes.

– Tens bom coração mas uma péssima filosofia de vida – lamentou-se ela –, e o exército vai transformar-te numa pessoa que não reconheceremos.

Al reagiu de forma mais lógica, mas estava igualmente perturbado.

– Eu respeito as forças armadas, Nick, mas neste momento não confio nos homens que as lideram. O exército não é o modo de vida nobre que tu pensas que é. Além disso, odeias regras, odeias viver de acordo com a mentalidade obediente dos outros. Por que diabo queres fazer parte da instituição mais regimentada, anacrónica, fria e idiota que a humanidade alguma vez criou?

O que quer que eu dissesse, não faria qualquer diferença. Arrumei as minhas coisas no velho saco de lona e saí a meio da noite, quando eles estavam a dormir. Deixei um bilhete para Edwina:

Podes deitar fora os crânios de coiote, se quiseres.

Uma semana depois de ter começado a recruta, recebi uma encomenda dela e de Al. Estava cheia do tipo de coisas engraçadas e vulgares que as famílias mandam para os homens alistados – bolachas, meias novas, uma boa lâmina da barba, uma caixa de papel de carta e o rosário que a tia-avó Sophie me dera.

Trazia também um bilhete de Al. *Achas que consegues livrar-te de nós assim tão facilmente?* dizia. *Eu avisei-te para não nos subestimares.* E, com o bilhete, vinha uma fotografia do meu quarto, que há muito deixara de ser feminino.

Edwina tinha colocado os crânios de coiote na parede.

Capítulo 7

Nick

Especialista em armamento Nicholas Jakobek, era eu. Sargento Nick Jakobek. Boina verde. Em 1981, tinha vinte e três anos de idade, um metro e noventa e cem quilos de músculos. Estava nas forças armadas há cinco anos e bastante satisfeito com a minha carreira militar. Ainda não tinha matado ninguém, mas sabia como o fazer – dominava uma dúzia de técnicas diferentes, além do meu talento óbvio com todo o tipo de armas do arsenal dos Estados Unidos da América. Até tinha começado o longo processo de obter a minha licenciatura. Sempre que estava em licença de Fort Bragg, Carolina do Norte, regressava a casa, a Chicago. Al e Edwina ainda desaprovavam a minha carreira, por isso falávamos apenas sobre as carreiras deles. Ambos estavam a subir na hierarquia da política estadual. Falava-se na possibilidade de Al se candidatar ao Congresso.

– Nada mau, para um polaco burro e uma grávida – disse Al.

– Vai passear, futuro papá – retorquiu Edwina. Depois beijou-o. Ela e Al estavam a meio da casa dos trinta e há vários anos que tentavam ter filhos. Quase tinham desistido, quando lhes saiu a sorte grande. Agora, Edwina parecia um balão loiro em cima de duas salsichas. Quando cheguei a casa, nesse outono, faltavam apenas duas semanas para a data prevista do parto e ela acabara de entrar em licença de maternidade. Requisitou-me imediatamente.

– A tua missão, sargento Nick, é fazer com que me arraste até ao parque todos os dias para fazer um bocadinho de exercício.

– Combinado. Desde que não caias para cima de mim.

Ela disse umas palavras desagradáveis em latim.

No dia seguinte, vestimos camisolas grossas e calças de fato de treino e saímos para o passeio movimentado em frente do prédio. Al estava no tribunal. Edwina bamboleava-se lentamente enquanto eu seguia um pouco adiantado, a abrir caminho entre a multidão da hora de almoço. As pessoas tinham tendência para se afastar quando me viam aproximar. Ouvi Edwina a bufar, ofegante, atrás de mim.

– Olha para as pessoas a desviarem-se de nós – disse-lhe, por cima do ombro. – Estão com medo de que te transformes numa bola de *bowling* humana.

– Nick. – O tom de voz estranho fez-me virar imediatamente. Ela estava parada no passeio e apontou para baixo, onde grandes manchas se espalhavam nas pernas das calças. – Rebentaram-me as águas. Chama um táxi.

Edwina parecia bastante calma. Conduzi-a até um poste de iluminação.

– Segura-te aqui. – Mandei parar um táxi, ajudei-a a deitar-se no banco de trás com os pés para cima e entrei para o banco da frente.

– Hospital Cook County. Depressa.

– *Não* vou para um hospital *público* – queixou-se Edwina. – Temos tempo mais do que suficiente para chegar ao… – Susteve bruscamente a respiração e agarrou-se à barriga.

– Cook County – repeti, para o motorista. – Depressa.

O que aconteceu a seguir parece uma piada de mau gosto, mas é a mais pura das verdades. O trânsito em Chicago consegue parar tudo, menos o relógio. O nosso táxi ficou encurralado no caminho para o hospital, sem esperança de sair do engarrafamento tão depressa, e nesta altura Edwina já gemia e dava murros no banco do motorista.

– Tente contactar a polícia pelo seu rádio – pedi ao taxista, e depois saí e dirigi-me à parte de trás do carro. Abri a porta e olhei para as calças de fato de treino ensopadas de Edwina. Eu conseguia atravessar um rio turbulento com cinquenta quilos de equipamento às costas, viver dias no deserto só de folhas de cato e urina, montar e desmontar qualquer espingarda conhecida do homem moderno e identificar um alvo do tamanho dos tomates de uma formiga. Mas não tinha ideia do que fazer em relação às calças molhadas de Edwina.

– Vou ter este bebé *agora* – arquejou ela.

– Não. Espera. Pensa noutra coisa.

– Não é assim que funciona, Nicholas. Entra no carro e despe-me as calças.

Ajoelhei-me entre as pernas dela, segurei no elástico das calças e puxei. Depois parei.

– Por amor de Deus, as cuecas também! Não quero saber se me vês o rabo e toda a feira de maravilhas nos arredores! Despe-me!

– Está bem, calma. – Com alguns gestos rápidos, puxei-lhe a roupa até aos tornozelos e tentei olhar apenas para a sua cara.

Corada e ofegante, Edwina apontou para o meio das pernas.

– Acho que a cabeça está a sair! Diz-me o que vês!

Comecei a suar. Tinha as mãos a tremer. Gentilmente, afastei-lhe as coxas e estudei o cenário inchado e pulsante. Edwina gritou e gemeu. O crânio ensanguentado e delicado do bebé apareceu.

– Tenho contacto visual – disse-lhe.

Edwina gritou, gemeu, arqueou as costas e ficou tensa.

– Põe as mãos lá em baixo. Apanha o bebé!

Juntei as mãos em concha e, por Deus, aconteceu um milagre. Uma menina minúscula caiu nelas, a agitar-se levemente. Edwina deixou-se cair no banco, a gemer e ofegante, e tentou levantar a cabeça para ver o que eu tinha nas mãos – quem eu tinha nas mãos.

– Dá-me o bebé… devagar… Nicholas. Com cuidado.

– Estou a segurá-la – respondi. – Não te preocupes.

– Ela? Ela. Uma *menina*. Tenho de dizer ao Al que temos uma *filha.*

Com cuidado, encostei a bebé ao peito de Edwina, já esquecido de todo o embaraço, apoiando-lhe o rabinho com uma mão e limpando-lhe o sangue e outros fluidos do rosto com a outra. A bebé abriu os olhos ensonados e pareceu fitar-me diretamente. Fui a primeira coisa que ela viu neste mundo.

– Olá – murmurei.

– Olá – disse um grande polícia corpulento atrás de mim. Espreitou para dentro do carro e eu tentei proteger a nudez de Edwina com a bebé e as minhas mãos. O polícia sorriu. – Olá, senhora Jacobs. Chamo-me Charley Grimoldi. Testemunhei no caso Lakenhower há alguns anos.

– Olá, agente Grimoldi. Pode chamar uma ambulância, por favor? – Edwina parecia estar de novo completamente calma. Igual a ela própria. Eu ainda tremia como varas verdes. A minha prima bebé e eu continuámos a olhar um para o outro. Sim, sei que os bebés não veem grande coisa quando nascem, mas tenho a certeza de que ela sentiu as minhas intenções. No seu coração, foi o primeiro ser humano que olhou para mim apenas com confiança e curiosidade.

– Relaxe, amigo – disse-me o polícia. – Já vem ajuda a caminho. Devem estar a chegar.

Mas eu continuei a segurar a bebé. Edwina levantou a mão e acariciou-lhe a cabeça com emoção.

– Oh, oh, oh… Chega-a um bocadinho mais para cima, Nicholas. – Ajudei Edwina a sentar-se e ela fechou as mãos à volta da filha. – É tão perfeita, Nicholas. Tão perfeita. Obrigada por teres ajudado a trazê-la ao mundo.

Edwina chorou de alegria. A bebé soltou um miado.

Eu sorri.

Nessa noite, no exterior do hospital, fumei o charuto que Al me dera e vi com satisfação as espirais de fumo erguerem-se no ar frio. Os sons da cidade à minha volta pareciam plenos e ricos. Vida.

– Olá, doutor Jakobek – brincou Al, quando se juntou a mim. Estava fora de si de alegria. Sorriu e deu-me uma palmada nas costas.

Encolhi os ombros.

– Tudo o que fiz foi segurá-la.

Al passou o braço pelos meus ombros. Tinha de se esticar para o fazer.

– Cala-te, sargento. Aceita um elogio. – Fitou-me com afeto. – Eu agradeço, a Edwina agradece e a tua nova prima agradece.

– Não digas nada à Edwina, mas espero nunca mais ter de ver as suas partes privadas.

Al riu até chorar.

– Entra. Temos uma coisa para te dizer.

Olhei para ele, desconfiado, enquanto entrávamos e subíamos no elevador até à enfermaria da maternidade. Edwina sorriu-me, com ar cansado, da sua cama num quarto privado. Tinha a bebé

deitada ao seu lado, enrolada numa manta. Al sentou-se na beira da cama, ao lado delas. Fiquei em pé, quase em sentido. Eles eram um trio. Precisavam da sua privacidade.

– Já escolhemos o nome – disse Edwina.

Soltei um resmungo.

– Ainda bem. Não tenho de lhe chamar «Eh, tu aí».

Al e Edwina trocaram um olhar carinhoso.

– Diz-lhe tu – incentivou Edwina.

Al acenou e olhou para mim.

– O primeiro nome vai ser Edwina. Vê lá se adivinhas porquê.

– Faz sentido.

– Mas o segundo nome vai ser… Margisia. Como a tia. A tua mãe.

Olhei para o lado, respirei fundo e esperei uns segundos antes de me virar outra vez para eles.

– Também é bonito.

– Mas, claro, ela é especial. Precisa de três nomes próprios. Portanto vai ser também Nicola. Em homenagem a *ti*.

Tive de desviar novamente o rosto, desta vez por mais tempo. Respirei fundo algumas vezes antes de me aproximar um pouco mais e olhar para a bebé.

– Edwina Margisia Nicola Jacobs. – Disse o nome completo em voz alta, batizando-a, à minha maneira. – Eddie – decidi.

– Eddie! – concordou Al.

Edwina revirou os olhos.

– Ninguém vai chamar Eddie à Edwina Júnior! – E lançou-se num longo discurso sobre o futuro de Eddie e como era pouco digno ter uma alcunha que fazia lembrar um jogador de basebol ou um corretor de apostas, enquanto Al acenava pacientemente sem dizer nada e eu estendia a mão, com muito cuidado, e encostava a ponta do dedo ao narizinho macio de Eddie. Fiz-lhe uma promessa.

Vou manter o mundo seguro por ti, pequenina.

❧

1984. Eu era agora o primeiro-tenente Nick Jakobek, acabado de sair da escola de oficiais, com um bacharelato também recente. Oficial *e* bacharel. Dou a Eddie o crédito por essa fase da minha vida. O seu nascimento e os três anos de paz que se seguiram fizeram-me sentir novo por dentro. Contudo, foi apenas temporário.

Al e Edwina adoravam a filha, e eu também, à minha maneira. Era uma bonequinha. Tinha grandes olhos azuis e cabelo castanho dourado, uma mistura do louro de Edwina e do castanho-escuro de Al. Assim que começou a falar, batizou-me com o nome *Nicky*. Por vezes, estava meses sem a ver, mas bastava-me entrar em casa e ela corria para mim de braços esticados.

– Nicky!

Não resistia a pegar-lhe ao colo e abraçá-la.

– Não se saíram mal com a miúda – dizia a Al e Edwina.

Eles não se deixavam enganar.

– Larga o exército – ralhava-me Al. – Arranja uma mulher e assenta. Começa a planear os teus.

Nada disso estava nas cartas para mim. Dormia com o tipo de mulheres que se movia depressa e deixava estragos para trás. Conseguia lidar com elas. Compreendia-as. Não se podia contar com elas, de forma bastante previsível. Além disso, não conseguia imaginar ter filhos meus para proteger. Uma criança merecia amor e dedicação total. E eu tinha medo de amar alguém dessa maneira. Eddie era aquilo que mais se aproximava.

Da mesma forma que estavam sempre a tentar convencer-me a casar e a sair das forças armadas, Al e Edwina falavam agora também em mudar as suas vidas. O trabalho de Al estava a passar por uma fase negra. Nessa primavera, um conhecido juiz de Chicago fora condenado por aceitar subornos. Al ajudara a recolher as provas contra ele. Começara a trabalhar secretamente com o Departamento de Justiça pouco depois de Eddie nascer. Se não fosse a bebé, Edwina teria estado ao lado dele.

– Um de nós tem de ficar vivo, pela Eddie – decidiu ela.

O nível de corrupção era um monte de porcaria gigantesco e fétido. Juízes, funcionários do tribunal, polícias, advogados – todos revelados como ladrões.

– São uma vergonha para o sistema e uma ameaça à integridade básica da lei – dizia Al. – Há ainda muito trabalho a fazer para limpar esta esterqueira. É possível que haja vinte ou trinta pessoas poderosas no banco dos réus antes de estarmos despachados.

– Ainda acabas morto – declarava-lhe. – Não ficaria surpreendido se houvesse alguém desconfiado de que és tu o bufo.

– Quem, eu? Sou apenas um juiz estadual. Não mereço esse trabalho.

Nesse verão, alguém deixou um bilhete no limpa para-brisas do pequeno carro que Al comprara depois de anos de dedicação ecológica a autocarros e comboios.

Vais morrer, seu chibo filho da mãe.

Discretamente, pedi uma licença e vim passar um mês a casa. Todas as manhãs acompanhava Al e Edwina até ao táxi que apanhavam em frente ao prédio e todas as noites os ia buscar ao tribunal. Entre uma coisa e outra, sentava-me num banco em frente da creche de Eddie.

– Isto é ridículo, Nick – disse-me Al, gentilmente. – Não tens com que te preocupar. Temos proteção policial. Além disso, aquilo era só uma ameaça inofensiva.

– Não existem ameaças inofensivas.

– Ouve, eu sei tomar conta de mim. Fica de olho na Edwina e na Eddie. Tenho de trabalhar no sábado. Leva-as ao parque.

– Acho que deviam ficar em casa.

– E eu acho – contrapôs Al –, que não queres ficar fechado em casa o dia inteiro com uma criança enérgica de três anos e a Edwina, que anda rabugenta porque está preocupada *comigo*.

Portanto fomos ao parque.



Estava um dia luminoso e quente e as árvores do parque estremeciam sob a brisa, sobressaltando-me com cada sussurro das folhas. Eddie estava numa caixa de areia a brincar e a tagarelar comigo e com Edwina. Nós estávamos sentados a pouca distância, num banco. Eu tinha a mão perto da pequena pistola automática que trazia escondida no bolso das calças.

– Quero ter mais poder sobre a loucura da vida – declarou Edwina. – O Al e eu não estamos a fazer uma diferença assim tão grande. E *jurámos* que faríamos a diferença.

– Porque é que isso te preocupa tanto?

– A minha mãe e as minhas irmãs não têm outro interesse senão a próxima manicure. A minha família tem participações em negócios que, basicamente, se estão a borrifar para os empregados. Prometi a mim própria que nunca me contentaria com esse tipo de estatuto. Mas nos últimos anos sinto que tenho estado a fazer precisamente isso, de certa forma. A contentar-me. A passar o tempo.

– Agora tens uma filha com que te preocupares. Talvez estejas apenas com medo de que o Al sofra alguma consequência desta operação.

– Não, não é só isso. Estou farta de ver toxicodependentes irem para a prisão em vez de irem para tratamento. Estou farta de ver o Al condenar mulheres maltratadas depois de terem matado os homens que as espancavam. Ele detesta, mas a lei é a lei. Estou farta de toda a estupidez que existe no sistema. Não consigo resolver nada a este nível. – Esfregou uma ruga de tensão entre os olhos. – Algumas pessoas influentes andam a dizer que o Al devia dar um passo maior para o ano. Candidatar-se ao Congresso.

Al, um congressista. Suspendi por momentos a vigilância da paisagem verdejante à nossa volta para lhe lançar um olhar de esguelha.

– Acho que *tu* é que devias candidatar-te ao Congresso. És uma vencedora, Edwina.

Ela sorriu.

– Noutro mundo, sim, estaria envolvida na política. Mas a verdade, Nicholas, é que as mulheres ainda têm uma grande desvantagem, e eu não transmito uma imagem suficientemente *recatada* para conquistar votos. Além disso, nunca me meteria numa coisa dessas se o objetivo não fosse chegar ao topo. Se entrasse para a política, seria com um único objetivo futuro em mente, mas esse objetivo é impossível. – Fez uma pausa. – Quereria ser presidente.

– Força. Se conseguires, podes promover-me a general. Não me importava nada de te fazer continência.

– Acho que te mandaria sair do país. Já viste a minha vagina.

Pigarreei e mudei de assunto.

– Então, se não vais concorrer, achas que o Al conseguia? Chegar a presidente um dia, quero eu dizer.

Ela não hesitou.

– Vai lá chegar.

A forma como o disse deixou-me arrepiado. Não duvidei dela. Levantei-me, com uma sensação estranha de eletricidade no ar, como se Edwina tivesse posto o destino em movimento e me coubesse a mim garantir que nada interferiria nisso.

– Vou dar a volta ao parque mais uma vez. Volto daqui a dois minutos. – Apontei para o saco da bebé que ela tinha no colo. Escondera uma pistola lá dentro e dei-lhe instruções para manter a mão nela enquanto estivesse sozinha.

Edwina gemeu.

– Outra vez? Não nasci para Rambo. – Levantou-se também. – Estás a assustar-me com essas conversas. Vamos para casa. – Pôs o saco ao ombro enquanto eu pegava em Eddie.

– Nicky – guinchou Eddie, e deu-me um beijo na bochecha.

Saímos do parque por uma rua secundária sossegada, com muitas sombras. Edwina levantou a mão e alisou o cabelo brilhante da filha.

– Nicholas, vou contar-te um segredo. E podes ter a certeza do que te digo, tal como em relação à previsão sobre o Al. – Fez uma pausa. – Um dia, a minha filha vai ser a primeira mulher presidente.

Olhei para Eddie, que me deu uma palmada no nariz.

– Se ela quiser.

– Vai querer.

Em termos de ambições familiares, Edwina talvez estivesse a ir longe de mais. Disse a mim próprio que teria de defender Eddie quando a mãe começasse a pressioná-la para fazer campanha.

Provavelmente no jardim de infância.

Vi a carrinha enferrujada pelo canto do olho quando estava ainda a cinquenta metros de nós, a andar devagar. Talvez fosse a forma como o condutor vinha demasiado perto do passeio. Talvez fosse a lentidão suspeita. Não esperei para ver se estava enganado.

– Pega na Eddie e corre para aquelas árvores ali. Não faças perguntas. *Vai*. – Enfiei Eddie nos braços de Edwina, que olhou para a carrinha, apertou a filha e correu para um maciço de abetos. A carrinha acelerou com um rugido do motor.

Vi apenas uma pessoa à frente – o condutor – mas podia haver outros escondidos na parte de trás. O condutor não estava a tentar disfarçar. Subiu o passeio e acelerou em direção a Eddie e Edwina, que não iam conseguir chegar às árvores a tempo. Corri para a carrinha enquanto tirava a automática do bolso.

O condutor rodou o volante quando parei seis metros à frente dele, com a pistola apontada ao para-brisas. Tinha tempo apenas para um tiro. Puxei o gatilho e o vidro explodiu. A carrinha guinou para o lado e embateu num poste de eletricidade.

– Para o chão! Não te levantes! – gritei a Edwina, que entretanto tinha chegado à proteção das árvores. Ela caiu de joelhos atrás de um tronco com os braços à volta de Eddie.

O condutor moveu-se lentamente dentro da carrinha. Não estava ferido, apenas aturdido, coberto de vidros do para-brisas. Corri para a porta de trás da carrinha e abri-a de pistola em punho, mas estava vazia. A seguir corri para a porta do passageiro e tentei abri-la. Estava trancada. O condutor pestanejou e passou a mão pela testa, onde os pequenos vidros tinham deixado alguns cortes. Subi para o apoio do lado do passageiro e comecei a bater com o punho esquerdo na janela.

– Quieto! – gritei, enquanto enfiava o braço direito pelo para-brisas partido, com a pistola na mão. Apontei-lhe a arma à cabeça e continuei aos murros no vidro da janela. Ele susteve a respiração e caiu subitamente em si. Retirou algo de um monte de toalhas que tinha no colo. Apontou-me uma arma e disparou.

A deslocação do ar do disparo a curta distância atingiu-me como uma bofetada. O vidro da janela explodiu, como acontecera ao para-brisas, com uma força que me empurrou o braço esquerdo para

trás. Saltei para a estrada, aturdido, coberto de vidros, com os ouvidos a zumbir. O condutor abriu a porta do seu lado, saltou para a rua, ainda com a pistola na mão, e desatou a correr.

Segui-o.

Apanhei-o por trás no meio daquela rua sossegada e civilizada. Ele era alguns centímetros mais baixo do que eu, mas corpulento, um culturista. Mesmo assim, não teve hipóteses. Larguei a arma e da garganta saiu-me um som gutural que, às vezes, ainda oiço nos meus sonhos. Apanhei-o pela cabeça, por trás. Pus-lhe uma mão por baixo do queixo e a outra na nuca. Se o braço magoado me doía, nem o senti. Canalizei toda a minha força para o trabalho que fora treinado para fazer. Torci-lhe a cabeça.

E parti-lhe o pescoço.

Ele caiu aos meus pés sem um som, nas convulsões da morte. Fiquei de pé ao lado dele, vitorioso, ofegante, com as pernas abertas, as mãos ligeiramente afastadas do corpo, os dedos curvados. Podia matá-lo outra vez, se fosse preciso. Queria matá-lo outra vez.

O cheiro a sangue começou a trazer-me de volta à realidade. Olhei para ele. Tinha parado de se mexer, mas havia sangue a pingar-lhe em cima da cara. Franzi a testa. O sangue vinha de *mim*. Levantei lentamente a mão esquerda e olhei para ela.

O meu dedo mindinho desaparecera, arrancado pelo tiro.

– *Valha-me Deus!* – disse Edwina em voz rouca, atrás de mim.

Virei-me devagar – ensanguentado, desfigurado, coberto de vidros. Ela estava do outro lado da carrinha, com Eddie encolhida nos braços, a chorar. Edwina tapou-lhe o rosto com a mão, para ela não ver o homem morto. Para não me ver a mim.

Pela primeira vez desde que a conhecia, vi repugnância nos olhos de Edwina. E medo. Ela nunca mais voltaria a pensar da mesma maneira em relação à sua segurança em público, mas também nunca mais olharia para mim da mesma forma.

Eu era capaz de matar. Matara com naturalidade.

E ela tinha medo de mim.



– Como te sentes? – perguntou Al baixinho. Nessa noite, quando eu já tentava dormir, apareceu junto da minha cama de hospital.

– Bem – menti. Esfreguei os olhos com a mão boa. A outra estava envolta em ligaduras e tinha todo o braço imobilizado. Tinha o rosto coberto de pequenos cortes de vidro. A mão incomodava-me menos do que aquilo em que me tornara, aquilo que fizera. Não me sentia culpado, e isso assustava-me um bocadinho, mas também estava zangado. Matara um homem que queria fazer mal às pessoas que eu amava. Porque havia de me sentir culpado?

– Queres que fique aqui contigo um bocado? – ofereceu-se Al. – Ou posso pedir um divã e passar aqui a noite.

– Tens de ir para casa e estar com a tua família. E tens de continuar a lidar com os telefonemas dos repórteres.

Os jornalistas da imprensa e da televisão tinham caído em cima da história do ataque e do trabalho secreto de Al que o provocara. Ele e Edwina eram notícia de primeira página, e eu também, mas não no bom sentido. O filho bastardo de uma mulher com problemas de quem a família Jacobs não gostava de falar. O boina verde que matara um civil a sangue-frio.

– Tu também és a minha família – respondeu Al. Essa velha batalha. – Hoje, salvaste as vidas da tua tia e da tua prima. A vida da minha mulher. A vida da minha filha. – Al pousou-me a mão no braço. – E não tiveste escolha em relação ao resto. Foi legítima defesa.

Não lhe disse o que tinha visto nos olhos de Edwina. Duvido que ela própria o admitisse. E houve mais uma coisa que não disse a Al. Eu podia ter deixado o condutor da carrinha vivo. Podia tê-lo deixado fugir. Podia ter chamado a polícia, que não teria dificuldade em o apanhar. Ou podia tê-lo deixado apenas sem sentidos, podia tê-lo segurado, esperado. Mas não. Matei-o. Al e Edwina estavam a dizer a toda a gente que as minhas ações eram legítima defesa. Talvez fosse verdade, no sentido técnico do termo. Ninguém ia acusar-me de nada.

– Sim, foi legítima defesa – respondi, lentamente.

Al acenou com a cabeça, com expressão um pouco tensa perante o meu tom de voz.

– Não tens de te justificar. Ele tinha uma arma. Não sabias se não iria dar meia-volta e disparar novamente contra ti. Tanto quanto sabias, ele podia tentar matar outra vez a Eddie e a Edwina. Lutaste com ele. Não tinhas intenção de o matar.

Não respondi. *Raios, Al, tu é que tens consciência, eu não.* Al não queria admitir que matar podia ser uma coisa boa, pura e simplesmente, que o homem que tentara fazer mal à sua mulher e filha merecia ser executado, bem como o juiz ou o advogado ou o polícia corrupto que o contratara para o fazer.

– Tenciono descobrir a pessoa que contratou aquele homem – disse Al. – E pô-lo atrás das grades para o resto da vida.

Pô-lo atrás das grades. Tudo muito bem feitinho, uma pena de prisão, de acordo com as regras. Não, ele não queria que eu confirmasse que matara por ele e por Edwina e por Eddie, não em legítima defesa mas por vingança, e que, no fundo, estava contente por eu o ter feito.

– Vai para casa – disse-lhe. – Acho que vou conseguir dormir. Vemo-nos de manhã.

Ele levantou-se e pousou a mão no meu cabelo, como se eu fosse uma criança.

– Espero que durmas bem. A Edwina, a Eddie e eu gostamos muito de ti, Nick.

Depois de ele sair, chorei.



Bill Sniderman tinha trinta e oito anos de idade e parecia um Bill Cosby já com mais testa do que cabelo. Tinha a atitude arrogante de um homem bem-sucedido que juntara dinheiro suficiente como advogado para poder dedicar-se à política como passatempo. Já conquistara uma reputação de conselheiro perspicaz em campanhas estaduais e debates sobre direitos civis. Ele, Al e Edwina eram amigos desde a universidade. Bill tentara dissuadi-los de me acolher quando eu era novo. Nessa manhã, sentou-se numa cadeira ao lado da minha cama de hospital e alisou os vincos perfeitos nos joelhos do fato caro.

– Então? – perguntei. – Nem uns chocolates? Umas flores? Um postal a dizer «Espero que encontres o teu dedo»?

Ele atirou um jornal para cima da cama.

– Sempre soube que seria apenas uma questão de tempo até os inimigos do teu tio te desenterrarem para o prejudicar.

O jornal estava aberto numa coluna de opinião escrita por Haywood Kenney. Nessa altura, o rechonchudo Kenney, repórter de tribunal, tornara-se um colunista político rechonchudo, de cara redonda. O cabelo castanho ondulado começava já a rarear, pelo que se via o couro cabeludo entre os fios de cabelo. Os figurões chamavam-lhe *Cabeça de Pelos Púbicos*, mas os leitores adoravam-no. Fora despedido do *Tribune* por falsificar uma história de modo a torná-la mais dramática, mas agora a sua coluna de *freelancer* era publicada em jornais de todo o Midwest e tinha um popular programa de rádio sobre política numa estação local. Nunca deixara de perseguir Al e Edwina, à espera de vingança. E agora estava a começar.

«Al Liberal e o seu assassino pessoal escapam a acusações de homicídio», dizia o título da coluna de Kenney.

– Isto foi publicado hoje em cinco dos maiores jornais do Illinois – afirmou Bill Sniderman. – Se é verdade ou não, não interessa.

Olhei para o jornal, com expressão sombria.

– Eu sei.

– Não gosto de ti, Nick. Nunca gostei. Trazes azar ao Al. Más vibrações. Mau *karma*. És um albatroz ao pescoço do seu futuro político.

– Diz-me algo que eu não saiba.

– Ele vai candidatar-se ao Congresso nas próximas eleições. Vou ser o gestor da campanha. A publicidade que ele e a Edwina estão a ter neste momento faz com que seja a altura ideal para lançar a sua carreira política. A Edwina e eu temos um plano delineado, e *vai* resultar. Ele fará um mandato no Congresso e depois candidata-se ao Senado. Dois, talvez três mandatos no Senado, e pode candidatar-se à presidência. E vencerá.

– Parece simples.

– E será simples. O Al é um bom homem, um homem de quem as pessoas gostam, em quem confiam. É o melhor candidato que já vi na vida… sem esqueletos no armário, com um passado sólido, leal como um cão, bom marido, bom pai, excelente funcionário público. Não estou particularmente contente por a família dele ser católica e polaca… demasiado étnico, percebes, o que pode ser complicado… mas consigo dar a volta a isso. As credenciais ancestrais da Edwina e o seu sangue azul americano fazem com que seja a parceira perfeita. Ela consegue fazer o que é preciso e apoia-o incondicionalmente. E, claro, a Eddie é a vantagem promocional mais querida do mundo.

– Não fales assim da Eddie.

O tom da minha foz fê-lo engolir em seco.

– Desculpa. Claro que não. O Al e a Edwina não a veem da mesma maneira que eu. Devias tê-los ouvido esta manhã. Têm medo de voltar a sair com ela em público. Receio que se tornem demasiado protetores.

– Talvez consigas convencê-los a enfiá-la numa bonita jaula segura, onde os eleitores podem pagar uma moeda para a ver.

Bill olhou para mim.

– Não nos afastemos do assunto, está bem? Tudo o que eu tenho de fazer é eliminar qualquer pessoa ou coisa que possa afetar a imagem perfeita do Al. Ou seja, *tu*.

– Oh, Bill, até fico envergonhado.

– Ouve. Sei que farias qualquer coisa pelo Al, pela Edwina e pela Eddie. Não mintas, sei que é verdade. Como um lobo a proteger o covil. Ótimo. O melhor que podes fazer para os proteger é desaparecer. Ficar fora das vidas deles. Arranjar um buraquinho sossegado e discreto. Noutra parte do mundo.

– Imagino que o Al não sabe que estás aqui.

Ele levantou-se, com ar nervoso.

– Não.

– Ainda bem. Não há necessidade de lhe dizer.

Bill soltou a respiração, aliviado.

– Ainda bem que concordas. Ele ficaria furioso. É-te leal. Sentimental. É isso que o torna tão cativante, mas também pode ser o que o arruína.

– Eu sei.

– Então vais seguir o meu conselho?

Assenti.

– Já estou a tratar disso.

– Tu és o calcanhar de Aquiles dele. Sai da luz dos holofotes. E não voltes.

Estudou o meu rosto e ajeitou a gravata de seda com um gesto nervoso, como se estivesse a pensar em pescoços partidos.

Mas eu estava a pensar apenas em solidão.



Um amigo comum em Fort Bragg fez o contacto em meu nome e enviaram alguém no dia seguinte. A minha vida mudou muito rapidamente, como se as pessoas certas e o momento certo estivessem à minha espera nas sombras há muito tempo, à espera que eu admitisse qual era o meu lugar. O visitante tinha apenas quarenta anos, se tanto, de maxilar quadrado, magro, com um uniforme de major. Os seus olhos faziam lembrar um predador que caça na floresta à luz da lua. Olhos como os meus, na verdade. Mostrou-me um cartão de identificação, com uma fotografia tirada quando era apenas um soldado raso, nos primeiros dias da guerra do Vietname.

– Só para lhe mostrar que, quando começamos, todos parecemos escuteirinhos – disse. – Naquele tempo, eu pensava que conseguia salvar o mundo se usasse sempre roupa interior limpa e agitasse a bandeira.

Não disse nada por uns segundos, enquanto acabava de abotoar a camisa do uniforme, usando apenas a mão boa e sem nunca pedir ajuda. Nos anos seguintes, a memória dessa camisa engomada

– com o tecido áspero a torturar os pequenos cortes que os estilhaços de vidro me tinham feito nos braços, e o cheiro a recomeços a erguer-se do material como antissético – causar-me-ia sempre um aperto no estômago.

– Está com sorte, senhor. Ninguém tem de me dizer que o idealismo, por si só, não chega.

– Deixe-me fazer-lhe uma pergunta. Quando partiu o pescoço daquele homem, percebeu exatamente qual era a sua missão neste mundo, não foi? Serviu Deus, o país e a família. Tudo com o estalo do pescoço de um filho da mãe. Certo? Deus, país e família.

– Não por essa ordem.

– O que quer que lhe sirva de inspiração. Muito bem. Vivemos num mundo novo, senhor Jakobek. Global. Nuclear. As regras de combate estão a mudar. O inimigo já não marcha apenas no campo de batalha. Está escondido numa gruta ou num escritório algures, com um telefone por satélite e um computador e acesso a armas nas quais não queremos sequer pensar. Para o público americano, o mundo tecnológico em que vivemos parece civilizado e tranquilo. Mas todas as facetas assassinas e loucas da humanidade continuam a existir, e todos os campos de morte continuam abertos para o negócio… armados com capacidades globais, agora. Só quem o compreender… e quem estiver disposto a rastejar debaixo das rochas e a sujar as mãos, se for preciso… terá uma palavra a dizer em quem ficará com o futuro. Ou nós… – fez uma pausa – … ou eles.

– Aceito o convite para me transferir para o seu grupo, senhor.

– Ótimo. Trataremos dos pormenores de papelada depois. Bem-vindo ao seu novo trabalho, capitão Jakobek. Parabéns pela promoção instantânea. Faz agora parte da guerra de bastidores que o exército não reconhece abertamente e que o público americano não paga com os seus impostos… tanto quanto sabe. – Outra pausa. – Alguma pergunta ou dúvida?

– Não, senhor. Sei o que estou a fazer. Tenho perfeita consciência de que as suas equipas agem por trás das cenas. Tudo o que quero é fazer o meu trabalho sem ser um fardo para a minha família.

– O segredo, senhor Jakobek – disse ele com um sorriso –, é a nossa melhor arma.

Eu não podia estar mais de acordo. Nessa tarde, entrei num avião e saí de Chicago, dos Estados Unidos, em direção a qualquer outro lugar no planeta. Quando olhamos para as trevas, o que devolve o nosso olhar? Pode ser a infelicidade de alguém que amamos mas não podemos ajudar, ou a raiva contra um estranho que não se importaria de matar essa pessoa. Ou ambas as coisas. Podemos agachar-nos e esperar que a luta chegue até nós, ou avançar nas trevas com os punhos no ar. Eu decidira fazer o que fosse preciso para proteger as pessoas que amava do mal que se escondia para além da luz.

A carta que deixei a Al e Edwina resumia a minha decisão de forma muito simples: *Se precisarem de mim, estarei sempre disponível. Farei qualquer coisa por vocês e pela Eddie. Basta chamarem-me.*

Al e Edwina escreveram-me, em resposta: *Quando essa gente acabar contigo, nem reconheceremos o teu bom coração. Virás se precisarmos de ti? Claro que sim. E nós estaremos sempre aqui para ti. Só tens de voltar para casa. Estaremos à espera.*

E esperámos, mais de vinte anos.

Capítulo 8

Hush

A CNN ainda não tinha ligado, os fuzileiros não tinham espezinhado os meus canteiros de flores e o parente assassino de Eddie Jacobs – um tal de Nicholas Jakobek – nem sequer se dera ao trabalho de telefonar. Eu gostava de saber quando podia esperar a visita dos assassinos contratados do presidente. Era uma questão de boa educação.

Oh, havia muitos outros telefonemas – dos assessores do presidente em Washington, de vários membros da família Jacobs em Chicago, e de uma horda de parentes altivos da primeira-dama em Maryland. E todas estas pessoas, quando pediam para falar com Eddie, ficavam muito aborrecidas quando Davis se recusava a acordá-la e diziam-me que eu era a responsável pelo seu bem-estar.

– Nunca perdi uma única filha presidencial na época das maçãs – respondi, e a partir daí pus Smooch responsável por anotar as mensagens.

A agente dos Serviços Secretos Lucille – agora perfeitamente identificada, à boa maneira sulista, como Lucille Orson, uma das duas filhas de uma família de agricultores de Minneapolis, Minnesota – estava de guarda à minha porta. De *guarda*. Eddie Jacobs precisava de proteção em relação a terroristas, loucos, raptores e sabe Deus de que outras ameaças era vítima uma filha presidencial, incluindo, pelos vistos, um romance fugitivo com um colega de Harvard. Olhei em volta com uma sensação crescente de insegurança, como se a escória da terra pudesse erguer-se entre os canteiros e arrombar a porta antiga, com a sua aldraba de bronze em forma de maçã.

Ao portão, os outros agentes dos Serviços Secretos aguardavam, pouco satisfeitos, junto das viaturas. Logan, grande e corpulento e imóvel, estava de guarda ao portão trancado, com o chapéu castanho em cima do tejadilho do carro e uma tarte de maçã frita na mão. Tínhamos o mesmo cabelo arruivado e olhos verdes. Ele tinha o rosto um pouco juvenil, mas era forte de caráter e profundo de espírito. Um McGillen alto e bem-parecido, como eu.

– Tartes, rapazes? – ofereceu, com ironia, aos agentes, que não morderam o isco.

Não precisava de me preocupar com a possibilidade de Logan ceder sob pressão, embora estivesse um pouco preocupada com a sua vulnerabilidade em relação a Lucille. Logan e Lucille tinham-se estudado um ao outro como gatos nervosos quando ele passou pela casa para se apresentar. Logan perguntou-lhe qual era o calibre da arma dela e ofereceu-lhe uma tarte frita. Ela recusou com um aceno mas olhou para ele com a sobrancelha loira levantada. Logan não fazia ideia de como tentar seduzir uma mulher armada, mas era evidente que ia tentar. O meu irmão, um tipo pacato, galante e solitário, perdera uma jovem esposa muito amada, vítima de cancro, ao fim de apenas dois anos de casamento. Tinham-se conhecido quando ele estava no estrangeiro, no exército. Logan era totalmente dedicado à filha de cinco anos. Todos éramos.

Ela era a sexta Hush McGillen. Chamávamos-lhe Hush Puppy.

Puppy estava sentada no carro-patrulha ao portão, a fingir que pintava um livro de colorir mas a olhar para os agentes do outro lado da estrada.

– Bom dia, Puppy – cantarolei, apoiando-me na janela aberta enquanto lhe acariciava o cabelo escuro. Ela sorriu, ergueu o rosto e deixou-me beijar-lhe a testa.

– Bom dia, tia Hush.

– Vou levar-te lá para casa e dar-te a provar os bolos de maçã e canela que a prima Laurie está a experimentar para o catálogo. Depois pomos o filme do Harry Potter ou podes ler os teus livros. Sabes, para a semana vou encomendar toda a coleção das Miúdas Detetives.

Hush Puppy tinha um quarto feminino e cor-de-rosa em minha casa, que eu decorara especialmente para ela. Ficava comigo quando Logan tinha de se ausentar em trabalho.

– E instalo o jogo das Go Girls no teu computador, se quiseres jogar – tentei-a.

Contudo, nada resultou. O rosto dela ficou muito sério.

– Tia Hush, já não tenho idade para me tratares como um bebé. Tenho de ficar aqui e ver o que se passa.

– Sim? Porquê?

– A Lucille parece uma lutadora de *wrestling* e acho que ela vai atirar o papá ao chão.

– Querida, imagino que a Lucille seria capaz de lutar com um gorila, se fosse preciso.

– De certeza que vencia o papá, porque ficou a olhar para ela de boca aberta quando se conheceram. Acho que ele a deixava ganhar. – Hush Puppy tinha uma expressão melancólica. – Achas que ela tem alguma menina que pudesse brincar comigo? – Puppy tinha falta de companheiras de brincadeiras e irmãs.

– Não me parece que ela seja casada ou tenha filhos, meu amor. Mas tem ar de quem é suficientemente forte para ser mãe.

– Hmm – pigarreou Logan.

Afastei-me do alcance da audição de Puppy.

– Como estão as coisas?

– Daqui a pouco vais ter trinta funcionários do lado de fora do portão. O que queres fazer, mana?

Dei-lhe uma caixa com tartes de maçã.

– Dá-lhes comida, deixa-os entrar e manda-os ir ter comigo ao celeiro grande. Eu depois digo-lhes… qualquer coisa. Mas a verdade não, pelo menos hoje. Vamos abrir esta quinta hoje como se nada se passasse.

– Há um problema. – Apontou com a cabeça para o estoico grupo de agentes que nos observava do outro lado da estrada. – Aqueles rapazes disseram-me que não podemos abrir o portão. Não nos deixarão abri-lo.

O meu sangue gelou.

– Estás a brincar.

– Ordens da Lucille.

Logan pousou as tartes num dos postes do portão. Do outro lado da estrada, os agentes esticaram o pescoço e farejaram o aroma a maçã no ar, mas não se mexeram.

– São uns tipos duros – disse o meu irmão em tom seco. – Mana, eles estão a fingir-se simpáticos, por enquanto. Mas em breve perderemos o controlo da situação. – Hesitou. Ambos olhámos para o carro-patrulha para confirmar que Hush Puppy estava de cabeça baixa, a pintar o seu livro. Logan olhou para mim com ar grave. – Pouca coisa me deixa preocupado – afirmou. – Mas não gosto da ideia de forasteiros a ficarem curiosos em relação a nós.

Com o coração apertado, assenti com a cabeça.

– Amanhã estará tudo resolvido. Prometo.

– Se não abrirmos o portão, todo o condado vai saber que se passa alguma coisa. *Hoje*. Vai haver falatório. Muitas perguntas.

Pronto, estava decidido.

– Volto daqui a dez minutos – declarei. – Com a Lucille.



– Abram este portão – ordenei.

– Não, senhora Thackery. Não posso. – Lucille colocou-se entre nós e o portão e recusou-se a mover-se. Logan ergueu a chave do cadeado.

– Vá lá, Lucy – pedi, com um sotaque capaz de derreter gelo. O sol matinal cintilou nos vidros do carro-patrulha. Hush Puppy olhava para nós os três através da janela aberta. Os outros agentes atravessaram a estrada. Logan e eu lançámos-lhes um olhar duro e eles pararam. Depois Logan virou para Lucille um olhar mais suave.

– Agente Lucy, é uma barricada muito atraente, mas peço-lhe que se afaste.

Lucille ignorou-o e olhou para mim.

– É péssima ideia deixar que uma multidão de estranhos se aproxime de um membro da família do presidente. As multidões são imprevisíveis e impossíveis de controlar. Não posso permitir que este portão se abra enquanto não falar com os meus superiores… e com os pais da Eddie. Já alertei toda a gente para a situação. Temos de esperar que eles nos contactem.

– A Eddie está a dormir e ficará dentro de minha casa, em segurança. Ninguém sabe que ela está cá a não ser nós. E ninguém saberá.

– Isto será resolvido rapidamente. Peço-lhe que atrase a abertura até pelo menos a parte da tarde.

– Não pode ser.

– Nesse caso, não saio daqui. – Encostou-se aos portões e pousou as mãos no cadeado.

Logan suspirou.

– Não sei se tenho autoridade para a deter, agente Olson, mas espero que não me guarde rancor se eu a derrubar.

– Se o fizer, vai acabar com o distintivo num sítio para o qual não foi feito, xerife.

Logan parecia impressionado. O meu telemóvel começou a tocar. Atendi.

– Quinta Sweet Hush.

– Fala da Casa Branca – disse uma voz de mulher. – A primeira-dama está em linha. Por favor aguarde.

Tapei o telemóvel com a mão. Não tinha tempo para pensar em quem, como ou porquê. Nem para nervos. O tornado estava a chegar.

– Conseguiu o que queria, Lucille. É a Edwina.

Lucille ficou tensa.

– Por favor, não a trate assim, senhora Thackery. Um conselho: refira-se sempre a ela como «senhora Jacobs» ou «minha senhora».

Não tive tempo para dizer que essa honra teria de ser reciprocada. Logan e eu olhámos um para o outro. *Porta-te bem*, aconselhou ele baixinho. Uma voz seca e altiva com pronúncia da Costa Leste invadiu-me o ouvido.

– Com quem estou a falar? – inquiriu, sem preâmbulos.

– Fala Hush McGillen Thackery.

– Shush, daqui Edwina Habersham Jacobs. Estou a ligar de Inglaterra e só tenho cinco minutos até ter de falar no Parlamento.

– Bom, nesse caso é melhor ser rápida.

Silêncio. Nos primeiros segundos de conversa e eu já estava a abusar da sua boa vontade.

– Muito bem, Shush.

– Hush.

– *Shush?*

– *Hush.*

– Shush.

Para o diabo.

– A sua filha está bem. Tem a minha palavra.

– Espero bem que sim. Os Serviços Secretos asseguraram-me de que ela está em segurança, mas não graças ao seu filho.

– Espere aí…

– Pelo que sei, não está a ser muito cooperativa.

– Dadas as circunstâncias, acho que tenho sido um modelo de boa cidadania.

Ouvi-a remexer em papéis.

– Vejo que tem um pequeno negócio agrícola de família.

O meu mundo parou.

– Tem… informações sobre mim? – perguntei, lentamente.

Ela ignorou-me.

– Tem de me ouvir. Sei que aquilo que aconteceu deve ser muito estranho e empolgante para si e para os seus familiares aí na quinta, e sou a primeira a admitir que a minha filha lhe deve um pedido de desculpas por ter envolvido o seu filho Euell…

– Davis. – Eu estava aturdida.

– O seu filho, Ulysses…

– *Euell.* Euell Davis. Chamamos-lhe Davis. Perguntei-lhe se tem informações sobre mim.

– Davis. – A voz dela era agora nitidamente cortante. – Não duvido de que o Davis seja um jovem decente, apesar de me parecer que se introduziu na vida da minha filha com demasiadas expectativas…

– Alto, voltemos atrás. Espiou o meu filho e agora está a espiar-me a mim. É isso? E ainda tem a ousadia de nos criticar?

– Senhora Thackery, não vou discutir assuntos pessoais consigo, mas posso dizer-lhe que a minha recolha de informação sobre os estranhos que rodeiam a minha filha foi completamente legítima e

legal… como por certo compreenderá, tendo em conta a posição dela no mundo. A minha filha é uma jovem atenciosa e afetuosa que se encontra sob uma tremenda pressão pública e que é muito vulnerável à exploração da sua imagem.

A fúria começou a fazer-me fervilhar o sangue, a par do medo e daquela sensação de estar a caminhar no desconhecido aos apalpões.

– Então pensa que o meu filho é um Romeu arrivista que a enganou e a convenceu a fugir com ele da universidade?

– Não, não, estou apenas a dizer que é preciso manter em perspetiva o facto de que se trata de um romance de verão secreto…

– Deve ter ficado furiosa por a sua filha não lhe ter falado nele. Eu também não sabia de nada, mas pelo menos não andei a espiar o meu filho para saber o que se passava.

– Eu não «espiei» a minha filha… nem a «espiei» a si, além de reunir os factos públicos que estão disponíveis. Há uma equipa de profissionais destacada para acompanhar todos os passos da minha filha. Para o bem dela. E este comportamento não passa de uma aberração infeliz, pelo que estou a tentar protegê-la o melhor que posso.

– É um pouco tarde para isso, uma vez que ela já *aberrou* pela costa abaixo até aqui. E agora está a *co-aberrar* com o meu filho, em minha casa.

– Hush, é óbvio que teve uma manhã muito difícil. Estou certa de que leva uma vida muito pacata e garanto-lhe que o presidente e eu faremos o que pudermos para a ajudar a regressar às suas rotinas habituais o mais depressa possível… a si e ao seu filho.

– Que bom, senhora Jacobs. Uma vez que é tão condescendente na apreciação que faz de mim e das minhas rotinas, vou passar o telefone à agente Olson, a Lucille. Simpatizámos muito com ela. Por isso vou passar o telefone à Lucille, e, se não se importa, diga-lhe que abra os portões da minha quinta para eu conseguir vender as minhas maçãs. A senhora e o presidente não interromperam os negócios do governo apesar deste problema, e eu gostava de fazer o mesmo. Assim que os meus portões estiverem abertos, podemos ter as duas uma longa conversa sobre os nossos filhos. Está bem? Diga à Lucille para abrir o portão.

Silêncio, uma vez mais. Mas eu conseguia ouvi-la a respirar.

– Hush – disse, lentamente. – Se eu quisesse, podia estar sentada na sua… casinha de quinta… *neste preciso momento*, e toda a propriedade estaria isolada como se fosse um depósito de lixo nuclear. Em vez disso, desejo sinceramente… e tenho a certeza de que pensa da mesma maneira… não perturbar a sua vida e pôr este episódio para trás das costas o mais depressa possível. Nem o público nem a imprensa precisam de ter conhecimento desta pequena escapadela. Está bem, Hush?

Respirei fundo.

– *Edwina* – disse, bem alto. – Edwina, diga à Lucille que abra a porcaria do portão, ou ligo já para a CNN.

Lucille fez uma careta e começou a agitar as mãos.

– *Senhora Jacobs* – disse, em voz baixa. – Não *Edwina*. Nada de nomes próprios. Protocolo.

– Calma, Hush, não é preciso envolver a comunicação social…

– Edwina, fale com a Lucille. – Estendi o telefone a Lucille. – A Edwina quer falar consigo.

A agente dos Serviços Secretos olhou para o telemóvel como se estivesse eletrificado e levou-o ao ouvido.

– Senhora Jacobs? Na maneira de ver da senhora Thackery, a questão vai sempre parar ao portão, e lamento muito… – Interrompeu-se e escutou. Quando estiquei o pescoço, consegui ouvir o zumbido furioso da voz de Edwina Jacobs. Lucille acenou com a cabeça, tapou o telefone com a mão e dirigiu-se a mim.

– Se eu abrir o portão, permite-me que coloque agentes em sua casa até a Eddie poder ser seguramente transferida para outro lado?

– Sim. – O que fosse preciso para resolver a situação.

Lucille falou novamente com Edwina.

– Temos um acordo. Vou confirmar com o meu gabinete, minha senhora, mas… claro, minha senhora.

Devolveu-me o telemóvel.

– A senhora Jacobs quer falar consigo, senhora Thackery.

Levei o telefone ao ouvido.

– Edwina, muito obrigada. Nunca tive qualquer intenção de expor a sua filha e o meu filho aos mexericos do mundo, portanto não tem com que se preocupar.

– Não me interessa quais são as suas intenções. Quero é *tirar* a minha filha daí. – Edwina falou num tom capaz de cortar pedras às fatias. – E se uma palavra que seja da situação chegar aos ouvidos do público, ou se acontecer alguma coisa à minha filha… a um cabelo que seja… eu hei de certificar-me *pessoalmente* de que toda a máquina burocrática do governo federal cai em cima do seu negócio, da sua contabilidade e da sua família. Por outras palavras, *dou cabo da sua vida e da vida do seu filho demasiado ambicioso e das vidas de todo o seu clã de campónios apanhadores de maçãs.* Entretanto, já sabe que o presidente e eu mandámos uma pessoa para trazer a Eddie para *casa*. – Ela estava agora a gritar. – Um familiar de confiança! Ele chegará dentro de poucas horas. Aconselho-a a não se atravessar no caminho dele e a tratá-lo com mais respeito do que me tratou a *mim*!

– Pode mandá-lo. Tenho todo o gosto em o receber. Não se meta no meu negócio, na minha vida e na vida do meu filho, caso contrário vou a Washington e dou-lhe um pontapé no rabo.

Silêncio. Ambas sustivemos a respiração perante a enormidade do que estávamos a fazer. A primeira-dama dos Estados Unidos da América e a primeira-dama do Condado de Chocinaw tinham descido – e logo na primeira conversa – ao nível de iniciadas num gangue de rua.

– Adeus – despedi-me com brusquidão.

– Sim – respondeu ela, aturdida.

Enfiei o telemóvel no cinto e Logan e eu olhámos um para o outro.

– *Desculpa.*

– Podias ser presa por aquilo que lhe disseste, mana.

Lucille acenou com a cabeça, estupefacta e assombrada.

– Senhora Thackery, é um crime federal ameaçar a primeira-dama. – Fez uma pausa. – Se a tivesse ouvido fazer tal coisa, teria de reagir de acordo com os procedimentos.

– Obrigada. Agora abra os portões.

De momento, não havia mais nada a fazer.

Vi Lucille afastar-se e Logan abrir os bonitos e ineficazes portões. Quase imediatamente, os outros agentes saltaram para as suas viaturas e entraram na propriedade como se nunca tivessem tido dúvidas de que isso aconteceria. Levei a mão ao estômago. Precisava de mais fatias de maçã.

O mundo batera-me à porta de formas que eu nunca poderia ter imaginado. Estava a invadir rapidamente a minha casa e a enraizar-se na minha vida e na vida do meu filho. Eu ia colher aquilo que plantara, como todos fazemos, mais cedo ou mais tarde.

A estação das maçãs começara.

Restava-me esperar pelo destino, pelo futuro, e pelo assassino contratado de Edwina.

Nick

Tenente-coronel Nick Jakobek. Aposentado. Não foi uma má carreira: prestei os meus vinte anos de serviço e retirei-me quando o meu tio se candidatou a presidente. Tentei manter um perfil ainda mais discreto do que em duas décadas de operações especiais no estrangeiro. Depois desapareci ainda mais quando o meu tio chegou à Casa Branca. Obscuridade e notoriedade. Eu aprendera a lidar com isso.

Era o familiar presidencial de quem os inimigos políticos de Al adoravam falar. Haywood Kenney ia buscar regularmente a minha história em Chicago e a minha carreira militar. Eu até tinha uma alcunha entre os seus leitores e os ouvintes do seu popular programa de rádio. *Cão Raivoso Jakobek*. Era eu. Prova pura de que as opiniões de Al em relação a qualquer assunto, incluindo forças armadas, crime, punição, drogas, sexo, vida familiar, educação das crianças e relações internacionais (era só escolher) podiam ser analisadas através da lente da ovelha negra da família. Eu.

Não ajudava muito que ninguém, no lado de Al, me tivesse convidado para operações fotográficas durante a campanha, a tomada de posse ou qualquer outro evento presidencial posteriormente. Não

que Al e Edwina não me convidassem pessoalmente, e com sinceridade. Mas eu sabia qual era o meu lugar – sabia que prejudicaria a imagem deles em público. Eles travavam a batalha à maneira deles, e eu à minha.

Alguns dos inimigos de Al juravam que eu estava morto. Não Kenney – era mais valioso vivo, para ele – mas, segundo alguns, eu já nem sequer existia. A minha morte tivera lugar durante uma operação secreta (escolham a que gostarem mais) na Nicarágua, na Bósnia ou no Iraque, e depois Al ordenara o encobrimento da missão (escolham a que gostarem mais) pelo exército, pela CIA, pelo FBI ou pelos Estranhos de Fatos Pretos Que Mandam Neste País.

Procurado. Vivo ou morto. Prova de captura necessária.

A verdade é que eu andara muito de um lado para o outro depois de sair das forças armadas, de tal forma que às vezes tinha de perguntar a mim próprio onde é que vivia. Onde é que estava. Para onde ia. Continuava à procura de algum tipo de paz e satisfação que não conseguia definir. Contava golpes, contava almas, contava para trás ao longo dos últimos vinte e tal anos e tentava lembrar-me de quem era antes de ter matado pela primeira vez em Chicago. Aquela primeira vez. Palavras-chave.

Pago pelos dinheiro dos vossos impostos mas sem a vossa permissão explícita, eu passara vinte anos a ensinar aos nossos amigos noutros países como matar os seus concidadãos. Protegia-os enquanto o faziam e, ocasionalmente, quando era preciso, matava os inimigos deles ao seu lado. Através de rebeliões, guerras civis, ações militares secretas e mentiras dos políticos sobre o trabalho sujo do mundo, fiz o meu trabalho. Salvei muitas vidas mas, à noite, dormia com as imagens das pessoas que não conseguira ajudar. Uma velha ensanguentada à beira da estrada em Sarajevo. Um menino morto no deserto, com os pés decepados. Uma família exausta, com a casa às costas, no Afeganistão. Enquanto não era mais nada senão as minhas memórias, não sabia qual era o meu lugar.

Talvez não houvesse sítio para onde ir.

Habituara-me a que os outros precisassem de mim sem nunca gostar verdadeiramente de mim, se é que isso faz sentido. Pelo menos, não gostavam de mim por motivos vulgares – pelo som da minha voz, ou pela minha expressão enquanto dormia. Eu nunca estivera no centro da vida de ninguém. Não sabia como estar. Continuava à procura das almas que perdera. Incluindo a minha. Até agora, sem milagres.

Depois recebi um telefonema do velho Bill Sniderman. Estava no Texas, na altura, a ensinar técnicas paramilitares aos oficiais de um país sul-americano que não posso identificar. Ganhava bom dinheiro como ex-militar, a treinar outros soldados para matar. Até esse telefonema.

– Lamento dizer que o presidente e a primeira-dama precisam de ti – confessou Bill. – A Eddie está metida em problemas.

– Vou a caminho – respondi.

Capítulo 9

Hush

A meio da tarde havia mais de dois mil clientes a encherem o pavilhão e os celeiros das maçãs, todos inconscientes de que a filha do presidente estava escondida em minha casa. Quase três dúzias de McGillen e Thackery – igualmente ignorantes – trabalhavam com afinco a atender esses clientes. Logan organizava o tráfego junto ao portão principal e Lucille continuava a controlar o caminho que levava ao meu alpendre. A WDAL, a estação de rádio de Dalyrimple, transmitia em direto o dia de abertura da Quinta Sweet Hush de uma cabina com vista elevada para as festividades. Até agora, não havia qualquer sinal do homem que Edwina Jacobs jurara enviar.

Eddie, entretanto, continuava a dormir na cama do meu filho. Completamente vestida, mas mesmo assim. Davis andava de um lado para o outro no corredor.

Parei e olhei para ele.

– Onde é que está esse rufia presidencial? Se ela fosse minha filha, ou já estava cá eu ou o meu segurança pessoal, e *tu* estarias metido em grandes sarilhos.

– Os pais dela não podem largar tudo para resolver os problemas familiares. A Eddie compreende isso. Na verdade, contou com isso. Ela *quer* que a deixem em paz. Quer ter uma vida normal. Mesmo que os seus pais mandem no país.

– Não te esqueças de que eu tenho esta *quinta* para gerir… pode não ser um país inteiro, mas para mim e para a maior parte da família é o *mundo* inteiro.

– Eu sei.

Dirigi-me às escadas e parei.

– Pensa muito bem em como as tuas decisões afetam todas as vidas por aqui, e está preparado para assumires as responsabilidades quando o familiar da Eddie cá chegar.

– Sou um homem – disse ele calmamente. – Eu trato do assunto.

Parecia tão seguro. Não fazia ideia de como eu estava assustada por ele. Um homem? O meu filho? Eu dera à luz um homem feito? Desci rapidamente as escadas e dei um murro no corrimão de carvalho liso, decorado com flores de macieira em relevo.

– Vá lá, despacha-te – disse em voz alta, ao desconhecido que vinha a caminho para piorar ainda mais o meu dia. – Vamos lá à luta.

Nick

– Tenente-coronel Jakobek?

– Sim? – Ergui os olhos do mapa das montanhas da Geórgia. O assessor da Casa Branca que me viera buscar ao aeroporto no Colorado estava de pé ao meu lado, com uma pasta na mão. Sobrevoávamos o midwest num jato privado. – A primeira-dama diz que isto lhe dará algumas informações úteis sobre a família Thackery.

Franzi a testa, peguei na pasta, abri-a e vi uma fotografia a cores de uma mulher alta, de olhos verdes, com um fato azul, saia pelo joelho e botões de pérola nos punhos da camisa. Parecia muito respeitável, mas não era. Nem ela, nem eu, nem a minha reação. Respirei fundo.

– Quem é?

– A mãe do Davis Thackery. Chama-se Hush. Um desses nomes populares dos montes Apalaches. Hush McGillen Thackery. Foi batizada com o nome das maçãs da família. Uma variedade criada por eles. A *Sweet Hush*.

Hush McGillen Thackery. *Sweet Hush*. O nome de uma maçã. Mãe de um estudante de Harvard e líder de um pequeno império familiar. Que idade tinha ela? Olhei para as informações ao lado da fotografia. Apenas trinta e nove anos. Começara nova. Olhei de novo para os olhos verdes impressionantes, o rosto forte e clássico e o cabelo castanho acobreado, da cor de teca polida num salão de ópio. Usava-o preso com um travessão de prata que não o conseguia conter completamente. A saia e o casaco azuis e conservadores também não conseguiam conter o seu corpo.

O assessor sentou-se à minha frente com um monte de papéis no colo.

– Essa fotografia foi tirada no corredor do Capitólio de Atlanta. A senhora Thackery pertence ao comité do governador para a comissão agrícola estadual. Representa os produtores de maçãs.

– Os produtores de maçãs têm problemas políticos?

– Toda a gente tem problemas políticos, senhor.

Hush Thackery posava ao lado de um funcionário público qualquer de tez macilenta, meio careca e com uma gravata berrante. Parecia um vendedor de carros usados a tentar vender um velho *Buick*, e ela não parecia interessada em comprar.

– Também tem trabalhado em defesa da associação de produtores de maçãs do Estado – continuou o assessor. – Foi presidente da associação durante cinco anos. É membro da direção da organização nacional de produtores. E na sua cidade natal, Dalyrimple, praticamente *controla* a câmara de comércio, o conselho e o comissariado local. A maior parte dos dirigentes locais são da família dela. O seu irmão mais novo é o xerife. As Quintas Sweet Hush são o maior empregador do condado e o principal interesse turístico da região.

Não era propriamente uma agricultorazinha com má atitude. Ambiciosa? Capaz de encorajar o filho a tentar seduzir uma namorada famosa? Era possível.

Folheei um catálogo a cores que anunciava dezenas de produtos caseiros à base de maçãs – bolos, conservas, guloseimas – todos disponíveis através de um número de valor acrescentado e entregues em vinte e quatro horas, o ano inteiro. Parei numa fotografia a cores de Hush Thackery entre as suas macieiras e montanhas. Vestia calças de ganga desbotadas e uma camisola branca, tinha as pernas compridas ligeiramente afastadas, o cabelo caído sobre os ombros em ondas largas, um cesto de maçãs nos braços. As mãos, que seguravam com carinho a verga do cesto artesanal, eram fortes e grandes. Fitava o mundo com olhar sério e um sorriso nos lábios. Senti aquele sorriso onde não me fazia bem nenhum.

– Ela é uma lenda, de certa forma – afirmou o assessor.

– Fale-me sobre o rapaz.

– O filho perfeito. – Quando levantei uma sobrancelha, o assessor acenou com a cabeça. – Perfeito, senhor. – Passou-me uma lista dos feitos de Euell Davis Thackery Jr. *Um geniozinho americano da província*, pensei. Estudei a fotografia do livro de curso de Harvard e vi um rapaz bem-parecido, com cabelo escuro e o olhar calmo da mãe. Sarilhos.

– E o pai? – perguntei.

– Um herói local.

– Há alguém na família que não seja um santo?

– Senhor, só posso transmitir-lhe as informações de que disponho. Os factos.

– Informações não são factos. São só a decoração da montra. – Suspirei. – Seja como for, fale-me sobre o santo do pai do Davis Thackery.

– Davis Sénior. Chamavam-lhe Big Davy. Piloto de corridas, homem de negócios… tinha a sua própria equipa de corrida, sócio num *stand* de carros local, um pai dedicado, um excelente marido, frequentador da igreja, um pilar da comunidade. Muito amado. Os seus fãs construíram-lhe um monumento no sítio onde morreu. Vinha a descer a montanha, a tentar bater um recorde de velocidade local, quando teve o acidente.

Morto? Isto interessou-me mais do que gostaria de admitir.

– Então a santa senhora Thackery é viúva?

– Sim, senhor. Há cinco anos. Ela e o marido eram considerados o casal perfeito. – Passou-me um recorte de jornal. – Aqui tem uma fotografia do marido retirada do jornal local. – O assessor sorriu. – Um pasquim de província chamado *The Dalyrimple Weekly News*.

Davy Thackery vence novamente o título de campeão na sua categoria na pista de Chocinaw. Vi um homem alto, sorridente, de cabelo escuro, com calças de ganga sujas de lama e uma grande fivela no cinto, em frente de um carro de corridas salpicado de lama. O filho, na altura um adolescente desajeitado, sorria ao seu lado, com um braço sobre os ombros do pai. Ao fundo, um grupo de fãs sorridentes. Hush Thackery não estava presente. Um descuido? Eu estava à procura de problemas. De pontos fracos. De vulnerabilidades. Talvez com esperança de os encontrar.

Continuei a estudar a fotografia dela. Um excelente marido, um excelente filho, uma maravilhosa história de sucesso americana. Tudo o que eu tinha na vida era uma casa-barco emprestada a uma família com quem fizera amizade algures no rio Amazonas, no Peru, um apartamento na zona

complicada do sul de Chicago que não visitava há anos, e os crânios de coiote, armazenados algures. Tinha quarenta e três anos de idade nesse outono, um metro e noventa, cem quilos de músculo, algumas cicatrizes de acne e um nariz partido duas vezes, uma na Bósnia, outra no Afeganistão. E, claro, continuava sem o dedo mindinho da mão esquerda.

Não era propriamente um modelo do sonho americano. Ainda não tinha filhos e continuava a dizer que não os queria, mas as crianças percebiam que não era verdade, tal como os gatos vão direitos às pessoas que dizem que não gostam de gatos. Nunca casara, mas quanto a isso não tinha arrependimentos. O meu tipo de mulher era sempre o mesmo. Envolvia-me sempre com aquelas que precisavam de proteção. Regra geral, de si próprias.

Eddie, felizmente, achava que eu passara a minha carreira a fingir ser Harrison Ford num filme de Tom Clancy. De vez em quando mandava-lhe uma fotografia minha, de *smoking*, ao lado de embaixadores e das suas mulheres elegantes. Para Eddie, eu seria sempre o herói que lhe salvara a vida quando era bebé. O homem que jurara tornar o mundo mais seguro para ela.

Olhei outra vez para a fotografia de Hush Thackery. Esta mulher não precisava de pedir ajuda para manter o seu mundo seguro. Pus as fotografias de lado, de testa franzida.

O assessor aproximou-se.

– A primeira-dama acha que deve estar consciente da atitude pouco cooperativa e ameaçadora da senhora Thackery…

– Pormenores?

– Ela teve um confronto com o destacamento dos Serviços Secretos da menina Jacobs por causa do acesso à casa e à quinta, esta manhã. E um confronto com a primeira-dama, também. Ameaçou chamar a comunicação social. Recorreu a chantagem, ou pelo menos ameaçou fazê-lo.

– Quem é que venceu?

O assessor pigarreou.

– A senhora Thackery.

Peguei na fotografia de Hush Thackery no pomar. *Manter sempre a mãe debaixo de olho.* Estudei-a objetivamente, ou tentei. *Muito bem, então sabes tomar conta de ti. Ótimo. Mas eu sou aquele que as pessoas mandam quando querem meter medo aos outros.*

E, lamento, mas é o que vai acontecer.

Desci do jato numa base da Força Aérea nos arredores de Atlanta. Um assessor deu-me as chaves de um *Humvee* verde-camuflado com matrículas governamentais.

– Pensámos que lhe fosse útil, senhor.

– Não vou invadir um país estrangeiro, só vou atravessar as montanhas de Atlanta.

– Há sítios mais recônditos nos montes Apalaches onde ainda ameaçam dar os forasteiros a comer aos porcos.

– Prefiro correr esse risco. Arranje-me um carro alugado normal.

A autoestrada da Geórgia começou a passar entre grandes colinas cobertas de florestas, onde as árvores estavam tingidas com as primeiras folhas douradas e vermelhas do outono. As montanhas cobriam o horizonte, em grandes ondulações, parecendo antigas e plácidas em comparação com as arestas das Montanhas Rochosas. Iludido, pensei que pareciam domesticadas.

Stand Ford Davy Thackery, próxima saída, anunciava um cartaz gigantesco em letras grandes ao lado do desenho em tamanho real de um carro de corrida azul e branco com o logótipo *Thackery Racing* no capô e nas portas. *Campeão das Pistas de Terra.* Saí da autoestrada e passei por um *stand* com uma clientela razoável para um sábado, ao lado de uma estação de serviço e um restaurante. O carro de corridas de Thackery – o verdadeiro, não uma pintura – estava à frente do *stand*, em cima de uma plataforma de betão. Várias pessoas tiravam fotografias ao lado do carro com os filhos. Mesmo morto, o marido de Hush Thackery ainda atraía multidões.

De sobrolho franzido, conduzi o carro alugado por uma estrada sombria de duas faixas, em direção a um horizonte tapado pelas montanhas que se aproximavam rapidamente. De súbito, os montes Apalaches fecharam-se à minha volta. Senti-me como se *tivesse sido engolido.*

Visite a famosa quinta das maçãs Sweet Hush*, a dezasseis quilómetros*, disse-me um grande

cartaz bem cuidado, vermelho e branco, numa clareira relvada, flanqueado por duas macieiras. As maçãs nos ramos mais baixos estavam a ser comidas por quatro veados que não se preocuparam em fugir quando eu passei: *De setembro ao Ano Novo. Uma tradição do condado de Chocinaw.* E depois outro cartaz: *Cidade histórica de Dalyrimple. Comércio, estalagens, pessoas simpáticas. No coração do território das maçãs* Sweet Hush.

Agora estava a compreender. Encontrava-me num país diferente. A Guerra Civil não resolvera esse assunto, pelo menos por aqui.

Conduzi pela primeira de muitas estradas íngremes que contornavam a encosta da montanha, como decoração na beira de um bolo gigante. Apareceu outro sinal, este envolto em trepadeiras de madressilva: «*Está a entrar no condado de Chocinaw. Bem-vindo ao berço da maçã* Sweet Hush.» E por baixo, em letras laranja fluorescente: «*Estradas íngremes e curvas perigosas nos próximos dezasseis quilómetros*.» Mantive os dedos levemente apoiados no volante e olhei para o precipício ao lado da estrada. *É o caminho para a Hush McGillen Thackery e para um mundo acolhedor de tartes de maçã, controlado por ela e pela sua família com muito orgulho e sem desculpas.*

Era isso que todos os sinais de aviso me diziam.

Vinte minutos depois, saí do mapa e entrei numa terra de ninguém no cimo da montanha Chocinaw. Parei o carro numa pequena zona de gravilha ao lado de uma proteção de aço, saí e admirei a vista de vales infindáveis e ondulantes, e montes redondos e cobertos de árvores. Era uma paisagem tão bela que quase doía.

Não sei o que me fez parar ali. A pura solidão do lugar, provavelmente. Um clarão de sol refletido chamou-me a atenção e olhei por cima da proteção, para um ponto trinta metros mais abaixo. Entre os pedregulhos naturais e os rododendros, havia um bloco retangular de granito polido, do tamanho de um carro, em pé, como uma peça de dominó gigantesca. No obelisco cinzento estava gravada uma inscrição em letras altas e fundas, para se conseguirem ler facilmente da estrada, trinta metros acima.

DAVY THACKERY
1960-1995
MARIDO, PAI, HERÓI,
CONDUZIU DEPRESSA, VIVEU EM GRANDE
E ENCHEU-NOS DE ORGULHO
SÓ A MONTANHA O CONSEGUIU VENCER

Céus. Devia ter sido aqui que o marido de Hush Thackery morrera; a tentar bater um recorde de velocidade numa estrada de montanha capaz de cuspir um carro como um cão a sacudir uma pulga, mesmo a velocidades normais. Regressei ao meu carro discreto, olhei para ele por um segundo com um formigueiro de competitividade na nuca, e decidi que devia ter trazido o *Humvee*. Nada como duas toneladas de domínio todo-o-terreno para impressionar uma família que achava que atirar o carro de um penhasco era heroico.

Virei-me e olhei para a proteção metálica e a queda a pique, depois para o céu azul onde um falcão solitário deslizava numa corrente de ar, e por fim para o panorama ininterrupto de montanhas selvagens e isoladas que se estendia até ao horizonte. O marido herói de Hush Thackery não morrera de forma rápida ou fácil. Morrera sozinho, a esvair-se em sangue, mutilado, na encosta desta montanha. Ela devia ter ficado destroçada.

Estaquei abruptamente. Eddie podia ter acabado também naquelas rochas lá em baixo, graças a Davis Thackery Júnior. Uma vaga sombria de fúria passou-me pelos olhos.

Estás metido em grandes problemas, Júnior.

Quando cheguei ao fundo da montanha, virei num cruzamento deserto no meio da floresta. Um sinal verde indicava que tinha entrado na McGillen Orchards Road. Um bonito cartaz vermelho e branco apontava o caminho para a Quinta Sweet Hush.

Conduzi depressa pela estrada do pomar até esta sair subitamente da floresta. Estava rodeado por campos, numa fenda longa e estreita entre as montanhas. A entrada para Sweet Hush Hollow. Centenas de grandes abóboras cor de laranja salpicavam as filas de plantas. Depois os campos de abóboras deram lugar a campos de pinheiros ornamentais plantados em fileiras muito direitas.

A estrada entrou novamente na floresta, alternadamente banhada por sol e mergulhada em sombra, e segurei o volante com mais força. Comecei a cruzar-me com viaturas que se passeavam em sentido contrário. Carros e carrinhas suburbanos, SUV bem tratados, todos cheios de pais e filhos e avós e cães gordos, a atravessar as sombras do final da tarde destes primeiros dias de outono. Vi-os passar, com os seus rostos satisfeitos. Tinham sido drogados com maçãs.

Continuei em sentido contrário daquela parada de típicos americanos satisfeitos e seguros, depois de uma agradável peregrinação à Quinta Sweet Hush. De súbito, o bosque deu lugar a um vale amplo e fui obrigado a abrandar. Uma vaga de ar perfumado de maçãs encheu-me os pulmões através da janela aberta do carro e o sol da tarde cegou-me. Encostei na berma relvada e saí de novo do carro. Respirei fundo várias vezes para me acalmar.

O vale estava coberto de pomares. A luz dourada da tarde fez-me pensar em quadros antigos e camas macias. Entre as árvores, ao fundo do vale, espreitavam os telhados vermelhos de uma grande casa com chaminés de pedra. Mais à frente, vi celeiros com bom aspeto e parques de estacionamento entre os pomares, do outro lado da estrada onde me encontrava. Deviam estar umas duas mil pessoas ali, naquele dia, a vaguear entre os bonitos celeiros e as lojas e um pavilhão cheio de caixotes de maçãs, ou sentadas em mantas debaixo das macieiras. O som de um violino típico e a melodia baixa e lenta de uma velha canção da montanha chegaram até mim numa rajada de vento. No pavilhão, em cima de um palco, havia músicos, e à volta uma série de bancas de artesanato. Delegados do xerife do condado de Chocinaw e adolescentes com coletes fluorescentes orientavam o trânsito com igual autoridade, como se a vida fosse tão fácil que até um adolescente protegido apenas por plástico cor de laranja a conseguia controlar. O calor do sol deslizou-me na pele, e o perfume de maçãs, e a música. A música.

Então era este o reinado escondido que Hush Thackery governava. Shangri La à moda sulista. Uma fantasia, de alguém, mas não a minha. Até me custava a acreditar que de facto existisse.

Leva a Eddie para casa. Tira-a daqui o mais depressa possível.

E não olhes para trás.

Hush

– Abelhas! – gritou Hush Puppy. – Abelhas, tia Hush! As abelhas andam atrás de mim!

Ouvi os gritos dela quando saí de casa para pegar na carrinha e ir até aos celeiros públicos. Dei meia-volta e corri pelo caminho de terra que levava a um celeiro descorado pelas intempéries, que parecia ter nascido na colina atrás da casa. Este era um celeiro a sério, com mais de cem anos.

– Precisa de ajuda, senhora Thackery? – gritou Lucille. Ela e três outros agentes estavam a vigiar os meus canteiros, o caminho de acesso à casa e a varanda da frente. Contudo, não eram adversários para um enxame de abelhas. Abanei a cabeça e continuei a correr.

Cortei caminho por cima de uma fila de pedras tombadas e entrei pela alta porta lateral do celeiro, dentro do qual os raios de sol eram filtrados entre as tábuas antigas e o cheiro adocicado do feno emanava do passado da antiga estrutura. Dois grandes tratores competiam por espaço nas velhas estrebarias das mulas, juntamente com alfaias agrícolas, arados e uma grande carroça puxada por mulas que eu usaria para passeios assim que o tempo arrefecesse um pouco mais.

– Aqui, tia Hush! – gritou Puppy. – Estou na tulha do milho!

– Vou já, querida. Não te mexas! – Corri entre os velhos cestos de tabuinhas empilhados de cabeça para baixo, como cones de gelado. Dezenas de abelhas esvoaçavam num canto onde os raios de sol passavam em fitas por entre as tábuas das paredes. Puppy abanou o engate de madeira do seu esconderijo seguro atrás da porta de tábuas pesadas da tulha. Conseguia ver apenas um pouco dos caracóis escuros por uma fenda acima do suporte horizontal da porta. Os seus olhos azuis espreitaram por uma fenda mais abaixo.

– Vim atrás do gato Toad e as abelhas saíram do buraco no chão. – A sua voz aguda de criança ergueu-se ainda mais, trémula. Começou a chorar. – Tia Hush, eu não tenho pele de açúcar. Elas picaram-me no dedo! – Soluçou. – Como se eu fosse uma pessoa qualquer!

– Minha querida – consolei-a –, as abelhas só não perceberam ainda quem tu és. Muito bem, quando eu disser, abre a porta, sai e caminha lentamente até à porta do celeiro. Vai ter com o

Gruncle Thackery e diz-lhe para ir buscar um fumigador ao telheiro das colmeias. – Tínhamos fumigadores para tratar das colmeias de abelhas no pomar. – Não corras. Caminha até aos celeiros públicos e procura o Gruncle. Está bem?

– Está bem.

Parei em frente do enxame de abelhas, com os seus ferrões ferozes.

– Sou eu – disse baixinho aos insetos. Arregacei as mangas da camisola até aos cotovelos, estendi as mãos com os dedos abertos, rezei uma pequena oração e avancei para o meio delas. Aos poucos, as abelhas começaram a pousar em mim. Em menos de um minuto, cobriam-me as mãos e os antebraços como um par de luvas vivas. Senti a leve pressão na pele, o formigueiro das suas bocas de inseto a saborear-me. Uma dúzia esvoaçou até ao meu rosto e cabelo e pousaram-me nas faces, no nariz e na cicatriz por baixo do olho direito. Senti uma delas deslocar-se ao longo do crescente de pele sensível. *O Davy magoou-te, mas nós nunca o faremos.*

Depois de mais alguns segundos, não havia uma única abelha no ar. Todo o ninho estava apaixonado por mim. Ainda tinha o dom de encantar as abelhas, apesar de o resto da minha vida estar a escapar ao meu controlo.

– Puppy? – chamei, baixinho.

– Sim?

– Vai, *agora*.

A porta da tulha abriu-se com um rangido das velhas dobradiças. Puppy enfiou a cabeça de fora, olhou para mim de olhos arregalados e saiu. Já me tinha visto fazer isto – domesticar as abelhas – mas mesmo assim fitou-me, assombrada.

– Vou dizer ao Gruncle para trazer o fumigador – murmurou. Contornou as pilhas de cestos e depois desatou a correr e saiu pela porta lateral do celeiro.

Fiquei ali sozinha, sob os raios do sol da tarde, a minha pele um íman para criaturas que tinham um lugar e um objetivo em nada inferior ao meu na criação do fruto da vida. Soltei lentamente a respiração e disse-lhes:

– Neste momento, tenho coisas piores do que vocês com que me preocupar, abelhinhas. E acho que sabem disso.

Sentei-me com calma num banco de madeira baixo ao pé das ferramentas de entalhar madeira do meu avô, pousei os cotovelos nos joelhos para não esmagar nenhum inseto e ergui o rosto decorado por abelhas para um raio de luz. Como uma árvore na primavera, estava a ser polinizada. Uma sensação de expectativa percorreu-me, com um arrepio. Inesperadamente, fiquei com pele de galinha. Eu estava aqui por alguma razão. Lá fora, transportado pela brisa suave, ouvi o sussurro da árvore *Grande Dama*.

Fica imóvel e as abelhas trar-te-ão vida nova.

Nick

Depois de passar pelas áreas públicas da Quinta Sweet Hush, entrei nos pomares e o mundo exterior desapareceu atrás de mim. Até a qualidade da luz se tornou mais densa, como se estivesse a ser atraído para o fundo de um poço. As árvores estavam tão próximas do caminho que a ponta de um ramo, carregado de maçãs, me bateu na janela. *Deixa-nos entrar. Não podes vencer a batalha contra a mais americana de todas as frutas.*

A estrada estreitara e era agora um caminho de gravilha onde cabia apenas um carro, ladeado por flores douradas, e as montanhas lançavam as sombras da tarde sobre o meu carro, alterando ainda mais a luz e distorcendo a minha perspetiva e noção do tempo. Avancei por um túnel de macieiras e vidas. *Isto é um portal no universo,* pensei. *Vou sair noutra dimensão*.

Talvez fosse verdade. Os pomares desapareceram e vi-me perante um portão antigo ladeado por cercas de madeira. De nada adiantariam para impedir alguém de entrar ou de sair. Mas era bonito. Do outro lado do portão havia um relvado inclinado e socalcos delineados por muros de pedras cobertas de musgo, onde se erguiam grandes carvalhos à sombra dos quais havia uma profusão de canteiros de flores. Ao cimo, vi a grande e bonita casa, com telhas vermelhas e chaminés de pedra cinzenta, uma varanda larga coberta de trepadeiras e uma porta de madeira escura, trabalhada, e

de vidro colorido. Nos postes ao lado dos degraus estavam gravadas maçãs. Na porta, estavam gravadas maçãs. Nos painéis de vidro colorido reluziam maçãs encarnadas.

Maçãs por todo o lado!

Os agentes dos Serviços Secretos apareceram por um caminho de pedra antiga, protegido por arbustos suficientemente grandes para esconder uma pessoa. Esta quinta era um campo minado de riscos de segurança. Saí do carro e acenei aos agentes. Pareciam homens de família sólidos e decentes – a escolha típica para os Serviços Secretos. Nenhum me reconheceu e todos mantiveram a mão perto do coldre enquanto se dirigiam a mim. Eu costumava ter esse efeito em homens de família.

– Alto – ordenou um deles. – Tem assuntos a tratar na casa?

Acenei afirmativamente e olhei para trás deles. Vi um celeiro antigo e outras estruturas entre as árvores, um vislumbre de um pequeno pasto e mais pomares para além de tudo isto – raios, pomares daqui até ao fim do mundo, um exército de macieiras que subiam e desciam com o relevo do vale. Uma maré de maçãs. Estava cercado. Pousei a mão no portão fechado quando os agentes se aproximaram.

– Sou o Jakobek – disse, e tirei as minhas credenciais do bolso das calças. Um dos agentes pegou na carteira aberta e estudou os documentos. A expressão dele e as dos outros eram agora de alívio, ou pelo menos de reconhecimento.

– Tenente-coronel, as minhas desculpas por o termos mandado parar. – Estavam à minha espera.

– Não há problema – respondi.

– Tenente-coronel – chamou uma voz de mulher. Lucille Olson desceu o caminho, saindo da sombra dos arbustos subversivos. Al e Edwina tinham-me perguntado o que pensava dela antes de a porem a cargo da proteção de Eddie. Eu estudei o seu historial, analisei a sua formação, depois fui ter com ela e fiz-lhe apenas uma pergunta:

– Porque arriscaria a vida para proteger a Eddie?

Ela fitara-me diretamente nos olhos.

– Porque quando era pequena, no Minnesota, a minha irmã foi violada e assassinada por um louco que a perseguia. Só consigo lidar com essa memória garantindo que o mesmo não acontece a outra pessoa. Tenho de acreditar que posso fazer a diferença.

Disse a Al e a Edwina que podiam confiar-lhe a vida de Eddie. Ela nunca a deixaria ficar mal. Eu compreendia essa mentalidade.

– Agente Olson, onde está a Eddie?

– Dentro de casa, senhor. – Abriu o portão. – No piso de cima. Tem passado o dia a dormir. Estava enjoada, agoniada. Nada de grave, embora eu tenha tentado convencê-la a deixar-me chamar um médico. Em vão. O Davis Thackery está com ela. Não consigo afastá-lo. Ainda bem que chegou, senhor.

Entrei pelo portão aberto e comecei imediatamente a subir o caminho até à casa.

– Estejam preparados para arrancar assim que eu voltar com a Eddie. Mandem um médico estar à nossa espera no aeroporto. Acho que isto não vai demorar muito.

– Acho que não está a compreender… – Lucille acelerou o passo para me acompanhar. – Não está a ser fácil persuadir a Eddie.

– Ela dá-me ouvidos. A Hush Thackery está cá? Primeiro quero falar com ela. Uma questão de protocolo. Pode apresentar-nos?

– Bom, na verdade ela… temos uma situação… está naquele celeiro ali mas não sei se…

– Têm de me ajudar a encontrar o meu Gruncle para ele ir buscar o fumigador! – gritou uma vozinha infantil. Uma pequena menina de calças de ganga e uma *T-shirt* da Barbie desceu a colina a correr, saltando por cima das pedras que delimitavam os canteiros nos socalcos, com o cabelo ondulado a dançar atrás dela e o rosto molhado de lágrimas. Com aquele radar que as crianças têm sempre em relação a mim, correu logo na minha direção, pegou-me na mão e puxou.

– Desculpe, senhor, mas preciso de boleia até aos celeiros lá em baixo para ir chamar o Gruncle Thackery e lhe dizer para trazer o fumigador! A minha tia Hush está coberta por um enxame de abelhas! – Ergueu o dedo indicador vermelho e inchado. – Veja o que me aconteceu! E foi só uma picada!

Tia Hush. Coberta. Enxame. Abelhas. Picada. Foram as únicas palavras que ouvi. Inclinei-me e

segurei cuidadosamente na mão da menina.

– O que é que a tia Hush está a fazer neste momento?

– À espera de ajuda! Depressa! Estão todas em cima dela! – Apontou para o telhado de um celeiro que espreitava entre as árvores, à distância. – Ali!

– Eu trato dela.

– Promete?

– Prometo.

Peguei-lhe por baixo dos braços, virei-me e entreguei-a a um dos homens.

– Vão buscar o Gruncle, quem quer que seja. Eu vou para o celeiro.

O agente olhou para Lucille, que acenou.

– Tom, Hernando, fiquem aqui. – Depois virou-se para mim. – Vou chamar o filho dela e uma ambulância.

Lucille correu para a casa e, sem parar, tirou o telemóvel do bolso das calças.

Corri pelos socalcos, saltando por cima das pedras, escalando entre azáleas floridas, pequenas selvas de crisântemos lilases e as folhas cortantes e acastanhadas das irises de verão. Cheguei aos carvalhos e corri sob os ramos avermelhados em direção ao velho celeiro do outro lado do pequeno pasto. A porta lateral estava aberta e não ouvi qualquer grito vindo do interior, onde via apenas os raios de luz do sol filtrados pelas tábuas. Mas, mentalmente, vi Hush Thackery a ser picada até à morte num acidente inesperado que transformaria este dia num pesadelo.

Hush

Quando eu era pequenina, poucos anos antes de o meu pai morrer enquanto arrancava as amoreiras silvestres nos pomares, ele levou-me a mim e à mamã a Dalyrimple para ver o desfile do Quatro de Julho, cortesia dos veteranos do condado de Chocinaw, com porta-bandeiras emprestados pela unidade de reservas da Universidade do Norte da Geórgia e a Banda da Escola Secundária do condado de Chocinaw a tocar marchas de Sousa em tom alto e ligeiramente desafinado. A cidade era tão velha como os blocos cinzentos do edifício do tribunal, à sombra de nogueiras que, no outono, largavam na cabeça das crianças nozes tão duras como opiniões.

Os dachsunds de Farlo Dalyrimple dormiam em segurança nas ruas tranquilas, como salsichas peludas que só se mexiam quando alguém lhes buzinava. A velha Ulaine Dalyrimple Baggett, que dava aulas de música gratuitas às crianças pobres da montanha, incluindo eu, marcava o ritmo lento da cidade a partir do alpendre da loja de ferragens do neto. Em finais dos anos 60, Dalyrimple parecia uma cidade idílica da televisão.

Sentámo-nos no degrau do alpendre da loja, a mamã à esquerda da cadeira de baloiço da senhora Baggett, o papá e eu à direita. A senhora Baggett cantou «*Will The Circle Be Unbroken*» em tom alto e grave e eu cantei com ela. Enquanto cantávamos e víamos o desfile, os zangões gordos que rondavam as roseiras da senhora Baggett começaram a esvoaçar à minha volta. Eu ainda não sabia que tinha pele de açúcar, mas não tinha medo de abelhas, pois já percebera que a maior parte delas nunca me picava.

Um a um, os zangões pousaram-me no cabelo e no rosto enquanto o papá, a mamã e a senhora Baggett admiravam o desfile, sem se aperceberem de nada. De súbito, a senhora Baggett parou de cantar e disse na sua voz calma e idosa:

– John Albert McGillen, a tua filha fez pousar as abelhas com a sua canção.

O papá e a mamã olharam rapidamente para mim, ali sentada, calma como um bezerro a ruminar, com várias dúzias de abelhas gordas na cara e no cabelo. A mamã não disse uma palavra. Pegou em duas pequenas bandeiras americanas que a senhora Baggett tinha espetado num vaso de gerânios.

– Desculpe, senhora Baggett, mas vou usar as suas bandeiras para enxotar os zangões de cima da Hush.

– Não é preciso – disse o meu pai. Magro e curtido, com o cabelo castanho-escuro a recuar-lhe na testa como um fogo em retirada, tinha o sorriso mais caloroso do mundo e uma natureza tão tranquila que as abelhas também pousavam nele. Tirou do bolso da camisa de xadrez azul um cachimbo comprido, encheu-o com tabaco de uma bolsa de pele que tinha no bolso das calças,

acendeu-o com um fósforo que riscou na palma da mão calejada e soprou lentamente para cima de mim uma nuvem de fumo.

Os zangões levantaram voo em duos e quartetos zumbidores.

– Oiçam-nos a cantar em coro – disse a senhora Baggett. – John Albert, és espantoso. Também fazes as abelhas cantar.

O meu coração bateu mais depressa, com o espanto perante pequenos milagres e o deslumbramento que as crianças mais sortudas sentem por um pai ou mãe pelo menos uma vez na vida. *O papá salvou-me*. Já existia entre o meu pai e eu um selo permanente de magia de abelhas, mas esse momento consolidou-o. Ele sorriu-me e virou-se de novo para o desfile, enquanto a mamã soltava a respiração, aliviada, e voltava a espetar as bandeiras da senhora Baggett no vaso de gerânios.

A senhora Baggett, a última grande guardiã da tradição feminina da canção espiritual, inclinou-se sobre o braço da cadeira e chamou-me com um dedo tão nodoso como os ramos da minha *Grande Dama*. Quando me aproximei, disse, baixinho:

– O teu papá é um encantador de abelhas, tal como tu. Qualquer homem capaz de encantar abelhas tem uma alma de particular coragem e grande bondade. Não te esqueças disso. Espera por um homem encantador de abelhas. Um homem desses tem uma música especial no coração.

Levei a mão ao coração e assenti com um aceno. Um pequeno zangão rebelde voltou e pousou-me na mão enquanto fazia essa jura, ouvindo-a para poder transmiti-la a todas as abelhas do mundo. Mas a senhora Baggett morreu na primavera seguinte sem me dar mais conselhos, e o papá poucos anos depois, e depois apareceu Davy e quebrei a minha jura.

Nunca encontrei um homem encantador de abelhas.

Até ao dia, naquele outono, em que Nick Jakobek chegou.



Ouvi passos a correr. *Não é o Gruncle*, pensei. *E não é o Davis. O Davis corre como uma girafa. Devagar e pesado.* Virei cuidadosamente a cabeça para não assustar a meia dúzia de abelhas que estavam agarradas às minhas faces, testa e cantos da boca, como animais de estimação. A entrada lateral do celeiro era um retângulo alto de troncos cinzentos, que emoldurava a luz rosada da tarde como uma janela iluminada numa sala escura. Obrigada a estar imóvel, fiquei hipnotizada pelo contraste de luz, pelos passos que não podiam pertencer ao velho Gruncle e pelo bater lento do meu coração. De vez em quando, uma abelha levantava das minhas mãos e pulsos cobertos e procurava nova localização, encaixando-se entre as irmãs apinhadas nos bancos dos meus braços. Como um coro de igreja apanhado pelo espírito, moviam-se ao seu próprio ritmo. A senhora Baggett teria ficado orgulhosa.

Os passos estacaram. A silhueta forte de um homem ocupou de súbito a moldura de luz e árvores. Vi as suas pernas compridas ligeiramente abertas, os braços caídos ao lado do corpo, prontos, escuro contra o fundo acobreado dos carvalhos distantes. As abelhas agitaram-se de forma ameaçadora.

Ele deu um passo em frente.

– Não avance mais – avisei, em voz baixa. – Fique parado ou elas vão atrás de si.

– Está muito ferida? – A voz dele era profunda, calma, sem sotaque sulista, mas agradável. Uma voz boa e forte. Nunca a esqueceria, nem à forma como ele fez a pergunta.

– Não estou nada ferida, obrigada. Tenho apenas um talento para atrair abelhas. – Soprei levemente quando uma pequena abelha me fez cócegas no lábio inferior e ela afastou-se. Senti arrepios percorrerem-me a pele. O desconhecido aproximou-se um pouco, com movimentos muito cuidadosos para um homem tão alto. Abri a boca para o avisar outra vez, mas as palavras não chegaram a sair. Ele parou sob um raio de sol.

Baixou os olhos para mim com expressão deslumbrada.

E eu ergui os olhos para ele como uma criança na igreja.

Tinha um rosto duro e masculino, com alguns sinais de idade, cabelo denso, mais preto do que castanho, e olhos escuros que reduziram o mundo a mim. Apenas a mim. Levou a mão ao peito, enfiou os dedos no bolso da camisa de flanela amarrotada, presa dentro de calças de bombazina

castanhas e largas, com botas de caminhada esfoladas. Tirou do bolso um charuto comprido e, ao mesmo tempo, um isqueiro prateado do bolso da frente das calças. Vi-o remover o invólucro de celofane do charuto e arrancar a ponta com um puxão seco dos dentes.

Sustive a respiração.

Ele enfiou o charuto entre os dentes, protegeu a ponta com a mão grande e forte, acendeu o isqueiro e depois o charuto com a cerimónia de um homem que sabe exatamente a quantidade de ar necessária para unir lume e tabaco na sua dança. Soprou, e uma nuvem cinzenta de fumo adocicado flutuou na minha direção.

– Vamos ver o que conseguimos fazer – disse. Aproximou-se mais e apoiou um joelho no chão, ao alcance do meu braço.

O sol baixo iluminava um dos lados dos nossos rostos, deixando o outro mergulhado nas sombras. Olhei para dentro dele e gostei do que vi, ou do que julguei ver. A confiança ergueu-se entre nós como a bolha num nível de carpinteiro. Tínhamos um equilíbrio, temporário, talvez, mas suficiente para conter este momento. Ele chupou o charuto e soltou dos pulmões uma nuvem lenta de fumo aromático e ar, que me envolveu.

As abelhas nem sequer zumbiram.

Senti o coração acelerar com o espanto.

Finalmente conheci um homem encantador de abelhas.

As abelhas começaram a levantar da minha pele. Ergui as mãos. Dezenas delas levantaram voo e afastaram-se entre o fumo, mais indolentes do que aborrecidas, a deslizar nas correntes da respiração deste desconhecido até terem seguido o fumo por uma fenda na parede e desaparecido. Nunca tirei os olhos do rosto dele, até que me apercebi, subitamente, de que tinha as mãos e os braços vazios.

Ele ergueu a mão esquerda e curvou-a perto da minha face para guiar outra nuvem de fumo que lhe saía dos lábios. Ainda tinha algumas abelhas no rosto, as mais obstinadas. Inclinei-me para ele, com o rosto virado para a nuvem doce e o perfume do seu hálito, e ele aproximou-se também um pouco mais, até estarmos tão perto que nos poderíamos ter beijado. Assim tão perto. Senti o calor da pele dele junto da minha. Assim tão perto. Ele soprou suavemente fumo para os meus olhos, as minhas faces e, por fim, quando restava apenas uma abelha a fazer-me cócegas no canto da boca, inclinou-se ainda mais, desviando o olhar da minha boca para os meus olhos, e soprou uma última corrente de ar diretamente para os meus lábios entreabertos. A pequena abelha voou e desapareceu num raio de sol entre as tábuas do velho celeiro.

Não nos afastámos para uma distância segura. Olhámos um para o outro com uma mistura confusa de afeto, surpresa e atração sexual. Penso que ambos soubemos, naquele momento, que íamos trazer alegria e infelicidade um ao outro. De mais do que uma forma.

– Porque é que não tem medo? – perguntou ele.

– Das abelhas? Ou de si?

– As duas coisas.

– Confio na opinião das abelhas. E *elas* confiam em si.

Um brilho melancólico e duro passou-lhe pelos olhos.

– Senhora Thackery – disse, calmamente. – Chamo-me Nick Jakobek e vim buscar a Eddie e levá-la para casa.

Respirei fundo e acenei com a cabeça.

– Ainda bem.

Nick

E assim, um outono que começara num complexo militar no Texas estava agora neste ponto: ali estava eu, num celeiro simpático na Geórgia, uma parte do mundo em relação à qual sabia mais sobre estereótipos do que sobre os seres humanos reais, rodeado por equipamento agrícola antigo e pelo cheiro a maçãs quentes e a feno doce e a ar da montanha, a ver uma mulher incrível devolver calmamente o meu olhar, sentada num banco de madeira, onde a encontrara coberta de abelhas. Hush McGillen Thackery não era a mulher mais bela que eu alguma vez vira, mas a partir daquele

momento tornou-se a mulher de quem era mais difícil afastar os olhos. Senti-me excitado, e atrapalhado, e surpreendido. O facto de conseguir esconder toda essa agitação não significa que ela não estivesse presente. O salvamento, a apresentação sem nomes, a ligação incontrolável de desejo entre estranhos. Estava tudo lá.

Tal como as abelhas, queria conhecer o sabor dela, e porque me fizera gostar dela com tanta facilidade.

E porque dissera o que dissera sobre Eddie.

E simplesmente porquê, em geral.

Hush

Vi uma sombra de surpresa passar pelos olhos escuros de Nick Jakobek – suponho que ele esperava que eu quisesse manter a companhia de uma filha presidencial – mas, antes que pudéssemos dizer mais alguma coisa, um chocalhar metálico quebrou o feitiço. Levantei-me como se tivesse sido apanhada a fazer algo errado. Jakobek levantou-se mais devagar, de olhos inexpressivos. Tinha mais controlo sobre as suas fraquezas do que eu sobre as minhas, ou menos frustração acumulada. Provavelmente a sua vida sexual não girava à volta de uma almofada de massagens vibratória.

Enfim. Para meu horror, vi Davis e Eddie parados à porta do celeiro. Davis baixou-se e apanhou uma lata com um bico comprido da qual saíam pequenas nuvens de fumo branco.

– Sei quem é, tenente-coronel, e conheço a sua reputação, mas não consegue intimidar-me. Nem à minha mãe.

Jakobek falou em voz baixa.

– Senhor Thackery, nós os dois precisamos de conversar em privado antes de tirar mais conclusões precipitadas sobre mim ou as minhas intenções. – A sua intensidade, mesmo imóvel, fez com que os cabelos na minha nuca se levantassem. Vi um tendão no pescoço dele contrair-se ligeiramente e a postura tensa do corpo; os ombros firmes, os parênteses fortes e aparentemente descontraídos das mãos, caídas ao lado das ancas esguias com uma calma enganadora.

Intervim rapidamente.

– Não vai haver conversa nenhuma sem a minha presença. Entendido?

Ele olhou para mim de testa franzida.

– Não estou aqui para fazer mal ao seu filho. Tem a minha palavra. Vim apenas para obter respostas. E para me certificar de que a Eddie está em segurança.

– Muito bem. Mas não haverá qualquer confronto entre o senhor e a minha família.

Ele assentiu com um aceno breve. Estava a ceder, mas com condições.

– Estão a discutir a minha pessoa – interrompeu Davis, em tom seco –, sem me consultar.

Eddie estendeu as mãos para Jakobek.

– *Nicky*… Por favor, não me digas que os meus pais te pediram para me vires buscar e tu *concordaste*. Tu também? *Tu não*. Tencionas dar-me ordens? Tratar-me como uma criança que tem de ser salva? Dar-me um sermão?

– Estou aqui para ver se estás bem. Mais nada.

– Nesse caso, estou bem. As tuas dúvidas estão esclarecidas.

– Pareces-me assustada e doente. As tuas ações não fazem sentido. Quero apenas certificar-me de que não foste… coagida.

– Coagida? – repetiu Davis em voz baixa. – Está a acusar-me de…

Eddie pousou-lhe a mão no braço.

– Nicky, todas as pessoas têm um ponto de viragem na vida. Momentos em que tudo o que aprenderam a pensar sobre si próprias e o seu lugar no mundo deixa de fazer sentido. Quando esses momentos acontecem, uma pessoa sensata sabe que deve seguir por outro caminho. Foi o que fiz, Nicky. Tomei a decisão, rápida mas infinitamente sensata, de deixar para trás uma vida que deixou de ser a minha.

– Os teus pais nunca te forçaram a viver sob os holofotes.

– Oh, Nicky, claro que forçaram. Uma criança não consegue escapar a luzes tão fortes como as

deles.

– Fizeram tudo o que podiam para te proteger.

– Eu sei, e sempre me senti como um pássaro numa gaiola.

– Isso não explica por que raio fugiste pela Costa Leste abaixo, com o contingente dos Serviços Secretos atrás de ti. Porquê? Tu e o senhor Thackery não podiam ter apanhado um avião para vir visitar a mamã dele?

– Mãe – corrigi, em tom cortante. – A *mãe* dele.

Enquanto Jakobek me lançava um olhar curioso, Davis avançou.

– A Eddie estava farta de cada movimento seu ser transmitido e relatado aos pais. Há cinquenta anos que nenhum filho adulto de um presidente foi vigiado como ela tem sido.

– O mundo não é tão seguro como era, senhor Thackery.

– A minha mãe espia-me – anunciou Eddie. – Sabias disso, Nicky?

Jakobek franziu a testa.

– A tua mãe é uma mulher dura, mas demasiado íntegra para fazer uma coisa dessas… – Hesitou e a testa franziu-se mais. – A tua mãe tem motivos para ser um pouco protetora de mais, depois do que aconteceu…

– Nicky, não me digas que isto começou quando aquele homem tentou matar-nos. Há anos que oiço isso, mas não acredito que seja uma justificação. Ela tornou-se uma pessoa dura e zangada e mesquinha, Nicky. Ao longo dos anos, vi-a tornar-se cada vez mais sarcástica e menos flexível e mais tirana, à medida que o papá subia na hierarquia política e a nossa família se tornava cada vez mais um alvo público. Mas, na verdade, ela começou *mesmo* a mudar quando eu fiz dezoito anos e o papá venceu as eleições presidenciais. Nestes últimos três anos, *todos* os instintos controladores da minha mãe se concentraram num único objetivo: manter-nos, a mim e ao papá, sob o controlo dela.

– Manter-vos aos dois seguros – corrigiu Jakobek.

– Bom, é de mais. Fui obrigada a fazer esta mudança drástica para fugir dela. E acho que o papá vai compreender.

– Talvez, talvez não. – Jakobek estudou Davis com expressão dura. – Entretanto, senhor Thackery, tem muito para explicar.

– Não. Com todo o respeito, o que eu e a Eddie fizemos não é da sua conta. Ela quer que se vá embora.

– Isso não vai acontecer.

– Vai, sim.

– Alto – interrompi, colocando-me entre eles. – Davis, o tenente-coronel veio para falar, e está a representar a família da Eddie, por isso deves-lhe pelo menos a cortesia de o ouvir. Eddie, sei que estás tão zangada com a tua mãe que nem consegues pensar como deve ser, mas não podes recusar-te a ouvir o mensageiro dela. – Ergui a voz. – E mais ninguém vai dar ultimatos a não ser *eu*. Ou então…

Eddie abanou a cabeça. Tinha os olhos cheios de lágrimas quando os virou para Jakobek. Não tive qualquer dúvida do afeto que ela sentia por este homem grande, de aspeto implacável, que tinham enviado para a vir buscar. Seria ele um assassino? Talvez. Mas era também um encantador de abelhas. E isso exigia bondade.

– Nicky, desculpa, mas não podes dizer-me nada que eu não saiba já. – Eddie limpou os olhos. – Não vou contigo a lado nenhum e nem sequer vou continuar com esta conversa. É evidente que não compreendes os meus motivos e estás a partir do princípio de que fiz uma escolha insensata apenas porque não é o meu comportamento habitual. – Deu meia-volta e saiu do celeiro.

Nick Jakobek fez menção de a seguir mas Davis bloqueou-lhe o caminho, de punhos cerrados.

– Ela *pediu-lhe* que a deixasse em paz. Agora eu estou a *dizer-lhe* que a deixe em paz.

– Senhor Thackery…

– Pare de usar esse tom condescendente comigo. Não vou ceder.

Jakobek levantou a mão esquerda e apontou para o rosto lívido de Davis num gesto de aviso quase elegante. Tive um vislumbre daquela mão e tempo suficiente para reparar no desequilíbrio chocante da ausência do dedo mindinho, antes de Davis explodir. Tentei segurá-lo quando ele se atirou a Jakobek de punho erguido. Nick Jakobek segurou-lhe no pulso, fê-lo rodar e soltou-o. No instante seguinte Davis recuou, a cambalear, derrubou uma pilha de cestos e caiu de cara no chão

de terra do celeiro.

Senti nos meus próprios pulmões o eco gutural quando ele ficou sem fôlego e levei a mão à barriga. Jakobek olhou para mim. A expressão dos seus olhos não era cruel.

– Não quero magoar o seu filho.

– Acha que eu o *deixaria*? – Enfiei a mão no bolso das calças de ganga e, no meio de uma chuva de comprimidos *ma wong,* tirei o canivete que trazia sempre comigo. Abri-o, aproximei-me do rosto de Jakobek, agarrei-lhe na camisa com uma mão e mostrei-lhe a lâmina afiada de seis centímetros. – Se lhe tocar outra vez, descaroço-o como a uma maçã.

Um brilho de apreciação passou pelos olhos de Jakobek. Não que eu o tivesse assustado com a minha faquinha ridícula – claro que não, não vi qualquer indício de medo. Mas respeito, sim.

– Nesse caso, tem de o acalmar.

– Consigo acalmar-me sozinho – disse Davis. – Cair de boca na terra batida é um bom tranquilizante. – Sentou-se entre os cestos, com a cara suja de terra e sangue a escorrer do nariz. Olhou para a porta do celeiro.

– Estou bem – disse, em voz rouca.

Jakobek e eu virámo-nos e vimos Eddie, branca como a cal, agarrada à barriga.

– Como pudeste fazer-lhe isto, Nicky? – disse, antes de cair de joelhos.

– Eddie! – gritou Davis. Saltou para junto dela, sentou-se no chão ao seu lado e segurou-lhe na testa. Eddie vomitou um fio de água no chão do celeiro.

– Raios – murmurou Jakobek. – Não sei como lidar com estas coisas.

– Não é o único – respondi. – Também não compreendo o que se passa, nem porquê.

Davis abraçou Eddie enquanto esta tossia e vomitava.

– Estamos casados desde a primavera – disse ele, por fim. – E a Eddie está grávida de três meses.

Capítulo 10

Hush

Nessa noite, um pôr do sol azul e dourado de outono lançou uma neblina solitária sobre as montanhas Chocinaw, Big Jaw e Ataluck, enchendo o Hollow e obrigando os agentes dos Serviços Secretos de Lucille a perscrutar as sombras enevoadas com olhos semicerrados. Davis e Eddie fecharam-se no quarto no piso de cima, onde ambos começaram a telefonar a amigos e familiares para dar a notícia do casamento e do bebé. Smooch, aturdida, estava no meu gabinete atrás da casa, a lidar com os telefonemas de vários McGillen e Thackery estupefactos. Logan seguiu Lucille pelos nossos edifícios, tentando impressioná-la com a sua masculinidade enquanto ela inspecionava os sistemas de alarme e tirava apontamentos e tentava não ficar impressionada. Hush Puppy estava no escritório com Smooch, demasiado fascinada para fazer mais do que olhar e ouvir de boca aberta.

E eu recuperara apenas o suficiente para andar de um lado para o outro.

Nicholas Jakobek apoderara-se da sala de estar, onde andava também para trás e para a frente junto da lareira, com um telefone qualquer de alta tecnologia encostado ao ouvido, a ouvir mais do que falava, os ombros abatidos pelo cansaço quando espreitei pela porta que dava para o vestíbulo. Não imaginava o que Al e Edwina Jacobs estariam a dizer-lhe. Ouvi-o responder uma vez, num timbre de voz profundo e algo ameaçador.

– Disseram os votos que eles próprios escreveram e assinaram um contrato de casamento de um parágrafo redigido pela Eddie. Não, não têm uma licença estatal de dez dólares nem a bênção do papa, mas, quer nós levemos este casamento a sério ou não, *eles* levam-no.

Nesse momento, admirei-o. Quantos homens estão dispostos a mandar passear o presidente e o papa, ao mesmo tempo? Quando Jakobek pousou o telefone e me viu à porta, não me incomodei em pedir desculpa por estar a ouvir a conversa. Nessa fase, já estávamos para além das cortesias banais.

– Votos caseiros ou não, Jakobek, tem toda a razão. Eles não vão ceder. Pelo menos enquanto o entusiasmo inicial não passar.

– A Eddie foi educada para honrar a sua palavra.

– Também criei o meu filho assim. E tenho a certeza de que ele está a ser sincero.

– E a Hush, o que pensa?

– Dos votos matrimoniais? Acreditei neles a longo prazo.

– É uma forma interessante de pôr a questão. Mas o que queria dizer era: «O que pensa fazer em relação a esta situação, a curto prazo?»

Senti-me corar. Ele inspirava uma partilha de informação não solicitada, o que era embaraçoso, ou talvez honesto. Muito bem.

– Tenciono honrar uma regra simples mas inabalável para manter a união familiar. Tenho o dever de receber uma nora grávida, sejam quais forem as circunstâncias, e de manter a boca fechada pelo bem do meu neto. Mesmo que pense que este casamento foi impulsivo e ingénuo e que provavelmente está condenado.

Jakobek aproximou-se, estudando o meu rosto como um homem perdido a ler um mapa. À procura do caminho mais rápido para casa. Quase recuei. Quase me inclinei para ele. Parou a menos de um braço de distância, suficientemente perto para me abraçar.

– Gosto da sua honestidade brutal e respeitadora.

– É um elogio?

– É.

Saí da sala com os dentes fechados sobre a ponta da língua.

O pior cego é aquele que não quer ver. Assim citei a autonomeada reverenda Betty Passover, pastora da igreja mais pequena do condado de Chocinaw mas, na minha opinião, a mais profunda. Cega. Ao olhar para Eddie Jacobs, não me passara pela cabeça o motivo mais óbvio para o seu estômago sensível. Não quisera pensar nessa direção. Tapara os olhos com palas de esperança. Mas agora via a luz.

Eddie Jacobs, não. Eddie Jacobs Thackery. A minha nora. Grávida com o filho do meu filho. O meu neto.

Nos celeiros, os trabalhadores estavam a limpar e a arrumar tudo para fechar. Normalmente, fazia uma reunião no final do dia de abertura, onde todos brindávamos com aguardente de maçã e revíamos os números das vendas. Pela primeira vez em vinte anos, cancelei essa reunião. Assim que decidisse o que fazer, teria de falar com todos sobre a mulher que Davis trouxera para casa. Teria de fingir que estava feliz e que os apoiava.

A verdade?

Via as escolhas de Davis através da perspetiva limitada do meu próprio casamento impulsivo com o pai dele, por isso temia o pior. Queria carpir, à boa maneira pública, e vergastar o peito.

Mas tinha de ficar de olho em Jakobek.

Nick

Eddie estava grávida. Grávida. A minha priminha. A menina que eu segurara ao nascer. Ia ser mãe.

Al vinha a caminho dos Estados Unidos no *Air Force One*. Edwina estava também a regressar de Inglaterra.

– Para já, a Edwina não consegue falar sobre o assunto – disse-me Al em voz rouca. – Está demasiado perturbada. Estamos os dois. Queríamos estar aí neste segundo, mas não podemos. Obrigado por teres ido. Imaginas como nos sentimos culpados por não estarmos presentes?

Ele tinha apenas as responsabilidades habituais do seu trabalho – o Médio Oriente, uma pequena crise, ameaças à paz mundial.

– Não sou um bom substituto – admiti –, mas garanto-te que a Eddie está em segurança e que assim ficará.

– Que impressão tens desse Thackery? O que diz o teu instinto?

– Inteligente. Ingénuo. Arrogante. Está apaixonado por ela. Quer ter a atitude correta.

– E a família? Essa mãe… irascível?

Passei dez minutos a falar entusiasticamente sobre Hush Thackery, até me aperceber do quanto dissera e do silêncio de Al.

– Vou pedir-te que mantenhas a neutralidade – disse Al, lentamente. – Estás bem?

Depois de uns instantes de silêncio, respondi:

– Al, sou sempre neutro. E estou sempre bem.

Uma mentira das grandes.

Nessa noite, parei no corredor do primeiro andar da casa de Hush Thackery a olhar para a porta fechada do quarto onde Davis Thackery e Eddie se tinham isolado. Atirei o meu saco de lona para cima de uma cama individual de dossel num quarto do tamanho de uma despensa. Na parede, vi uma reprodução boa e emoldurada de uma paisagem Warford do século dezoito. Trabalhadores a colher maçãs nos pomares ingleses. O quarto era o último reduto ao fundo do corredor e tinha uma janela alta. Escolhera-o porque, da janela, conseguia ver o quintal das traseiras e o terreno ao lado da casa pela janela do corredor. Pontos vantajosos. O quarto de Davis ficava apenas duas portas mais à frente, do outro lado de uma carpete turca com padrão de maçãs.

O quarto da mãe dele era mesmo por baixo do meu, no piso térreo. Hush Thackery, instalada à entrada da sua casa. Guardiã do ninho. Guardiã do orgulho e da moral inabalável da família. Dormia sozinha, lá em baixo, de vigia. E eu faria os possíveis para manter também o mundo dela seguro.

E pensaria nela, a dormir sozinha.

Lucille Olson ligou-me na linha segura.

– A senhora Thackery saiu de casa e desapareceu no pomar de trás. Pareceu-me aborrecida. Alguém devia segui-la. Ela disse-me para me sentir em casa, mas não me parece que estivesse a ser sincera. Tenente-coronel, pode ir ver como ela está?

Quando disse que sim e desliguei o telefone já ia a meio das escadas.

Hush

Escondi-me debaixo da *Grande Dama* enquanto uma grande lua cor de laranja se erguia entre nuvens púrpura leitosas, e aí fui-me abaixo. Agachei-me na escuridão quebrada apenas pelo luar, encostei a testa aos joelhos e solucei. O perfume da terra, do vento da noite e das maçãs por cima de mim pairou até ao meu cérebro, afastando-me das roupas, da pele e da memória os vestígios do charuto de Jakobek. Algumas folhas vermelhas outonais da *Grande Dama* caíram sobre mim.

Há uma estação para esquecer e uma estação para recomeçar.

– Não *posso* esquecer os meus sonhos para o Davis – ripostei. – Senhor, fiz o melhor que podia com aquilo que me deste, certifiquei-me de que o meu filho crescia a respeitar o pai, escondi a verdade sobre as nossas discussões e as mulheres do Davy e o quanto ele me desapontou e o quanto o desapontei a ele, tudo para que o nosso filho crescesse a ver como um homem e uma mulher deviam tratar-se um ao outro… tudo para que o Davis tivesse mais opções e tomasse decisões mais inteligentes do que eu e o pai fizemos. Será que é *inteligente* ele casar com uma rapariga que não tem nada em comum com a gente dele? Será que é inteligente ele deixar a universidade e voltar para cá, com um bebé a caminho e *o mundo inteiro a ver*? Senhor, queres que tudo o que construí aqui se desmorone sob esse tipo de escrutínio?

Não obtive resposta. Não se pode interrogar Deus e pedir-lhe explicações como se fosse o réu no julgamento da nossa vida. Limpei os olhos com a manga da camisola e levantei-me, afastando os ramos da *Grande Dama*. A árvore estava a tentar tocar-me no ombro e dizer-me para guardar os meus pensamentos para mim.

– Porque hei de ouvir-te? – perguntei, em voz rouca. – Ninguém está a ouvir-me a *mim*.

– Eu estou – disse Jakobek. Estava no trilho entre as árvores, banhado pela luz branca da lua.

Estaquei.

– Há quanto tempo está…

– O suficiente. Desculpe.

A brisa da noite agitou-lhe o cabelo escuro e as roupas largas, em tons de terra. As árvores carregadas de fruta pareciam inclinar-se na direção dele, tentando apanhá-lo com os ramos mais finos. Senti um arrepio. Davy nunca me parecera bem entre as árvores, com o seu sorriso irónico e o blusão de cabedal e o cheiro a óleo de motor. Mas Jakobek parecia.

Avancei, com uma pequena maçã na mão que apanhara da *Grande Dama*. Parei em frente de Jakobek, enfiei-lhe a maçã na mão esquerda e fechei-lhe os dedos calejados sobre a fruta, sem tentar ser discreta ou gentil. Se ele sentia algum desconforto por causa da mão desfigurada, o meu toque não registou qualquer pesar. Segurei-lhe a mão entre as minhas, inclinei a cabeça para trás e olhei para ele com raiva, dor e esperança.

– Sei ver a diferença entre podre e maduro, e sou especialista em ver a diferença entre um homem honesto e um mentiroso. Na minha versão do Paraíso, a Eva não descansou enquanto não criou a maçã da sabedoria, para nunca mais se deixar enganar por uma serpente. Qual delas é, Jakobek? A serpente ou a maçã?

– Ambas. – Baixou para mim os olhos sombrios. A maior parte dos homens não tinha palavras suficientes para exprimir o que sentia, e a maior parte das mulheres tinha demasiadas. – Se há mais alguma coisa que eu precise de saber, diga-me.

– Já ouviu mais sobre o meu casamento do que qualquer outra pessoa à face da Terra. – Fiz uma pausa. – Mais do que o meu filho sequer suspeita.

– Não tenho qualquer intenção de expor os seus segredos pessoais. – Virou a pequena maçã indefesa na mão mutilada, examinou-a e enfiou-a no bolso da camisa. – Estamos juntos nesta confusão. Se trabalhar comigo, eu trabalharei consigo.

Sem outra palavra, deu meia-volta e regressou a casa pelo trilho iluminado pela lua, levando consigo a maçã da tentação. Saí para o luar e parei, deslumbrada e com medo, enquanto o via novamente entre a luz e as sombras.

Jakobek partiu para Washington na manhã seguinte, antes de o dia nascer. Nenhum de nós voltou a falar sobre o que ele me ouvira dizer em relação a Davy. Rezei para que esquecesse o que sabia, mas sabia que não esqueceria. Talvez achasse que eram apenas os desvarios melodramáticos de

uma viúva infeliz. Esperava que sim.

Eddie Jacobs Thackery, a minha nora grávida, dormiu no quarto de Davis no piso de cima, debaixo de uma colcha de seda, na companhia de dois gatos e do cão preferido de Davis, um velho beagle arraçado que ele e o pai tinham encontrado, ainda cachorro, na pista de corridas Foggy Top no norte do Alabama. Davis dera ao cão o nome de *Racer*. *Racer* ressonava aos pés da primeira-filha. Davis, calado e de ar grave, observava-a da cadeira de baloiço ao canto do quarto, rodeado pelos seus livros, computadores, cabeças de veado embalsamadas e fotografias emolduradas dele com Davy, em frente de carros de corridas. Era um quarto típico de estudante universitário de província. *Não é o quarto de um marido*, pensei.

Nem de um pai.

Nick

Quando ia a Washington ficava sempre num hotel, nunca na Casa Branca. Por opção própria. A Casa Branca era o mundo de Al e Edwina, não o meu. Saí do elevador na ala residencial da família com um grande cesto de verga na mão, que pousei numa mesa dourada.

Uma das assessoras de Edwina saiu de um gabinete.

– Tenente-coronel, a senhora Jacobs vai recebê-lo já. – Olhou para o cesto. Dez quilos de tartes de maçã, queques de maçã, fritos de maçã, bolo de maçã e o que quer que houvesse mais debaixo do celofane e de um grande laço vermelho. Hush pedira-me que entregasse o cesto a Edwina.

– Ela pode rir-se, ou pode cuspir-lhe em cima – afirmou Hush –, mas vamos partilhar um neto e eu tenho de mandar um presente. É outra das minhas regras.

– Eu entrego-o – acedi. – E ela não se vai rir. Não posso prometer mais nada.

– Vejo que é leal – declarou ela, de olhos postos nos meus, à procura do verdadeiro eu. Como uma ameaça, ou uma pergunta.

Desviei o olhar. Era mais fácil encarar armas na selva, de alguma forma.

– Sou digno de confiança. Um verdadeiro escuteiro.

– Veremos.

Agora, a funcionária inclinou-se e cheirou o cesto.

– O que é isto, se posso perguntar?

Expliquei-lhe o que era. Com o rosto inexpressivo, tocou no celofane com a ponta do dedo e leu os rótulos com a sobrancelha erguida.

– E esta oferta tão singela já foi aprovada pelos Serviços Secretos?

– A Lucille Olson viu a senhora Thackery prepará-la, sim.

– Pensava que essa mulher tinha empregados para este tipo de trabalho.

– É um presente pessoal.

– Essa Hush Thackery é apresentável? Tem um mínimo de educação e cultura?

– Porque não lhe telefona e pergunta? Ela ficará feliz de saber que está a ser avaliada. Depois de ter sido espiada pela Edwina e pelos seus lacaios.

– Nunca apreciei as suas piadas mórbidas.

– Não estou a brincar.

A assessora virou-me costas numa nuvem de perfume caro e desaprovação. Acenei aos agentes dos Serviços Secretos, que acenaram também quando entrei numa sala que Edwina decorara em estilo campestre – campestre francês, claro.

– Tive de exilar a minha adorada coleção de Luís XIV para casa da minha mãe – dissera Edwina. – Os conselheiros acharam que me fazia parecer demasiado Maria Antonieta.

Apenas um conjunto de tacos de golfe a um canto e uma fotografia emoldurada do meu avô Jacobs em cima da lareira indicavam que Al vivia na Casa Branca com Edwina.

Fora o trabalho brilhante de Edwina nas campanhas e na imagem da família que os trouxera até aqui, e o controlo protetor que exercera sobre Eddie era sensato – até certo ponto. Mas fora longe de mais na luta contra o medo que lhe vira nos olhos no dia em que matei aquele homem no parque. O seu cinismo e desconfiança tinham-se espalhado. Agora incluíam também Hush e Davis Thackery.

Olhei para o meu reflexo num espelho de moldura dourada, com a testa franzida. Enquanto

endireitava o casaco amarrotado que tirara do saco de lona encontrei algo no bolso: uma fatia de maçã embrulhada em celofane e um pedaço de papel com o logótipo das Quintas Sweet Hush. Desdobrei o papel e vi a letra grande e hesitante de Puppy:

As abelhas dizem que és nosso, OK?

Ali de pé na sala de estar de Edwina, dobrei cuidadosamente o bilhete de Puppy e guardei-o no bolso, depois desembrulhei o pedaço de maçã e comi-o em pequenas dentadas. O sumo doce espalhou-se sobre a minha língua. Fora *Hush* que cultivara esta maçã. Hush McGillen Thackery, com ênfase no *McGillen*. Ela cuidara da árvore e amadurecera o fruto e talvez tivesse até apanhado esta maçã com as próprias mãos. Depois cortara-a e dera-a à sobrinha para esconder no meu bolso como uma hóstia. Forma e feitio e espírito e fome.

Uma porta abriu-se silenciosamente e Edwina entrou. O vestido azul elegante cingia-a como um manequim numa montra e o cabelo loiro não se movia. Tinha cinquenta e cinco anos de idade e estava fundida com a armadura usada nas campanhas e angariações de fundos e manobras políticas e na carreira de uma anfitriã. Era o preço que pagava por estar atrás de Al e não à frente dele. Eu tinha saudades da Edwina alegre daqueles primeiros anos, antes de ela perceber o que seria preciso para sobreviver à vida pública.

– Nunca te sentas – constatou ela. De olhos vermelhos, dura e suave. Nunca fora atlética ou esbelta, mas era forte. – Senta-te, Nicholas – ordenou. – Por amor de Deus, haja alguém nesta família que faz aquilo que eu digo, para variar.

– Tanto estofo de damasco deixa-me nervoso. – Olhei para as cadeiras cobertas de tecido verde.

Ela sorriu amargamente e abanou a cabeça.

– Quantos oficiais de carreira heterossexuais conhecem tão bem os tecidos franceses como tu?

– Estou reformado. Ainda vou ser decorador. Preciso de um emprego.

– Oh, não. Tu nunca te vais reformar, Nicholas. Morrerás a lutar por uma boa causa qualquer, longe de casa, a tentar provar algo que é impossível de provar. Que raio estavas a tentar provar com isto? – Apontou para o cesto.

– A senhora Thackery mandou-te um cesto de oferta. Faz o que quiseres com ele, mas vou dizer-lhe que gostaste muito.

– E ela acreditará?

– Não.

– Então, nem te dês a esse trabalho. Odeio essa mulher. E ela odeia-me.

Acenei com a cabeça.

– Vamos falar sobre a Eddie. O que é que o Al diz?

– Está de cabelos em pé, claro. – Gemeu. – A nossa filha grávida está na Geórgia, incomunicável. E tu és a única conduta de informação que temos. Portanto diz-me o que hei de dizer ao Al sobre essas pessoas que me roubaram a minha filha, Nicholas. Fala-me sobre o Davis Thackery. E sobre ela. A mãe dele.

Estendi-lhe o último pedacinho de maçã.

– Prova isto.

Edwina olhou para a fruta branca e vermelha de sobrolho franzido.

– Daqui a uma hora tenho uma sessão fotográfica com a Coligação Independente das Mulheres Unidas ou a Fundação Salvem os Moluscos Marinhos, ou lá o que é. Não consigo decorar todas estas marcações para posar e sorrir do meu calendário de festas. Seja como for, os meus lábios estão prontos. – Apontou para a boca perfeitamente delineada. – Não posso comer nada. E também não tenho fome.

– Queres saber de que é feita a Hush Thackery? Quem ela é, o que é a sua vida? Está tudo aí. – Apontei para o pedaço de maçã.

Edwina olhou para mim.

– Fizeram-te uma lavagem ao cérebro.

– Prova a maçã.

Edwina deu uma dentadinha delicada e sem paixão na fatia de maçã e mastigou. Os seus olhos iluminaram-se e depois semicerraram-se. Cuspiu a polpa mastigada para a mão e deitou-a numa jarra de cristal cheia de rosas brancas.

– O que queres dizer?

– Estas pessoas preocupam-se com aquilo que criam. Trabalham arduamente e parecem ser honestos. Estou só a dizer. A maçã é boa.

– A minha filha está grávida e casada e só me apetece enfiar-me num buraco e gritar. Não me venhas dar uma fatia de maçã e dizer que tiveste uma luz e que as escolhas dela são as corretas.

– A Eddie acha que está a seguir o coração. Quer tenha razão ou não, precisa que tu e o Al apoiem a sua escolha.

– Não. Ela tem de vir ter connosco.

Depois de um longo silêncio, disse-lhe:

– É tua filha. E está grávida.

Edwina cambaleou ligeiramente, com os olhos húmidos, a boca dura.

– A minha mãe não me admitiu em sua casa nem me dirigiu a palavra durante dois anos depois de eu casar com o Al. Foi horrível. Isto não é fácil para mim.

– Então porque queres tratar a Eddie da mesma maneira?

– A minha mãe tinha razão. Na altura. Eu estava a fazer uma escolha insensata, a casar com um homem inferior a mim, a pôr em risco a minha reputação e o meu futuro. Graças a Deus, ela estava enganada em relação ao Al. Achas que compreendi a sabedoria dela na altura? Nem pensar. Amava o Al, mas quando me casei com ele foi pelas razões erradas… romance sentimental, sonhos idealistas e, francamente, a alegria do sexo. Tive sorte por ele se revelar mais do que apenas boa pessoa e bom na cama.

– A Eddie é tua filha – repeti. – Os filhos precisam da lealdade das mães.

– Achas que não sei disso? – Edwina escondeu o rosto nas mãos. – O que queres que faça? Que a encoraje a arruinar a vida?

– Talvez não esteja a arruinar a vida. Talvez o Davis Thackery valha tudo isto.

– Sim? Até agora, a única coisa que demonstrou foi um talento para levar para a cama uma das jovens mais inteligentes, mais sensatas, mais dedicada à carreira à face da Terra… e para a engravidar. E ela *deixou*. A *minha* filha… a quem eu ensinei tudo sobre métodos anticoncecionais assim que ela teve idade para perceber o funcionamento da coisa.

«Qualquer rapaz manipulador e astuto o suficiente para a confundir em relação a questões que eram valores fundamentais na sua vida e na comunidade de família e amigos que eu e o Al criámos à volta dela… qualquer garanhão produtor de maçãs capaz de espalhar o caos no… – a voz tremeu-lhe – … no senso comum da minha bebé maravilhosa… e acabar com o futuro que significava tudo para ela…

– Que significava tudo para *ti* – corrigi. – Se afastares a Eddie, vais arrepender-te. Estarás errada.

– Não. Ela vai voltar para casa. Vais ver. Nas minhas condições.

– O que é que o Al quer fazer?

– Estamos a discutir o assunto. Já te disse que ele deixou o problema nas minhas mãos.

Estamos a falar do homem que me encontrou e foi buscar a um hospital mexicano quando eu tinha catorze anos, pensei. O homem que me trouxe para casa e me fez sentir bem-vindo. Ele nunca abandonará a filha.

– O que quer dizer que ele está furioso com a tua atitude.

Edwina avançou para mim com as unhas bem arranjadas levantadas como garras.

– Ele não estava lá naquele dia, no parque, quando quase… quando tu… ela é minha filha e não consigo esquecer… – Com a voz embargada, fez uma pausa para se recompor. – Raios, ela concordou em fazer alguma coisa da sua vida. Objetivos, Nick. Objetivos específicos. Concordámos que adiaria o casamento e os filhos até estar bem estabelecida num cargo público. O que é que ela vai fazer com um bebé, com esta idade? E um zé-ninguém como marido… Nicholas, este casamento nem sequer é legal. Se pelo menos ela tivesse vindo ter comigo assim que soube que estava grávida. Eu tê-la-ia ajudado a evitar toda esta confusão.

– Se estás a falar em forçá-la a fazer um aborto – afirmei-lhe –, talvez tenha sido por isso que ela não foi ter contigo, e talvez seja por isso que não quer falar contigo agora.

Edwina estacou.

– Não sei qual teria sido o meu conselho – admitiu, em voz baixa –, mas não mereço as tuas insinuações. Sou a favor da *escolha,* Nicholas. Não do aborto. Da *escolha*.

– A minha mãe não teve escolha. Jurei que a compensaria disso.

– A situação não é a mesma.

– Para mim é – respondi, muito baixinho.



Eu fiquei em pé. Eles estavam sentados. Edwina e os seus conselheiros, uma máfia de primos Habersham e amigos inteligentes e assessores políticos com cabelo bem arranjado e unhas impecáveis – vinte pessoas à volta de uma pequena mesa de reuniões numa sala na ala oeste da Casa Branca.

O tópico: Hush Thackery e filho. Prós e contras. Os seus antecedentes raciais tinham algum potencial.

– Tenente-coronel, ela parece caucasiana ou percebe-se que a avó era nativa-americana? É uma questão que seja necessário levar em conta? Talvez possamos até explorá-la em nosso proveito. – Um funcionário negro fez a pergunta sem vestígios de ironia.

– Ela é ruiva e tem olhos verdes – respondi. – Fuma um cachimbo Cherokee, formou-se em Gestão à noite e criou um filho que estava disposto a levar uma tareia pela Eddie.

– Fumadora – disse outro dos lacaios, e anotou essa informação de sobrolho franzido.

– Religião? – perguntou outro, também de caneta em punho. – O Davis Thackery frequentou uma igreja quando era pequeno. A mãe era e é uma importante contribuidora. Sem afiliação oficial. O sacerdote é uma mulher.

– Encantadores de serpentes? – perguntou alguém, revirando com gestos nervosos uma caneta de ouro entre os dedos. – Falam em línguas? Fazem curas de fé?

– Precisamos de uma sessão fotográfica. Temos de vos juntar com a família do novo genro, senhora Jacobs, a si e ao presidente.

Edwina acenou.

– Está bem. Preciso de a avaliar pessoalmente. De a abalar um bocado, mostrar-lhe com quem está a lidar.

– Acho que ela não está preocupada – intervim.

– Nicholas, não percebes as mulheres. Esta não precisa de ser salva. Não é nenhuma Cinderela.

Estava a olhar pela janela, a ver os jardineiros cortarem a relva, mas ao ouvir isto virei-me.

– O que queres dizer com isso?

– Podes atacar-me, Nicholas. Vá. Diz-me que sou uma cabra insensível e que violei um código de honra qualquer quando analisei toda a informação a que consegui aceder sobre ela. Não te esqueças de que ela pode facilmente aceder a informações públicas pormenorizadas sobre a nossa família, Nicholas. Além disso… por que raio estás a defendê-la?

– Porque ela não te deu qualquer motivo para a atacares e, mal ou bem, a Eddie agora faz parte da família dela. Portanto estás a atacar a sogra da Eddie. Não é bom para a tua filha. – *Porque estou farto de ser cínico em relação às pessoas,* acrescentei em silêncio. *Porque a Hush Thackery não é uma pessoa qualquer. Porque quero acreditar nela.*

Edwina levantou-se.

– Não vou deixar que a minha filha seja apanhada de surpresa por uma família miserável. Faço um acordo contigo. Convence a Hush Thackery a encontrar-se comigo e com o Al e veremos se a sua reputação se aguenta sob um pequeno interrogatório. Se ela for tão íntegra como pensas, passará com distinção.

– Combinado – respondi.

Hush

– A Eddie Jacobs não quer mesmo ficar aqui – disse eu a Smooch. Estávamos do lado de fora da casa, a olhar para as janelas do quarto de Davis. – Não é uma agricultora. E, Smooch, ela não é propriamente uma pobrezinha sem casa. Os pais dela mandam no país.

Smooch inclinou-se para mim e murmurou:

– Mas pensa na publicidade que a quinta teria se ela cá ficasse.

– Para de dizer isso.

Ouvimos um ruído nos arbustos na esquina da casa. Um agente dos Serviços Secretos contornou o alpendre das traseiras, espreitou para dentro dos vasos de crisântemos amarelos e depois apalpou os ramos das grandes hidrângeas que davam sombra a várias janelas.

– Parecem guaxinins – murmurei a Smooch. – Se virarmos as costas vêm logo até à porta.

O agente acenou-nos.

– Só um controlo de rotina, minha senhora – disse. Continuou a contornar a casa, estudando as janelas do primeiro piso.

– Tens de pôr trincos nestas janelas – respondeu Smooch num sussurro ansioso. – Ele não gosta que as janelas não tenham trincos. Olha, está a escrever qualquer coisa naquele minicomputador. – Levou a mão ao peito. – Têm um ficheiro sobre ti. E sobre a tua casa. Tens de arranjar trincos.

– Não preciso de trincos. Tenho caçadeiras e sou capaz de atirar para matar. – Era só conversa, na verdade. Limpei a boca com as costas da mão. Passara o dia a sentir o sabor do medo, como um beijo azedo. Até que ponto estas pessoas iam querer escavar? O que saberiam já? O que tornariam público, se soubessem? O que é que Jakobek faria?

Smooch, cujo terror era mais mundano, agarrou-me no braço.

– Hush! As armas estão todas fechadas no armário do Davy, não estão? Os Serviços Secretos vão querer saber! E vão querer ver as licenças!

Mordi o lábio.

– Deixa-os ver. Não quero saber. – Tal como a maior parte dos cidadãos responsáveis do condado de Chocinaw, Davy era membro da Associação Nacional de Armas e um inimigo feroz do licenciamento de armas. O seu arsenal fora adquirido em exposições de armamento locais onde homens de cortes à escovinha com tatuagens de caveiras recebiam o dinheiro por baixo da mesa, sem fazer perguntas. Olhei para Smooch, aborrecida. – Se calhar é melhor esconder a *Uzi* e o míssil antiaéreo.

– Não brinques com essas coisas!

– A Eddie Jacobs não ficará o tempo suficiente para virem embirrar comigo por causa do direito constitucional ao porte de armas.

– Estou-te a dizer…

– Chiu. Olha para ele. Por amor de Deus.

O agente tinha descoberto as portas da minha cave e estava parado, de mãos nas ancas, a olhar de testa franzida para a madeira de carvalho antiga. Deu-lhe um toque com a ponta do pé e bateu com os nós dos dedos na chapa ondulada que as cobria. Smooch suspirou.

– Ele não gosta de recantos e esconderijos e buracos por baixo de casas antigas.

– Pode ir para o diabo. Esta casa foi construída há mais de cem anos pela Liza Hush, com madeira de nogueira *dura* e pedras do rio e tábuas de carvalho resistentes. Pus um telhado novo e canalização nova e uma instalação elétrica nova e as portas da cave até têm chapa nova. Esta casa é *sólida*.

– Hush, os Serviços Secretos não querem saber *disso*. Estás a falar de decoração, não de segurança. – Retorceu as mãos. – Eles querem vidro à prova de bala e sensores de infravermelhos e portas de titânio reforçado e sistemas de vigilância por satélite e *chips* de identificação implantados e fatos antibacterianos…

O agente abriu a porta da cave e olhou para mim.

– Importa-se que dê uma vista de olhos lá em baixo?

– Força. Mas prepare a arma para o caso de ser atacado por aranhas gigantes. E cuidado com os frascos de doce de maçã, podem cair porque as prateleiras estão cheias. Não me parece que encontre alguma coisa mais sinistra, mas por outro lado um primo do meu bisavô desapareceu por estes lados nos anos trinta e os mais velhos ainda juram que a mulher o matou por a ter traído. Dizem que ela enterrou o corpo algures, aqui no Hollow. Portanto grite se vir uma caveira.

Ele assentiu sem qualquer sinal de humor e desapareceu pelos degraus de madeira. Smooch estava branca como a cal.

– Não fales assim! É como no controlo de segurança do aeroporto. *Não podemos brincar com eles!*

– Como queres que leve estes tipos a sério quando acham que há terroristas escondidos nos

crisântemos e perseguidores na minha cave? – Abanei a cabeça. – Salvem-nos é do governo.

– Se lesses *thrillers* como eu, saberias todas as coisas más e loucas que as pessoas tentam fazer ao presidente e à família dele. Alguém podia entrar aqui às escondidas e pôr uma *bomba* nas tuas flores. Ou matar-nos a todos com uma espingarda especial através dos vidros das janelas. Ou esconder-se na cave e apanhar a Eddie quando ela sair para o quintal para ver o sol nascer sobre a montanha. Hush, o mundo fora do condado de Chocinaw está cheio de malucos que pensam nestas coisas, e não podemos descuidar-nos, nem por um dia! – Os olhos azuis de Smooch estavam cheios de lágrimas e sinceramente preocupados. – Passei estes anos todos a tentar encontrar maneiras de atrair as pessoas a esta quinta, e este ano tivemos a melhor campanha de outono de sempre, e não quero que os terroristas venham estragar tudo!

Pus o braço à volta dela.

– Tem calma. Sobrevivemos a geadas temporãs, colheitas tardias, fungos, recessões, incêndios, camiões de entregas avariados, os anos em que trabalhámos de graça e não tínhamos nada no banco no fim da estação, e os maus desejos de todos os que disseram que *nunca* conseguiríamos convencer as pessoas de Atlanta a virem cá acima entre setembro e janeiro para comprar maçãs. Sobreviveremos à Eddie Jacobs. E prometo-te que não teremos de lutar com terroristas e não teremos problemas com os Serviços Secretos.

– Esqueceste-te do pior. – Smooch limpou os olhos e suspirou. – Sobreviveste à morte do Davy.

Fiquei um instante em silêncio e depois acenei.

– Nem é preciso falar nisso.

Smooch suspirou de novo.

– Quem me dera ter um homem. Alguém que me dissesse para não preocupar esta cabecinha linda.

– Não, isso nunca resulta.

Ela acenou com ar cansado. Pequena, curvilínea e rechonchuda e ainda desesperadamente carente aos trinta e seis anos de idade, Smooch rejeitara todos os homens que queriam casar com ela. A culpa era minha, de certa forma. Tal como toda a gente, ela achava que o meu casamento com o seu irmão era perfeito. Dizia que tínhamos inspirado nela padrões elevados. Abracei-a com sentimento de culpa.

– Somos *sobreviventes.* E temos demasiado trabalho a fazer para perder tempo com estas lamechices.

Smooch endireitou-se.

– Tens razão. – Entrou e voltou a sair pouco depois com o computador portátil. – Tenho estado a fazer pesquisas sobre a Eddie.

Gemi. Ela sentou-se num banco de madeira com maçãs entalhadas nas costas e curvou-se sobre o computador como um caniche de cabelo castanho à procura de guloseimas. Crucifixos de ouro e diamantes falsos cintilaram-lhe nas orelhas enquanto manejava o rato e escrevia no teclado. Uma borboleta de verão pousou num das dezenas de fios de ouro delicados que usava. Smooch parecia dona de uma loja de bijuterias mas era, na verdade, um génio do *marketing* e da informática.

– Ela é um exemplo – começou, em tom conspirador. – Foi o que sempre chamaram à Eddie Jacobs. Um exemplo a seguir. Vê. – Apontou para o ecrã. – Foi eleita a universitária mais admirada pelos leitores do *e-zine* «Independent Girl». E quando os pais estavam a fazer campanha para a Casa Branca o *New York Times* disse: «Votem na filha, Eddie. Eloquente, inteligente e séria. Um exemplo para…» Cá está outra vez, um exemplo.

– Estou a ver.

– Escreveu um *livro* com dezanove anos! Escreveu mesmo, não se limitou a pôr o nome na capa. Chamava-se *Poder Feminino*. «Um ensaio sobre o valor da castidade, da independência, da educação e da autodeterminação para as jovens.» Castidade! E os pais são liberais. Castidade! Quem diria! Meu Deus, Hush, este livro esteve na lista dos mais vendidos enquanto os pais concorriam à Casa Branca. Ela foi uma autora de sucesso. Com dezanove anos!

– Há ideias que não valem nada, mesmo quando são publicadas em livro, Smooch.

– *Ela é um exemplo* – insistiu Smooch. – Imagina isto. – Abriu as mãos como se estivesse a emoldurar um título de jornal. – *«Filho de famosa produtora de maçãs salva a primeira-filha da vida sob os holofotes. Leia os detalhes em www.sweethushapples.com.»*

Olhei fixamente para ela até a fazer corar. Inclinou-se novamente sobre o computador sem olhar para mim.

– O meu trabalho é publicitar as nossas maçãs. Tudo o que vender maçãs é bom, para mim. Não digo mais nada.

– Espero que não. – Entrei em casa. Ouvi o tiquetaque do relógio antigo entre as litografias antigas de variedades de maçã na sala de estar. Os gatos estavam agachados no soalho de carvalho da cozinha a comer das suas tigelas de loiça vermelhas, e os papéis e apontamentos do dia de abertura continuavam empilhados numa mesinha de nogueira junto da porta do alpendre das traseiras, onde os deixara antes de sair para despejar sidra nas raízes da minha vida.

O telefone tocou.

– É o sétimo – disse Smooch, que entrara atrás de mim. Estava a contar os telefonemas na última hora.

Pessoas do presidente. Pessoas da primeira-dama. Todos muito educados, mas todos falavam comigo devagar, como se eu fosse o Forrest Gump, e tratavam-me pelo nome próprio, como se tivessem obviamente esse direito. Todos diziam o mesmo. *Vamos manter isto em segredo até o presidente e a primeira-dama poderem resolver o assunto com a filha em privado.*

E eu não podia concordar mais.

– Quintas Sweet Hush – atendi, com má vontade.

– Queria falar com a Rush, por favor.

– Hush. Hush Thackery. É a própria.

– Hush, fala a senhora Habersham-Longley. Estou à frente do gabinete da senhora Jacobs em Chicago. Sou a irmã mais nova dela.

– Muito prazer. – Então Edwina Jacobs contratava a família, tal como eu. O meu gabinete, para que conste, ficava do outro lado do lago dos peixinhos dourados, na cabana de troncos da Primeira Hush. Ao lado do alpendre, num canteiro de crisântemos amarelos de outono, dormiam um pequeno cão e quatro gatos.

– Rush, vamos conversar um pouco…

– Desculpe, o meu nome é *Hush*.

– Desculpe. Hush. Hush. Tenho aqui um erro nos meus apontamentos.

– Também tem *apontamentos* sobre mim? Onde é que arranjou *apontamentos* sobre mim?

Smooch apontou para os brincos de ouro com maçãs.

– Pergunta-lhe se quer uns brincos de catorze quilates da loja de recordações…

Silenciei-a com um gesto seco. Smooch suspirou.

– Hush, não se passa nada sinistro – tranquilizou-me a minha interlocutora. – Queria apenas confirmar algumas informações. Afinal de contas, é uma celebridade local, pelo que sabemos. Pertence à câmara de comércio do condado, à associação de pequenos empresários do Estado, à associação de produtores de maçãs, e…

– Por acaso estão a *investigar-me*?

– Bom, não, simplesmente… *claro* que há questões de segurança quando um familiar do presidente está envolvido.

– Deixe-me dizer-lhe uma coisa. Tudo o que precisa de saber é que a Eddie está lá em cima, em minha casa, neste preciso momento, com o meu filho a cuidar dela como se fosse uma princesa. Está segura como uma abelha em mel de maçã. Ninguém nesta quinta vai tocar num cabelo que seja da Eddie Jacobs, e não deixaremos qualquer desconhecido aproximar-se a mais de dez metros dela. Não vou atender mais telefonemas destes.

– Não pode estar a falar a sério. Hush…

– Vocês também têm nomes próprios?

– Eu… chamo-me Regina. Regina Habersham-Longley.

Regina e Edwina? Como se chamaria a terceira irmã? Vagina?

– Habersham-Longley. Com hífen?

– Sim, porquê?

– Estou a tirar apontamentos sobre si.

– Está a ser sarcástica, Hush?

– Por estes lados, chamamos-lhe «pagar na mesma moeda».

– O que quero dizer-lhe é que não queremos explorar a filha do presidente, pois não? Não queremos que a notícia venha a público de forma errada. Não queremos que a comunicação social caia em peso na sua quinta e comece a fazer perguntas. Porque, sinceramente, não sabemos se este casamento é a sério, e talvez o assunto possa ser resolvido sem que ninguém fora do nosso pequeno círculo saiba sequer que há um problema.

– *Regina*, não sei o que me faz sentir mais insultada naquilo que acaba de dizer, mas deixe-me explicar-lhe muito claramente o meu ponto de vista: o meu filho diz que ele e a Eddie Jacobs estão casados. Posso não estar encantada com a situação, mas o meu filho não é mentiroso. Aqui, atrás do sol-posto, onde as pessoas normais vivem, os pais de uma rapariga que fugiu para se casar telefonam ou vêm visitar os pais do rapaz que fugiu com ela. Dei um desconto aos Jacobs porque estavam fora do país quando tudo isto começou. Mas, se me der o número de telefone, eu própria ligo para conversar com eles.

– Sabe muito bem que não é assim tão simples. Não pode simplesmente ligar…

– Oh, claro que posso. Pago os meus impostos.

– Oiça, lamento muito. Verei o que posso fazer, mas…

– Muito bem. Entretanto, tenho um negócio para gerir e pouco tempo para perder. Diga aos pais da Eddie que me liguem. Até lá, seremos discretos. É um assunto de família e não falo com mais ninguém a não ser com eles.

– Está a brincar?

– Ponha-me à prova, Regina. Um bom dia para si, está bem? E, a propósito, se eu descobrir que andam a meter o nariz em materiais confidenciais, como o meu historial de crédito e os registos médicos da família, contrato o advogado de liberdades civis mais escandaloso e barulhento que conseguir encontrar e todas essas tretas hipócritas sobre privacidade vão por água abaixo. Adeus.

Atirei o telefone para dentro do lava-loiça. Quando o conselho municipal de Dalyrimple disponibilizou o terreno para uma torre de micro-ondas nos arredores da cidade, fui um dos primeiros habitantes do condado a comprar um telemóvel. Para mim, tudo o que me proporcionasse melhor comunicação com o mundo dos clientes de maçãs era progresso. O telemóvel, a Internet, o programa de faturação e os serviços de entrega em vinte e quatro horas eram todos, para mim, uma maravilha.

– Puseram o mundo à nossa porta, e tudo o que temos de fazer é dizer «olá» – dissera, na altura, a quem me queria ouvir.

Agora desejei poder esconder-me, a mim, ao meu filho e ao Hollow, sob uma manta de atraso à moda antiga. Queria que o mundo fosse para bem longe dali.

Smooch pegou no telefone.

– Aposto que vamos ser entrevistadas no *Today Show*.

– Não.

– Hush, vê as coisas pelo lado positivo. Vou ser tia! E tu vais ser avó. Avozinha Hush. A velhota da vovó Hush. Avó Thackery. E serás sogra da *filha do presidente dos Estados Unidos*. Meu Deus! Pensa na publicidade que conseguiremos para as Quintas Sweet Hush! Pensa no dinheiro que vamos ganhar! O Big Davy ficaria tão orgulhoso. Ele sempre disse que o Davis Júnior tinha o charme dos Thackery com as mulheres e a cabeça dos McGillen para os negócios. Mas conquistar a filha do presidente… Oh, Hush… – Lancei-lhe um olhar tão duro que ela apertou os lábios, ajeitou os colares e guardou o computador. – Vou lá abaixo aos celeiros públicos verificar os gráficos das novas etiquetas para os bolos de maçã. É uma perda de tempo tentar compreender-te. O teu filho casou com a filha do presidente. A maioria das mães ficaria feliz. – Parou, olhou para mim com expressão magoada e depois cuspiu um último pensamento como se estivesse a picar-lhe na língua. – Estás a agir de forma muito estranha, e eu sei porquê. O maldito do Jakobek soprou as abelhas de cima de ti. E tu *deixaste*.

Estaquei bruscamente.

– O que queres dizer com isso?

– É só que… ele… Hush, sei que não ligas a política e mexericos, mas por amor de Deus! Nunca ouves o Haywood Kenney no rádio?

O programa de rádio nacional de Haywood Kenney era transmitido de costa a costa, todos os dias, durante três horas. Ele escrevia livros, aparecia na televisão e atraía grandes multidões

sempre que dava as suas palestras. Era um comentador político que subira, supostamente, a pulso. Bah! Ele odiava Al Jacobs e Edwina Jacobs e todos os aspetos da administração Jacobs desde o Ámen inaugural. Eu considerava-o um fala-barato com ideias mesquinhas e imbecis e um exibicionista de fatos caros, com cabelo que mais parecia os pelos nos tomates de um macaco.

– Não, não o costumo ouvir – disse –, e o que é que esse aldrabão sabe que não seja boatos ou mentiras?

– O Kenney sabe *tudo* sobre a família do Al Jacobs! Desde há muitos anos! Estava em Chicago há vinte e tal anos quando o sobrinho do Al… este Jakobek… matou um homem com as suas próprias mãos. Hush, é uma história *famosa*! – Contou-me a história dramática de como Jakobek defendera Edwina e a bebé Eddie. – O Kenney diz que o Jakobek *chacinou* o outro tipo. Chama-lhe «o sobrinho psicopata de Al Jacobs». Diz que o Al puxou cordelinhos para o exército transferir o Jakobek para o estrangeiro para que ele não fosse julgado por homicídio. O Kenney diz que desde então ele tem corrido o mundo em missões secretas e de legalidade duvidosa. Que não é muito diferente de um assassino contratado. O governo manda-o matar pessoas e essas coisas. É o que o Kenney diz.

Senti um arrepio na nuca mas levantei as mãos com impaciência.

– E o que é que isso tem a ver comigo e com ele e com as abelhas, Smooch?

– Não devias ter deixado um desconhecido soprar as abelhas de cima de ti, só isso. Ele não é o tipo de homem que honre… que honre a memória do Davy.

Fitei-a com estupefação e depois semicerrei os olhos naquela expressão que dizia que ela tinha atravessado a linha para território «Não é da Tua Conta».

– Se achas que desonrei a memória do teu irmão de alguma maneira desde que ele morreu, diz.

Smooch olhou para mim com os olhos cheios de lágrimas.

– Sabes muito bem que acho que tens sido uma esposa maravilhosa! Sabes que já te disse muitas vezes que devias sair mais e arranjar um homem bom! Mas… sabias que este Jakobek vinha cá para arranjar problemas… para se meter entre o Davis e a Eddie e tentar separá-los… porque é que foste *simpática* com ele?

– Simpática? Ameacei-o com a minha faca!

– *Deixaste-o soprar as abelhas de cima de ti.*

– Que escolha tinha?

– Podias ter esperado que o Gruncle trouxesse o fumigador. De qualquer maneira, tu não tens medo de abelhas. Não havia necessidade de aceitares a ajuda do Jakobek! Ele é o inimigo, Hush. Não o encorajes.

– Até agora, ele tem sido duro mas justo, e temos de trabalhar juntos para…

– Para separar a Eddie e o Davis de modo a que ele possa voltar para Harvard?

A minha expressão furiosa deve ter sido resposta suficiente. Ela saiu de casa a correr e eu baixei a cabeça.

Era mesmo isso que queria? Aceitar a ajuda de Jakobek para destruir o casamento?



Então, ainda por cima, a minha cunhada não confiava no primo Nick, e Gruncle veio informar-me de que mais ninguém na família confiava nele.

– Sabemos que ele tentou seduzir-te e atacou o Davis.

– Não fez uma coisa nem outra.

– É o que parece. Estás a defendê-lo?

– Estou apenas a relatar os factos.

– Ele veio tentar desfazer o casamento. Que raio de homem faz isso?

– Diz que veio apenas ver se a Eddie estava bem. Tal como eu me preocupo com o Davis. Só peço que mantenham todos a calma, reservem a vossa opinião e esperemos para ver o que acontece.

Gruncle lançou-me um olhar astuto.

– É melhor não esperar muito tempo. Estamos prestes a ver-nos metidos num belo sarilho. Porque, se o teu filho pensar que estás aliada com este Jakobek para lhe dar cabo do casamento, nunca te perdoará.

Não respondi, mas senti um arrepio.

– Aceita ir? – perguntou Jakobek mais uma vez. Era meio da noite. Eu estava no corredor, à porta do quarto vermelho e dourado que redecorara depois da morte de Davy, com um roupão de veludo branco por cima do pijama de algodão azul, frente a este homem que eu mal conhecia, vestido com calças de caqui coçadas, uma camisa de flanela e botas velhas, com uma expressão de predador nos olhos, a perguntar-me se aceitava ir com ele, imediatamente, para me encontrar com o presidente e a primeira-dama. Acabara de chegar de Washington. Estava suficientemente perto de mim para eu sentir o seu cheiro quente e me deixar vagamente enervada pela presença dele.

– Como? – perguntei. – Onde?

Antes que ele conseguisse responder, ouvi o som de um helicóptero no exterior da casa. Jakobek olhou para cima, como se houvesse alguma pista no estuque do teto do corredor.

– É um helicóptero dos fuzileiros – explicou. – Para nos levar até à Carolina do Norte, a uma propriedade segura que pertence a uns amigos da Edwina. Numa cidade nas Highlands.

– Nas Highlands? Uns amigos *ricos*.

Davis e Eddie apareceram atrás de mim, ensonados e despenteados, com roupões verdes iguais por cima de *T-shirts* de Harvard.

– Não espero que obedeça às ordens da minha mãe – disse Eddie.

Jakobek franziu a testa e abriu a boca para falar, mas depois pensou melhor, mordeu a língua e não disse nada. Mas eu sabia o que ele estava a pensar.

Eu era a mãe do genro dos Jacobs. Era Hush McGillen Thackery, com tradições a defender e boas maneiras a manter. E, infelizmente, Jakobek sabia o suficiente sobre mim para me poder controlar. Apertei mais o roupão, como uma armadura.

– Estarei pronta em dez minutos.

Jakobek quase sorriu.

Capítulo 11

Hush

O ar nas Highlands cheirava a fresco e a verde, como dinheiro acabado de sair do banco. A cidadezinha elegante ficava num planalto tão alto nas montanhas a nordeste de Chocinaw que era quase no Canadá. Tinha campos de golfe e galerias de arte, lagos azuis gelados e abetos gigantescos e casas de milhões de dólares. Os nomes de algumas das famílias mais ricas da América constavam no serviço de Finanças local, se soubéssemos onde procurar. Dentro de poucas horas, quando as lojas abrissem, as ruas estariam cheias de *Mercedes* e *Jaguares*.

A esta hora, contudo, a cidade estava silenciosa e iluminada apenas pelos bonitos candeeiros de rua, enquanto a nossa procissão de carros a atravessava. Procissão de carros, sim. Eu e Jakobek num SUV preto conduzido por um agente dos Serviços Secretos, com mais SUV pretos à frente e atrás. Jakobek parecia descontraído, com as suas calças de caqui e uma camisola de malha – roupa que trazia no seu saco de lona e que nunca era formal. Eu, depois de exatamente dez minutos de debate complicado (leva o teu melhor fato para eles verem que és sofisticada; não, mostra-lhes que és tão sofisticada que não queres saber do que eles pensam, por isso vai de calças de ganga, como se fosses de Nova Iorque ou da Califórnia), chegara a um meio-termo: calças de ganga boas, sapatos de salto alto italianos de quatrocentos dólares, que me tinham custado cinquenta numa loja nos subúrbios de Atlanta, e uma camisola de caxemira azul-escura que comprara por um balúrdio para um discurso na reunião regional de produtores de fruta. Tinha o cabelo preso com um travessão preto e maquilhagem cara suficiente para me dar o ar reluzente de uma adolescente depois de passar a noite inteira a dançar. Posso dizer-vos que os helicópteros não são nada bons para uma mulher bem arranjada.

Fomos recebidos junto de um desses portões por agentes dos Serviços Secretos que nos mandaram passar. Apertei mais as mãos sobre a mala enquanto os carros seguiam as curvas do caminho escondido, até uma mansão de pedra e madeira tão enorme que conseguiria engolir duas vezes a minha grande casa e ainda ter espaço para a sobremesa. Agentes de camisolas de malha e calças de fato, com pequenas metralhadoras como acessórios, aguardavam junto dos holofotes que delimitavam o relvado. Nem preciso de dizer que tudo isto me parecia surreal. Outros agentes correram para o nosso automóvel, abriram a minha porta e disseram «Minha senhora» naquele tom inexpressivo de polícias a passar uma multa.

Jakobek, porém, afastou-os com um gesto e, espantosamente, eles obedeceram. Enquanto me acompanhava pelo caminho de lajes até uma longa varanda, perguntei a mim própria se Al e Edwina Jacobs, os meus primeiros-compadres, estariam a espreitar por uma das janelas fechadas do piso de cima.

– Se isto fosse um desenho animado – murmurei a Jakobek –, eu olhava para cima, via a Edwina a estudar-me de uma das janelas e ela disparava raios laser dos olhos.

– Já fui vítima disso algumas vezes – respondeu Jakobek, e colocou-se à minha frente.

Nesse momento, as grandes portas abriram-se e dois agentes saíram e puseram-se ao lado da entrada. Vi um casal de meia-idade, com roupas casuais e camisolas de malha, como se estivessem a pensar ir jogar golfe no clube. Ele era alto e magro, com olhos escuros e graves e cabelo revolto, já a ficar grisalho. Ela era baixa e roliça, com olhos azuis inteligentes, como os de um assassino em série, e cabelo loiro e curto. Olhei para os dois rostos mais famosos do mundo. O presidente e a primeira-dama dos Estados Unidos da América.

Felizmente, à primeira vista, pareciam pessoas normais.

Relaxei um pouco. Estendi a mão enquanto subia os três degraus de pedra.

– Al, Edwina. Sou a Hush McGillen Thackery e vim dizer-vos que gosto tanto quanto vocês daquilo que os nossos filhos fizeram, mas têm a minha palavra de que a vossa filha será muito bem tratada em minha casa. E garanto que o meu filho é um bom rapaz e que podem confiar nele. Finalmente, vim dizer que, no que depender de mim, são bem-vindos no meu Hollow quando quiserem. O resto é convosco e com a Eddie.

Por um segundo, ninguém respirou. Os agentes olharam para mim. Ao meu lado, Jakobek aproximou-se mais, como se tencionasse defender-me no caso de o rei ordenar a minha decapitação.

Edwina semicerrou os olhos. Al, contudo, o bom e velho Aleksandr Jacobs, o polaco-americano de Chicago, Illinois, tio de Jakobek e pai de Eddie e líder do mundo livre, acenou com a cabeça, aceitou-me de uma forma que ia além de meras palavras, estendeu a mão e disse, em voz calma:

– Hush, vejo que é ainda mais impressionante do que o Nicholas tinha dito. Vamos entrar e falar sobre os nossos filhos idealistas e o nosso futuro neto.

Edwina sorriu.

Não confiei naquele sorriso.



Al, Edwina e eu sentámo-nos em bonitos sofás de cabedal à volta de uma mesa de café antiga que provavelmente custava mais do que toda a mobília da minha sala junta. Fingimos beber café. Jakobek manteve a distância e ficou junto de uma janela, de braços cruzados, ombros descontraídos, pernas afastadas, de costas para o mundo exterior. A pose de um protetor. De um solitário.

Nos rostos de Al e Edwina vi tudo o que eu também sentia – preocupação, amor, frustração, choque. Não duvidei de que fossem pais devotados que tinham sido apanhados de surpresa e perdido o norte. Sabia que estava no mesmo estado.

– Nesse caso, estamos de acordo – disse Al. – Achamos que este casamento tem poucas probabilidades de ser bem-sucedido, mas vamos apresentar uma frente unida de apoio.

Assenti.

– Juro-vos que farei o que puder para ajudar a colmatar a distância entre vocês e a Eddie. E, como já disse, serão sempre bem-vindos em minha casa.

– Obrigado – agradeceu Al. Ao seu lado, Edwina acenou e sorriu. A atitude dela não estava a convencer-me de todo. No entanto, admirava Al Jacobs, a forma como falava comigo, a impressão de bondade e solidez que me transmitia. Al apontou para o que nos rodeava com um gesto largo.

– Duvido que nos queira lá na época mais trabalhosa. Os donos desta propriedade, que são nossos amigos, têm-na preparada especialmente para as minhas visitas. Há mais sistemas de segurança nestas paredes e no terreno do que consegue imaginar. É o que é preciso para proteger um presidente. Deus nos valha! Com o estado do mundo nos dias que correm, a minha própria filha corre perigo sempre que está na minha presença. Ponho-a em risco apenas por estar na mesma sala que ela. É bem possível que esteja mais segura no seu Hollow do que em qualquer outro lugar à face da Terra. Temos de admitir que a nossa filha sempre detestou as luzes da ribalta e que tem bons motivos para querer viver a sua vida… e criar o seu filho… longe de nós.

Pelo canto do olho, vi o rosto de Edwina contrair-se como uma toalha torcida, e o sorriso falso esticar-se até ao limite. Levantei-me.

– Edwina, podemos dar um pequeno passeio, só as duas? Precisamos de ter uma conversa de mãe para mãe. Podemos fazer isso sem disparar os alarmes?

Ela levantou-se.

– Podemos evitar os alarmes artificiais.

Assenti. Um cabo de alta voltagem seria menos perigoso do que ela.

•

Caminhámos rigidamente, lado a lado, no ar frio da madrugada, por um trilho bem tratado e iluminado, até um pequeno coreto ao lado de um lago de carpas com uma cascata natural.

– Gosto de peixes – comentei. – Tenho um lago no quintal.

– Eu sei – respondeu ela.

Ela sabia. Cabra metediça e arrogante. Parámos no coreto, com as luzes do caminho a iluminar a escuridão e o som da água a quebrar o silêncio furioso.

– Não saia do trilho – avisou Edwina, por fim. – Há sensores de infravermelhos em todo o lado.

Como se achasse que conseguiria fazer-me fugir. Endireitei os ombros.

– Não duvido de que vivam num aquário de vidro rodeados por gente armada com pedras. Mas toda esta paranoia de alta tecnologia é mesmo necessária?

– A semana passada, em Israel, um homem tentou pôr explosivos plásticos nos carros do cortejo do meu marido. Foi apanhado pelos Serviços Secretos. E este é apenas o incidente mais recente. O

meu marido todos os dias corre o risco de ser assassinado.

– Quer dizer que essas histórias não aparecem nas notícias?

– Claro que não. Está sempre a acontecer. Os incidentes não são publicitados. O público raramente tem conhecimento de um ataque ao presidente, a menos que a situação rebente em frente das câmaras de televisão. É por isso que a maioria dos segredos políticos, sociais, económicos e militares mais profundos do mundo se *mantêm* secretos. O que escapa são os segredinhos *pessoais* relativamente menores. Podem ser angustiantes, mas só magoam as pessoas que estão mais perto do epicentro.

– Lamento muito. Vejo que está preocupada. Assustada.

– Assustada? Não. *Horrorizada*. – Virou-se para mim. – Neste mundo, há uma crueldade incompreensível. Cada vez acredito mais nisso, e farei o que for preciso para proteger a minha família o melhor que posso. O Nicholas sempre compreendeu que os fins justificam os meios. Há muitos anos, salvou-me a vida, a mim e à Eddie, porque não hesitou em matar para nos proteger. Na altura, fiquei chocada e confusa com essa decisão tão brutal. Era ingénua. Duvido que ele acreditasse em mim se lho dissesse, mas agora sei que ele tinha razão.

Um arrepio percorreu-me a espinha.

– Quer dizer que nos vê, a mim e ao meu filho, como outra ameaça com a qual tem de lidar. E que fará o que for preciso para garantir que nós não fazemos mal à Eddie.

– Exatamente.

– Muito bem, vamos diretas ao assunto, nesse caso. Só entre nós as duas. O que for dito aqui não sai daqui. Sei que está a sorrir e a dizer as coisas certas para apaziguar o seu marido, mas não está a convencer-me. Diga o que tem a dizer.

Ela caminhou à minha volta, estudando-me, enquanto decidia que riscos podia correr. Virei-me com o movimento dela, tal como um gato gira quando outro gato o contorna.

– Só entre nós as duas? – perguntou ela.

– Tem a minha palavra.

Edwina parou.

– Tenciono descobrir tudo a seu respeito. Todos os segredinhos sujos de família que possam vir ao de cima para prejudicar o bom nome da minha filha. Todas as fraquezas embaraçosas que possa usar para a convencer a não querer fazer parte da sua família. Porque, acima de tudo, quero que a minha filha fique tão desiludida com o marido e restante família que fuja deste casamento. Quero que ela e o meu neto estejam em segurança, debaixo da minha asa. Quero que ela recupere o seu futuro o mais depressa possível.

Com a cabeça à roda, respondi, por fim:

– Continue.

– Vivemos num mundo onde nada é segredo, Hush. O Al e eu fomos humilhados mais do que uma vez na comunicação social. Perseguidos. As nossas intimidades mais inofensivas e pessoais esmiuçadas ao pormenor. A irmã do Al teve uma história feia e infeliz... e o Nicholas também. Assuntos privados, mas não podemos mantê-los privados. Já ninguém está em segurança. Registos médicos, registo criminal, historial financeiro... Podemos aceder a tudo com um clique num computador. Deus ajude quem se atreve a erguer o rosto acima da multidão anónima. Os japoneses têm um ditado: o prego que está mais alto é o que é martelado primeiro. E é bem verdade. Estou solidária consigo. Mas estou também a avisá-la. Não se meta comigo, Hush. E não tente esconder qualquer segredo sobre a sua vida. Porque, se esses segredos voltarem para assombrar o bom nome da minha filha, não terei qualquer misericórdia.

Aproximou-se mais.

– Tem de me dizer, Hush. Tem de me dizer tudo aquilo que eu *não* sei sobre si. Diga-me se tem alguma coisa a esconder. Talvez eu possa ajudá-la.

– Não tenho confiança suficiente em si para lhe confiar seja o que for – retorqui. – Portanto vou tentar manter o que resta da minha privacidade.

Ela ficou tensa.

– Farei o que for preciso para trazer a minha filha de volta e proteger os interesses dela. Mesmo que isso signifique sacrificá-la a si e ao seu filho. Não cometa o erro de pensar de outra forma.

– Só cometi um erro – respondi. – Foi vir aqui com a ideia de podermos ser amigas.

Depois de regressar das Highlands, protegida pela luz azul da madrugada, peguei no carro e conduzi até ao cimo da montanha Chocinaw. A brisa fresca e o silêncio eterno das rochas rodeavam-me. O cheiro, a sensação e a solidão tornavam-se a cúpula interminável do mundo. Estacionei a carrinha e aproximei-me do corrimão metálico sem proteção. Qualquer vizinho madrugador que passasse por ali em direção às terras planas para lá das montanhas ter-me-ia reconhecido, a mim e à carrinha, mas talvez comentasse apenas com familiares e amigos que Hush estava na montanha de Chocinaw a falar com o espírito de Davy, a contar-lhe as novas e fantásticas circunstâncias da vida do filho. Quando misturados com a dose certa de rumores e presunções, os mexericos podiam trabalhar a favor de uma pessoa. Ao longo dos anos, eu tivera uma sorte tremenda nesse aspeto.

Mas a minha sorte esgotara-se.

Olhei por entre os pedregulhos e os loureiros para a alta pedra de granito que assinalava o local da morte de Davy. Ainda era possível que ele nos arrastasse, a mim e a Davis, lá para baixo com ele, mas eu nunca o permitiria sem lutar. Saltei por cima da proteção. Os sapatos de salto alto prenderam-se nas rochas e nos ramos retorcidos do loureiro, e perdi um mas nem me dei ao trabalho de parar para o procurar na luz fraca da madrugada. Desci alguns metros pela encosta pedregosa, até às mandíbulas daquela reentrância na encosta, e vi o fantasma do corpo de Davy retorcido dentro do carro potente.

Quando o encontrei, naquele dia, estendi a mão e encostei-a ao rosto dele, acariciando as faces e os lábios do homem mais bonito do condado de Chocinaw, o rosto morto do meu amante, meu inimigo, meu marido, a outra metade do meu filho.

– Oh, Davy, tenho tanta pena que tenha acabado assim – murmurei.

E chorei. Não tinha qualquer dúvida de que ele se suicidara porque eu descobrira coisas sobre ele que não suportava que eu soubesse, tal como eu não suportava sabê-las. Depois de já ter suportado tanto.

Agora, cheguei ao fundo da ravina encharcada em suor, suja de terra, angustiada, assustada e furiosa.

– Raios, Davy! – Levantei o braço e bati no monumento de granito com tanta força que os ossos vibraram. Uma pontada de dor percorreu-me o braço até ao ombro. Segurei o braço com a outra mão, sentei-me na base do monumento, curvei-me sobre mim própria e baloicei-me devagar. Doía-me o ombro e tinha a cabeça a andar à roda. Estava a começar mais um dia, e só podia levantar-me e continuar em frente.

Só dei por Jakobek quando ele pousou a mão no meu ombro.

– Calma – disse-me.

Encolhi-me, furiosa e humilhada.

– Não me toque. Pare de me seguir para todo o lado. E não me diga que posso confiar em si.

Ele agachou-se à minha frente, com expressão sombria e confusa.

– Não sei o que a Edwina lhe disse, mas não é nada que ela tenha partilhado comigo. Ou com o presidente.

– Não acredito em si!

– Uma vez assegurou-me que era especialista em identificar homens desonestos.

– Não foi bem isso que eu disse.

– Era o que *queria* dizer. Olhe para mim. Diga-me se acha mesmo que estou aqui para a espiar, para a magoar, para magoar o seu filho. Podia ter feito muitas coisas de forma diferente, se quisesse forçá-la a algo. A si ou a ele.

– Ouvi dizer que não passa de um assassino profissional insensível. É verdade? É um assassino cruel?

O ar silenciou-se entre nós.

– Não sou cruel – respondeu ele baixinho.

Isso fez-me respirar fundo duas vezes antes de conseguir responder.

– O presidente e a primeira-dama mandaram-no aqui para me assustar a mim e ao meu filho, se fosse preciso?

– Mandaram-me para fazer o que tivesse de ser feito, caso a Eddie estivesse em perigo.

– Mas também não aprova o casamento. Tal como eles não aprovam. Nem eu, na verdade.

– Jurei proteger a Eddie desde o dia em que ela nasceu. Isso inclui proteger tudo aquilo que ela ama… o que significa o marido e a família dele. Enquanto ela quiser ser mulher do seu filho, estou aqui para a apoiar. E uma vez que a Hush é a sogra, faz parte do pacote. – Fez uma pausa. – Talvez até queira que me tenha em tanta consideração quanto as suas abelhas.

– Não sei o que pensar.

Jakobek suspirou.

– Conte-me o que a Edwina lhe disse.

– É confidencial.

– Foi assim tão mau?

Não consegui esconder a minha infelicidade tão rapidamente como queria. Ele estudou-me o rosto e praguejou baixinho. Antes que eu pudesse dizer mais alguma coisa, levantou-se e segurou-me no braço para me ajudar a fazer o mesmo. Começou a sacudir-me as folhas do cabelo, sem dizer nada, de testa franzida, analisando a minha expressão para identificar pistas do meu estado de espírito. Ele próprio era um mistério. Eu devia ter sentido medo. Um homem alto, ainda um desconhecido, descontraído mas preciso e tão silencioso que nem mesmo a montanha conseguira esconder-me dele.

O vento levantou, em redemoinhos à nossa volta, cantando a sua canção fria para nos fazer procurar calor um no outro. Ergui os olhos para ele por um momento, depois virei-me e comecei a trepar pelas pedras sem delicadeza, atrapalhada pela falta do sapato, com o ombro magoado a latejar. Jakobek subiu atrás de mim. Tropecei e senti a sua mão grande apoiar-me as costas.

Quando chegámos lá acima, ele saltou a proteção e depois pegou-me ao colo para me passar para o outro lado. Não sou uma mulher delicada, e a sua força natural espantou-me. Não me pousou imediatamente, e não lhe pedi que o fizesse. Ficou ali parado, comigo nos braços, a olhar para mim e eu para ele.

– Quero que acredite em mim, e *preciso* de acreditar em si – confessei.

– Alguém tem de acreditar.

– Que resposta tão estranha, Jakob.

– O que é que me chamou?

– Eu… não posso continuar a tratá-lo pelo apelido. *Jakob* tem um som bíblico. *Nick* é demasiado duro. Talvez, se eu lhe der um nome de som espiritual, se venha a revelar um homem espiritual, Jakob.

– Combinado.

– Muito bem. Estamos juntos nisto, Jakob, tal como me disse na outra noite. Não estou disposta a ir contra o casamento do meu filho, mesmo que ache que isso seria no interesse dele.

Jakobek acenou.

– Então somos uma equipa. Apoiamos o casamento. Deixamo-lo seguir o seu caminho. Não colocamos obstáculos. – Hesitou. – E não deixamos que a Edwina o faça.

O silêncio que se abateu sobre nós era mais potente e perplexo do que qualquer silêncio. O vento forte empurrou-nos e ouvi o espírito do meu marido no seu assobio.

– Ponha-me no chão – ordenei. – E deixe-me sozinha. Voltarei quando estiver pronta. Vim cá acima para falar com os meus mortos, Jakob.

Ele acenou, pousou-me no chão e recuou.

– Lembre-se de uma coisa: ele está morto. Mas eu estou vivo. E eu oiço-a.

Capítulo 12

Hush

Uma hora de sono, dez chávenas de café, uma dose dupla de comprimidos para a artrite por causa do braço, uma fatia de tarte de maçã fria e um longo duche choroso. Esta que vos fala, a nova sogra, estava finalmente pronta para fingir felicidade. Sensatamente, Jakobek não apareceu.

– Obrigada por se ter encontrado com os meus pais – agradeceu Eddie. – O Nicky diz que correu diplomaticamente.

– Concordámos apoiar as tuas decisões.

Eddie suspirou. Davis franziu a testa.

– Não esperávamos que toda a gente desse saltos de alegria, mas um bocadinho mais de entusiasmo era simpático. Digo-te, se quiseres que nos vamos embora…

– Não. Esta é a tua casa. Podem ficar aqui. Essa é uma decisão definitiva.

Saí de casa, seguida por Eddie e Davis. Espalhei uma mão cheia de comida para peixe na água do pequeno lago atrás das árvores do quintal, enquanto eles me seguiam, atrapalhados, tentando ser simpáticos e dizer as coisas certas. O sol nascente lançava reflexos maravilhosos na água pouco funda. Davy construíra-me o lago como presente de aniversário, com dois peixes cometas dourados e brancos que rapidamente, com os meus cuidados, tinham crescido até terem trinta centímetros cada um, e começado a reproduzir novos cometas, que eu vendia.

– És gananciosa, mãe natureza – dissera Davy na altura. – Não consegues deixar uma alma nesta quinta simplesmente *ser*, só pelo prazer que te dá. Tudo tem de fazer dinheiro ou de te deixar orgulhosa. Se conseguisses pensar numa forma de lucrar com isso, de certeza que já me tinhas dado mais filhos.

– Mãe? – chamou Davis. – Sentes-te bem?

Doía-me o braço magoado; ao recordar as palavras de Davy, estremeci e deixei cair o saco da comida. Davis apanhou-o.

– O ombro está a dar-te problemas?

– Um bocadinho. Não mais do que o costume.

Davis virou-se para Eddie.

– Há uns anos, a minha mãe foi caçar veados com o meu pai. Ela não é caçadora, mas foi porque ele lhe pediu, para lhe fazer companhia. Escorregou e caiu de um sítio alto. O meu pai levou-a ao colo mais de três quilómetros, até à carrinha. Durante uma semana, não deixou que mais ninguém cuidasse dela.

Eddie fitou-me com os olhos a brilhar.

– Deve ter memórias tão bonitas do pai do Davis. É exatamente esse tipo de memórias que eu e o Davis queremos construir aqui.

Desejei que a história fosse verdade. Pus as mãos nas ancas e respirei fundo.

– Vamos esclarecer uma coisa. Vocês os dois estão a pensar voltar para Harvard depois de o bebé nascer, não estão?

Davis não disse nada. Eddie sorriu com tristeza.

– Já não é isso que queremos. Nem eu nem ele.

Senti um arrepio e vi luzes a bailar em frente dos olhos. Sentei-me num banco e deixei cair outra vez a comida dos peixes. Desta vez, Davis não se deu ao trabalho de a apanhar. Sentou-se ao meu lado.

– Queremos pedir-te trabalho aqui na quinta. Trabalho e um lar para nós e para o nosso filho, e um futuro a ajudar-te a construir um futuro ainda melhor para o negócio da família. Sempre disseste que este negócio seria meu, um dia, se eu quisesse. Pois bem, quero. Deixa-me começar a trabalhar nesse sentido.

– Temos tantas ideias – acrescentou Eddie ansiosamente. – Tantos projetos e sonhos e planos. Quero conhecer pessoas *reais*, senhora Thackery. Quero fazer a diferença numa comunidade onde me reconheçam valor pelas minhas capacidades e pelo meu trabalho, não pela fama e poder político dos meus pais. Por favor, não fique desapontada com a nossa decisão de não voltar a Harvard. Uma educação universitária nunca pode substituir a experiência de vida.

Quase me engasguei. O que teria dado para ter tido as oportunidades que eles tinham – para ter novamente a idade deles, sem bocas para alimentar a não ser a minha, sem maçãs a esperarem impacientemente pela colheita, sem responsabilidades exceto andar atrás de um jovem soldado chamado Jakobek – estranho, como este pensamento se intrometeu ali no meio. Adorava o Hollow, mas teria adorado Harvard, também. E Jakobek.

– Mãe? Sentes-te bem? – perguntou Davis outra vez.

Abanei a cabeça.

– Se queres fazer justiça a este legado, então sai para o mundo, até seres tão inteligente e importante que poderás voltar para casa um dia e cuidar desta terra *para sempre*. Não ano após ano, nem sequer geração após geração, como sempre fizemos. Davis, não podes prescindir de todas as oportunidades que tens para te instalares aqui *agora*!

– Não preciso de um diploma para gerir um negócio, mãe. Tu és o exemplo perfeito. – Fez uma pausa. – No fundo, tudo se resume a isto: estamos a pedir a tua bênção.

– Têm de a conquistar.

– E assim faremos.

Eu própria posso ter de voltar a conquistar as minhas bênçãos.



Eddie falou com os pais por telefone.

– Sim, mãe, acredito quando dizes que estás contente por mim. Não, pai, não preciso que me venhas visitar. Sim, acredito que queiras. Mas vais atrair uma multidão de repórteres e muita segurança e prejudicar a estação das maçãs. E eu estou bem. Não se preocupem. Também gosto muito de vocês. Ainda bem que chegámos a acordo quanto às minhas escolhas.

Depois de a conversa terminar, desligou e chorou.

– Admito que gostaria muito de ser levada ao altar pelo meu pai – gemeu, enquanto Davis andava de roda dela a dizer coisas reconfortantes de marido, o que não ajudou nada. Jakobek e eu trocámos um olhar preocupado.

Puxei-o comigo para a varanda.

– Pode ser uma causa perdida, mas tenho de tentar criar uma rotina normal… tanto por eles como por mim. Vou pô-los a trabalhar, aos dois. É o que eles querem, mas talvez não seja aquilo que esperam. De certeza que não vai ser glamoroso. A Eddie vai para a cozinha, no celeiro. Estará longe dos olhares do público e o trabalho não é pesado, fisicamente. Apenas enfadonho. Tem algum problema com isso?

– Sou totalmente a favor. Trabalho enfadonho é trabalho seguro. Muito bem, e quanto a mim? Como é que hei de ganhar o meu sustento por aqui?

Por uma fração de segundo os meus olhos traíram-me e mirei-o de cima abaixo de uma forma que podia ser corretamente interpretada da forma errada. Quando me recompus, ele já tinha devolvido o favor na mesma medida. Encostou-se a uma das colunas da varanda com um brilho bem-humorado nos olhos.

– E esse trabalho é à hora ou à semana?

Levantei uma sobrancelha.

– Esse trabalho é só na sua imaginação, tenente-coronel.

– Estou a falar a sério.

Íamos fingir que o momento não tinha acontecido. Muito bem.

– Quer trabalhar, Jakob? Eu dou-lhe trabalho. Até o ponho na lista de assalariados. Trabalhos na quinta, embalagem, expedição, carregar maçãs. O Gruncle é o encarregado de tudo isso. Portanto faça o que ele mandar. Está disposto a submeter-se a um velho mal-humorado e temperamental?

– Tenho muita experiência nessa área. Estive no exército. Considere-me contratado, senhora Thackery.



Reuni a família, os empregados, Davis, Eddie, Smooch, Logan e Jakobek na sala de seleção de

maçãs no celeiro público onde ficavam também a pastelaria e a loja de recordações. Eram mais de quarenta pessoas, entre os tapetes rolantes e os caixotes e as prateleiras de enxaguamento e os canais de aço que conduziam as *Sweet Hushes* acabadas de colher para sacos de plástico e pequenos caixotes e bonitos cestos de tabuinhas de carvalho que seriam depois embrulhados em celofane vermelho com laços vermelhos em cima, para o comércio a retalho. Os respiradouros nas paredes do celeiro canalizavam o cheiro dos bolos de maçã que coziam nos fornos da cozinha no celeiro do lado. O aroma a pinho das aparas de madeira erguia-se do chão antiquado sob os nossos pés. A vida era boa e perfumada, pelo menos nos meus celeiros.

– Tenho notícias maravilhosas – menti, a todos os reunidos, enquanto olhava para os rostos velhos e novos por baixo de bonés ou toucas com o logótipo de Sweet Hush e por cima de uma manta de retalhos humana de aventais brancos, calças de ganga e camisas de flanela com o emblema Sweet Hush; uma multidão querida, leal e trabalhadora de pessoas que olharam, assombradas, de mim para Jakobek, e depois para Eddie, que sorria corajosamente, e para a expressão séria de Davis, muito direito, de mão dada com Eddie.

Dei a notícia sem preâmbulos:

– Esta é a Eddie Jacobs Thackery. Sim, ouviram bem. A Eddie e o Davis casaram. Vão ficar aqui durante o resto da estação e trabalhar connosco. E sim, há mais boas notícias. Como já todos sabem, vou ser avó.

Algumas pessoas aplaudiram lenta e hesitantemente, enquanto todos os olhos iam de mim, para os recém-casados, para Jakobek e regressavam a mim. Davis apertou os lábios perante a reação pouco entusiástica da família e olhou para a frente com o maxilar contraído.

– Viemos para aqui de modo a fazer parte da família, da comunidade e do legado que os meus pais construíram com a vossa ajuda. Sei que vão gostar da Eddie e que a farão sentir-se bem-vinda. Ela quer que a tratem como tratariam qualquer outra pessoa. Espero que… não, *sei* que a tratarão com amizade e respeito.

Davis disse-lhes que voltara para casa e desistira de bom grado dos estudos em Harvard para me ajudar a gerir o negócio da família, mas quando disse isto alguns dos primos mais novos – que o idolatravam e às suas aventuras pelo mundo – abanaram a cabeça. Alguns dos homens e mulheres mais velhos e menos delicados limparam lágrimas de desilusão dos olhos.

Outros olharam para Eddie com má vontade, como se ela fosse uma desgraça pequena e sedutora – e, ainda por cima, uma Jacobs liberal. O ressentimento estendeu-se a Jakobek, que se erguia um palmo acima dos outros com o seu rosto duro. Ele deixara Davis a sangrar e soprara as abelhas de cima de mim. O simbolismo tribal trouxe ao de cima as defesas dos meus familiares – um desconhecido entrara no seu reino, derrubara o príncipe e tentara seduzir a rainha viúva. Hamlet à moda do Hollow.

Eu sabia o que tinha de fazer, quer isso me agradasse ou não. A harmonia familiar exige tanta maquinação e engolir de sapos como qualquer campanha política, e, muitas vezes, a mesma boa dose de adaptação da verdade. Dirigi-me a Eddie, arranquei-lhe a mão dos dedos de Davis e dei-lhe um abraço cerimonial para avisar todos os meus familiares de que a tinha aceitado. Ela soltou uma pequena exclamação surpreendida e depois abraçou-me também e murmurou-me ao ouvido, com voz embargada:

– Obrigada. Prometo que não a deixarei ficar mal.

– Partilha o favor. Apresenta o teu primo Jakobek e fala bem dele – respondi, também num murmúrio. – Caso contrário, ainda lhe sai o tiro pela culatra.

Ela lançou-me um olhar espantado mas virou-se para as pessoas.

– Todos vocês são uma lenda para mim. O Davis contou-me tudo sobre a família, sobre este lugar maravilhoso e sobre o seu amor pela terra, pela mãe, pela memória do pai e por este negócio orgulhoso que construíram juntos. Também venho de uma família com valores fortes. Respeito muito aquilo que alcançaram. Estou aqui porque quero que a minha vida reflita esses mesmos valores.

«Nesse sentido, quero que conheçam um familiar meu que está aqui apenas por mim, em representação dos meus pais, que não puderam estar presentes hoje. Pedi à Hush que me deixasse apresentá-lo pessoalmente. – Eddie estendeu a mão para indicar Jakobek. – O sobrinho do meu pai, meu primo direito e… e o irmão mais velho que nunca tive, e… – A voz vacilou-lhe um pouco. – E um dos meus heróis, a par do Davis… o tenente-coronel Nicholas Jakobek, reformado do Exército dos

Estados Unidos.

Jakobek enfiou as mãos nos bolsos das calças amarrotadas e acenou com a cabeça, sem deixar de parecer rígido e vivido e tão doce como um rottweiler atrás de uma cerca elétrica. Vestia calças de caqui e uma velha camisa de flanela, tão simples como qualquer um de nós, mas não era como nós, não era como ninguém que conhecêssemos, era um lobo em pele de produtor de maçãs. Inclinou a cabeça.

– Os pais de Eddie estão ansiosos por conhecer toda a família e amigos do Davis e… e desejam-vos muitas felicidades.

Os murmúrios dissiparam-se mas as pessoas continuaram a olhar para ele com desconfiança.

Jean Fruitcare Bascomb, uma prima idosa da minha avó, do lado do pai, avançou com expressão impaciente. Era a responsável pelas cozinhas.

– Querido Davis – disse ao meu filho, numa voz rachada como tinta velha. – A tua mamã veio ter connosco há vinte anos, com um plano louco para construir celeiros e vender maçãs aos idiotas ricos de Atlanta. Ficámos ao lado dela, e ela tinha razão. Acreditámos nela e a Hush nunca nos deixou ficar mal. Olha em volta. Vês velhos com reforma e seguro. Vês jovens com dinheiro para a universidade. Vês mães e pais a cuidar dos filhos sem dificuldades. Tudo porque nos unimos… e tudo graças à tua mamã. Não estragues isso. Não desistas da universidade e não venhas para aqui com a tua mulher famosa a pensar: «Sou um homem e um produtor de maçãs e vou mandar em tudo.» Tens de conquistar o direito de aqui ficar. Não se trata daquilo de que prescindiste. Trata-se daquilo que vais assumir.

– Sim, senhora Jean, eu sei – respondeu Davis, pouco à vontade. – Não vim pedir favores.

– Ainda bem, porque ninguém tos fará. A tua mamã nunca os pediu e vê o que construiu para todos nós. E a menina Eddie… Parece-me uma jovem inteligente. Não votei no seu paizinho mas não tenho nada contra ele, exceto a política. Mas nasceu no meio das maçãs? Está do nosso lado, contra nós, ou não quer saber?

– Estou do *vosso* lado – respondeu Eddie com fervor. – Minha senhora, sou filha de uma mulher que acredita com todo o coração num tratamento justo para todos os seres humanos, e de um homem cuja família construiu com orgulho um sonho americano que começou apenas com as roupas que traziam no corpo ao chegar a Ellis Island.

– As palavras são muito bonitas – disse Jean, gentilmente. – Mas não pagam as contas.

O meu Gruncle, um guerreiro velho e assombrado, encolhido dentro de uma camisola branca da quinta e de calças largas com as bainhas enroladas, saiu do grupo e apontou para Jakobek o dedo ossudo. Fiz sinal à tia mais próxima para o segurar, mas era tarde de mais.

– Vamos lá diretos ao assunto. Sabemos o que fez quando cá chegou, rapaz! – Para Gruncle, qualquer pessoa com menos de sessenta anos era rapaz ou rapariga. – Não gostamos de estranhos que tomam liberdades com a nossa Hush.

– Esperem aí, ele não tomou liberdades nenhumas – anunciei. – As minhas liberdades estão em segurança, portanto acalmem-se.

– Mas ele magoou o teu *filho*, rapariga! Vais fechar os olhos também a esse insulto?

– Gruncle, eu assisti ao que se passou e estou aqui para vos dizer que o tenente-coronel não teve qualquer culpa. O incidente foi entre ele e o Davis. Já fizeram as pazes e ninguém tem nada a ver com isso senão eles. – Fiz uma pausa. – O Davis é um homem feito e sabe tomar conta de si mesmo.

– Não, quando um mercenário perigoso monta a tenda no nosso quintal, é um assunto de *família*! Eu ouvi falar deste Jakobek no programa de rádio do Haywood Kenney. – Gruncle lançou um olhar fulminante a Jakobek. – O presidente tem-no mantido escondido estes anos todos por algum motivo, rapaz! Que diabo é o seu parceiro de dança, rapaz, e que desgraça vai trazer para o meio de nós, *e quantas pessoas admite que matou?* Matou por mera cobiça ou matou por Deus e pelo seu país, rapaz?

– O meu primo é um herói – interveio Eddie, com veemência. – Garanto-lhe que a reputação dele foi distorcida e…

– Não me importo com Deus ou o país – interrompeu Jakobek, tranquilo. Ficámos todos paralisados a olhar para ele, em silêncio. Olhos semicerraram-se. As opiniões endureceram. Jakobek devolveu os olhares com a calma de uma estátua num monumento à guerra. Não cedeu.

– Então com que é que se importa? – perguntou alguém.

Antes que ele conseguisse responder, um ronco distante aproximou-se o suficiente para atrair as atenções. Lucille e os outros agentes correram para as grandes janelas do celeiro, protegeram os olhos com as mãos e olharam para cima. Jakobek e eu seguimo-los e depois os restantes, até estarmos todos a olhar ansiosamente para o céu lá fora. Um pequeno helicóptero azul e branco surgiu sobre as escarpas verdes da montanha Ataluck. Jakobek virou-se para Davis e Eddie.

– Afastem-na da janela.

– Sim – concordou Lucille rapidamente.

Eddie ficou tensa.

– Não. Recuso-me a reagir como se fosse sempre um alvo de todos os lunáticos e monstros do mundo. Acabou-se. Aqui nesta quinta estou segura como… – Davis pegou-lhe ao colo e levou-a para o centro do celeiro, onde a pousou. Eddie franziu a testa e olhou para ele surpreendida e magoada. – *Et tu, Brutus?*

– Apoio a tua posição de princípio – disse ele. – Mas não a tua posição ao pé da janela.

– É uma equipa de filmagens – anunciou Lucille. Nesta altura o helicóptero estava apenas a trinta metros de altura, por cima dos terrenos da quinta, e vi o logótipo de um canal noticioso, um dos mais sórdidos, se isso não for uma redundância. Um operador de câmara, preso por um cinto à porta aberta, estava praticamente pendurado no ar, a filmar os celeiros e os pomares. Peguei no braço de Logan.

– Estão a invadir a nossa privacidade e propriedade privada. Filhos da mãe! Não podem fazer isso!

– O que queres que faça, mana? Que dispare contra eles?

– Claro que sim!

Jakobek dirigiu-se às grandes portas duplas enquanto nós falávamos e, quando dei por isso, tinha-as aberto e saído para o exterior. Enfiou a mão dentro da camisa e tirou uma pistola automática de cano comprido e reluzente. Corri atrás dele.

– Por mais furiosa que esteja, Jakob, não queria mesmo dizer para dispararem contra o maldito helicóptero.

– Está disposta a fazer *bluff*?

– *Bluff*? – Apontei freneticamente para o operador de câmara. – Ele está a filmar todos os seus movimentos. Não o provoque.

– Não está só a filmar-me a mim. – Fitou-me com firmeza enquanto armava a pistola. – Está a filmar-nos a *nós*. Eu trato disto. Voltem para dentro.

Passado um momento, abanei a cabeça.

– Não, vamos assustar este filho da mãe juntos.

Ele sorriu, ergueu a arma para o céu e apontou para o helicóptero. O operador de câmara enfiou-se para dentro como um caranguejo a rastejar para dentro do buraco. Apanhei um vislumbre do piloto, de olhos arregalados, a dizer palavras que eu não precisava de ouvir para compreender.

O helicóptero ganhou altitude e desapareceu de novo para lá do horizonte. Toda a gente saiu e olhou para Jakobek com respeito contrariado. Senti um arrepio na espinha, como a carícia de dedos culpados e excitados. Ele baixou a pistola e voltou a enfiá-la debaixo da camisa.

– Cuido da minha família – declarou. – É com *isso* que me importo.

Virou-se e abriu caminho entre a multidão. Todos se afastaram para o deixar passar. Incluindo eu.

Eddie gemeu baixinho.

– Se calhar não devia ter persuadido o Davis a trazer-me para cá. Lamento muito que a minha apresentação tenha sido desfigurada por um ataque precisamente à autonomia e privacidade que faz deste Hollow um santuário.

Nesse momento aconteceu algo estranho. A minha família – todos eles indivíduos rezingões e independentes, ferozmente patriotas em muitos níveis, fervorosos em relação à lealdade familiar e à defesa do território e à santidade da terra, mas ainda abalados com a demonstração dramática de Jakobek do que se deve fazer pela família – olhou outra vez para Eddie Jacobs e viu, em vez disso, Eddie Thackery.

No mínimo, era a mulher de Davis, a mãe do seu filho, e precisava de compreensão e proteção, quer a tivesse conquistado ou não. Como dote, trazia um primo forte, este Jakobek, um homem disposto a dizer o que pensava e a apontar uma arma a invasores e para o diabo com as

consequências.

– Lamento muito esta interrupção – repetiu Eddie.

Davis passou o braço à volta dela.

– Não faz mal, querida.

– Claro que faz. Eu vivi com as luzes da ribalta toda a vida, mas não vou sujeitar a tua família a…

– Está na altura de ir trabalhar – disse eu, cortando-lhe a palavra. – Eddie, Davis… vocês fazem ambos parte dos meus funcionários a partir deste momento. Temos maçãs para vender. Não podem armar-se agora em esquisitos. Precisamos do vosso trabalho.

Davis lançou-me um olhar que quase derreteu a zanga entre nós. Eddie levou a mão ao coração e sorriu. A família acenou em concordância. Uma das tias Thackery – uma mulher grande e rechonchuda – pôs um boné das Quintas Sweet Hush no cabelo castanho e macio de Eddie.

– Vou reclamá-la para a cozinha. Falta-nos uma pessoa na linha de produção dos fritos de maçã. Tenho mais de quatrocentos para embalar antes de o homem da UPS vir buscar as encomendas amanhã de manhã.

Todos olharam para Eddie com a respiração suspensa. A filha do presidente. A trabalhar na linha de montagem dos fritos de maçã.

– Tenho todo o gosto em trabalhar na cozinha – disse Eddie, muito séria. – Quando era pequena, eu e a minha mãe tivemos aulas de culinária com alguns dos melhores *chefs* do mundo. Costumávamos passar uma semana todos os verões no restaurante The French Laundry, na Califórnia, a trabalhar mesmo como ajudantes de cozinha. O meu pai jogava golfe num dos clubes locais durante o dia e depois, ao jantar, partilhávamos refeições maravilhosas. Cozinhar era o nosso passatempo especial de família… – Com a voz embargada e lágrimas nos olhos, calou-se, assoberbada pelas recordações de tempos mais felizes com os pais, agora afastados. Limpou rapidamente a cara e olhou para Davis com determinação. – O que é um frito de maçã?

Enquanto ele lhe explicava as *nuances* das fatias de maçã fritas, virei-me para Jakobek. A majestade das montanhas no outono emoldurou-o enquanto percorria o caminho de gravilha entre os parques de estacionamento. Distraidamente, tamborilou com a mão na perna direita. Quatro cães, dois gatos e uma cabrinha bebé preta e branca que escapara da quinta dos visitantes seguiram-no com a devoção das criaturas simples, sentindo nele bondade e força.

Dei por mim a levar as pontas dos dedos à garganta e aos lábios, num deslumbramento febril. Estava também a segui-lo, mas sem coragem para o admitir.



A vida no Hollow nunca mais seria a mesma, e esse dia viera prová-lo.

Lucille instalou os agentes em quartos de motel e estalagens por todo o condado, mas ela arrendou um pequeno apartamento na cave da casa de cedro simples e prática do meu irmão Logan, numa rua sinuosa e secundária em Dalyrimple. Não lhes perguntei como chegaram a acordo em relação a isso. Puppy atracou-se à agente com afeto imediato e pôs-lhe a alcunha de Abelha Lucy. A Abelha Lucy era vista por vezes, em tardes frescas de outono, sentada no alpendre da casa de Logan, envolta numa manta com padrão de maçãs, a ler a Puppy uma das revistas de caça de Logan. O tema seria provavelmente «Bambi – guisado, assado ou em bifes?». Seja como for, Puppy estava fascinada por Lucy.

Mantivemos Eddie longe dos olhos do público, nas cozinhas e nos celeiros dos fundos e em casa, pelo bem dela e da nossa sanidade mental, uma situação que ela aceitou graciosamente, é preciso que se diga. Dezenas, por vezes centenas de pessoas, ligavam para a quinta todos os dias a pedir para falar com ela, afirmando ser amigos, ou a gritar obscenidades e comentários estúpidos no gravador de chamadas do meu escritório. Quer quiséssemos quer não, ela era famosa.

E, agora, nós também éramos.

Parte Dois

Capítulo 13

Nick

As imagens de mim e de Hush, ombro a ombro, num potencial ataque terra-ar contra o helicóptero de reportagem, rodaram por todos os canais de televisão. Kenney disse aos ouvintes do seu programa de rádio que eu devia fazer terapia de contenção de raiva – e que parecia já ter infetado também a nova sogra de Eddie.

– Quero que saiba o quanto lamento – disse-lhe.

– Eu aguento – respondeu Hush, mas não parecia feliz. Estava de pé no meio de um celeiro amplo, rodeada por grandes caixotes de madeira cheios de maçãs, com uma mão forte nos comandos da empilhadora mecânica, um *walkie-talkie* na outra. O ar frio saía com um zumbido das grandes unidades de refrigeração no teto. Estávamos rodeados pelo cheiro pungente de milhares de maçãs. A forma como ela controlava todo aquele mundo de maçãs fascinava-me.

– Um quilo por unidade, a trinta e cinco por caixote – disse ela para o *walkie-talkie*. Clique. – Vou verificar o que diz o contrato com a U-Market Phone Order a esse respeito. – Clique. E para outra pessoa: – Desliguem a estação de caramelizar até testarmos a alimentação de gás.

De cinco em cinco segundos, um dos funcionários ligava com outra pergunta. Ela falava enquanto manobrava a empilhadora. Olhou para mim com hospitalidade exausta.

– Eu aguento – repetiu. – Ninguém me torceu o braço.

– Muitas pessoas pensam que o fiz. Por falar nisso, como está o braço?

– Bem. – Hush não disse mais nada e fitou-me com aqueles olhos verdes assombrados, o crescente fino da cicatriz mais claro contra o rubor das faces. Senti um arrepio. O braço. Estava a manter esse assunto afastado da mente. Havia nele qualquer coisa que me preocupava.

– Então não sou *persona non grata*, pelo menos para si?

– Levo a opinião das abelhas muito a sério. E a Puppy gosta de si. E não é fácil agradar-lhe.

– Mãe, pedi à tia Smooch para despachar os telefonemas da comunicação social. Estão a chegar à média de um por minuto. De todo o mundo. O tio Logan mandou embora dois camiões com antenas satélite, mas isso não impedirá os jornalistas da imprensa de entrarem, disfarçados de clientes. Provavelmente já andam a rondar os celeiros. Avisei toda a gente para responder «Sem comentários» se algum desconhecido fizer perguntas sobre a Eddie. Isso inclui-te a ti, mãe. De acordo?

– Sem comentários.

– Está bem, sei que detestas tudo isto. Desculpa. O caos vai ser pior do que esperávamos. Mas a brincadeira do Jakobek não ajudou nada. O sobrinho psicopata do presidente não devia ameaçar disparar contra operadores de câmara.

Hush olhou para mim com ar de desafio, consciente de que eu conseguia ouvir o que Davis estava a dizer.

– Acho que o Jakobek sabe que não foi muito bom – disse ela ao filho –, mas não há dúvida de que foi eficaz. De qualquer modo, o Jakobek é a menor das minhas preocupações, e devia ser a menor das tuas.

– Se quiseres, peço-lhe para se ir embora. Desconfio que era o que o pai faria.

– Se eu quiser que o Jakobek se vá embora, eu própria lhe peço, obrigada.

E, com estas palavras, desligou o *walkie-talkie*. Madeixas do cabelo ruivo soltaram-se do travessão que o prendia na nuca. O seu corpo moveu-se numa ondulação de seios, ancas e pernas. Parecia uma árvore atingida por uma brisa forte. Eu não conseguia tirar os olhos dela.

– Pelo menos sabe em que pé estamos com o Davis – comentou.

– O seu marido orgulhava-se de si por não precisar dele?

Hush ficou tensa. Depois de uma longa pausa, disse:

– Já sabe a resposta a essa pergunta. Mas o Davis não sabe, e tenciono manter as coisas como até aqui.

– E, no que depender de mim, assim será. – E saí, deixando-a na privacidade das suas maçãs.

Hush

O que havia eu de pensar, quando cheguei a casa dos celeiros, uma tarde, para descarregar pilhas de papéis e discos de computador no escritório, e vi Jakobek no caminho de acesso à casa com um estranho alto, de barba grisalha, vestido com um macacão coçado, um casaco militar largo e um boné com o emblema dos Chicago Bears?

– Este é um amigo meu – explicou Jakobek. – Fui buscá-lo agora à cidade. Está a precisar de uma boa refeição. Importa-se que ele entre connosco?

Tanto quanto eu sabia, Jakobek não tinha amigos, e não era o tipo de pessoa altruísta que confiava na bondade do ser humano. E nunca mostrara qualquer interesse em deixar desconhecidos aproximarem-se da minha casa ou da minha família. Muito menos um velho vagabundo com mau aspeto, e muito menos nas imediações de Eddie. Fiquei sem palavras. Lucille estava na varanda, e olhei para ela.

– A Eddie não está aqui – disse ela. – Não tenho problemas em conceder acesso limitado a esse cavalheiro.

Mais surpresas. Não era uma atitude típica de Lucille. Ainda assim, eu não tinha motivos para imaginar cenários elaborados e desconfiar de qualquer maquinação.

Assim, aproximei-me e estendi a mão ao visitante.

– Peço desculpa por ter hesitado um pouco. A nossa situação é algo invulgar neste momento, mas nunca fechei a porta a ninguém, portanto é bem-vindo à minha casa. Chamo-me Hush McGillen Thackery.

– Obrigada pela sua simpatia, minha senhora. – O homem apertou-me a mão com solenidade. *Tem a mão bastante limpa, para um vagabundo*, pensei.

Mais ou menos nessa altura, Eddie e Davis chegaram, numa das carrinhas da quinta. Tinham estado o dia inteiro a trabalhar nas cozinhas. Estavam sujos de farinha e cheiravam a maçãs e canela. Ambos vestiam calças de ganga velhas e *T-shirts* macias por baixo de camisolas grossas. A barriga de Eddie formava uma leve elevação por baixo das roupas, e o seu rosto brilhava. Davis sorriu e tirou-lhe uma fita azul do cabelo castanho. Uma nuvem de farinha ergueu-se no ar frio. Ela sorriu.

O velho desconhecido – que ainda não me fizera a cortesia de se apresentar devidamente, como eu estava prestes a comentar – ficou imóvel como uma estátua e observou-os enquanto subiam o caminho entre as azáleas, de mãos dadas. Eddie parecia um anjo salpicado de açúcar.

Não sabia bem o que pensar do interesse deste vagabundo no meu filho e na sua famosa esposa, mas achei-o demasiado intenso para o meu gosto.

– Jakob? – chamei, em tom de aviso. Jakobek, contudo, estava a olhar para o velho e para Eddie sem sinais de preocupação, tal como, reparei, Lucille.

Eddie sorriu educadamente ao visitante mas depois o seu sorriso desapareceu. Levou a mão à garganta e soltou uma exclamação suave e alegre. Davis virou-se para ela, de testa franzida.

– O que foi, querida?

– Nada. Absolutamente nada. Eu devia saber que o Nicky arranjaria maneira de… – A chorar e a rir ao mesmo tempo, correu para o velho barbudo e abraçou-o. Ele murmurou algo e apertou-a também nos braços.

Eddie puxou a barba falsa.

– *Pai!* – gritou. – Pareces um guitarrista dos ZZ Top.

Quase caí para cima das azáleas. Jakobek pegou-me no braço para me apoiar, com os lábios curvados num sorriso satisfeito.

O presidente estava à minha porta, secretamente e em segurança.

Houve lágrimas, conversas privadas em tom carinhoso, falou-se de Edwina e Al disse a Davis, em tom rígido, que tinha muito trabalho a fazer para conquistar o seu respeito e boa vontade.

– Eu sei, senhor – respondeu o meu filho baixinho. – Mas o caminho para o bem superior, quer seja de uma família, de uma comunidade ou de uma nação, nem sempre é o mais simples, nem o que recebe louvores mais facilmente.

– Estás a citar os meus próprios discursos?

– Sim, senhor.

– Qual foi esse?

– O seu discurso na Liga Nacional das Famílias, há dois anos.

– Quantos discursos meus leste?

– Todos, senhor.

– Porquê?

– É o pai da Eddie. Queria compreender a sua visão do mundo.

– E?…

– Gostava de invocar a Quinta Emenda até o senhor decidir que gosta mesmo de mim.

Al riu-se.

Foi um bom encontro. Eu estava orgulhosa de Davis. Quanto ao resto da conversa e ao futuro dos nossos filhos…

– Acho que mais vale voltar para Tel Aviv e trabalhar na paz mundial – disse Al, em tom fatigado. – Parece-me que seria mais simples.

Al só podia ficar uma hora até Jakobek o levar de volta ao helicóptero que o aguardava em local não identificado.

– A comunicação social começa a ficar inquieta ao fim de algumas horas na área de imprensa em Camp David – explicou Al. – Pensam que vou passar a tarde com o ministro do Comércio chinês. Vamos aparecer juntos esta noite, numa conferência de imprensa, para anunciar os detalhes de um novo acordo comercial.

– Então… o que é que o ministro do Comércio chinês está a fazer neste momento? – perguntei.

– A jogar golfe com a Edwina e o vice-presidente.

– Meu Deus!

– Sim, a Edwina é um tubarão quando há apostas em jogo e o vice-presidente não é grande jogador. Estou um pouco preocupado.

Al e eu passámos alguns minutos junto do lago, sentados em velhas cadeiras Adirondack, a fumar: eu, o meu cachimbo comprido. Mais valia que ele visse já. Ele, um charuto que Jakobek lhe dera. Uma espécie de cachimbo da paz. O fumo das nossas duas famílias misturou-se sobre a água.

– Obrigado por tomar conta da minha filha – agradeceu. – Quem me dera conseguir explicar o problema entre ela e a mãe. Posso garantir-lhe que a minha mulher nem sempre foi tão rígida no que diz respeito ao que é melhor para a Eddie.

– Passou muita água debaixo da ponte. Não podemos mudar a corrente.

– Eu não estava com elas no dia em que aquele homem quase matou a Eddie e a Edwina. Se não fosse o Nicholas… A Edwina nunca conseguiu ultrapassar o medo que sentiu naquele dia, e o que viu o Nicholas fazer, e o que isso lhe mostrou sobre a realidade do mundo no qual tínhamos posto uma filha. Desde então, tem protegido a Eddie de forma obsessiva, e eu também. Mas suponho que o faço com um pouco mais de diplomacia.

– As filhas também dão mais desconto aos pais do que às mães. Tal como os filhos perdoam com mais facilidade as mães do que os pais.

– Deve estar orgulhosa do seu filho. Mas sabe que tenho de ser um bocadinho duro com ele. É o meu dever como pai da Eddie.

– Estou totalmente de acordo. Faça-o sofrer.

– Tudo o que a Eddie me diz sobre ele parece sincero. A minha filha partilha mesmo aquilo que pensa comigo. Somos mesmo muito próximos. Apesar do que as circunstâncias atuais possam sugerir.

– Eu compreendo. E, para que conste, tenciono mandá-los de volta para Harvard o mais depressa possível. Ainda não sei como, mas juro-lhe que o farei.

– Temos de trabalhar nesse plano, sim. Não diga nada à minha mulher, mas a Eddie disse-me que gostaria de frequentar uma universidade pública por estes lados, no futuro, e mudar de curso, de Direito Criminal para Direito Civil. Escusado será dizer que redigir contratos para as grandes companhias petrolíferas não é propriamente a carreira jurídica que a minha mulher idealizou para ela.

– Receio saber onde é que a Eddie foi buscar essa ideia. Ela não quer trabalhar para as grandes empresas, Al. Quer trabalhar *comigo*. Ou melhor, com o Davis. Tencionam construir um «conglomerado diversificado», como lhe chamam, com a Quinta Sweet Hush como empresa base. E

a Eddie está a planear tratar de toda a parte jurídica do império familiar. Senti-me como o Padrinho quando ela me disse isso. Cruel, mas orgulhosa.

– Compreendo. E *quer* que o seu negócio de maçãs se torne num conglomerado?

– Nem por isso. As maçãs não precisam de dominar o mundo, Al. Elas *são* o mundo. O meu mundo, pelo menos.

– A Eddie disse-me que a Hush é uma cidadã exemplar. E que o seu marido era muito querido de todos os que o conheciam… principalmente do filho. Sei que está orgulhosa.

Mudei de assunto.

– Fale-me sobre o Jakobek, por favor – pedi. – O que é ele?

Al percebeu exatamente o que eu queria dizer.

– Um combatente, um solitário, um amante… quero dizer com isto que é um homem que ama profundamente… e um herói.

– Onde é que ele esteve durante aqueles anos depois de deixar Chicago? O que é que fez, de facto, ao serviço do exército?

– Foi para todos os sítios onde mais ninguém queria ir. Sítios que não constam dos mapas. Lutou por pessoas pelas quais não é suposto que lutemos. Alianças que o governo não pode discutir. Pessoas que precisam de ajuda abaixo do radar da política. Eu pensava que ele tinha uma visão simplista do bem e do mal, mas depois tive de tomar decisões difíceis, tive de mandar pessoas combater, tive de mandar pessoas matar outros seres humanos. As subtilezas perdem-se quando as consequências são vida ou morte.

– Mas porque teve de deixar a família para trás para fazer esse trabalho militar? Porque foi para tão longe das pessoas que obviamente ama?

– Não tenho a certeza. Depois de ele matar o homem que atacou a minha mulher e a minha filha, nunca mais foi o mesmo. Nem ele, nem nós. Penso que se sentiu ainda mais à parte. Nada do que a Edwina ou eu disséssemos teve qualquer efeito. O Nicholas não fala muito dos seus sentimentos ou motivações. Simplesmente faz o trabalho que acha que deve ser feito. Não confessa os seus pecados e não pede perdão. Nem elogios. Nem compreensão. Se precisa de nós, nunca o sabemos. Mas, se nós precisamos dele, está sempre presente.

– Oh, ele precisa de vocês, acredite. Tem bom coração. E é um homem de família.

– Já lhe ouvi chamar muita coisa, mas a Hush é a primeira que lhe chama isso.

– Tenho uma fonte segura.

– Sim?

– As abelhas.

– Nem sequer vou pedir uma explicação. Mas acredito que tem razão. No entanto, o difícil é convencê-lo a *ele*. O meu maior receio é que ele nunca encontre um sítio onde se sinta em casa, ou uma pessoa que consiga acalmá-lo. Temo que ele fique sozinho para sempre.

Senti um arrepio na espinha.

– Não. Isso não pode acontecer.

– Tenho esperança. Nunca o vi assim.

– Assim, como?

– Feliz.

– Ele está feliz? Porque diz isso? Como é que sabe?

Al olhou para mim e não respondeu.

Os presidentes são pessoas muito reservadas.

Setembro deu lugar a outubro. Os meus familiares tinham agora uma coleção de cabeçalhos dos principais jornais e tabloides. Material embriagante para pessoas cuja principal publicidade era uma menção nas páginas da secção de viagens da *Southern Living* ou nas colunas comerciais da *Apple Growers Digest:*

Eddie Jacobs em casamento secreto deixa o país estupefacto

Primeira-filha grávida, escondida por vergonha

Vida perfeita de Eddie era fachada para esconder problemas familiares

«Os valores familiares dos Jacobs mostram uma falha de liderança», dizem adversários

Presidente preso na agitação do Médio Oriente enquanto a família se desmorona

Eu esforçava-me por não ler os artigos e por não ouvir os comentadores na televisão ou, Deus nos acuda, o maldito programa de Haywood Kenney na rádio. Mas não conseguia evitar. *Eddie Atrevida e o seu Rapaz Campónio de Harvard*, era como ele chamava a Eddie e Davis. Todos os dias falava sobre eles, sempre com apartes desagradáveis sobre a administração e os valores pessoais de Al Jacobs.

Uma tarde, Jakobek entrou no meu escritório e apanhou-me a atirar o rádio portátil contra a parede. Acho que ser surpreendida no meio do um acesso de raiva inútil me incomodou tanto como os ataques de Kenney ao meu filho. Jakobek, porém, disse apenas:

– Os rádios ressaltam. Sei por experiência própria.

Apanhou o rádio, pousou-o de novo em cima da secretária e mudou para uma estação de *jazz*.

De mãos cerradas e lágrimas de fúria nos olhos, disse, entre dentes:

– Era capaz de o matar.

Jakobek segurou-me nos ombros.

– O Kenney não vale esse esforço. Decidi isso há muito tempo. Não merece aquilo que lhe custaria.

– Preciso de qualquer coisa para me distrair. Só me apetece gritar.

– Tenho uma solução.

E beijou-me.

Um beijo rápido e urgente e muito, muito perigoso. Eu não precisava de muita provocação, pelo que ao fim de cinco segundos estava a beijá-lo também, agarrada à camisa dele, a puxá-lo para mim.

Parámos a meio da necessidade desesperada de fazer pior. A autodisciplina é uma coisa terrível. Tinha a pele sensível e a arder; os detalhes dele estavam-me gravados no corpo. Ele estava corado e tinha um braço à volta dos meus ombros. Olhámos um para o outro sem misericórdia.

– Não podemos – murmurei.

Ele assentiu.

– Mas não estou arrependido.

Eu também não estava.

Fosse o que fosse que Jakobek fizera no seu passado como soldado, atualmente estava armado apenas com uma flauta, uma câmara e toda a minha atenção.

Ao nascer do dia, tocava melodias suaves e doces na sua flauta, depois descia silenciosamente, como se estivesse a perseguir-me na minha própria cozinha. Trabalhava ao lado dos outros funcionários desde manhã até depois de anoitecer, sem uma única queixa. Esmagava maçãs na pastelaria, carregava camiões de entregas e içava abóboras outonais para os carros de donas de casa coradas e dos seus maridos pálidos, que o fitavam como um cãozinho doméstico poderia fitar um pitbull que lhe andasse a rondar a fêmea. Sobretudo, vigiava Eddie e Davis, com uma pistola escondida dentro da camisa. Os agentes governamentais obedeciam-lhe com a naturalidade subtil do comando. Até Lucille, uma líder feroz, lhe dava um desconto.

– Ele esteve em todo o mundo – disse-me ela.

– Sinto-me segura – respondi.

Exceto quando pensava nele em cima de mim, na cama.

Tivera muitas ofertas de outros homens desde que Davy morrera, mas poucos valiam o esforço. Adorava homens, a ideia dos homens, e queria ter um homem, um homem mesmo, mesmo bom. Mas esses eram difíceis de encontrar e os outros eram como cachorrinhos de olhos engraçados e patas grandes; eu sabia que não demorariam muito tempo a deixar de ter graça e a começar a derrubar a mobília e a ladrar à Lua. Não tinha jeito para escolher e selecionar; nunca conseguiria fechar a porta a um rafeiro ou mandá-lo embora depois de o deixar entrar. Sabia que era assim, por isso

evitava fazer uma escolha. Caso contrário teria homens por todo o Hollow, a correr à volta das minhas pernas, a precisarem de ser castrados.

– Tenho de começar a podar – ouvi-me dizer em voz alta, enquanto estava a lavar a loiça na cozinha.

– A podar o quê? – perguntou Smooch, sentada à mesa. Lançou-me um olhar desconfiado. – Está tudo bem?

Virei-me e ela franziu a testa.

– Estou só a trabalhar no meu pomar pessoal – respondi.

Nessa noite, vagueei pela casa escura como uma sonâmbula e finalmente percorri o pequeno corredor até uma sala com sofás de pele macia e mesinhas com pés em forma de maçã, e uma grande lareira decorada com as placas académicas e troféus desportivos de Davis, por baixo de um retrato que ele pagara a um artista qualquer para pintar. Fora feito a partir de uma fotografia de mim e do pai dele. Davis ficara tão orgulhoso de nos oferecer o quadro no nosso aniversário de casamento. Nele, o pai olhava para o mundo de cima, como um homem de família atraente e bem-sucedido, vestido com um *smoking*. Eu parecia feliz e deslumbrante num vestido de baile de seda verde. Que mentira.

Contudo, num canto da parede, meio escondido por trás de um lírio num velho vaso de barro, em cima de um lavatório primitivo de pinho que era a única herança de família da minha mãe, estava um velho retrato a preto e branco dos meus pais no dia do seu casamento. Pareciam pobres e cansados. A mamã tinha catorze anos e estava grávida de mim. Perto dessa fotografia estava outra emoldurada de mim, grávida, com Davy Sénior e o velho *Impala* artilhado. Uma adolescente escanzelada com cabelo ruivo e olhos de pistoleiro, ao lado do pistoleiro. Tinha pendurado ambas estas fotografias na minha bonita sala de estar, ao lado do grande quadro, para nunca me esquecer da verdade.

Acendi um candeeiro e estaquei, sobressaltada. Davis e Eddie estavam a dormir no sofá, ela com a cabeça no ombro dele, indiferentes às lições aprendidas com duas gerações de casamentos prematuros e tempos difíceis. Simplesmente… felizes.

– Toma – sussurrou Jakobek. Tinha-me seguido até aqui. Segurava uma manta de croché, tentando não parecer ridículo com as macieiras em flor debaixo dos dedos calejados. Acenei e, juntos, tapámos delicadamente as crianças grandes à nossa frente, antes de sairmos pé ante pé.

O desejo é uma coisa quente e latejante, uma força viva e invisível com gavinhas tão fortes como as da hera que se apoderara de um dos lados da casa. Já se prendera à minha pele e à de Jakobek. Era algo com que teríamos de lidar, mas eu não sabia como. Começara a desejar Davy depois de anos de amizade infantil. Quando tivemos sexo pela primeira vez, já carregávamos mais bagagem do que a maioria dos adolescentes, e um ano depois éramos pais de um bebé. Desde que Davy morrera, eu nunca conhecera um homem que me custasse a esquecer. Até agora.

Nick

Hush e eu bebemos sidra junto à fogueira, ao pé do lago, cuidadosamente sentados em lados opostos do fogo, e observámos as estrelas juntos.

Nessa noite, sonhei com um soldado que matei num sítio cujo nome não vou mencionar. Basta dizer que os meus homens e eu liquidámos um pequeno grupo em combate corpo a corpo, sangrento e pessoal. Foi uma das últimas missões em que participei antes de Al anunciar a sua candidatura à presidência e eu sair do exército. Depois do combate, coxeámos entre os corpos, recuperando todas as identificações que conseguíssemos encontrar. Cambaleei sobre o corpo de um rapaz – não devia ter mais do que catorze anos – e, quando revistei os bolsos do casaco camuflado de fabrico russo, encontrei um retrato amachucado de uma rapariga bonita, com o capuz puxado para o lado e longos cabelos pretos caídos em redor do sorriso. Nas costas da fotografia estava escrito o nome dela e uma palavra que significava «minha noiva».

Ela vai perguntar-se para sempre como ele morreu, pensei. Fiquei ali parado, com a fotografia nos dedos sujos de sangue, e senti-me como se o meu coração fosse despejar toda a minha vida naquele chão e ninguém daria por isso. Um inimigo era composto por forças demasiado fortes para

poderem ficar vivas – homens que espalhavam a morte, que faziam mal a pessoas inocentes. Aquele rapaz era apenas um escravo nas suas mãos, não um deles. Pensei nele e na sua namorada viúva durante semanas. Estava tão apaixonado que trouxera uma fotografia dela para o combate. E para a morte. Localizei-a, na casa da família, e mandei-lhe a fotografia através de um local em quem confiava. Incluí uma mensagem anónima: *Ele foi corajoso. Foi um soldado. Pensou em ti.*

Quando acordei desse sonho, procurei no saco de lona a fotografia dobrada de Hush no pomar. Tirei uma carteira de pele que levava comigo para todo o lado e enfiei a fotografia entre os cartões e credenciais que diziam a todos os países do mundo quem eu era.

Ele foi corajoso. Foi um soldado. Pensou em ti.

Hush

Aos domingos à noite, depois do trabalho duro do fim de semana chegar ao fim, costumávamos fazer uma fogueira numa clareira do pomar e sentávamo-nos à volta dela, cerca de uma dúzia de pessoas – empregados, família, e eu, todos cansados e sujos de terra e a cheirar a maçãs, com um grande tacho de chili ou guisado a fervilhar sobre as brasas. Comíamos, bebíamos café e discutíamos os lucros e problemas do fim de semana. Uma espécie de reunião pós-jogo, como uma equipa de futebol. Às vezes, alguém tocava guitarra.

Ao princípio, os outros sentiam-se constrangidos quando Eddie estava sentada à volta da fogueira com eles. Depois, um domingo, ela desatou subitamente a cantar uma versão desafinada de «*Staying Alive*», enquanto Davis, em pé, de expressão solene, fazia movimentos de *disco* como John Travolta. Toda a gente riu. Até Jakobek sorriu.

– Ela é boa rapariga – murmurou um dos meus primos.

Acenei com a cabeça em sinal de concordância.

Um a um, todos se levantaram e desapareceram, até só eu e Jakobek estarmos junto da fogueira. Vi, sem conseguir conter a admiração, como as sombras e a luz das chamas se moviam sobre o rosto e o corpo dele. Jakobek levantou-se e olhou para mim, depois avaliou a privacidade da noite que nos rodeava.

– Tenho uma coisa para ti. Volto já.

Ansiosa, inclinei-me para a frente no velho banco de madeira e apertei mais o casaco de lã. Ele desapareceu na escuridão. Esteve ausente muito tempo e, quando voltou, trazia na mão uma pasta de cabedal grossa. Sentou-se no chão ao lado dos meus pés, abriu a pasta e tirou um *dossier* cheio de papéis.

– São os registos médicos e financeiros do Al. Ninguém tem acesso a eles fora da família. Ninguém. Queres saber dos problemas de próstata dele? Dos seus maus investimentos? Podes ler tudo aqui. – Pousou a pasta no meu colo, depois tirou outra. – Edwina. Antidepressivos, terapia de gestão da raiva, cirurgias plásticas. – Enquanto eu olhava para ele, num silêncio aturdido, Jakobek tirou uma terceira pasta, mais fina. – Eu – disse, e pousou-a em cima das outras, nos meus joelhos. – Documentos sobre todas as missões em que participei enquanto estava nas operações especiais, incluindo algumas em sítios onde o nosso governa jura que nunca estivemos. Se desses essa pasta ao jornalista certo, as relações internacionais nunca mais seriam as mesmas.

– Porque estás a fazer isto? – consegui por fim perguntar.

– Porque é justo. Sentes-te violada pelas táticas da Edwina. E tens razão. Olho por olho…

– Jakob, eu…

– Lê os documentos. O que fizeres com eles, é contigo.

A tremer, peguei nas pastas, levantei-me e aproximei-me da fogueira. Uma a uma, queimei-as. Jakob aproximou-se e parou ao meu lado. Senti os seus olhos sobre mim. Vi a pasta sobre ele desfazer-se em fumo.

– Sei tudo o que preciso de saber sobre ti através das abelhas – disse-lhe.

Depois desse incidente, demorei alguns dias a recuperar o equilíbrio, embora duvidasse que

alguma vez conseguiria voltar a ter ambos os pés bem apoiados no solo, com as carrinhas de televisão estacionadas no caminho de acesso à quinta e as pessoas ainda todas entusiasmadas com a presença de Eddie, e o meu medo de estar no centro das atenções, já para não mencionar a má relação com Edwina. E, claro, o que estava a acontecer entre mim e Jakobek.

Smooch ainda não gostava dele, e o resto da família continuava desconfiada. Davis não dizia muito, mas era evidente que considerava Jakobek más notícias – e uma ameaça ao lugar que o pai ainda ocupava na minha vida. Os filhos não lidam bem com a outra vida das mães, como mulheres, por mais que afirmem estar à vontade com a ideia, e por melhor que seja o homem que a mãe escolhe para substituir o pai deles.

Jakobek era um bom homem – bondoso, forte, divertido e inteligente. Lia romances sérios, trabalhava bem e estava integrado nos rituais dos homens da minha família, mas ao mesmo tempo havia nele uma certa elegância, uma sugestão de que também estava à vontade na companhia de coisas e ideias de qualidade. Tinha idade suficiente para dar valor ao santuário que era eu e a quinta, mas era ainda suficientemente jovem para me levar daqui, se quisesse. Tinha o corpo de um homem no seu auge, musculado, duro mas macio, com alguma aspereza no rosto, a pele marcada pior uma pátina de texturas, o cabelo ainda forte mas revolto. Eu não queria uma fruta perfeita e suave; gostava das minhas maçãs ao natural, mais sensação nos lábios. Quando o beijei, o sabor foi pleno e rico e capaz.

Não que tencionasse ceder e dar mais uma dentada no fruto proibido.

Jurei. Jurei. Jurei mesmo.

– Viram o Jakobek? – perguntei às pessoas, da janela de uma carrinha vermelha e branca da Quinta Sweet Hush. Todos responderam com um aceno negativo. Toda a gente na cidade o conhecia, tal como conheciam Eddie. Estacionei a carrinha em frente da loja de ferragens e jardinagem de Dalyrimple e chamei outros transeuntes que saíam das pequenas lojas em torno da praça.

– Viram o tenente-coronel? Veio às compras com o Davis e a Eddie.

Como guarda-costas da Eddie, pensei, mas não disse. Eddie odiava ser seguida para todo o lado por Lucille & Companhia. Assim, às vezes, Jakobek vinha com ela. Pelo menos ele não se vestia como um golfista de férias. Mordi o lábio inferior e vi o vapor da minha respiração no ar frio de outubro.

Onde é que ele estava? Odiava quando as pessoas não andavam com telemóvel.

Estava sentada na carrinha, a murmurar entre dentes («A ironia, Jakob, é que nunca me sais da cabeça mas não consigo apanhar-te ao telefone. Por que raio não és médium? Oh, sim, era mesmo disso que eu precisava… um homem capaz de ler pensamentos quando não consigo deixar de pensar nele!»), quando ele se aproximou por trás da carrinha. Só o vi quando parou junto da janela aberta, a olhar para mim com um sorrisinho. Foi um daqueles momentos em que vemos alguém pelo canto do olho e instantaneamente a boca se curva numa forma falsa, como se estivéssemos apenas a fletir os maxilares, não a ter um monólogo sobre ele. Fingi que estava a olhar para o retrovisor e a verificar o batom, mas não uso batom quando vou à loja de ferragens. Ultimamente, mal conseguia lembrar-me de pôr desodorizante. Tive vontade de cheirar rapidamente as axilas, mas não havia nenhuma forma delicada de o fazer.

– Ouvi-te a pensar em voz alta – disse ele. – Passa-se alguma coisa?

– Tenho um camião estacionado à porta de casa. Vindo de Washington. Cheio de prendas de casamento para a Eddie e o Davis. Um camião, Jakob.

Ele franziu a testa.

– É coisa da Edwina. Está a tentar fazer as pazes com a Eddie e esfregar-te isso na cara.

– Bom trabalho.

Nesse momento, Eddie e Davis saíram de uma loja de coisas de bebé, com os braços cheios de embrulhos. Viram-me e sorriram. Olhei para Jakobek.

– Ofereci à Eddie uma sessão de compras para o bebé – expliquei-lhe. Depois de uma pausa, acrescentei: – Devia ter-lhe comprado a loja toda.



Tinha motivos para me sentir posta em segundo plano. Dentro do camião havia (entre centenas

de outros presentes) uma terrina de sopa em prata esterlina, em forma de elefante, com presas de rubi, enviada pelo rei da Tailândia. Uma estrela de cinema famosa enviara um serviço de loiça para vinte pessoas da melhor porcelana, com monograma. O diretor de um conglomerado multinacional mandara um pequeno esboço de oliveiras, emoldurado. Feito por Picasso.

E não esqueçamos os presentes de Edwina e dos seus familiares ricos. Serviços de prata e copos de cristal e lençóis de luxo e antiguidades e mais. E uma secretária – humana, não de madeira. Esta registou todas as prendas e tratou de centenas de cartas de agradecimento, enquanto Smooch, Eddie e Davis remexiam nas pilhas de caixas e caixotes e embrulhos deslumbrantes. Smooch passava o tempo a levar a mão ao peito e a soltar gritinhos. As exclamações maravilhadas de Eddie contrastavam fortemente com o silêncio cada vez mais profundo de Davis.

Jakobek e eu estávamos do lado de fora do camião aberto.

– Isto não é nada bom – murmurei.

Ele assentiu com um aceno.

– Nunca é bom quando um homem percebe que seria preciso um ano do seu salário para comprar à mulher o bule de ouro maciço que a tia lhe deu só por piada.

– Vejam o que a minha tia Regina me mandou – disse Eddie alegremente, aproximando-se da porta traseira do camião com o bule em questão. – Não é mesmo… – olhou para Davis e continuou em voz menos entusiasmada… – não é mesmo uma *ostentação*? Adoro a minha tia Regina, mas isto é absurdo.

Davis fitou-a com ar pensativo.

– Podemos instalar uma prateleira especial, de imitação de madeira, quando conseguirmos comprar o nosso próprio casebre.

– O bule é mesmo horrível – insistiu Eddie, esforçando-se por parecer sincera. – E a maior parte destas outras mariquices… bom, vai tudo para trás, entendido? A minha mãe pode guardar o que quiser, doar tudo para caridade, tanto me faz. Algumas destas coisas são decididamente presentes políticos, e têm de ser contabilizados…

– Não. É tudo teu, querida, e não devias sentir-te mal por causa disso.

– *Nosso*, Davis. Não é *meu*. É nosso.

Ele abanou a cabeça com expressão obstinada e orgulhosa. Eddie começou a corar. Inclinei-me para Jakobek e murmurei:

– Temos de fazer alguma coisa.

– Armazenem tudo – disse ele em voz alta. Todos olharam para ele, espantados. – Guardem tudo num armazém bem fechado. Mandem os bilhetes de agradecimento e depois logo decidem o que fazer às coisas.

Eddie acenou afirmativamente.

– Excelente ideia, Nicky. Muito prático.

Davis encolheu os ombros.

– Sim. Só preciso de algum tempo para pensar nisto. Para me habituar à ideia.

– Querido, eu compreendo – ronronou Eddie.

Davis abraçou-a.

– Se queres o bule, fica com o bule. Arranjaremos uma prateleira de *pinho verdadeiro* para ele. – Ela riu-se e os dois jovens beijaram-se.

Jakobek e eu olhámos um para o outro, aliviados.

– Maldita Edwina – resmunguei.

Capítulo 14

Hush

Edwina ainda não acabara. Ela tinha aliados.

Numa tarde fria e dourada de outubro, Jakobek e eu chegámos dos celeiros e encontrámos Smooch e Gruncle a olhar para vários cavalheiros japoneses que estavam a descarregar caixotes de um camião estacionado ao lado do meu lago nas traseiras.

– Trazem presentes do imperador do Japão – murmurou Smooch. – A Lucille disse que podiam fazer a entrega. Mas não sei…

– Malditos japoneses assassinos e matreiros – resmungou o Gruncle, e Smooch teve de o levar para dentro de casa antes que cinquenta anos de diplomacia asiática-americana fossem por água abaixo sob a força das memórias de um velho combatente.

O porta-voz do contingente japonês fez uma vénia perante Jakobek e eu. Sem saber bem qual era o protocolo, segui o exemplo de Jakobek e curvei-me também.

– Deixem-me ir chamar o meu filho e a mulher…

– Oh, não, minha senhora. – O homem falava um inglês perfeito, com um sotaque japonês encantador. – Estes presentes são para *si*, senhora Thackery. É a admirada mãe do noivo, uma mulher de negócios digna de imenso respeito. O imperador tem estado a ler sobre si. Ele e a esposa ficariam muito gratos se aceitasse este pequeno símbolo da sua estima. – Abriu uma caixa e olhei para um contentor de água com dois peixes *koi* de um amarelo vivo. Percebia o bastante sobre estes peixes para reconhecer as marcas de campeões.

– São lindos. Mas não posso…

– Eles precisam de nadar livremente no seu novo lar, senhora Thackery. Que pena deixá-los, a eles e aos amigos, nestas caixas apertadas. Não é saudável para eles.

– Aceita os peixes – murmurou Jakobek.

– Estou muito agradecida – disse, atrapalhada, com mais uma vénia. – Mas não ficarão seguros aqui. Costumo perder, em média, cinco peixes por ano.

– Perder? – O porta-voz japonês franziu a testa, confuso.

Inclinei-me mais para ele, como se os peixes pudessem ouvir.

– Às mãos de guaxinins esfomeados.

– Oh! – O rosto dele iluminou-se. – Senhora Thackery, os meus homens e eu podemos construir uma excelente cerca anti-guaxinim à volta do seu lago. – Fez uma pausa. – Mas, se não se importa… o que é um *guaxinim*?



Jakobek e eu estávamos na casa de banho dos hóspedes no rés do chão, um espaço minúsculo forrado com restos de mármore que eu encontrara numa pedreira na Carolina do Norte, com uma sanita branca reluzente, um armário de bom carvalho, um lavatório de porcelana branca, antigas gravuras botânicas de maçãs e agora, em cima do autoclismo, uma pequena estátua de um macaco de chapéu e sobretudo, enviada por Edwina.

«Um presente de mãe para mãe» dizia o cartão que o acompanhava.

– Mandou-me uma estátua de um macaco feio vestido como o Humphrey Bogart no fim de *Casablanca* – comentei, perplexa. – Que raio é que isto quer dizer?

Jakobek conteve um sorriso antes de responder.

– Penso que é uma peça especial, feita por um escultor africano de quem ela gosta muito. Provavelmente vale muito dinheiro.

Olhei para ele.

– Isto é o equivalente artístico de me fazer um gesto feio, Jakob. Aqui, no campo, temos um ditado um bocadinho vulgar. «Podes cagar ouro, ou dourar os cagalhões.» Esta é a forma de a Edwina me dizer que o mundo dela está cheio de tesouros, de dizer à filha dela e ao meu filho: «Vejam o que podiam ter se viessem para o outro lado da cerca.» Ou, pior ainda: «Eddie, vê o mundo que podias ter se deixasses o teu marido.»

Jakobek olhou para mim com expressão tranquila e confiante.

– E o que é que a Hush McGillen Thackery vai fazer?

Eu reconhecia um desafio quando o ouvia.

❧

– Isto é um exagero – gritou Davis por cima do rugido dos motores de uma dúzia de camiões de duas toneladas de fruta. Eddie levou as mãos ao rosto. Vestida com uma camisola e um macacão, com a barriga de grávida a começar a notar-se, parecia muito jovem e vulnerável.

– Hush, não precisa de mandar um presente extravagante para os meus pais! A minha mãe estava só a tentar provocá-la!

Bom, resultou, pensei, enquanto me punha de pé em cima de uma montanha de maçãs que deslizavam para o leito macio de aparas de madeira no fundo das caixas dos camiões. Inspecionei os contentores no celeiro principal. Ali perto, Jakobek virou um tapete rolante coberto de maçãs vermelhas para o camião seguinte.

– Estas maçãs não são apenas um presente – disse a Eddie. – São mensageiras. Servem para lembrar à tua mãe que tu és o fruto do ventre dela. A minha pergunta para *ti* é: estás disposta a acompanhar as maçãs?

Ela olhou para Jakobek e ergueu as sobrancelhas.

– Parece-me que andas a maquinar com a Hush para me obrigar a visitar a minha mãe.

– Eu não maquino – negou ele, muito sério.

Eddie virou-se para Davis.

– O que achas? Devo ir visitá-la? Não achas que vai parecer que cedi e que estou à procura da aprovação dela?

Davis indicou com um gesto as duas toneladas de maçãs.

– Não, acho que vai parecer que queres pedir a receita dela de tarte de maçã. – Eddie sorriu, ansiosa, e Davis pegou-lhe na mão. – Vamos visitar a tua mãe. Ela já demonstrou a sua aprovação com todos aqueles presentes.

– Oh, Davis, tens razão.

– Está decidido.

Encostaram a cabeça um ao outro.

Desci do camião e franzi a testa com ar dramático quando Jakobek me passou um lenço para limpar os olhos.

– Estes dois vivem numa bolha de ideais românticos – murmurei.

Ele dobrou o lenço molhado com as minhas lágrimas e guardou-o cuidadosamente no bolso da camisa.

– Ainda bem para eles – respondeu.

❧

A caravana de camiões da Quinta Sweet Hush foi notícia nacional durante um dia inteiro, enquanto descia as montanhas do norte da Geórgia até às costas das Carolinas, Virgínia e, finalmente, Washington. Smooch salvou algumas maçãs para leiloar no eBay. Os caçadores de recordações já tinham roubado a caixa de correio do Hollow e os bonitos cartazes à beira da estrada que conduziam os visitantes até nós. As nossas maçãs também eram colecionáveis.

Depois de termos autorização dos Serviços Secretos para entrar, estacionámos a caravana no longo caminho de acesso que levava à Casa Branca. Jakobek saiu e encostou-se ao camião da frente, com as mãos protegidas por luvas fortes, o rosto corado. Eu estava sentada em cima do monte de maçãs na caixa desse primeiro camião, com as faces vermelhas por causa do vento de outono, a tentar não tremer de frio apesar do casaco pesado e de calças de esqui azuis. Edwina – e uma comitiva de assessores estupefactos – saiu para nos receber.

Um fotógrafo da Casa Branca tirou fotografias. Edwina sorriu-me.

– Ora, ora, se não é a «Joana Appleseed»!

Nesse momento, Eddie e Davis saíram do camião atrás do meu.

– Mãe – disse Eddie baixinho, e começou a chorar. Edwina ignorou-me e dirigiu-se à filha de braços abertos. Sentada em cima da montanha de maçãs, olhei para Jakobek, que estava a olhar para mim com uma expressão que me fez sentir calor. Ele levantou o polegar e eu inclinei a cabeça.

Tinha vencido Edwina. Dominara-a com graça e estilo e astúcia. Porque trouxera-lhe um presente melhor do que tudo o que ela me mandara.

A filha.



– O nosso trabalho aqui está concluído – disse Jakobek. – Mais vinho?

– Com certeza.

Ele serviu o *merlot* aveludado no meu copo, depois no seu. Brindámos por cima dos pratos de costeletas de primeira e salmão grelhado, festejando a entrega de Eddie à mãe. A bonita paisagem noturna de Washington e do rio Potomac estendia-se sob as janelas do nosso quarto de hotel. Bem, do *meu* quarto de hotel.

Oh, Edwina insistira para que ficássemos na Casa Branca, mas não, nem pensar que eu dormiria debaixo do teto dela. Al estava na China, por isso não tinha de me preocupar em ofendê-lo com um «não, obrigada». Assim, disse a Edwina que os deixaria em paz. Ela merecia tempo de qualidade com Eddie e o meu filho. Enfatizei as palavras «meu filho», num tom que lhe disse que esperava que tratasse bem Davis. Tenho de admitir que aquilo que vi não me deixou dúvidas a esse respeito. Mesmo depois de ter recuperado uma certa dignidade fria após a surpresa da chegada da filha, pareceu contente por o conhecer.

– O seu filho está seguro comigo – respondeu.

– Não franza tanto a testa, ou ainda vai precisar de mais injeções de Botox.

Uma pérola que Jakobek me oferecera. Ela não teve a ousadia de me perguntar onde é que eu ouvira isso, mas lançou um olhar furioso a Jakobek, que fingiu estar a admirar o monumento a Washington.

Fora um bom dia, de uma maneira geral.

Mas depois as pessoas descobriram-me no átrio do hotel e vieram pedir-me autógrafos. Nunca ninguém me tinha pedido um autógrafo e não tencionava começar a dá-los agora. Mais do que isso, as pessoas reconheciam Jakobek, e não de forma positiva. Nos dez minutos que estivemos junto da receção, a tentar tratar do *check-in*, meia dúzia de pessoas desagradáveis não tiraram os olhos de cima dele, com ar assustado. Vi a determinação calma no rosto dele, o humor cínico de ser olhado como um cão de guarda que não devia andar em público sem açaime.

Assim, fingi-me muito enervada com a história dos autógrafos e perguntei a Jakobek se se importava de jantar comigo em privado. Ele percebeu imediatamente que estava a fazê-lo por ele, e não por mim.

– Se achas que vou armar-me em estoico e recusar um convite para ir ao teu quarto – disse –, estás muito enganada.

Pelo menos compreendíamos onde nos estávamos a meter.

– Sentes-te bem? – perguntou ele, quando acabámos de jantar. O ambiente tornou-se subitamente muito silencioso e intenso.

Pousei o guardanapo na mesa.

– Muito bem.

– É a primeira vez que nos sentamos para comer juntos, só nós.

– Foi maravilhoso. Tão agradável que… que me deixa nervosa.

– Complicas demasiado as coisas. Já eu, gosto de simplicidade. – Com um leve sorriso por baixo dos olhos sérios, apontou para o prato vazio. – Quando tenho fome, digo que tenho fome. – Deixou as palavras assentarem no latejar da energia sexual que partilhávamos. O sorriso desapareceu. – E, quando olho para ti, estou faminto.

Nesse momento, venceu-me. Conquistou a parte de mim onde vivo e respiro e não preciso de pensar. Conquistou-me de formas que murmuravam *Ele é uma bênção, e tu merece-lo.*

– Jakob – gemi.

Ele levantou-se da cadeira, e eu levantei-me ao encontro dele.

E alguém bateu à porta.

Quando abri, vi Eddie e Davis. Ela tinha estado a chorar. Davis parecia zangado. Atrás deles, Lucille e os outros agentes cumprimentaram-nos com acenos cansados.

– Já tive tempo mais do que suficiente com a minha mãe, obrigada – disse Eddie. – Podemos voltar para casa.



Foi preciso menos de três horas de conversa cara a cara para a pequena bomba deixar os lábios de Edwina. Ao princípio, tivera o cuidado de fazer o tipo de conversa de circunstância que qualquer mãe faria. O que é que Eddie andava a comer, como é que dormia, se se sentia bem em geral, e se gostava da obstetra que a acompanhava em Atlanta. Era uma médica que eu lhe tinha sugerido, uma amiga.

Bem, bem, bem e sim, respondera Eddie com firmeza. Estava tudo bem.

Mas depois Edwina descuidou-se e disse:

– Sei que a tua médica é uma *grande* jardineira amadora nos tempos livres, e que foi assim que ela e a Hush se conheceram.

Neste momento, Eddie olhou para ela.

– E como sabes disso, mãe, se tu e a Hush praticamente não se falam e eu nunca te contei como elas se conheceram?

– Oh, enfim… ouve, tenho a certeza que *deves* ter mencionado o assunto, quer dizer, um episódio tão inocente…

– Oh, mãe. Investigaste a minha médica, não foi? *Investigaste-a*. Continuas a *espiar-me*.

E tudo o que Edwina pôde fazer, apanhada numa ratoeira maternal, foi admitir.

Quase tive pena dela, mas depois pensei na noite que eu e Jakobek tínhamos perdido, a conduzir os camiões de maçãs de volta à Geórgia em vez de satisfazer as promessas de um coração faminto.

Capítulo 15

Hush

Com a reconciliação entre Eddie e a mãe novamente adiada, a vida no Hollow regressou às rotinas habituais e nem Jakob nem eu nos aventurámos a abordar o que quase acontecera em Washington. O nosso autocontrolo tinha por base a regra de que não tocaríamos um no outro enquanto a sua sobrinha infeliz e o meu filho desconfiado estivessem debaixo do mesmo teto que nós. Quando conseguia esfriar as ideias, dizia a mim própria que Edwina nos salvara de começar algo que nenhum de nós sabia se teria um final feliz. Ele não era produtor de maçãs. Eu era, e sempre seria. Ele passara vinte anos a viajar pelo mundo e tinha tudo o que possuía num saco de lona. Eu passara a vida enraizada no mesmo sítio.

Não que isso me fizesse gostar mais de Edwina por nos ter roubado aquela noite.

Jakobek não dizia nada, mas também não era preciso. Carregava caixotes de maçãs com ar tempestuoso; orientava a última limpeza outonal dos carreiros nos pomares em cima de um trator com uma lâmina Bush Hog implacável presa atrás; acordava mais cedo que todos nas madrugadas frias e ficava na rua até mais tarde na escuridão da noite, trabalhando mais do que qualquer outra pessoa na quinta a não ser eu, impressionando os meus familiares mais do que alguém julgara possível. Mas não o fazia para cair nas suas boas graças. Fazia-o para esquecer a noite que tínhamos perdido.

E eu também.



Num outono habitual, a Quinta Sweet Hush recebia cerca de quinhentos visitantes por dia durante a semana, dois mil aos sábados e mil aos domingos. Graças à avalanche nacional de notícias e mexericos sobre o casamento de Eddie com o meu filho, a nossa média disparou para duas mil pessoas aos dias de semana e cinco mil aos fins de semana, sábado e domingo.

Os lucros foram espantosos. O trabalho era exaustivo. Smooch, que evitava Jakobek e ainda estava um pouco fria comigo, andava apesar disso encantada no seu papel de diretora de *marketing* do espetáculo de Eddie Jacobs Thackery. Eddie ignorava educadamente o facto de ser valiosa. Davis fingia que não se passava nada e perdia horas no computador, todas as noites, enquanto ele e Eddie discutiam o plano de negócios que diziam que lançaria as Quintas Sweet Hush para o novo século. Durante o dia, Davis carregava os camiões de entregas enquanto Eddie fazia fritos e tartes e maçãs caramelizadas e vomitava com ar estoico e conquistava todos os meus familiares com a sua esperteza e boa disposição.

No condado de Chocinaw não se falava de outra coisa e, apesar dos meus esforços para preservar a santidade da nossa relação e não lucrar às custas dela, o dinheiro continuava a entrar.

– Não me importo de ser a sua máquina famosa de fazer dinheiro – disse-me ela, com simpatia. – Faz parte de quem sou.

– Mas eu importo-me – respondi. – És a minha nora.

Ela abraçou-me e eu retribuí o abraço.

O impacto de Eddie na comunidade ficou bem claro na reunião de novembro da Câmara do Comércio do condado de Chocinaw. Os restaurantes, as pequenas estalagens e todas as lojas estavam a prosperar de forma inédita desde setembro, com o afluxo de curiosos atraídos por Eddie.

Assim, Eddie recebeu a chave da cidade e uma placa a agradecer-lhe por nos representar perante o mundo.

– Estou muito honrada, mas a única coisa que eu fiz foi fritos de maçã – disse Eddie, com um sorriso, aos duzentos cidadãos mais importantes do condado, reunidos numa igreja local.

Todos riram e aplaudiram. Davis sorriu perante esta reação. Lucille e a sua equipa observavam do vestíbulo e do balcão do coro, como anjos armados. Jakobek ficou sentado ao meu lado num banco, atraindo olhares desaprovadores da generalidade das pessoas. Bernard Dalyrimple, um parceiro de negócios que fora também durante algum tempo um amigo colorido bastante agradável, inclinou-se para mim e murmurou:

– Estás muito bonita. Liga-me.

Jakobek virou-se e fitou-o fixamente. Bernard endireitou-se e engoliu em seco.

E, Deus me perdoe, eu gostei.

Nick

Quanto mais me apaixonava por Hush – sem grande esperança de que alguma vez ultrapassássemos o abismo dos deveres familiares e da dignidade exemplar que nos esforçávamos por manter com todo o nosso autocontrolo – mais queria tirar-lhe uma fotografia. A que tinha escondida na carteira não era suficiente. Ela parecia plantada e madura e plena e… procurei uma palavra clássica para a descrever… abundante. Eu gostava da linguagem dos livros antigos, linguagem galante, elegante, cortês. Ia-me cobrindo de mais camadas para me proteger do frio. Mais cedo ou mais tarde, tinha de expor a pele a algo ou alguém extraordinariamente quente.

Hush.

– O que estás a fazer? – perguntava ela nos celeiros, nos pomares, às vezes no alpendre.

– Estou a tirar-te uma fotografia. Tiro fotografias a tudo e a todos por aqui, mas tu és a minha preferida. – Fiz uma pausa. – Tu e a cabrinha bebé.

Podíamos brincar em relação a nós, desde que houvesse cabras envolvidas.

Nesse fim de semana apanhei dois adolescentes a tentarem roubar a cabra, que se tornara o meu melhor amigo. Pusera-lhe o nome de *Rambo*. Quando cheguei ao pé deles, estavam a fechá-la no porta-bagagens do *Lexus* da mãe.

– Meu, só queríamos alguma coisa da coleção presidencial – disse o imbecil líder. Sacudi-o com força suficiente para lhe chocalhar os dentes, tirei-lhe as chaves, libertei *Rambo* e depois entreguei os dois idiotas ao irmão de Hush.

– Ninguém leva a nossa cabra – disse Logan, vermelho como um tomate, e foi à procura da mãe dos dois malfeitores.

Levei *Rambo* para casa ao colo. Tranquei-o no alpendre das traseiras, que era fechado, com uma tigela de água e um pedaço de pão de maçã e disse-lhe:

– Não saias daí, meu filho da mãe mal cheiroso.

Regressei aos celeiros públicos a cheirar a estrume de cabra.

Rambo roeu um buraco de meio metro na rede da porta do alpendre e foi ter comigo ao pavilhão aberto, onde eu andava entre as bancas.

– Jakobek, o teu amigo voltou – disse uma prima McGillen com a mão a esconder o sorriso, e toda a gente se riu. Arranjei um pedaço de cordel, prendi uma ponta ao pescoço de *Rambo* como uma coleira e a outra ao meu cinto.

– É uma cabra de segurança treinada – afirmou. O animal pavoneou-se na trela, tão vaidoso como um caniche numa exposição de cães.

No fim de cada domingo, Hush reunia a equipa e votavam no melhor empregado da semana. O prémio era um jantar para duas pessoas na Estalagem Apple Valley, junto a um pequeno lago nos arredores de Dalyrimple, e um pequeno crachá com uma maçã e uma estrela dourada no meio. Havia trabalhadores da quinta com dezenas de crachás de melhor empregado da semana presos nos coletes vermelhos e nos bonés.

Nesse domingo, fui eu que ganhei o prémio, por ter salvado *Rambo*.

– Sorri e finge que estás contente – ordenou Hush baixinho, enquanto me entregava o prémio à frente de toda a gente. Não esperava que eu alinhasse na tradição e pusesse o crachá, mas eu prendi-o ao bolso da camisa.

– É uma honra – declarei. – Eu e a minha cabra agradecemos.

Todos aplaudiram. Hush sorriu-me com aquela expressão de aprovação, agradavelmente surpreendida, que fazia quando achava que ninguém a estava a ver. Convidei-a para partilhar o jantar do prémio comigo, na noite seguinte e, sentados a uma mesa com vista para o lago, falámos sobre tudo e sobre nada e abraçámo-nos sem sequer nos tocarmos. Regressámos à quinta com tanto calor entre nós que aquecemos a meia-noite fria de outono.

Davis e Eddie estavam sentados no alpendre, enrolados em mantas, à nossa espera.

– Jovens, já passa da hora de chegar a casa – disse Davis em tom seco.

Hush foi-se deitar com ar mal-humorado e a noite acabou.

Eu, contudo, nunca tinha tido uma noite tão boa.

Hush

Chamavam-se Marcus, Simon e Bill. Três alunos de Harvard, atrevidos, simpáticos mas devassos, que eram os melhores amigos de Davis desde o primeiro ano. Não podiam ser mais diferentes dele em educação, raça ou religião, mas por baixo da pele todos partilhavam a mesma estrutura sólida: Família, Fé e Amigos. Os três tinham já vindo muitas vezes ao Hollow com o meu filho ao longo dos anos, por isso, quando apareceram ao final do dia numa sexta-feira, numa carrinha azul velha, com garrafas de champanhe em punho, a declarar que estava na altura de Davis ter uma despedida de solteiro em Atlanta, mais vale tarde que nunca, dei um abraço a cada um.

Eddie, contudo, não foi tão compreensiva. Confrontou Davis na cozinha, enquanto Jakobek e eu bebíamos um aperitivo e fingíamos não ouvir.

– Tencionas ir com eles a um clube de *striptease*? – inquiriu ela.

Davis fitou-a, de boca aberta.

– *Não.* A última vez que fui… bom, foi muito antes de te conhecer. Não, Por que raio havias de pensar que…

– Oh, estou a ver. Então vocês os quatro vão só para um bar qualquer, beber até cair para o lado?

– Vamos a um bar em Buckhead, jantar e beber umas cervejas.

– *Beber até cair para o lado* – insistiu ela. – Vais embebedar-te e fingir que não és um homem casado, prestes a ser pai, que passa os dias a defender uma mulher que está sozinha e deprimida, uma mulher que não fala com a mãe há semanas, uma mulher que sabe que odeias estar preso nesta publicidade ridícula, uma mulher que se sente muito, muito abandonada neste momento.

– Abandonada? Tens o mundo inteiro a olhar para ti. És uma heroína local. A minha mãe faz-te compota de maçã caseira… e olha que ela não faz isso para qualquer pessoa.

– Estás a mudar de assunto! Vais para os bares em Atlanta beber e fumar e olhar para as raparigas. As que não estão grávidas. As raparigas magras que não vomitam todas as manhãs. – E, a chorar, virou costas e subiu as escadas.

Davis estava estupefacto.

– Só quero beber umas cervejas com os meus amigos.

– Estás a falar com uma grávida com as hormonas todas descontroladas – expliquei-lhe. – Não tens qualquer hipótese de vencer essa batalha. Eu faço o jantar para vocês. Vai buscar as cervejas e os charutos. Façam a festa aqui. Incluam a Eddie. – As minhas memórias de grávida, com um marido pouco presente, não me deixavam ficar do lado dele.

– Não, vou a Atlanta passar um bom bocado com os meus amigos. Amigos que me conheciam antes de eu ser uma piada na comunicação social nacional. – Fechou os olhos, respirou fundo e olhou para o teto, como se estivesse a falar com Eddie, por cima de nós. – *E vou porque a minha mulher devia confiar em mim*. – Depois virou-se para mim, de sobrolho franzido. – E tu devias *encorajá-la* a confiar em mim, mãe. Sempre confiaste no pai, apesar de ele passar muito tempo longe de casa.

Mantive os olhos no copo de vinho enquanto procurava as palavras certas, a mentira certa. Jakobek veio em meu auxílio.

– Eu vou com vocês. Posso ser o vosso motorista. Espiar-te em nome da Eddie. Garantir que não te distrais. – Os seus lábios curvaram-se no que podia ser um sorriso, ou não. Com Jakobek, era sempre difícil ter a certeza.

– Nem pensar, tenente-coronel. Não preciso de pau de cabeleira, nem de guarda-costas.

Ergui os olhos para Davis.

– Estás sempre a perguntar-me o que o teu pai faria. Posso dizer-te já o que ele faria. Ele levaria em consideração os sentimentos da mulher. Convidaria o primo da mulher para ir com ele, só para ela ficar contente. Cederia.

Isto acertou no alvo. Davis mordeu o lábio por alguns segundos e depois acenou na direção de

Jakobek.

– Considere-se convidado, tenente-coronel. Vou lá acima dizer à Eddie.

Depois de ele sair da cozinha, baixei os olhos. Ouvi o tinir do copo de Jakobek quando o pousou e o sussurro das calças de caqui quando se levantou.

– Bem pensado – disse.

Ergui os olhos duros e cansados para o seu rosto sério.

– Por favor, vai e toma conta do meu filho. O que ele pensa que o pai teria feito é uma fantasia que quero que mantenha.

Jakobek tocou-me no rosto com a ponta do dedo, recolheu a lágrima que me deslizava pela face e assentiu com um aceno.

Nick

Ninguém – muito menos Hush – me pediu para ser um pai para Davis. E Davis de certeza que não estava disposto a admitir que havia lugar para mais alguém na vida da mãe além do pai. Não sei se eu próprio não teria sido assim, caso a minha mãe não tivesse morrido. Portanto, dava um grande desconto a Davis.

Racers era o nome do bar, escrito em grandes letras de néon douradas por cima da porta. A decoração parecia um anúncio publicitário às corridas NASCAR – recordações e cartazes de corridas, com uma ou duas plantas penduradas em benefício das senhoras. O bar ficava perto da avenida principal em Buckhead, uma secção de Atlanta que deixara de ser sossegada e tradicionalmente rica para passar a ser ruidosa e exibicionista. Numa noite fria de novembro, durante a semana, a multidão não era demasiado turbulenta – estudantes bem vestidos das universidades, alguns executivos de música *rap* com grossas correntes de platina ao pescoço, e um sortido de raparigas engraçadas a esforçar-se por ser a Britney Spears. A música estava alta e a cerveja era importada. Sentei-me numa mesa pequena a um canto a beber algo escuro e irlandês enquanto lia um livro que trouxera da biblioteca de Hush. *Maçãs. A história da fruta mais antiga do mundo.* Estava embrenhado num capítulo sobre métodos de enxertia quando um miúdo embriagado, com idade para ser meu filho, se aproximou e gritou por cima da música:

– Por amor de Deus, meu, está a *ler* um livro sobre maçãs aqui? – Riu-se com vontade.

Entretanto, Davis estava sentado a uma mesa do outro lado da sala com os amigos, a ignorar o hambúrguer de dez dólares e a cerveja de seis que tinha à frente, com ar bastante infeliz. Os amigos já estavam suficientemente alegres para não notar e passaram o tempo a gritar e a ver vídeos de corridas no ecrã gigante por cima do bar.

Assim, foi uma noite tranquila durante a primeira hora, até o grupo de Davis ter a brilhante ideia de se mudar para pastos mais barulhentos.

– Traga a limusina, Jarbas, meu caro – disse-me o que se chamava Marcus, com um sorriso e uma palmada no ombro. Marcus parecia um pequeno Buda com óculos. Era um estudante de Direito de Nova Iorque. Bill era um estudante de Economia escanzelado, luterano, do Midwest, e Simon, também estudante de Economia, vinha da Califórnia.

– Sim, Jarbas, meu caro – ecoaram os três.

Eu gostava deles. Eram inofensivos e nunca tinham feito mal a ninguém. Sentia-me como um sargento de cem anos a cuidar de recrutas bebés.

– Calem-se e tentem não vomitar a caminho do carro, imbecis.

Em troca recebi um coro entusiasmado de «Sim, senhor tenente-coronel!» e continências com um dedo, enquanto saíamos por uma porta lateral. Estavam tão bêbados que se esqueceram de Davis, que ficou para trás a pagar a conta.

– Segue o pelotão e vê lá se não és atropelado – disse-lhe. – Eu pago a conta. Feliz aniversário.

– O que é que tem de feliz? A minha mulher está zangada comigo, já não tenho nada em comum com os meus amigos e a minha mãe está à espera que eu admita que nunca devia ter deixado a universidade e voltado para casa.

– Estás farto de carregar caixotes de tartes de maçã para ganhar a vida? Ainda bem.

– Não, estou farto de ver que a minha mãe não me leva a sério como herdeiro do negócio da

família. A semana passada dei-lhe um plano para os objetivos da empresa a dez anos e ela disse: «Muito interessante. Podes ter as panelas de caramelização novas limpas e prontas às nove da manhã?» Dei-lhe uma tese de mestrado sobre gestão de empresas e ela deu-me uma escova de arame.

– Já reparaste que a tua mãe tem trabalho até aos olhos? Que ela adormece em frente da lareira à noite, com um saco de água quente no ombro? Que já está no gabinete ao nascer do dia? Presta atenção ao que ela está a tentar mostrar-te, Davis. Ela trabalha que nem um cão. Provavelmente já lavou mais panelas de caramelização do que tu consegues imaginar. Estás disposto a trabalhar tanto como ela? Gostas assim tanto da quinta? É isso que ela quer saber.

– Vejo que tem prestado muita atenção aos horários diários da minha mãe. Sobretudo à hora em que adormece e se levanta. Afaste-se, tenente-coronel. Muitos homens tentaram chegar perto da minha mãe e ela ignorou-os a todos. Ninguém está à altura do meu pai, aos olhos dela. Portanto não tente dar-lhe a volta, nem a mim. As suas motivações são óbvias.

– Eh, é *mesmo* ele! – gritou alguém. – É ele, sim. Eh, *tu*! Não és o marido da Eddie Jacobs? Eh, *senhor Jacobs*! – Ouviram-se risos.

Davis e eu virámo-nos lentamente para uma mesa cheia de energúmenos com camisolas da equipa de futebol da universidade, incluindo o imbecil que se rira das minhas escolhas literárias.

– Não vale a pena – avisei. – Vamos embora, *já*.

– Não. Sou uma anedota pública há meses. Pelo menos, aqui, posso defender-me cara a cara.

– Não vale a pena lutar na lama com um porco. Tu ficas sujo e o porco está como quer. É um dos ditados da tua mãe. Vamos embora.

– Não se meta nisto. E não cite a minha mãe.

– Tens uma mulher grávida em casa que não precisa de te ver com os dentes partidos. As palavras não significam nada. Aguenta como um homem.

– Raios, nunca ouve, pois não? Não me diga como devo aguentar… e não me diga como tratar da minha *mulher*. Não sabe o que uma mulher precisa. Trata as mulheres como se fossem uma missão das forças especiais… entrar depressa, resolver o problema, sair ainda mais depressa. E não me diga como um *homem* age. O meu pai era um *homem*… sabia que as pessoas o admiravam, cuidava de nós e deu a vida para que o seu nome dissesse algo às pessoas. Você não tem *coração* para ser um homem como ele.

Dirigiu-se ao grupo. Debati comigo próprio o próximo passo e decidi ficar quieto. Naquele momento, fizesse o que fizesse, sairia sempre a perder.

– O meu nome é Thackery – disse Davis aos desconhecidos, em tom grave e arrastado. – E se vocês, seus *génios*, não conseguem lembrar-se disso, o problema é vosso e não meu.

– Não te chateies, meu. És famoso, só isso. Andas a comer a filha do presidente. Diz lá, ela tem o rabo mais pequeno do que a mãe?

Foi o fim da conversa. A partir daí, só os punhos é que falaram.

Hush

– Nicky, devias ter *cuidado* dele!

Eddie olhou furiosa para Jakobek enquanto limpava com um pano molhado a boca ensanguentada do meu filho. Estávamos sentados na cozinha. A água gelada pingava no chão. Cuidadosamente, pus dois sacos de gelo nas mãos estendidas de Jakobek. Tirando os nós dos dedos esfolados e inchados, Jakobek não tinha um arranhão. Davis, por outro lado, tinha um olho negro e a boca rebentada.

– Cheguei junto dele depois dos primeiros dois socos – disse Jakobek. – Daí para a frente, ninguém lhe tocou mais.

– Porque não conseguiam chegar até mim – murmurou Davis. – Eu estava no chão.

– Puseram-no a dormir? – perguntou Eddie, angustiada.

– Deitado, não a dormir – disse Jakobek.

Davis tossiu.

– Grande diferença. – Olhou para ele por baixo da pálpebra inchada. – Obrigado, Nick.

– Não há problema.

Nick. Tínhamos dado um passo em frente. Olhei carinhosamente para Jakobek.

– Deixaste seis jovens agarrados a várias partes do corpo e arrastaste o Davis de lá antes de a polícia chegar. Mas a luta não ficará em segredo. O Davis foi reconhecido. É melhor ligar para um advogado.

Fiz menção de me levantar mas Jakobek segurou-me no braço com a mão gelada.

– Já tratei disso. Fiz um telefonema pelo caminho.

– Para quem?

– Para o Al. E ele ligou para o promotor público.

Voltei a sentar-me. Não sabia se havia de rir ou chorar. Onde quer que estivesse Fred Carlisle, o meu primeiro advogado, conservado em *bourbon* nalgum Além, esperava que ele apreciasse este momento.

Mais tarde, depois de Eddie levar Davis para a cama, Jakobek e eu sentámo-nos em frente um do outro à mesa. Sob a luz baixa do candeeiro de teto, coloquei as grandes mãos magoadas de Jakobek dentro de uma tigela de loiça com uma papa morna de vinagre de maçã e folhas de tabaco esmagadas.

– Os mais velhos juram que esta mistela alivia o ardor. É o eles dizem.

– Talvez eu precise de todo o ardor que puder conservar.

– Oh, ainda tens muito ardor, acredita… – Engoli o resto das palavras sedutoras, silenciada pela expressão séria de Jakobek. – Jakob, o que se passa?

– Deixei o Davis meter-se naquela luta. Ele estava armado em parvo comigo por isso deixei-o levar dois socos antes de me meter. Desculpa.

Inclinei a cabeça e ponderei sobre as palavras que diria a seguir:

– Mais ninguém teria enfrentado seis bêbados pelo meu filho. Obrigada. Não tens por que te sentir mal. Tens tido muita paciência com ele. Obrigada.

– O meu trabalho é proteger as pessoas. É só nisso que sou bom.

– Fazes com que pareça simples. Não é. E não é só nisso que és bom.

Um silêncio potente cresceu entre nós. Jakobek pigarreou.

– No caminho de regresso, o Davis disse-me que o pai teria lutado por ele como eu fiz.

Gemi baixinho.

– Fez-te um grande elogio, então.

– Não me parece que alguma vez possamos ser *amigos*. Ele acha que estou a invadir o território do pai. – Lançou-me um olhar penetrante. – Diz que nunca olhaste duas vezes para outro homem e que estou a perder o meu tempo.

Senti o rosto quente.

– Tive muitas propostas. Aceitei uma ou outra, de longe a longe. O Davis não sabe disso.

– O Bernard Dalyrimple.

Encostei-me na cadeira e tentei não gaguejar.

– É um homem querido, divorciado. Decidiu que eu era demasiado assustadora em privado.

Uma mulher consegue ver quando faz aparecer um brilho nos olhos de um homem que, por sua vez, nos trespassa até ao centro e nos derrete. Vi essa expressão nos olhos de Jakobek.

– Deixa-me imaginar o resto – pediu ele.

– Terás de o fazer. Estou a corar.

– Depois houve esse J. Chester Baggett de quem ouvi falar.

Baixei a cabeça. O representante estadual do condado de Chocinaw era um homem doce, viúvo e muito religioso. Mas na altura sentia-se muito sozinho, como eu.

– Seduzi-o para o pecado e depois arrependi-me. Ainda somos amigos. Para. Não quero falar mais sobre este assunto.

– Nem todos os homens têm medo ou são religiosos.

– Mas a maioria dos homens quer gerir o meu negócio por mim. Acham que sabem mais do que eu. Ou então acham que merecem mais o meu tempo do que a quinta. – Fiz uma pausa. – Já agora, é verdade? Andas atrás de mim?

Passado um momento, Jakobek respondeu calmamente:

– Pensei que fosse óbvio. E tu, andas atrás de mim?

Tirei as mãos da tigela e levantei-me.

– Também me parece que é bastante óbvio. Mas acho também que seria um erro se nos apanhássemos um ao outro. Em muitos aspetos, não temos nada em comum.

– Nada. Certo.

Magoei-o. Ele magoou-me. Olhámos um para o outro por um segundo, cheios de arrependimentos, e depois recuámos ambos.

– Boa noite – disse ele.

– Boa noite.

Bati com o ombro dorido na ombreira da porta ao sair, corri para o quarto e sentei-me no chão do chuveiro durante muito tempo, agarrada aos joelhos. Não podia amar por completo homem nenhum. E, se amasse, nunca poderia admiti-lo. O *ardor* de Davy ainda estava dentro de mim.

Mas desejava Jakobek. E ele desejava-me. Sem uma palavra de convite, sem qualquer esperança de que a situação alguma vez pudesse ser suficientemente simples para cedermos a esse desejo. Deitei-me na cama, enrolei-me, estiquei-me, toquei-me, toquei-me outra vez e, um minuto depois, chorei com o rosto escondido na almofada. Só podia imaginar o que Jakobek estaria a fazer no pequeno quarto diretamente por cima do meu. De manhã, seríamos novamente educados.

Mas essa noite não seria esquecida.

Nick

Lá em cima, eu estava a fazer exatamente o que ela imaginava. E a pensar nela, o tempo todo.

Capítulo 16

«SE NÃO TRABALHAS PONHO-TE NA RUA!»
manda a sogra espampanante de Eddie.
Leia a coluna de Haywood Kenney e veja fotos
exclusivas de Eddie Jacobs a trabalhar
na pastelaria da família do marido.

Hush

– O gerente do supermercado falou-me nisto antes mesmo de os jornais saírem para a banca – disse Smooch num sussurro alto, agitando um exemplar do jornal à porta do escritório. – Oh, Hush, isto só pode ser obra de alguém cá dentro. Olha para as fotografias da Eddie! A pessoa não estava a mais de três metros dela!

Tirei-lhe o jornal das mãos.

– Compra todos os que conseguires encontrar – ordenei. – E queima-os.

Depois saí porta fora, sedenta de vingança.

Nick

– Depressa, tenente-coronel – disse um homem assim que eu desci do camião de entregas da Quinta Sweet Hush. – Ela parecia zangada.

As pessoas que estavam em frente das decorações outonais de abóboras e cadeiras de baloiço, sob o toldo do Restaurante Dalyrimple, afastaram-se e apontaram para o interior.

– O irmão dela deve estar a chegar – disse outra voz. – Foi por isso que ligámos para a quinta. Calculámos que o senhor chegaria mais depressa.

Empurrei a porta, na qual estavam colados panfletos a anunciar uma produção escolar e um concerto de quarteto de cordas patrocinado pelas Quintas Sweet Hush. Desviei-me das mesas vazias, cobertas por toalhas de plástico em xadrez vermelho e branco. Felizmente os clientes da hora de almoço já tinham saído e eram poucos os empregados de serviço quando uma prima McGillen de meia-idade, chamada MerriLee, entrara a correr, seguida por Hush, com passo lento e deliberado.

Duas empregadas de mesa e um gerente estavam do lado de fora da porta da cozinha.

– Na câmara frigorífica – disse o gerente, apontando. – A Hush enfiou-a lá dentro e fechou a porta. Ela conhece bem o restaurante, sabe. A mãe dela foi empregada de mesa aqui há muitos anos. E a Hush agora é sócia, com o Bernard Dalyrimple. Ainda saíram juntos algumas vezes, mas achamos que não tem com que se preocupar.

– Os mexericos ficam para depois – interrompi. Céus, a Hush e eu já éramos vistos como um casal. Entretanto, tinha entrado no armazém dos fundos. Hush, vestida com calças de ganga empoeiradas, mocassins, uma camisa de xadrez suja de farinha e um avental com manchas de canela, apoiou a mão na porta de metal da câmara frigorífica e inclinou a cabeça.

– MerriLee, diz-me quem mais te ajudou a tirar e a vender aquelas fotografias da minha nora ao Haywood Kenney, ou baixo tanto o termóstato que terão de te descongelar com um maçarico.

Dentro da câmara frigorífica ouviram-se soluços abafados.

– Se não tivéssemos sido nós a tirar umas fotografias, algum desconhecido o faria, mais cedo ou mais tarde. Não dissemos ao senhor Kenney o que havia de escrever. Pelo menos, eu não disse. Foi o paizinho que falou com ele.

Hush inclinou-se mais, encostou a testa à porta do frigorífico e fechou os olhos.

– Aquele filho da mãe interesseiro e vingativo. E o Kenney também.

Pus a mão no trinco.

– O Davis e a Eddie ainda estão no almoço da universidade em Dahlonega?

– Sim. A Lucille está com eles.

– Ótimo.

Ela enfiou os dedos debaixo dos meus e fechou melhor o trinco.

– MerriLee?

– Sim?

– Nunca mais te quero voltar a ver no Hollow, a ti e à tua família. Nunca mais.

– Hush, não podes fazer isso, não podes banir a tua…

– Tenho de aturar estas coisas de desconhecidos, mas não do meu próprio sangue. Traíram a minha confiança. Não há segundas oportunidades.

– Hush!

Hush saiu e eu segui-a.

– Deixem a MerriLee lá dentro mais dez minutos – pediu Hush ao gerente. – Não quero que vá já a correr ligar para o pai. Tenciono fazer-lhe uma surpresa. – Saímos do restaurante. A multidão afastou-se para nos deixar passar.

– Mostrou-lhe que deve ter medo de Deus? – perguntou uma mulher.

– Não. Que deve ter medo de *mim* – respondeu Hush. – Parou e olhou para mim. – Jakob, não vale a pena sujeitares-te a mais controvérsia pública. Fica aqui. Sem ressentimentos.

– As fotografias da Eddie também me dizem respeito. Por isso, não, não te vou deixar ir sozinha. Se é um assunto de família, então… eu faço parte da família.

Depois de um momento de silêncio pesado, sob o escrutínio ávido da multidão, ela assentiu com um aceno.

– Eu é que falo. Tu ficas atrás de mim e fazes cara de mau.

– Combinado.

Conduzi o camião de entregas através da praça central, rodeada de grandes árvores cujas folhas começavam a ficar douradas, à frente de pequenas lojas e bancos de jardim e todas as coisas que gostamos de acreditar que se encontram nas cidadezinhas da América. Às vezes, uma cidade corresponde a essa imagem. *Dalyrimple Histórica*, dizia um cartaz. Graças ao empreendimento da Quinta Sweet Hush e ao dinheiro que os visitantes dos pomares traziam consigo, Dalyrimple era real.

– Por ali – indicou Hush, apontando com o dedo sujo de farinha para uma pequena colina. No cimo, ficava o complexo moderno de tijolo do tribunal, a cadeia e a biblioteca do condado, entre mais árvores grandes e douradas, relvados que estavam a ser aparados mais uma vez antes do inverno por um velhote que nos acenou quando passámos, e uma estátua de bronze em tamanho real de uma bonita mulher pioneira, de saias compridas, a olhar para o futuro invisível com um cesto de maçãs de bronze no braço.

Entrei atrás dela no tribunal e percorremos um corredor com pequenos gabinetes por trás de portas fechadas com persianas abertas. Autocolantes de *Deus abençoe a América e o condado de Chocinaw* decoravam as janelas viradas para o corredor.

– O primo direito do meu pai, Aaron McGillen, é o comissário do condado – explicou Hush. – Ajudei a elegê-lo porque é um avarento e um gestor astuto, o que são boas qualidades num governante do condado. Mas não num familiar.

Abriu duas portas de vidro e entrou numa antecâmara onde uma jovem secretária disse:

– Prima Hush… minha senhora…

Hush cortou-lhe a palavra.

– Faz uma pausa para ir à casa de banho, Chancy. Não viste nada.

A rapariga pegou na mala e saiu.

Entrámos no gabinete interior. Um homem mais velho, macilento e de ar afetado, lançou-nos um olhar mal-humorado de trás da secretária. A placa à sua frente dizia: *Aaron McGillen, Comissário do Condado – Honesto mas Duro.*

– Sei o que fez – disse Hush, sem preâmbulos. – E vender a privacidade da minha nora é tudo menos *honesto*.

– Não venhas com esses ares de superioridade para cima de *mim*. Fazes dinheiro à conta da Eddie Jacobs de manhã à noite.

– Traiu a minha confiança e envergonhou-me.

– Já não podes controlar a verdade. E não podes manobrar os mexericos como mais te convém. Os

factos são uma grande nuvem de fumo mal cheirosa que sai da tua chaminé e ameaça incendiar-te a casa. E as pessoas começam a sentir o cheiro. Bem-vinda à tua própria dose desse «escrutínio do público» de que te vangloriaste há alguns anos, quando me «denunciaste» por ter convidado os rapazes da imigração a irem investigar os teus trabalhadores mexicanos. Tentei aplicar a lei e fizeste-me parecer um monstro.

– Porque esses mexicanos trabalham mais pelo seu salário do que qualquer outra pessoa que já vi em toda a minha vida, e não ia deixar que fossem maltratados por causa de leis que, na sua maioria, não passam de tretas racistas.

– Tu estás *acima* da lei. Foi o que *sempre* pensaste. – Deu um murro na mesa. – Mas não chores, agora que tens o mundo a bater-te à porta e a descobrir tudo a teu respeito. Sempre pensaste que sabias o que era melhor para toda a gente. Tens mandado na cidade e no condado, e até achaste que podias mandar em *mim*. Portanto não penses que vou ficar de braços cruzados a ver-te aumentar o teu poder, agora que arranjaste uma nora famosa e coberta de ouro para te dar ainda mais influência. Vou ter de te podar, para bem desta comunidade! E só há uma maneira de o fazer… mostrando às pessoas como tu e os teus realmente são.

– Pode atacar-me a mim à vontade, Aaron, mas se…

– Posso não conseguir deitar-te abaixo pelo tronco, mas posso cortar alguns ramos.

– O que é que quer dizer com isso?

– A suposta mulher do Logan, por exemplo. Uma mulher que ninguém conheceu, com quem ninguém falou sequer ao telefone…

– Ela era alemã. *Morreu na Alemanha* quando a Puppy tinha um mês e o Logan ainda estava lá destacado, no exército. Toda a gente sabe disso.

– Não, toda a gente *diz* isso porque tu lhes disseste que *tinham* de dizer isso. Apesar de não haver uma única fotografia da mulher de Logan, de a família dela nunca ter vindo visitar a Puppy e de não haver quaisquer indícios dela em lado nenhum. Vou dizer-te o que as pessoas acham que o teu irmão *realmente* fez. Acham que ele engravidou uma rapariga qualquer lá fora e que ela não queria o bebé mas que tu o *obrigaste* a trazer a pequena bastarda para casa e a criá-la.

Hush estava eletrificada. Debruçou-se sobre a secretária.

– Se alguma vez disser ou fizer alguma coisa para magoar o meu irmão ou a Puppy…

– Hush – disse-lhe. O nome dela, uma ordem, um aviso breve. *Tem cuidado e não faças ameaças em voz alta.* A minha vontade era agarrar no primo dela pelos colarinhos e atirá-lo contra a parede, mas estendi o braço entre os dois, afastei-a da secretária e disse: – Falar é fácil.

Ela fitou-me com expressão de compreensão mas, ao mesmo tempo, com um pedido de ajuda nos olhos que eu nunca vira antes e que me abalou. Contudo, para variar, eu estava em território familiar. Mulheres que precisavam de ajuda eram a minha especialidade.

– Eu trato disto – declarei.

Não sabia como lidaria com a situação, mas isso não importava. Um bom *bluff* – tal como fizera com o operador de câmara no helicóptero – muitas vezes produz mais resultados do que a ação propriamente dita.

– Não precisas de te preocupar mais com o teu primo Aaron – adiantei. – Eu trato dele.

Aaron levantou-se de um salto.

– Está a ameaçar-me? – gritou. Mordera o isco.

Hush inspecionou o meu rosto, em busca de pistas. Segurei-a com um braço sobre os ombros e apertei-a em sinais silenciosos que ela interpretou, corretamente, como código para não dizer nada. Olhei para Aaron.

– Não faço ameaças.

– Está a ameaçar-me. – Ficou muito pálido. – Saia do meu escritório.

– Estou a sair. E a Hush também. Vamos, Hush.

Não fiz mais nada senão concordar com ele, mas Aaron empalideceu ainda mais e começou a tremer.

– Acha que vou sujeitar-me a essa atitude sinistra? Raios, eu *não* tenho medo de si!

– Estamos a sair. Eu disse que ia resolver este problema pela Hush, e é o que vou fazer. Não há mais nada a discutir.

Aaron arregalou os olhos.

– Não se aproxime de mim, ouviu? Aposto que este casamento da Eddie e do Davis não vai durar um ano, e assim que ela se for embora de vez nunca mais lhe poremos a vista em cima. Não passa de um cão de ataque treinado e não consegue…

– Basta – gritou Hush. Dirigiu-se à porta, pálida e tensa, e puxou-me consigo.

Olhei mais uma vez para Aaron McGillen e apontei-lhe o dedo. Só isso. Ele deixou-se cair na cadeira.

Virei-me e segui Hush, que correu para a porta do prédio e saiu para o relvado. Sem aviso, levou o avental salpicado de farinha à boca, inclinou-se sobre os arbustos à volta do pequeno parque de estacionamento e vomitou. Olhei em volta rapidamente para ver se estava alguém a sair do edifício e depois tirei-lhe o avental amachucado das mãos e enfiei-o num caixote de lixo.

– Vamos procurar um chafariz.

– Obrigada. Por tudo.

– Ele era um alvo fácil. Para a próxima, recito o alfabeto para o deixar mesmo borrado de medo.

– Não. Não posso provocá-lo. – Cambaleou. Tinha uma expressão dura e angustiada nos olhos. Passou a mão pela boca.

Olhei para ela.

– Estás a dizer que o que ele disse sobre o Logan e a Puppy é verdade?

– Não.

– Então…

– Não posso falar sobre isto, Jakob. Mais nada. Não me faças perguntas. Nunca.

Senti os cabelos da nuca arrepiados. Surpreendido, confuso e, admito, magoado, fiquei ali a olhar para ela de mão estendida, a pedir algo que não recebi.

– Não achas que já ultrapassámos o ponto em que não podes confiar-me informações sobre a tua vida e a tua família?

– Há coisas que *nunca* vou discutir, seja contigo ou com qualquer outra pessoa.

Segurei-lhe nos ombros.

– Que joguinho é este? Não percebes que o Haywood Kenney está *precisamente* à procura do tipo de coisas que não queres que ele saiba? Achas que ele não vai descobrir?

– Já pareces a Edwina.

– Ela avisou-te?

Hush soltou uma risada amarga.

– Para o meu próprio bem. «Conte-me tudo. A mim, Edwina. Confesse os seus pecados. Os pecados da sua família. Para o seu próprio bem.» Tretas.

– Ela tinha razão.

Hush olhou para mim em silêncio, deu um grande passo simbólico para trás e disse, baixinho:

– Ela não sabe *nada* sobre mim e a minha família, e tu também não. E tenciono que assim continue.

– Assim sendo, vejo qual é a minha posição na tua vida. Nenhuma.

Ela vomitou outra vez nos arbustos, recusou a minha ajuda para subir para o camião e não disse uma palavra enquanto regressávamos ao Hollow.

Nenhuma.

Hush

Edwina atendeu logo o telefone.

– É o melhor que consegue fazer? Os seus familiares invadem a área de trabalho onde a minha filha está a «esfalfar-se» e tiram-lhe fotografias às escondidas? É assim que essa família cuida dos seus? *É assim que está a tomar conta da minha filha?*

Eu não tinha resposta para lhe dar. Não conseguira proteger Eddie. A minha família não conseguira proteger Eddie.

– Peço desculpa – admiti, abatida. – Tem todo o direito de estar zangada.

Felizmente, Edwina ficou tão chocada que respondeu apenas:

– Bom… ainda bem.

E desliguei.

Sabia que tinha magoado Jakobek, e detestava essa ideia, mas não podia contar-lhe as verdades que nem conseguia dizer em voz alta. Coisas que estavam tão profundamente enterradas dentro de mim que tinha de acreditar que nada e ninguém – nem mesmo os Haywood Kenney do mundo – as conseguiriam desenterrar a menos que eu falasse primeiro. Tinha apenas de manter a fé – a fé e a força silenciosa e a resistência solitária e terrível que aprendera ao longo da vida com as minhas árvores estoicas, os meus soldados galantes e o próprio Hollow.

Mas as forças estavam já em movimento. A minha sorte chegara mesmo ao fim.

– Hush, não faz mal – afirmava Eddie em tom suplicante, enquanto me seguia para o pavilhão. – A sério, não faça isso. Por favor.

– Mãe, para – ordenou Davis.

Jakobek estava de lado, de olhos semicerrados, a observar-me. Smooch, tão agitada como uma abelha com vontade de picar, andava de um lado para o outro em cima da serradura no chão. Logan apertava o chapéu Stetson numa mão forte e trocou um olhar preocupado com Lucille.

Olhei para todos os meus empregados. Havia muitos rumores sobre Aaron e MerriLee, falara-se em correr com Aaron do cargo e deixar de falar com MerriLee, mas eu dissera: *Não. Não. Não fazemos isso uns aos outros.*

Tinha de nos dar a todos algum espaço para respirar. Tirar os repórteres de cima de mim, afastar os curiosos das nossas janelas, as câmaras dos meus celeiros.

– A partir de hoje, esta quinta está fechada ao público. Não vou correr o risco de mais operações publicitárias. Neste momento, não sei em quem confio. Não permitirei que a minha família seja motivo de troça. Estou-me borrifando para o que o Haywood Kenney diz sobre *mim*, mas ninguém vai sujar a imagem desta família e desta quinta. Todos serão pagos pelo resto da estação. Recomeçamos na próxima primavera. Fechem as cozinhas, armazenem as maçãs e vão para casa. A estação da maçã deste ano acabou.

Houve quem chorasse. Houve quem tentasse fazer-me mudar de ideias. Ainda estávamos só em novembro.

– A culpa é toda minha – concluiu Eddie.

Apertei-a contra mim.

– Não. Isto começou muito antes de tu nasceres.

A minha resposta não fazia sentido para ela, mas o ciclo da colheita, de verdade, sacrifícios e segredos fazia todo o sentido para mim.

Deixei-os a todos no pavilhão e voltei para casa.

Em dezembro, a quinta estava vazia e silenciosa e parecia-nos estranha. Sem as multidões, com os portões trancados e os celeiros silenciosos, sentíamo-nos menos seguros, não mais.

Davis começou a andar com uma pistola dentro da camisa, como Jakobek. Lucille adicionou cães de guarda às nossas rotinas de segurança, pastores alemães que farejavam a minha casa e celeiros duas vezes por dia. Toda a correspondência recebida era radiografada, irradiada e depois aberta num telheiro por pessoas com luvas de látex. Concordei também com algumas outras medidas, e pouco depois várias das minhas velhas janelas de vidro irregular estavam encostadas umas às outras na cave, substituídas por janelas de vidros fumados, à prova de bala, com caixilhos inquebráveis.

Eddie e eu olhámos para fora por uma dessas janelas, com tristeza.

– Fui tão ingénua – disse ela baixinho. – Este maravilhoso Hollow é como o resto do mundo. A única coisa segura é o meu coração.

Passei o braço à volta dela.

– Temos de andar com a segurança sempre connosco, como a carapaça de uma tartaruga. Fazer um lar do sítio onde pararmos, acreditar sempre que trouxemos tudo o que precisamos para estar em segurança.

Ela sorriu.

– Mas a Hush nunca viveu noutro lado.

– É difícil transportar maçãs em cima de uma carapaça de tartaruga.

Eddie encostou a cabeça à minha.

– O que é que eu e o Davis havemos de fazer? Repensar todos os nossos planos?

– Não. Esperem, descansem e estejam atentos às respostas. Porque as macieiras falam connosco, sabes.

– *Hush…* – riu-se.

– É verdade.

Pegou na minha mão e encostou-a ao ventre distendido. Senti o meu neto mexer-se alegremente.

Seguro, dentro da nossa carapaça.



Numa noite fria e estrelada, sentei-me na porta do sótão do velho celeiro, só ali sentada.

Claro que Jakob me descobriu e, sem uma palavra, sentou-se ao meu lado.

– Não conseguia respirar dentro de casa – confessei-lhe. A lua crescente e milhões de estrelas enchiam a cúpula negra do céu, sem sinais das luzes do mundo nas orlas montanhosas em todas as direções. Estávamos sozinhos no planeta. Ele, eu e o peso de um medo indizível que me fazia tremer. – Não sei o que fazer, Jakob.

– Sabes, sim.

Diz-me o que estás a esconder. Pensei que ele ia dizer isso, mas puxou-me contra si e abraçou-me sem dizer nada. Acariciou-me o cabelo e simplesmente abraçou-me. E beijámo-nos. Era simples como a noite e complicado como o céu noturno. Um mau pressentimento começou a espalhar-se de novo sob a minha pele. Todos os meus velhos ditados e superstições, todas as tradições antigas e novas, não conseguiam travar esse sentimento.

– Vai acontecer alguma coisa terrível ali, nas trevas – murmurei, indicando o mundo para lá das minhas montanhas. – Há alguma coisa à espera.

– Sempre soube disso, toda a minha vida – foi a resposta dele.

Eu sempre vendera maçãs como se fossem talismãs de proteção que enviava para o mundo. Mas à noite sonhava com árvores terríveis a crescer de sementes que eu não espalhara voluntariamente e que não podia reclamar. Pontadas deste medo sufocante iam e vinham; eu sabia o que era – uma premonição. O mundo estava a apanhar tudo aquilo que me era caro. A ameaça não era necessariamente os loucos e os que nos odiavam, mas o passado, o passado. De formas que nenhuma cerca ou arma ou guarda podia impedir. Olhava para os telefones como se uma única chamada me fosse eletrocutar sem aviso.

E, alguns dias antes do Natal, o telefone tocou.

Capítulo 17

Nick

Sei quando as mulheres estão a sofrer. Não é preciso ser um homem excecionalmente sensível para reconhecer a dor de outro ser humano, mas tendo em conta o meu historial sou melhor do que a maior parte dos homens. Eu sabia que acontecera algo para magoar Hush, mais do que os seus segredos já a magoavam.

Deitado no quarto por cima do dela, ouvi o toque distante do telefone através das tábuas do soalho. Depois disso, ouvi-a andar de um lado para o outro durante horas. Levantei-me, agitado também, os meus pés descalços a fazerem ranger as tábuas, e ela parou.

Ouvia-me. Eu ouvia-a.

Mas não me pediu ajuda. E eu não sabia como lha dar. Nem porque ela precisava de ajuda.

– Raios – murmurei.

Não dormi muito nessa noite. Na manhã seguinte, na cozinha, não fui rápido o suficiente para a apanhar a sós antes de Eddie e Davis descerem. Davis fez o pequeno-almoço para Eddie. Hush fez o pequeno-almoço para Davis e para mim. Eddie e eu lavávamos a loiça depois de todos terem acabado de comer. Nós os quatro tínhamos um sistema. Em poucos meses, tornáramo-nos uma família. Eu nem tinha forma de explicar a Hush o que estes momentos significavam para mim.

– Vou passar o dia a Chattanooga – anunciou Hush. – Talvez só consiga voltar amanhã de manhã.

– Vais ver a Abbie? – perguntou Davis. Nada do que a mãe fazia parecia surpreendê-lo, nem mesmo tirar um dia a meio da semana, quando os celeiros estavam cheios de funcionários a despachar as últimas encomendas.

– Sim. Ela está com problemas com o marido. Tenho de ir. – Deu um beijo na cabeça de Eddie, despenteou o cabelo escuro de Davis, evitou-me e saiu da cozinha.

Fiquei ali sentado, a olhar para o prato de panquecas que ela me preparara.

– Quem é a Abbie?

– Uma velha amiga dos meus pais. O marido dela e o meu pai eram sócios nas corridas. Ele tem dinheiro. Muito dinheiro. E investiu na equipa do meu pai. – Davis atacou as panquecas enquanto Eddie remexia a tigela de cereais com a mão delicada. A outra estava pousada na barriga de forma protetora. Num desses dias convidara-me a sentir os movimentos do bebé. Ia pousar a mão mutilada na barriga dela mas depois troquei e usei a outra. Não queria assustar o bebé. Senti um pontapé.

– Ele já sabe *kung fu* – disse-lhe.

– Oh, Nicky, meu querido soldado. – Riu-se e abraçou-me.

– Velhas amigas? – insisti agora, com Davis.

Davis pousou o xarope de ácer entre nós como um marco divisor. A expressão do seu rosto dizia: «*Não te metas na vida da minha mãe.*»

– A mãe é leal aos amigos. Se a Abbie precisa dela, larga tudo para a ajudar.

Não, pensei. *Larga tudo quando a Abbie liga a meio da noite para a avisar.*

Hush

Do outro lado das montanhas, a seguir à fronteira do Tennessee, comprei café e uma maçã numa estação de serviço e fiquei sentada no carro com ambas as coisas no colo, de olhos fechados. Por fim, dei uma dentada na maçã só para recordar a mim própria que, fora do Hollow, o mundo não possuía qualquer magia protetora. Não senti a magia doce a escorrer-me pela língua. Estava aqui sozinha, com maçãs vulgares, à espera de que o machado de Deus caísse sobre mim e os meus.

Em dias melhores, adorava Chattanooga. A velha cidade histórica era um monumento à sua herança sulista, mas não ficara presa no passado. Alguns amigos tinham tido um papel importante na transformação da fila de armazéns decrépitos, ao longo do leito largo do rio Tennessee, num bairro de lojas e restaurantes. O alto telhado de vidro do Aquário do Tennessee cintilava à distância, sobre o rio. Encontrei-me com Abbie no piso de cima do Aquário.

Das montanhas para o mar, dizia o cartaz da exposição. O *habitat* das montanhas cheirava a louro

e musgo, a água e terra e pedras. Havia lontras a brincar numa gruta. Por trás de paredes de vidro, tartarugas e trutas e percas nadavam entre troncos enormes e correntes fortes. Esta parte do aquário fazia-me sempre lembrar o Hollow, selvagem mas protegido.

– Hush – murmurou Abbie, entre lágrimas, e abraçámo-nos com força. Ela tinha menos dez anos do que eu, mas éramos parecidas. Cabelo castanho arruivado, olhos verdes, altas mas não delicadas. E era aí que terminavam as semelhanças. A voz dela era muito mais urbana do que o meu sotaque da montanha; licenciara-se em Vanderbilt; a família estava ligada à banca e tinha dinheiro e classe, e o marido, Nolan, era herdeiro de uma das maiores corretoras de seguros do Tennessee e um importante jogador nos bastidores da política estadual. Abbie dedicava o seu tempo à mansão à beira-rio e aos dois filhos pequenos.

Num recanto escuro de madeira e trepadeiras, no alto daquele planeta artificial, sentámo-nos e aproximámos as cabeças.

– Ligaram-me – murmurou ela em voz rouca, agarrada ao meu braço. – Aquela gente do Haywood Kenney. Uma das assistentes dele. Disse: «Soubemos por fontes anónimas que o falecido sogro da Eddie Jacobs levava uma vida dupla. E que a senhora era amante dele quando ele morreu. Temos testemunhas. Provas. Será só coincidência que o seu marido seja um importante angariador de fundos do presidente Jacobs no Tennessee?» Disse-lhe que uma coisa não tinha nada a ver com a outra e que não sabia do que ela estava a falar. «O Davy Thackery morreu há mais de cinco anos. Eu e a mulher dele somos grandes amigas. Sou casada com o homem mais maravilhoso do mundo desde essa altura.» E ela respondeu: «Vá lá… O que é que o presidente acha desta telenovela, agora que a filha casou com o filho do Thackery? O senhor Kenney gostaria de ouvir os seus comentários, nada mais. Para esclarecer todos os pormenores. Não pode esconder-se. Mais vale falar com o senhor Kenney. Se ele descobriu a sua ligação aos sogros da Eddie Jacobs, o resto da comunicação social não demorará muito a fazer o mesmo. E talvez haja um outro lado da história, não?»

Abbie encostou-se a mim e eu abracei-a.

– Abbie, eles somaram dois e dois e concluíram que o resultado era cinco. Idiotas. Mas isso não significa que…

– Oh, Hush, tudo o que importa é que andam à procura da verdade, e mais cedo ou mais tarde vão dar com ela. – Levantou a cabeça e fitou-me com expressão assombrada. – Descobrirão o resto. Hush, o Nolan sabe a verdade, mas os meus filhos… – Olhou em volta, furtivamente, apesar de estarmos sozinhas. – … Hush, não quero que *nenhum* dos meus filhos sofra por causa disto.

– Não. – Ouvi a minha própria voz como um eco vazio. – Não, não permitirei… – Pousei a mão fria e transpirada na mão com que ela me apertava o braço.

– O que podemos fazer? – gemeu Abbie.

– Tenho de pensar melhor. Ainda não sei.

– O pior é que isto é tudo culpa minha. O Nolan e eu podemos sobreviver. Mas a tua relação com o Davis e…

– A culpa não é tua. É minha, talvez, por acreditar numa regra de ouro que criei quando era demasiado nova e ingénua.

– Que regra?

– *Se dermos às pessoas uma boa história, ninguém quererá saber da verdade.*

– Oh, Hush… É verdade, na maior parte dos casos.

– Bom, voltamos a falar quando eu tiver alguma ideia.

– Por favor, não me deixes sozinha com este dilema.

– Vou estar na estalagem, aqui perto. – De súbito, a atmosfera artificial da montanha, a verdade, o passado e o futuro, roubaram-me o ar. Abri a gola do casaco. – Tenho de sair daqui. Apanhar ar. Eu ligo-te mais tarde. Se acontecer mais alguma coisa hoje, avisa-me que eu venho a correr.

Ela abraçou-me.

– Hush, lamento muito.

Eu devia odiá-la e invejá-la por aquilo que o seu caso com Davy fizera à minha vida, mas ela simplesmente fora insensata, tal como eu quando era mais nova. De certa forma, até, por *minha* causa. Davy descobrira-a quando ela tinha apenas vinte e um anos e perseguira-a porque ela o lembrava de mim, quando era nova e inocente e fácil de seduzir. Era a única das mulheres de Davy que eu não tinha vontade de matar.

Fiz os sons certos, disse as palavras certas, mas por dentro comecei a chorar. Lamentações não iam resolver nada.

Nick

Sou treinado nestas coisas. Segui Hush até Chattanooga, vi-a entrar no aquário, esperei cá fora, no frio da manhã de dezembro, vi-a sair. Vestia um casaco comprido, calças castanhas, uma blusa branca demasiado fina para a temperatura que se fazia sentir. Devia estar gelada, mas não pareceu dar por isso, ou importar-se. O vento de um dia limpo nas montanhas agitou-lhe o casaco enquanto atravessava o largo em frente do aquário, de cabeça baixa, mãos enfiadas nos bolsos. A pensar. A andar sem ver para onde ia. Encolhi os ombros dentro do blusão de penas.

Tens frio. Eu dou-te o meu casaco. Olha para cima. Procura-me. Sabes que estou aqui. Sabes que eu te ia seguir. Como faço sempre.

Segui-a por uma rua sossegada, num bairro histórico com lojas simpáticas. Ela virou para o rio e eu fiz o mesmo. A cidade transformara uma velha ponte estreita para carros numa bonita passagem pedonal sobre o rio. Senti arrepios enquanto a via atravessar aquela extensão de vigas e betão sob o vento gelado. A ponte estava vazia esta manhã. Nem os desportistas mais resistentes se aventuravam.

Hush caminhou sem levantar o rosto até quase meio da ponte, depois aproximou-se do corrimão lateral e segurou-se com ambas as mãos, ofegante, a olhar para a água lisa e cinzenta do rio Tennessee que corria lentamente, fundo e mortífero, muitos metros abaixo.

Percorri a distância que nos separava em poucos segundos, tão depressa que ela quase não teve tempo de me ouvir a correr antes de estar junto dela. Virou-se, cambaleante, mais preparada do que sobressaltada. Segurei-lhe nos ombros.

– Se saltares, salto contigo.

– *Jakob*. – Olhou para mim com afeto e angústia e segurou-me no rosto com as mãos geladas. – O que fazes aqui?

– Não desisto. E nunca desistirei de ti.

– Não ia saltar. Estava a pensar em quem gostaria de *empurrar*.

– Então *diz-me*, e eu empurro quem quer que seja esse filho da mãe, *por* ti. Sei que *queres* confiar em mim. Querias que eu viesse atrás de ti. Estou aqui. Fala comigo.

Hush fechou os olhos e vi a derrota invadi-la lentamente, vi-a abandonar as defesas e o orgulho.

– A Abbie foi a última namorada do meu marido. – Fez uma pausa e engoliu em seco. – E é a mãe do outro filho dele.

– A Puppy – adivinhei de imediato.

Ela assentiu com um aceno e, pela primeira vez desde que a conhecia, fitou-me com ar desesperado.

Tudo o que consegui fazer foi puxá-la para mim e abraçá-la.

Hush

Havia uma estalagem muito simpática perto do bairro histórico, empoleirada nas falésias sobre o rio. Sempre que visitava Abbie, para lhe trazer fotografias de Puppy e contar pequenas histórias sobre a sua vida do dia a dia, ficava nessa estalagem. Pagava em dinheiro vivo e dava um nome falso. Tomava todas as medidas necessárias para manter esta vida separada da minha vida no Hollow. Tinha de proteger Davis, Puppy, Abbie e o marido e os filhos pequenos. Tinha de proteger a Quinta Sweet Hush e tudo o que ela representava. E sim, tinha de me proteger também a mim.

A Hush McGillen Thackery não conseguiu manter o marido na cama dela e ele acabou por a deixar com a filha de outra mulher para criar em segredo. Nem sequer disse ao filho que tinha uma meia-irmã. Que grande lenda. Havia muitas pessoas que ficariam felizes por espalhar a notícia.

Assim, em Chattanooga, dava o nome de senhora Ogden. Patricia Ogden. Os proprietários da estalagem orgulhavam-se de se lembrarem sempre do meu nome, e perguntavam-me pela família.

Eu tinha inventado toda uma história familiar.

– Depois das minhas visitas à Abbie, quando chego a casa, esfrego-me como se tivesse lepra – contei a Jakobek. – Para tentar voltar à pele da Hush McGillen Thackery, a mulher honesta que afirmo ser.

– Pareces-me bastante honesta – afirmou. – Uma mãe a cuidar do filho. E da irmã do filho. É só isso que vejo.

– De boas intenções está o inferno cheio, Jakob.

– Eu sei – respondeu ele.

Fiquei sentada na varanda da estalagem enquanto ele entrava para reservar um quarto. Estava em estado de choque e só conseguia olhar para as sebes de inverno e para as grinaldas natalícias em volta dos troncos dos carvalhos no jardim. A estalagem tinha vista para o rio e para as colinas, para as casas e lojas e trânsito e para a vida de todos os dias, que se movia lentamente à distância. Sítios altos. Paisagens. Escolhera a estalagem por isso.

Quando voltou, Jakobek pousou a mão no meu ombro e abanou-me suavemente. Eu estava entorpecida.

– Tens a certeza de que queres ficar aqui? – perguntou-me.

– Não posso voltar para casa enquanto não decidir o que vou fazer. Tenho de ter um plano. Tenho de me recompor para conseguir dizer a coisa certa. Mas não sei qual é a coisa certa. Conto mais mentiras ao Davis? Escondo a verdade à Puppy para o resto da vida? Ou não faço nada e espero que os escavadores de imundície como o Haywood Kenney descubram a verdade e contem a história só porque é um mexerico sobre os compadres do Al Jacobs?

– O mundo mudou desde que éramos miúdos. As pessoas já não ficam chocadas com nada.

– As minhas pessoas ficam. E o meu filho também.

Ele apertou-me o ombro.

– Também tenho interesse em resolver isto. O que magoa o Davis, magoa também a Eddie.

– Estou constantemente preocupada com isso. Eu… eu gosto dela, Jakob. Não. *Amo-a*. É minha nora e eu amo-a.

– E ela sente o mesmo por ti.

Ficámos ali sentados, deixando o vento frio soprar em torno do núcleo mais básico da minha família, algo que eu queria desesperadamente preservar. Gemi baixinho e Jakobek ajudou-me a levantar.

– Vamos para dentro. Podemos conversar. Temos um quarto com lareira. Somos o senhor e a senhora Johnson. Bill e Patricia. Disse-lhes que casaste comigo, senhora Ogden. Eles acham que eu dou aulas num colégio militar do qual nunca ouviram falar.

Concentrei-me na fraqueza dos joelhos e no tremor das mãos. Doía-me a garganta. Corrompera também Jakobek, forçara-o a entrar na minha mentira.

– Bill, casaste com uma mulher que parece estar à beira de um colapso nervoso.

– A senhora Johnson não se vai abaixo.

Aceitei o desafio e entrámos.



Sentei-me na beira de um sofá fundo de veludo cor de vinho, em frente da lareira do quarto, apertei os braços à volta do corpo e olhei para as chamas. O quarto tinha uma decoração natalícia, com uma árvore de Natal de inspiração vitoriana e o perfume de pinho a emanar da grinalda por cima da lareira. As mobílias eram elegantes e femininas e luxuosas – muito brocado, renda nas fronhas brancas, quebra-luzes cor de âmbar com pedras nas franjas que refletiam pontinhos de luz colorida no teto alto e decorado. Uma fantasia. Eu gostava das minhas fantasias. Estava a perdê-las.

A vida com Davy brotou de mim em palavras tão arruinadas como um favo de mel derretido. Nunca contara a ninguém os factos desagradáveis que contei a Jakobek enquanto o longo dia dava lugar à noite. Ele ouviu-me, silencioso como um fantasma, sentado numa poltrona alta junto à lareira, inclinado para a frente, sem nunca tirar os olhos de mim, com os cotovelos apoiados nos joelhos, as mãos grandes e gentis suspensas no ar, pronto para me ajudar se houvesse alguma forma de o fazer – mas não havia. As sombras cresceram à nossa volta e a noite chegou. Jakobek serviu chá

de um carrinho de verga que a proprietária nos trouxera. Foi preciso um esforço para engolir o líquido da chávena que ele me deu.

– Soube da existência da Abbie há cinco anos, pouco depois de o Davis partir para o primeiro ano em Harvard – contei-lhe. – Ouvi um rumor, fui à procura dela. Sabia sempre quem eram as namoradas do meu marido, só para garantir que elas não causariam problemas a mim ou ao Davis. Não era simpática com elas, Jakob. De cada vez que descobria uma, fazia os possíveis para a assustar. Encontrei Abbie e disse-lhe, sem rodeios: «Se voltas a tocar no meu marido, mato-te. Queres morrer?» Sempre resultara com as outras. Mas esta jovem fina, esta beleza sulista de boas famílias, esta menina rica… e era apenas uma menina, acabada de sair de Vanderbilt… olhou para mim com olhos grandes e tristes e disse: «Se não fosse o bebé, dizia-lhe para me matar.»

»Se não fosse o bebé. Um bebé. O bebé do Davy. Ele engravidara esta miúda universitária. Tive vontade de o matar a *ele. Se não fosse o bebé.*

»A Abbie não queria fazer um aborto, mas também não queria que a família soubesse que estava grávida. Queria o bebé, mas ao mesmo tempo não o queria. Disse-me que ia passar uns tempos na Califórnia com amigos e que daria o bebé para adoção quando nascesse.

»Vim para casa e pus o Davy entre a espada e a parede. Ele disse que eu me recusara a ter mais filhos com ele e que sempre quisera mais, portanto a culpa também era minha. Eu disse-lhe que não, que era por causa *dele* que não queria ter mais filhos, porque não estava disposta a lutar pela alma de uma segunda criança como lutara pela do Davis. – Olhei para as chamas. – Enfim, nessa noite discutimos sobre tudo o que o nosso casamento tinha sido e nunca poderia ser. Foi a pior discussão da nossa vida… uma batalha arrastada e feia.

Jakobek disse, baixinho:

– Foi nessa altura que deslocaste o ombro.

Não consegui responder logo, admitir que vivera com um homem capaz de me atirar das escadas abaixo na minha própria casa. Jakobek agitou-se na poltrona. Não era preciso dizer nada. Ele sabia. Quando olhei para ele, vi que tinha os olhos ensombrados.

– Não sou uma vítima, Jakob. Defendi-me. Não tenhas pena de mim.

– Nunca – respondeu ele baixinho. Uma mentira. Era um cavalheiro. – Continua.

– Bati-lhe. Dei-lhe um soco na cara. Como se atrevia a distorcer aquilo que o meu orgulho e o meu esforço tinham construído, para ele, para o meu filho, para mim? Fiz o que pude para o magoar.

Fiz uma pausa.

– E ele retribuiu na mesma moeda. Acabei nas urgências do hospital e disse a toda a gente que tinha caído numa caçada. – Parei de novo, fleti as mãos em frente das chamas, recuei para as sombras, senti Jakobek a observar-me ainda mais intensamente. – O Davy ficou inconsolável. Sentia-se mal por aquilo que me fizera, por causa da Abbie, do bebé, mas acima de tudo não queria que o Davis descobrisse e o odiasse. O meu marido tinha a sua própria noção de honra.

»Ficou calado quando lhe disse que não ia permitir que a namorada entregasse o meio-irmão do meu filho a desconhecidos sem que nunca soubéssemos como, onde, ou se a criança era criada com amor. Poucas horas depois, meteu-se no carro e subiu a montanha. O acidente foi deliberado, Jakob. Não tenho a mais pequena dúvida. Ele suicidou-se.

Jakobek levantou-se.

– Há dívidas de honra que só podem ser pagas de uma maneira.

– Não queria que ele morresse. Faz sentido?

– As coisas nunca são simples. Sim.

– A Abbie apareceu no funeral. Vi-a ao fundo, a chorar, com péssimo aspeto, esta… esta rapariga rica e grávida, sozinha… a esconder a barriga debaixo de um casaco largo e a chorar pelo meu marido. Queria odiá-la, mas não consegui. Assim, ajudei-a. Arranjei um plano. O Logan estava quase a voltar da Alemanha, onde estivera destacado. A mulher dele morrera… teve mesmo uma mulher alemã, a Marla, quando estava no exército… e falei-lhe no bebé. E o Logan, Deus o abençoe, o Logan disse: «Se me ajudares, eu fico com o bebé. A Marla e eu queríamos muito ter filhos. Ela ia querer que eu criasse este bebé. Por favor.»

»E foi assim. Esta bebezinha perfeita veio para casa com o meu irmão e as pessoas aceitaram a história de que ela era filha do Logan. O nosso representante estadual, o J. Chester Baggett, ajudou-me a tratar da papelada… certidão de nascimento estrangeira, essas coisas… e anunciei que a filha

do Logan era a Sexta Hush McGillen. Hush Puppy. A Puppy. Fim da história.

Escondi o rosto nas mãos e baloicei-me em silêncio. Jakobek agachou-se à minha frente.

– Olha para mim – disse, em tom seco.

Quando obedeci, passou-me os dedos pelo cabelo e pelas faces molhadas. A endireitar-me, a arranjar-me.

– Vais voltar para casa amanhã, sentar-te com o teu filho e contar-lhe a verdade… tu própria, antes que outra pessoa o faça.

– A verdade? Dizer-lhe que não tive coragem para ser honesta com ele em relação ao pai desde o dia em que ele nasceu? Um filho tem o direito de esperar mais da mãe. Não achas?

Jakobek ficou calado, com expressão triste e pensativa.

– Deixa-me contar-te – disse, por fim –, a verdade com que eu vivo. A verdade sobre a minha mãe.



O que eu sabia sobre Jakobek, o que se dizia, o que eu ouvira dizer e o que mentirosos mercenários como Kenney contavam ao mundo sobre o sobrinho misterioso do presidente, esfumou-se em fumo pela chaminé vitoriana da estalagem, naquela noite. Jakobek descreveu a infância de formas que me deram a volta ao estômago e fizeram passar a minha dor pelo passador fino da solidão dele. O timbre inexpressivo da sua voz dizia que não queria que ninguém pensasse que era uma história triste. Deu-me os factos, apenas. Mas eram brutais.

– Não faças isso – pediu, baixinho, enquanto eu o ouvia com lágrimas no rosto. – Não queres que ninguém tenha pena de ti, e eu também não.

– Não tenho pena de ti. Tenho pena contigo.

E era verdade. Eu tinha pena *com* ele. Pena daquilo que a vida nos faz, desde que somos pequenos e completamente indefesos, da vergonha que isso é. Vergonha para as famílias que permitem que aconteça e para as sociedades que permitem que aconteça, vergonha da mesquinhice vulgar da vida vulgar. As crianças sofrem e depois crescem com o coração duro, prontas para magoar as crianças que se lhes seguem. É um milagre quando uma alma brilha através da perda e da derrota. É motivo de celebração. Uma colheita inesperada é a mais doce.

Ajoelhei em frente de Jakobek, tal como ele ajoelhara à minha frente.

– Não tens nada por que te sentir mal. Eu estava certa em acreditar em ti, como as abelhas… apesar de ter tentado resistir. Já fui enganada antes. Mas não desta vez.

Ele ergueu a cabeça e olhou para mim.

O relógio sobre a lareira bateu as dez horas na escuridão por cima das chamas. Levantei-me, toquei-lhe no rosto e dirigi-me à casa de banho. Não acendi luz nenhuma e esperei nas sombras, com a noite de Chattanooga a brilhar através da janela de vidro batido, iluminando-nos com o antigo brilho das estrelas sobre o velho rio sulista que delimitava a cidade. Abri as torneiras do duche, ajustei a temperatura e deixei a água correr-me sobre as mãos como se o próprio rio, quente e reconfortante, tivesse entrado no quarto. Ouvi os passos de Jakobek. Senti-lhe a profundeza do corpo antes mesmo de ele de pousar carinhosamente as mãos nos meus ombros. Ambos precisávamos de nos limpar.

– Sim, eu sabia que me seguirias – confessei, baixinho. – E sim, queria que o fizesses.

– Passei a vida a seguir-te – murmurou ele.

Despimo-nos um ao outro no calor fértil daquela noite de inverno.

Nick

Hush e eu não destruímos o quarto, não arrancámos os lençóis da cama, não nos prendemos um ao outro à cabeceira. Não era preciso. Todo esse caos, toda essa energia, toda a felicidade luminosa e a luxúria catártica e o sexo intenso e terno pode desfazer duas pessoas e voltar a construi-las sem quaisquer evidências exteriores. É tão simples como um beijo, um ritmo acelerado, uma palavra ou duas no segundo certo, ela agarrada aos meus ombros, eu inclinado sobre ela e ela a levantar-me. Quando finalmente tivemos de descansar, de puxar as mantas e ficar quietos, enroscámo-nos um no

outro e respirámos um sobre o outro como lobos adormecidos, ainda prontos para atacar.

Diz-lhe. Diz-lhe que a amas e vê o que ela responde. E quando ela disser «Obrigada, és bom na cama e gosto da tua companhia», diz-lhe «Sim, era isso que eu queria dizer» e fica por aí.

Amo-te. Palavras difíceis de dizer e de dizer bem, e já tínhamos problemas suficientes em mãos. Além disso, não, não queria saber a resposta dela. Era uma das poucas vezes na vida em que preferia ficar na ignorância.

– Estava a tentar deixar-te descansar – disse a dada altura, na escuridão. Estava a tocar-lhe no cabelo, a enrolar lentamente uma madeixa entre os dedos.

– Sabes muito bem que não estavas – acusou ela. – Só estava à espera de que o admitisses. – Sentou-se em cima de mim, beijou-me, e unimo-nos tão depressa que nem tive tempo de pedir desculpa.

Mas, pela primeira vez na vida, não precisava de o fazer.

Hush

Se Jakobek passara a vida a seguir-me, então eu passara à vida à espera de que ele me encontrasse. Ele *conhecia-me*, instintivamente. E eu a ele.

Depois de todos os anos de sexo furioso, de ausência de sexo, e de usar o sexo para manter o meu casamento intacto, desta vez tive apenas de fazer amor. De amar um homem. Nicholas Jakobek. Jakob. Não sabia se ele lhe chamaria amor do seu lado da cama. Tinha demasiado medo de lhe perguntar, e talvez ele tivesse demasiado medo de me perguntar a mim. Nessa noite, sem o dizermos, tínhamos esperança suficiente para nos fazer continuar. Eu amava-o.

Sabia, desde o dia do encantamento das abelhas, sem precisar de motivo, que o amava. Ele baixou a cabeça para o meu seio e tomou-o entre os lábios. Chamei *Jakob* quando atingi o clímax, e ele seguiu-se logo depois.

– Apanhaste-me – murmurou, como se eu lhe tivesse dado um tiro no coração.

Capítulo 18

Hush

De manhã bem cedo tomámos duche, vestimo-nos e tocámo-nos mais uma vez, depois sentámo-nos no sofá em frente da lareira apagada, separados um do outro sob a luz do dia, conscientes de que nos esperavam tempos difíceis. Arrependimentos e sobrevivência e questões práticas que tinham de ser pesadas contra o senso comum. Eu tinha de arriscar tudo o que amava para salvar tudo o que amava.

– Vou falar primeiro com a Abbie – decidi. – Depois volto para o Hollow, sento-me com o Davis… só nós os dois… e conto-lhe a verdade sobre o pai, sobre o nosso casamento e sobre a Puppy. Depois disso, não faço ideia do que acontecerá.

– Ninguém faz. Mas estás a fazer a coisa certa.

Olhei para ele, cansada.

– Achas? Não estou a ser corajosa, e de certeza que não me sinto nobre. Se pudesse continuar a esconder tudo, era o que faria. Mas é melhor que o Davis oiça os factos da minha boca do que através de um repórter qualquer.

Jakobek acenou em sinal de concordância.

– Vamos, então.

– Falas com a Eddie? Podes ajudá-la a ajudar o meu filho a compreender que nunca quis magoá-lo? Também não quero que a Eddie fique angustiada. Não quero que pense que veio parar a uma família de segredos feios e honra falsa.

– Todas as famílias têm os seus segredos feios e honra falsa. Olha para a minha. Olha para mim.

– Jakob, não há nada feio ou falso em ti. És o homem mais inabalavelmente *verdadeiro* que conheço.

Ele pigarreou e mudou de assunto.

– Eu falo com a Eddie. Ela é uma miúda forte. Mais forte do que eu pensava… e mais forte do que o Al e a Edwina pensavam. Tem muita compaixão no coração. Vai correr tudo bem. – Fez uma pausa. – Vai correr tudo bem com os *dois*. Ela e o Davis. Estão bem juntos.

– São jovens. Acham que o amor vence tudo. Estão enganados, mas ainda bem que pensam assim.

– Queres dizer que *nós* sabemos que não é bem assim – disse Jakobek, de olhos postos em mim.

Nunca se deve ver de mais nas palavras de um homem – ou de menos. Analisar a minha noite com Jakobek seria trabalho para outras noites, talvez para as noites solitárias, se e quando ele seguisse o seu próprio caminho solitário.

– Sim – respondi, por fim, magoada, à procura, insegura. – *Nós* devíamos saber que não é bem assim. – Trocámos um olhar demorado e ele acenou com a cabeça. Não sabia o que havia de dizer, e eu não sabia como ouvir.

Nenhum de nós tinha a coragem necessária para admitir que amar alguém é tão simples como dizê-lo.

No pequeno átrio da estalagem – uma terra de fantasia emocionante de luzes e decorações de Natal que me fizeram tremer com medos que não conseguia descrever – pousei a chave do quarto no balcão da receção enquanto Jakobek saía para a varanda fria e soalheira, com o meu pequeno saco de viagem, à procura do charuto meio fumado que parecia ter sempre consigo. Movi-me devagar, relutante em prosseguir com o dia, e olhei para a bonita chave de bronze, antiquada e sólida. Tradições. Valores. Quem me dera poder pôr uma fechadura sólida no futuro da minha família.

Ouvi um som suave lá fora, como se um cão grande estivesse a remexer nas folhas de carvalho secas que cobriam o caminho de acesso à estalagem. Olhei distraída pelo vidro da porta da frente e estaquei, estupefacta. Davis estava em frente da estalagem, de rosto furioso e molhado de lágrimas, o braço ainda levantado com o punho fechado. Jakobek estava de costas para mim, com as pernas ligeiramente afastadas. Passou a mão pela boca e vi sangue nos seus dedos.

Fiquei com a respiração presa na garganta e corri para fora, deixando cair o casaco que tinha no braço, atravessando-me entre os dois. O lábio inferior de Jakobek estava sujo de sangue. Com o polegar, limpou-o, deixando mais um traço vermelho.

– Desde o primeiro dia que precisavas de me dar um soco – disse ele a Davis.

O meu filho fitou-o com amargura.

– Não sejas condescendente comigo. Isto foi por dormires com a minha mãe. – Virou para mim os olhos azuis como os do pai, repletos de fúria e dor. – E por a ajudares a esconder que tudo o que me ensinou sobre amor e casamento e sobre a honra do meu pai era uma mentira.

Meu Deus, ele sabia.



Enquanto Jakobek e eu falávamos das nossas desgraças e discutíamos estratégias e cuidávamos das nossas necessidades, na noite anterior, convencidos de que ainda controlávamos o mundo, esse mundo dissipara-se no fumo dos mexericos. O direito do público à verdade é um ideal respeitável algumas vezes, mas uma fachada para disfarçar a sede de imundície na maior parte do tempo. Estamos tão habituados a tratar as vidas das outras pessoas como entretenimento que a privacidade pessoal já não significa nada, e os factos ainda menos.

Enquanto Eddie dormia no quarto lá em cima, no Hollow, com uma revista de bebés aberta em cima da barriga e uma carta suplicante mas firme da mãe na mão molhada de lágrimas, o meu filho descera as escadas e passara por um dos homens de Lucille que se encontrava na cozinha para ir buscar um copo de leite. A ausência inexplicada de Jakobek não o preocupava; não fazia ideia de que ele também estava em Chattanooga.

Nessa altura, o telemóvel dele tocou. Davis seguiu o som da canção. Tinha deixado o telemóvel entre luvas de trabalho, uma caixa de comida especial para os peixes enviada pela realeza do Japão e uma pasta com os relatórios meticulosos de Davis sobre as encomendas de maçãs, produtos à base de maçã e produtos derivados de maçã da estação de outono. Faltava uma semana para o Natal e tínhamos ultrapassado todos os recordes de vendas anteriores.

De testa franzida, com um olhar para o relógio na parede, onde o pé da maçã no mostrador apontava para a meia-noite, pegou no telefone. Depois de meses passados a evitar telefonemas de estranhos e perguntas da comunicação social, além de proteger os novos números privados que os Serviços Secretos tinham arranjado para todos os telefones da casa, exceto as linhas comerciais da Quinta Sweet Hush, Davis não estava com paciência para aturar telefonemas indesejados.

– Fala Davis Thackery. A minha mulher está a dormir e é meia-noite. Quem quer que seja, está a ligar para o meu número particular e espero bem que o assunto seja importante.

– Senhor Thackery – disse uma voz masculina. – Fala Haywood Kenney, de Chicago, e se calhar era melhor acordar a sua mulher. Porque, senhor Thackery, tenho uma história para lhe contar sobre os seus pais que espero que ela queira comentar antes de a transmitir, para todo o país, logo de manhã.

E o meu filho não pôde fazer mais nada senão ouvir, horrorizado e sem palavras, os detalhes sórdidos da vida do pai. Quando Kenney lhe disse que Puppy era sua meia-irmã, Davis disse «Tenho de desligar». Pousou o telefone e viu que Eddie estava atrás dele, como uma visão grávida, na camisa de dormir comprida com padrão de maçãs que eu lhe oferecera. Eddie olhou para ele, ansiosa.

– Quem era? Está tudo bem?

O meu filho, um adulto forte, não conseguiu responder. Sentou-se numa cadeira que o pai construíra com madeira de macieira na qual eu gravara orgulhosamente uma cascata de maçãs – o fruto das mãos forçosamente unidas dos pais dele – escondeu o rosto nas mãos e chorou.



Em Chattanooga, Jakobek, com a boca ensanguentada, pousou uma mão no meu ombro e a outra no ombro do meu filho, que o deixou reconfortá-lo silenciosamente dessa maneira, agora que tinha derramado sangue e o pai se transformara num fantasma maculado.

– Onde está a Eddie? – perguntou Jakobek calmamente.

– A caminho de Washington. – Todas as fibras do corpo de Davis gritavam a sua infelicidade. – Acha que nada disto teria acontecido se não se tivesse casado comigo. Culpa-se pela exposição pública dos segredos da minha família.

– Vai atrás da tua mulher – disse-lhe.

– Acredita que vou. Assim que me deres algumas respostas. – Cambaleou um pouco. – Amavas o meu pai? Ou tudo isso era também uma mentira?

Ouvir estas palavras de um filho é morrer um bocadinho por dentro. Apertei os braços à volta do corpo com o coração tolhido e entorpecido.

– Não era mentira. Eu amei-o.

– Não deixavas ninguém roubar-te sequer uma maçã, *mas deixavas o meu pai ir para a cama com outras mulheres?*

– Houve anos em que ele mudou, e anos em que precisei dele. E anos em que dormíamos em lados opostos da cama sem nos tocarmos sequer por acaso. Achas que o casamento é simples? Achas que há uma explicação *fácil* para isto? O casamento não é algo que fazemos só porque amamos alguém. Ou por não amarmos. Eu e o teu pai nunca devíamos ter ficado juntos, mas tornámo-nos companheiros. Tornámo-nos *pais*. Não precisávamos de ser felizes juntos. Só tínhamos de criar um filho que soubesse que estaríamos sempre presentes. E foi o que fizemos.

– Podiam ter-me dito! Houve tantas alturas em que me perguntei porque é que nunca ias ver as corridas dele, e porque é que nunca vos via de mãos dadas, ou a beijarem-se. Pensei que fosse por uma questão de… de dignidade. Céus!

– O teu pai queria tanto como eu que crescesses com um pai e uma mãe na mesma casa. Ele e a tia Smooch sofreram muito em crianças; o teu pai sabia como era ser um miúdo sem uma casa e sem pais com quem pudesse contar. E eu também sabia o que isso era, de certa forma, pois perdi o pai em pequena e depois a minha mãe quando era ainda muito jovem. Terias sido mais feliz se tivesses crescido com pais divorciados, como metade dos jovens da tua idade? Terias sido mais feliz com pais que discutissem à tua frente e um pai que só te visitasse de acordo com o calendário estipulado por um juiz qualquer?

– A questão não é assim tão simples. Como explicas nunca me teres dito a verdade sobre a Puppy? Terias deixado que eu continuasse sem saber que tenho uma *irmã*. Tenho o direito de o saber. *Ela* tem o direito de saber que sou irmão dela.

– Tomei a melhor decisão que pude, na altura.

– Porque o pai queria criá-la mas manter a identidade dela em segredo por respeito por ti e por mim? Porque ele queria assumir a responsabilidade? – Davis olhou para mim com ar desesperadamente esperançoso. Hesitei, à procura das palavras certas. Esse silêncio denunciou-me. Davis gemeu. – Raios.

– Lamento muito. Mas *eu* queria-a. E o teu tio Logan queria-a. A Puppy é amada e desejada e tem uma vida boa, Davis, mas agora tem de saber que o Logan não é pai dela e que a sua verdadeira mãe a deu para adoção. Se me perguntares se faria alguma coisa diferente, se tivesse a certeza de que tu e ela nunca saberiam a verdade, digo-te já que não. Não mudaria absolutamente nada. Tu saíste-te bem e, valha-me Deus, se foram as minhas ações que fizeram de ti o homem que és hoje, não te posso jurar que faria escolhas diferentes se pudesse voltar atrás. Olha para ti… és inteligente e atencioso e sabes amar e casaste com uma mulher inteligente e fantástica…

Davis explodiu.

– Não compreendes? Sim, casei com a Eddie porque a *amo*. Porque queria o romance que os meus pais tinham. O que lhe hei de dizer agora? Que tudo aquilo em que baseei os meus ideais era uma farsa que tu e o pai criaram para enganar toda a gente… incluindo *eu*?

– Diz-lhe que foste educado como deve ser. Diz-lhe que o objetivo era precisamente mostrar-te que devias querer mais do que os teus pais tiveram. Diz-lhe que casaste com ela por amor, respeito e companheirismo porque foi o que nós te ensinámos. Essas coisas são *reais*, Davis. Quer o teu pai e eu fizéssemos o que dizíamos ou não, aquilo que dizíamos era verdade. – Estendi a mão para ele, mas Davis recuou. Ainda tínhamos ambos o rosto em lágrimas. Gemi. – Diz-me que não me *odeias*, por favor.

O vento pareceu soprar mais forte com estas palavras. Jakobek apertou mais a mão sobre o meu ombro, num gesto de aviso. Davis agitou a mão na brisa fria, cambaleou e soltou um soluço embargado.

– Neste momento, mãe, não sei o que sinto por ti.

Virou costas e afastou-se. Perdi a força nas pernas e sentei-me no chão do caminho da estalagem,

e só a mão de Jakobek me impediu de cair desamparada. Vi o meu filho entrar na carrinha da quinta que trouxera. Vi-o desaparecer numa rua de Chattanooga ladeada por bonitas árvores, que pareciam esticar os ramos na direção oposta de casa.

Jakobek agachou-se ao meu lado.

– Anda. Eu ajudo-te a voltar para dentro. – Puxou-me e conduziu-me a um pequeno sofá. Sentei-me e fechei os olhos.

– O que é que eu fiz?

Jakobek inclinou-se para mim, segurou-me no queixo e ergueu-me o rosto para o dele.

– Deste ao teu filho um pai para amar. Deste à Puppy um pai para amar. Eu nem sequer sei o nome do meu pai, mas toda a vida soube que ele estava por aí algures, sem saber da minha existência, provavelmente sem querer saber. Acredita em mim. As mães têm a obrigação de dar um pai aos filhos. Fizeste a coisa certa.

– Se acreditas mesmo nisso, vai atrás do Davis – murmurei. – Segue-o até Washington. Cuida dele e da Eddie. Tenta falar com eles. Eu tenho de voltar para o Hollow e cuidar da Puppy. *Mas tu toma conta do meu filho, Jakob.* Por favor.

– Claro. – Disse-o com a tristeza resignada de um soldado que sabe que aquilo que faz não é bonito de se ver. – Somos uma equipa, lembras-te?

Continuei sentada, imóvel, aturdida. O meu trabalho árduo, o meu orgulho feroz e as minhas boas intenções não tinham conseguido manter a minha família em segurança. As minhas bonitas histórias tinham sido denunciadas como fantasias. A minha reputação estava destruída. A minha lenda fora reduzida a um caroço apodrecido. *O meu filho odiava-me*. O sangue do meu sangue odiava-me.

– Senhora Johnson, está tudo bem? – perguntou o estalajadeiro.

– Chamo-me Hush McGillen Thackery – respondi. – E, assim que me lembrar porque é que isso ainda tem alguma importância, vou para casa.

Nick

Foi preciso recorrer a todas as minhas forças para deixar Hush ali, no estado em que estava. Sim, eu sabia que ela era o tipo de mulher capaz de tomar conta de si e de todos à sua volta. Se tentasse fazer mais por ela do que já tinha feito ela ter-me-ia mandado embora. Precisava apenas que eu fizesse uma coisa, e respeitei a sua decisão: procurar o filho.

Iria atrás dele e seria a voz da mãe até ele estar preparado para ouvir Hush pessoalmente. Entretanto, diria a Eddie que estava casada para o melhor e para o pior, que não tinha mais culpa do que qualquer outra pessoa daquilo que acontecera e que todas as áreas cinzentas entre a confiança e a solidão mereciam o trabalho que davam. De súbito, eu era um especialista em amor e casamento.

Embora essa compreensão tivesse chegado tarde de mais para mim.



Al e Edwina estavam a preparar-se para deixar Washington e ir passar o Natal numa das casas das irmãs de Edwina quando a notícia rebentou no programa de rádio de Haywood Kenney. Foram informados pelos seus assessores enquanto Kenney transmitia os detalhes daquilo a que chamava a ligação *sórdida* entre os novos familiares da filha do presidente e a mulher de um grande apoiante financeiro de Jacobs no Tennessee.

– Fazias alguma ideia disto? – perguntou Al a Edwina.

– Sabia que a Hush estava a esconder alguma coisa. Fiz umas… pesquisas. Avisei-a que era melhor contar-me tudo para a poder ajudar. Ela não quis.

– Claro que não! – gritou Al. – Eu também não o faria, se alguém me andasse a espiar. Meu Deus, envergonhas-me!

Saber que Al, o seu dedicado Al, sentia vergonha dela, teve um resultado raro. Edwina, o tubarão assassino da maternidade e da política, a mulher mais dura que eu conhecia, além de Hush, desatou a chorar. Al ficou tão surpreendido que a abraçou, mas ao mesmo tempo disse, no tom do filho de

um talhante de Chicago que não estava para aturar disparates:

– Vamos ter de *mudar* algumas coisas por aqui.

E ela acenou afirmativamente contra o peito dele.

Entrei na ala residencial da Casa Branca quando Al e Edwina estavam a receber Eddie e Davis. Edwina tinha os olhos inchados mas estava recomposta e abriu os braços.

– Oh, minha querida, bem-vinda a casa. E anda cá, Davis. É tão bom voltar a ver-te. Lamento muito tudo o que está a acontecer.

Apertou a filha grávida e perturbada nos braços, e depois abraçou Davis, enquanto Al franzia a testa e observava. Davis virou-se e lançou-me um olhar empedernido.

– Foi a minha mãe que te mandou vir atrás de mim?

Acenei afirmativamente.

– E não me vou embora enquanto não me ouvires. Portanto, habitua-te à minha presença.

Eddie protestou em voz suave:

– Nicky, desta vez, não basta guardares-nos para resolver o problema.

Hush

No Hollow, em Dalyrimple e por todo o condado de Chocinaw, a notícia do programa de rádio de Haywood Kenney espalhou-se como uma infeção. Smooch foi a primeira a chegar à minha porta. Entrou a correr, com o cabelo escuro revolto, um casaco volumoso enrolado por cima da camisola e das calças, como um xaile.

– Vamos processar aquele filho da mãe por mentir desta maneira em relação ao meu irmão! Vou ligar para o advogado! Quem é que ele pensa que é… e onde é que foi arranjar estas mentiras? O meu irmão pode ter feito os seus disparates quando era novo, mas afirmar que teve outras mulheres depois de ter casado contigo… e esta Abbie… dizer que a Puppy é filha do meu irmão…

Olhou para mim e calou-se. Eu estava de pé no meio da cozinha, descalça, com o cabelo ainda mais desgrenhado do que o dela. Vestia umas calças de ganga velhas e uma camisola e tinha um pedaço de grinalda de Natal nas mãos húmidas. Não me perguntem por que raio estava a pôr mais decorações numa casa já coberta da cave ao telhado em ornamentos natalícios. Só sabia que tinha de continuar em movimento e concentrar-me em todas as pequenas tarefas que conseguisse encontrar.

– Deixei-te uma mensagem – disse-lhe. – E liguei para o Logan. Ele deve estar a chegar. Com a Puppy. Temos de encontrar a melhor maneira de lhe explicar o que está a acontecer.

Smooch deixou cair o casaco no chão, apoiou-se numa cadeira da cozinha e sentou-se devagar, enquanto eu lhe segurava no braço para a ajudar. Não tirou os olhos de mim.

– Estás a dizer… Hush, estás a dizer que as coisas que aquele homem disse sobre o Davy são *verdade*?

Sentei-me ao lado dela e tentei abraçá-la.

– Lamento muito.

Smooch afastou-se de mim, escondeu o rosto nos braços, em cima da mesa.

– Vocês eram o meu exemplo. Todos estes anos andei à procura de um homem que estivesse à altura dos padrões que tu e o Davy tinham estabelecido. Sabes quantos homens recusei porque queria o casamento perfeito, como tu e o meu irmão?

– Desculpa. Não imaginas como lamento.

– Foi tudo um conto de fadas!

– Quem me dera que a vida fosse assim tão simples.

Uma hora depois, Puppy estava a chorar também. E Logan. E eu. E Smooch, que andava de roda de nós como uma assombração num cemitério, a torcer as mãos e a gemer. Logan estava sem palavras e só conseguia deixar as lágrimas deslizarem-lhe pelo rosto.

– Querida – disse, em voz rouca, enquanto via Puppy encolhida nos meus braços. – Está tudo bem.

– Mas eu não *quero* um papá novo – soluçou Puppy. – E como posso ter uma mamã chamada Abbie quando a minha mamã está *no céu na Alemanha*? – Correu pelas escadas acima, seguida por Smooch, para o pequeno quartinho bonito e cor-de-rosa que eu fizera para ela, com tanto amor, na

casa do seu pai. Logan e eu ouvimos a porta bater. Os ombros largos do meu irmão abateram-se. Com o uniforme de xerife, o chapéu caído no chão entre os pés grandes, baixou a cabeça e limpou os olhos sem dizer nada. Sentada ao lado dele, eu estava a chorar tanto que também não conseguia falar. Pus o braço sobre os ombros dele.

– Bubba Logan – disse, por fim. – Bubba Logan, lamento muito.

– Antes… – debateu-se por um instante antes de continuar – …antes de a Lucille partir com a Eddie, disse que eu ia precisar de alguém para ajudar a Puppy a ultrapassar isto. O que achas que ela quis dizer, mana?

Olhei para ele.

– Quis dizer que te ama e que ama a Puppy e que quer voltar para cá e cuidar de vocês os dois. Só tens de lhe pedir.

Ele ponderou esta revelação durante um bom minuto.

– Graças a Deus – disse, por fim.

Pelo menos eu tinha conseguido fazer algum bem.

Mas depois era preciso lidar com o resto da família. Pessoas estranhas e assombrosas, estes McGillen e Thackery. Tirando Aaron e os mais próximos dele, os meus familiares apareceram sem serem chamados, sem perguntas e sem julgamentos. Mais de quarenta pessoas reuniram-se à minha volta na cozinha, apertados como sementes, à espera. Levantei-me à cabeceira da mesa.

– Costumava dizer a mim própria que a realidade do meu casamento com o Davy, atrás de portas fechadas, não era da conta de ninguém. Pensava que estava a fazer um favor ao nosso filho… e à nossa família… com este espetáculo de felicidade. Todos vocês tomavam essa imagem como certa. E esta quinta também dependia disso. O negócio. Sempre que fazia negócio com um grossista de fruta ou com uma cadeia de supermercados… principalmente nos primeiros anos, quando toda a gente fora do condado de Chocinaw dizia que eu nunca conseguiria pôr os pomares do Hollow a dar lucro outra vez… pensava: «Se estes homens de negócios conseguirem farejar a mínima fraqueza em mim, dirão que eu não passo de uma miúda que nem consegue governar a própria casa e virar-me-ão costas.» Não podia deixar que eles, que ninguém, suspeitasse de que eu e o Davy não éramos realmente uma equipa.

»Assim, criei uma fachada. E o Davy fez o mesmo. Ele queria que todos pensassem que éramos o casal perfeito. O vosso respeito era importante para ele. O respeito do filho era importante para ele. Vivia para isso. Quero que saibam que… ele sempre se esforçou por fazer o que era melhor pelo Davis e por mim, e quando descobriu que ia ter um filho de outra mulher ele… também teve a atitude correta.

Está bem, menti nesse pormenor, a menos que quiséssemos entender que, ao se suicidar, Davy fora um homem de honra. Era uma boa história. Um presente para Davy. E para Davis. E para Puppy.

– Fez o que devia fazer pela filha. A Puppy foi uma filha que o Davy não planeou, sim, mas isso não interessa. Faz parte desta família e ele tencionava honrar esse facto. E sei que vos diria para o fazerem também, em memória dele.

Fiz uma pausa, tentando não chorar. Eram tão raras as vezes que me tinham visto chorar, ao longo dos anos, que podiam assustar-se.

– Compreendo se alguns de vocês não quiserem continuar a trabalhar para mim. Não suporto mentirosos; neste momento, não me suporto a mim mesma. Não guardarei ressentimentos contra qualquer pessoa que não queira ser associada a mim.

Gruncle olhou para mim com olhos como berlindes escuros e frios enterrados em papel amarrotado.

– Oh, deixa-te de lamechices. Já percebemos. O Davy era um fala-barato e um exibicionista e um mulherengo e um herói das corridas. Sim, foi um bom pai e um bom amigo e um marido falso decente, por ti e pelo filho. Mas se achas que não *sabíamos* todos que eras tu que estavas a manter a reputação dele, deves pensar que somos cegos.

– Sabiam… o quê?

– Deus o tenha, mas sabíamos que ele era um fraco. Era o que sabíamos. O Davy decidiu quando era miúdo que estava zangado com o mundo inteiro, que conseguia enganar toda a gente e que o mundo estava em dívida com ele. Vi-o lutar contra a sua natureza ao longo dos anos. Sempre soube

que tu e o Davis eram a única coisa que o fazia continuar a esforçar-se, e presumi que, sempre que não estava aqui no Hollow com vocês, bom… que deixava o lado pior da sua natureza vir ao de cima.

Todos assentiram. Porém, ao fundo da multidão, Smooch escondeu o rosto nas mãos e chorou, enquanto vários Thackery e McGillen a abraçavam e lhe davam palmadinhas nas costas. A verdade abateu-se sobre mim. Senti o seu peso passar da cabeça para o coração, deixando-me suficientemente leve para cambalear mas demasiado pesada para cair. Equilibrada, talvez. Tinha a compreensão da família, mas às custas do meu orgulho. Passara estes anos todos a pensar que eu e Davy tínhamos conseguido enganar toda a gente. Mas não.

Triste e oca e perdida sem essa armadura à minha volta, disse:

– Bem, nesse caso não há muito mais a discutir. Agradeço o vosso apoio. Se me dão licença, tenho de ir ver se consigo apanhar o Davis ao telefone. Tentar acalmar a raiva dele.

Gruncle franziu a testa.

– Vais tentar que ele e a Eddie voltem definitivamente?

– Não tenho grande esperança disso.

– E o Jakobek? Habituámo-nos a ele.

– Ele estava aqui por causa da Eddie. Não sei. – Baixei a cabeça. – Não espero que ele volte.

– Pelo menos o meu irmão voltava *sempre* – disse Smooch em voz alta. Zangada, corada, olhou em volta como se se sentisse traída. – Talvez ele não fosse tudo o que queríamos que fosse. *Mas nunca deixou de tentar*. E o casamento é isso… companheiros que ficam e continuam a tentar. Desperdicei a minha oportunidade de ser feliz porque tu me vendeste uma fantasia, Hush. – Olhou para mim, mais triste do que outra coisa. – Vou-me embora. Despeço-me.

Algumas pessoas suspiraram e disseram e coisas como «*Vá lá, deixa-te dessas conversas*» e abanaram a cabeça, mas eu não duvidei dela.

– Smoochie, o lugar continuará à tua espera se mudares de ideias, e espero que mudes.

– Desculpa, mas não.

Abriu caminho entre a multidão e desapareceu. O som da porta da rua a bater ecoou-me nos ossos. Todos suspiraram e fungaram, mas ninguém disse uma palavra. Era um daqueles momentos em que ninguém quer dizer *mais* nada; querem apenas afastar-se o mais possível da tristeza. Sentei-me à mesa e olhei para as mãos pousadas na madeira maciça e polida, enquanto as pessoas saíam da minha casa.

Quando finalmente ergui os olhos, estava sozinha.

Nick

O Natal chegou a Washington. Liguei para Hush com o relatório diário; breve, cinco minutos, nada pessoal. Ela estava a fazer um esforço para se aguentar e eu não queria que o sentimentalismo a deitasse abaixo. Compreendia-a, mas tinha de lutar contra o desejo de lhe ligar de hora a hora – e de *falar* durante uma hora. Um impulso estranho para um homem que nunca fora muito falador. Os soldados sem guerras para travar ficam sem palavras; os soldados, em épocas de paz, armados apenas com palavras, são silenciosos e invisíveis. Querer falar era o meu castigo por todos aqueles anos que vivera calado. Estava condenado a ser um soldado, um solitário, um monóculo humano e mudo a observar a escuridão, à espera.

Hush podia não saber, mas estava à espera comigo.

Hush

Natal. Passei o dia sentada na sala, em frente da lareira apagada, a ouvir o gravador de mensagens atender automaticamente o telefone. Os meus familiares ligaram todos, a querer saber como eu estava. Queriam visitar-me. Geralmente, o Natal no Hollow era uma festa enorme, mas este ano não. Por fim, gravei uma mensagem no atendedor.

Não há novidades. Preciso de pensar. Feliz Natal.

Esperei pelo telefonema diário de Jakobek. Quando chegou, escondi o rosto num braço e encolhi-

me no canto do sofá, com as pernas para cima e o telefone apertado contra o ouvido. A voz simples e profunda de Jakobek, ao penetrar no casulo que fizera de mim própria, deu-me forças para continuar. Ele admitiu que Davis continuava inflexível mas disse que não tencionava desistir. Estava ao meu serviço. Estava comigo em espírito.

Queria que ele falasse comigo para sempre.



– Eddie? Tenente-coronel? Demiti-me dos Serviços Secretos. Vim despedir-me. – No dia depois do Natal, Lucille parou para falar connosco num corredor da ala residencial, com uma mala de viagem às flores na mão. Às flores. – Vou voltar para a Geórgia. Tenho uma entrevista com o Gabinete de Informações da Geórgia. Talvez possa trabalhar como agente no terreno. O xerife McGillen deu boas referências minhas.

Eddie olhou dela para mim com expressão chocada.

– Nicky, sabias disto? – Assenti com um aceno. Eddie virou-se para Lucille. – Porque vai demitir-se? Seja qual for o problema, posso falar com os seus chefes. Não pode deixar-me. Penso em si como… Lucille, *porquê*?

– Deixe-me fazer-lhe primeiro uma pergunta… porque prefere estar aqui do que no Hollow? Depois de tudo o que passou para lá chegar e para provar que lhe cabia a decisão de como viver a sua vida?

– Já provei o que tinha a provar. Agora tenho de assumir a responsabilidade pelos danos que causei. O meu lugar não é no Hollow… pelo menos como uma pessoa que está apenas lá escondida. Tudo o que consegui foi atrair as atenções erradas. Agora vejo isso. O Davis e eu somos companheiros. Podemos viver em qualquer lugar. Podemos estar seguros em qualquer lugar.

Lucille sorriu.

– Ótimo. Tem muitas pessoas dedicadas a si e preocupadas com o seu bem-estar. E tem um marido que a ama, que quer cuidar de si. Estou convencida disso, agora. Portanto, há uma altura em que temos de avançar. – Fez uma pausa e disse, atrapalhada: – O xerife McGillen precisa de mim. A filha dele precisa de mim. – Depois, em tom mais suave, acrescentou: – Agora tenho outra menina de quem cuidar, compreende?

– Oh, Lucille. – Eddie abraçou a loira alta e forte. – O que eu ia dizer há pouco era: *Penso em si como uma irmã*.

Lucille pigarreou.

– Nesse caso, o meu serviço valeu de alguma coisa. – Recuou e fungou. – Preciso de falar um momento com o tenente-coronel, por favor.

Eddie acenou e deixou-nos a sós. Lucille estendeu o braço e trocámos um aperto de mão caloroso, antes de ela dizer o que pretendia.

– Tenente-coronel, pessoas como nós precisam de encontrar um bom objetivo e um bom lar, para não passarmos a vida a vaguear na escuridão. Temos de compreender onde somos mais necessários… e de quem precisamos mais. – Lançou-me um olhar eloquente. – E depois *temos* de ter a coragem de o dizer. Foi o que eu fiz. E o senhor pode fazê-lo também.

– Dizê-lo é uma coisa. Ter medo de não ouvir o mesmo em resposta, é outra. – Apertei-lhe a mão e não disse mais nada.

Nick

A coragem e as escolhas são oportunidades perdidas. Pensei nisso enquanto dava uma volta pela cidade nessa tarde.

– Não, obrigado – disse aos agentes dos Serviços Secretos que se ofereceram para me seguir, e saí por um portão da guarda. Eu era alto e óbvio em muitos aspetos, mas, noutros, não passava de mais um homem sozinho: calças de caqui velhas, uma camisa grossa, com o crachá de empregado da semana das Quintas Sweet Hush preso por dentro da lapela de um sobretudo cinzento comprido, o meu segredo. Enfiei as mãos nos bolsos do casaco e, de cabeça baixa, tentei caminhar até esquecer

o passado, o presente e o futuro.

Acho que percorri a maior parte da cidade nessa tarde fria e luminosa de dezembro. Caminhei nas sombras dos monumentos e do edifício do Capitólio, vislumbrei o meu rosto preocupado nas montras de pequenas lojas, atravessei descuidadamente os perigosos cruzamentos da cidade, enchi-me com o cheiro frio do rio Potomac, que corria para o Atlântico.

Um nome começou a ecoar na minha mente.

Hush.

Ao final do dia, ergui os olhos do ritmo dos meus próprios pés nos passeios e parei, surpreendido. Regressara ao ponto de partida. A Casa Branca espreitava por trás das famosas vedações que delimitavam os famosos jardins e a famosa avenida com os enormes canteiros de cimento e outros bloqueios de segurança disfarçados de ornamentos, as faixas fechadas ao tráfego automóvel, os passeios pouco hospitaleiros para visitantes, sob os olhos de guardas e câmaras. Al tinha o hábito de contar pequenos factos históricos sobre a Casa Branca: por exemplo, que no início do século vinte as pessoas vinham fazer piqueniques nos jardins todas as semanas.

– O que será preciso para o mundo voltar a esse estado de graça? – gostava ele de perguntar.

– Uma máquina do tempo – era a minha resposta habitual.

Nunca lhe disse que as barricadas e vedações e guardas armados aos portões também me incomodavam. Era um soldado – um soldado duro, defensor de guardas e barricadas, um samurai americano sem misericórdia. Não devia ficar incomodado com os símbolos de proteção – nem com o medo que os inspirava. Mas, na verdade, ficava.

Cumprimentei com um aceno os guardas ao portão. Eles retribuíram e prepararam-se para me dar passagem. No entanto, deixei-me ficar no passeio, a olhar de testa franzida para uma multidão de turistas em frente das vedações altas e ornamentadas, a tirar fotografias. Todos olhavam afetuosamente para o lar simbólico do país, atrás das grades.

– Devíamos plantar mais jardins públicos por aqui – disse aos guardas. – E acho que seria simpático pôr umas macieiras naqueles grandes canteiros.

– Tenente-coronel?

– Macieiras. Maçãs. O fruto americano. As maçãs são acolhedoras. Simbolizam lar e família. As pessoas gostariam.

Os guardas trocaram olhares cautelosos.

– Está tudo bem, senhor?

Não, *nada* estava bem.

Aquela coisa que me observava das trevas chegara por fim.

Senti os cabelos na nuca arrepiados um segundo antes de o ver. Era um homem grande e desleixado, talvez com uns cento e oitenta quilos, uns bons quinze centímetros mais alto do que eu – um gigante com calças de camuflado largas e um velho casaco do exército que cortara e remendara com tecido castanho para o alargar, até de mais para ele. Cabelo escuro e sujo, caído até aos ombros. Barba por fazer, escura e oleosa, que não ajudava nada a sua aparência. Tinha uma expressão zangada, magoada, confusa. Nos olhos, aquele tipo de olhar que ninguém gosta de encarar.

Talvez seja um veterano, pensei. *Não é suficientemente velho para ter combatido no Vietname, mas pode ter estado na Guerra do Golfo.* Ou talvez fosse apenas um desgraçado miserável que travara guerras na sua própria mente. De súbito, ele agitou os braços, espalhando um bando de turistas sobressaltados. Depois atirou a cabeça para trás e gritou:

– Vou rebentar com esta maldita vedação! Vou entrar na minha propriedade e entrar na minha casa e ver o presidente! Tenho esse direito! Tenho esse poder! Não quero fazer mal a ninguém! Afastem-se todos! Vejam!

Abriu o casaco e rodou sobre si próprio. Tinha a barriga enrolada em algo que podiam ser explosivos ou apenas barro inofensivo em sacos de plástico.

Os turistas gritaram e correram.

– Não se aproximem! – gritou aos guardas. – Também tenho isto!

Sacudiu o braço direito e uma grande faca deslizou da manga suja e remendada do casaco. Segurou no cabo com a mão do tamanho de um prato raso e levantou a lâmina comprida. Tinha a mão a tremer.

– Não se aproximem se não querem magoar-se – avisou, falando com os guardas e comigo. Os nossos olhos cruzaram-se. Os dele estavam cheios de lágrimas. – Não se aproximem – gemeu.

Ele não está a ameaçar-nos, pensei, enquanto sentia a pele tensa com o sofrimento deste homem. *O pobre coitado está a tentar proteger-nos de si próprio.*

Atrás de mim, os guardas ergueram as armas e começaram a pedir apoio pelos rádios. Eu sabia o que ia acontecer. Iam dizer-lhe para largar a faca e, quando ele não obedecesse, tentariam feri-lo com um tiro nas pernas. Se ele estivesse demasiado drogado, fosse demasiado doente ou simplesmente demasiado teimoso para cair, voltariam a disparar. Desta vez, a matar.

Não.

Lentamente, caminhei em direção a ele. Os guardas perderam a cabeça.

– Tenente-coronel! Senhor! Volte, senhor! – Levantei a mão para os mandar calar e cruzei a divisória entre a luz e a escuridão, para as sombras que tinham engolido esta alma humana desesperada que olhava para mim.

– O que é que estás a fazer, meu? – perguntou, com voz embargada.

– Fale. Estou a ouvi-lo.

Ele olhou para mim um bom minuto, depois agitou a faca e começou a contar-me histórias. Primeiro devagar, depois mais depressa. As palavras derramaram-se dos seus lábios. Parte do meu cérebro estava consciente das sirenes à distância, das conversas tensas entre os guardas atrás de mim, do som de passos enquanto agentes dos Serviços Secretos de uniforme e à paisana assumiam as suas posições na rua, com a discrição silenciosa de caçadores. Se este homem fizesse um movimento errado, morreria.

Não, não ia permiti-lo.

A maior parte do que ele dizia não fazia qualquer sentido – não me deu quaisquer ideias profundas nem sinais de genialidade, quaisquer pistas quanto a quem era ou o que o trouxera aqui para cometer suicídio em público. Apenas infelicidade e confusão e amargura e medo. As coisas sem rosto que viviam nas trevas com ele, comigo, com todos nós. Ele era a alma por trás de todos os seres humanos que eu matara em combate, bem ou mal. Era o atacante em Chicago. Era o pai que eu nunca conhecera, os irmãos que podia ter, algures. Parte dele era Davy Thackery, e parte dele era eu.

Ele era morte. E era redenção.

Por fim, as palavras cessaram com um gemido e ele começou a chorar.

– Como havemos de saber o que fazer, meu? Vim aqui para perguntar ao *presidente*. Ele sabe. Ele *tem* de saber.

– Posso dizer-lhe o que ele diria. Disse-mo uma vez, quando eu estava perdido. – Aproximei-me mais dele. – *Vamos para casa.*

– Para casa. – Os ombros largos abateram-se. Soltou um suspiro aliviado. Baixou a mão que segurava a faca. – Está bem. – Tão simples como isso.

Pus-lhe uma mão no ombro para o manter calmo enquanto estendia a outra para a faca. Ele levantou bruscamente o rosto quando um dos guardas fez um movimento súbito. Os seus olhos procuraram o movimento com expressão alucinada. A mão da faca agitou-se num gesto convulsivo.

– *Para baixo* – ordenei. Atirei-me a ele, por cima do volume dos explosivos. Ele cambaleou e caiu, comigo por cima. A faca ergueu-se com uma precisão extraordinária. Só percebi que tinha sido apunhalado no peito quando senti falta de ar e vi que o sangue que ensopava o casaco do exército do outro homem era o meu. Ele levantou a cabeça, viu o que fizera e gemeu.

– Desculpa.

Comecei a ficar com a visão turva. Pousei-lhe a mão na cabeça para o proteger.

– Hush – murmurei.

– Está bem – murmurou ele, pensando que eu o estava a mandar calar. Parou de se debater. E eu também.

Hush.

Capítulo 19

Hush

Sentei-me com Puppy numa grande cadeira de baloiço no alpendre das traseiras, abraçando-a para a proteger do ar frio da tarde. Estávamos ambas envoltas numa manta quente, e embalando-a beijei-lhe o cabelo escuro dos Thackery.

– Diz-me outra vez quem eu sou – pediu ela baixinho.

– És a *sexta* Hush McGillen, e a *segunda* Hush McGillen Thackery – murmurei. – Isso torna-te muito especial, e é tudo o que importa.

– Tens a certeza?

– Sim, querida, tenho a certeza absoluta. As pessoas nascem para ser quem quiserem ser. Está tudo na forma como contamos a nossa história.

Ouvimos passos. Pousei-a no chão e ela correu através da casa até à porta da frente. Segui-a ansiosamente. Quando viu Logan e Lucille, Puppy parou. Logan olhou para ela com olhos marejados.

– Como está a minha bebé depois de falar com a tia Hush?

– Ainda sou a sexta Hush McGillen, papá.

– Claro que sim.

– Mas também sou uma Thackery. Mas não tenho de mudar de nome. Os nomes são só o pé da maçã. Aquilo que a segura à árvore da família, mais nada.

– Isso mesmo, amor. É precisamente assim, querida. Sim. És a Hush McGillen. És a minha Hush Puppy.

– E o Davis pode ser o meu irmão mais velho na mesma.

– Claro que pode.

– Ele mandou-me este coração por entrega especial. – Ergueu um pequeno pendente de ouro em forma de coração. – E ligou-me e disse que está contente por eu ser irmã dele.

– É um bom irmão mais velho.

– Tens a certeza de que ainda queres ser o meu papá?

– Mas claro! Sempre. Agora e sempre.

– Ainda bem! – Puppy atirou-se para os braços de Logan, que a fez girar e a apertou com força. A chorar, a menina agarrou-se ao pescoço de Logan e esticou a mão para tocar no rosto molhado de Lucille. – Lucy! Tu és dos Serviços *Secretos*! Nunca choras!

– Já não sou dos Serviços Secretos. Agora também sou como tu.

Puppy ficou com ar triste.

– Estás a chorar porque eu vou ver a Abbie? Porque ela é a minha mamã, sabes.

– Não estou a chorar por teres uma mamã. Acho maravilhoso que possas conhecer a tua mamã.

– Mas depois volto logo para casa com o papá.

– Claro que sim.

– A tia Hush diz que posso escolher as mamãs que quiser. Posso ter mais do que uma.

– Sem dúvida.

– Por isso também preciso de uma mamã *aqui*. – Puppy engoliu em seco. – Queres ser tu?

– Sim! Oh, *sim*, Puppy. Fico muito feliz.

– Está bem. – Puppy pôs a mão no cabelo de Lucille como se a estivesse a batizar. – A partir de agora és… – murmurou – … Lucille, a Mamã Número Um.

Lucille desfez-se em lágrimas estoicas. Logan pôs o braço à volta dela e, um instante depois, ela afundou-se no abraço dele e apertou também Logan e Puppy.

Limpei os olhos e deixei-os a sós com o momento. Saí para o alpendre das traseiras e olhei para o velho pomar, uma cena invernosa de vida adormecida. Conseguia distinguir a silhueta da *Grande Dama*. Ela sussurrou-me. *Vê como são fortes as raízes que plantaste, e como as tuas árvores são fortes, unidas.*

Assenti com um aceno mudo. Puppy teria mais perguntas à medida que crescesse, mas estava bem. E estava bem porque eu a plantara onde ela devia estar. Como desejava que Davis conseguisse pensar assim.

E Jakobek.

O meu telemóvel tocou, perdido algures num dos canteiros do alpendre, entre uma mistura de musgo e pinhas pintadas de dourado. Afastei as pinhas lentamente, levei o telefone ao ouvido e apoiei-me no corrimão do alpendre, uma velha cansada de apenas trinta e nove anos.

– Estou?

– Mãe.

A voz grave do meu filho fez-me endireitar e rejuvenescer.

– Davis! Ainda bem que ligaste…

– É o Jakobek – interrompeu ele.



Jakobek ainda estava na enfermaria de recobro quando cheguei ao hospital em Washington nessa noite. Tinha um pulmão perfurado e perdera muito sangue das duas artérias que a faca cortara. Depois da operação, os médicos disseram que tivera muita sorte.

– Vivo – murmurei, e encostei-me à parede. – Vivo.

Os Serviços Secretos controlavam todos os acessos a essa ala do hospital. Eu tinha conseguido chegar ao piso cirúrgico, mas não me deixavam vê-lo.

– Temos ordens da senhora Jacobs para não deixar entrar ninguém no quarto de recobro – informaram-me, educadamente.

Edwina.

Al estava na China em mais conversações comerciais, por isso Edwina dominara a situação e estava no quarto de Jakobek, com mais alguns familiares dos Jacobs e um padre – esta última informação quase me fez cair por terra, até perceber que o padre era apenas um amigo da família que viera rezar pela recuperação rápida de Jakobek.

Percorri o corredor à procura de um chafariz. Virei uma esquina e dei de caras com Davis. Olhámos um para o outro com tristeza, mãe e filho, filho e mãe.

– Ainda bem que ele está a recuperar – disse Davis. – Sinceramente.

– Eu sei. Como estás tu?

– Tenho uma pergunta. Quando magoaste o braço e o pai te levou às urgências, foi mesmo um acidente?

– Oh, Davis…

Ele fechou os olhos, suspirou e depois abriu-os com um novo brilho duro. Senti um arrepio na espinha. Vi o meu filho envelhecer e tornar-se um homem, com todas as alegrias moderadas e aceitação de desapontamentos que isso acarretava.

– Toda a gente está a dizer que o tenente-coronel é um herói.

– Concordo.

– Mas ninguém percebe por que motivo ele fez o que fez. Não precisava de arriscar a vida para tentar persuadir um estranho a entregar-se.

– Precisava, sim. O Jakobek tem instintos quanto ao bem e ao mal. Oh, não olhes para mim assim, sei que não é sofisticado dizer que há mal neste mundo, mas há, e o Jakobek reconhece-o. Viu que aquele pobre coitado não era uma ameaça para mais ninguém e que não havia nele qualquer mal. Se há coisa em que ele acredita, é em justiça. E não seria justo deixar os guardas armados abaterem um homem louco.

– Nesse caso, suponho que é mesmo um herói.

– Duvido que ele use essa palavra para se referir a si próprio.

– Mãe… desde que conheci o Jakobek, senti que ele era *real* de uma forma que o meu pai não era. Na altura, não conseguia pôr essa sensação em palavras. Talvez tenha sido por ver a forma como reagiste a ele, a forma como olhavas para ele, como confiavas nas suas opiniões. Agora percebo por que razão a tua relação com ele me incomodava tanto. – Pigarreou. – Porque não me lembrava de alguma vez teres sido assim com o pai.

– Não quero que odeies o teu pai. Ele teve um princípio de vida complicado e estava destinado a problemas muito antes de tu nasceres. No grande esquema da vida, o facto de se ter esforçado tanto por ser um bom pai só abona em favor dele.

– Um bom pai não teria abandonado a outra filha.

– Ele não abandonou a Puppy, simplesmente não viveu tempo suficiente para fazer o que devia. – Era uma pequena mentira, mas enfim. Está bem, nunca vou perder esta tendência para contar a melhor história em vez da verdade, se for preciso.

– Acreditas mesmo nisso?

– Sim.

– Vou fazer os possíveis por ser um bom marido e um bom pai e um bom *homem* – disse-me ele. – A Eddie e eu vamos voltar para Harvard na primavera. A mãe dela ofereceu-se para nos arrendar uma casa nas imediações. Com pessoal. Guarda-costas. Decidimos aceitar a oferta. Importas-te?

– Sou a favor de tudo o que vos ponha outra vez na universidade.

– Um dia, voltarei para casa. Mas tenho de descobrir quem sou e de aceitar quem o meu pai era. Voltarei para casa quando o conseguir.

– O Hollow e eu estaremos à espera de braços abertos.

Davis acenou com a cabeça. Havia uma distância entre nós, uma frieza triste, e seriam precisos anos para construir uma nova ponte sobre ela. Pelo menos, tínhamos começado. Parte de mim queria agradecer a Edwina por ter aberto o caminho para que ele e Eddie voltassem para Harvard de forma próspera e segura depois de terem o bebé, mas outra parte queria odiá-la por estar a dar ao meu filho mais ajuda do que eu podia dar. E parte de mim disse: *Cala-te e aceita o que é melhor para ele.*

Davis voltou para a Casa Branca nessa noite, com a minha bênção. Eddie tinha ordens do obstetra para descansar depois da aflição do que acontecera ao seu querido Nicky, mas enviou-me um bilhete muito querido. *Cuide dele, por favor, como ele sempre tentou cuidar de nós.* Recebi instruções para pedir a um dos lacaios de Edwina para me levar à Casa Branca quando quisesse dormir. Dormir na Casa Branca, como convidada de Edwina Jacobs, primeira-dama dos Estados Unidos da América.

Preferia comer terra e evacuar raízes.

– Quero ver o tenente-coronel – insisti, repetidamente, sempre que via alguém. – Somos amigos. E ele é família.

– Temos as nossas ordens – era a resposta invariável.

– O presidente não sabe o que se passa aqui – ripostei. – Vai ficar furioso.

Ninguém o negou. Todos se calavam e olhavam para o lado. Por fim, foi-me atribuída uma simpática assessora de Edwina que me conduziu a um elevador que me levaria ao quarto particular de Jakobek. No entanto, os agentes dos Serviços Secretos travaram-nos à porta do elevador.

– A senhora Thackery ainda não está na lista de pessoas autorizadas pela primeira-dama.

A jovem assessora corou.

– Deve haver algum engano.

Afastou-se um pouco para fazer um telefonema e, quando voltou, não conseguia fitar-me nos olhos.

– A senhora Jacobs diz que o tenente-coronel está sedado e a dormir, agora que saiu do recobro. Acha que é melhor não o incomodarem mais esta noite. Senhora Thackery, lamento muito. A senhora Jacobs diz que pode vir visitá-lo amanhã.

Comecei a andar de um lado para o outro. A jovem torceu as mãos e voltou a pedir desculpa. Depois de me controlar, disse-lhe:

– Vá lá acima e diga à Edwina que vou sentar-me na sala de espera ao fundo do corredor e vou lá ficar a noite toda, e que quero que ela *pense* nisso. Quero que ela *pense* que, por cada hora que eu não vir o Nick, ela sobe um bocadinho mais na minha lista negra, e de manhã *estará mesmo lá em cima*.

A assessora empalideceu.

– Eu transmito a mensagem, minha senhora.

– Se não se importa.

Passei a noite na sala de espera. O orgulho não me deixou ligar para o meu próprio filho, na Casa Branca, para pedir ajuda.



Na manhã seguinte ainda não me deixaram ver Jakobek. Al estava de regresso, a comunicação social andava doida com a história do heroísmo de Jakobek e o piso do hospital onde me encontrava fervilhava de agentes dos Serviços Secretos. Dois aproximaram-se de mim.

– A senhora Jacobs quer falar consigo, minha senhora, na Casa Branca.

– Não saio daqui enquanto não vir o tenente-coronel.

– A senhora Jacobs diz que gostaria de falar consigo primeiro. Se estiver de acordo, ela diz que lhe dará autorização para visitar o tenente-coronel.

Era um impasse. Rangi os dentes e engoli o sabor a fel.

– Levem-me lá então até à Casa Branca. Depressa.

O meu relógio de pulso assinalara a passagem de mais uma hora. Edwina chegara oficialmente ao topo da minha lista negra.



A primeira coisa em que reparei, depois de ser escoltada como um criminoso através da Casa Branca até ao gabinete de Edwina, todo em tons de malva e creme, decorado ao estilo campestre francês, foi que ela tinha duas maçãs podres dentro de um frasco de cristal numa prateleira. Duas maçãs *Sweet Hush*. Tirara-as do carregamento que eu trouxera para a Casa Branca no outono.

Edwina pousou o frasco na secretária como se fosse uma urna sagrada cheia de veneno e magia.

– Guardei estas suas maçãs para me recordar que, um dia, não seriam mais do que um monte desidratado de lixo orgânico – disse. – Moléculas de maçã. Mais nada. Na minha mente, reduzo-a apenas a isso, também. Porque aquilo que mais me antagonizou em si, desde o princípio, foi a sua coragem absoluta perante as adversidades. Infelizmente, perdi essa coragem há vinte anos.

– Desculpe? É a mulher mais corajosa que conheço.

– Não é preciso muita bravura para ser uma cabra sarcástica e controladora. Sei muito bem aquilo em que me tornei. E não estou muito orgulhosa disso. – Levantou a tampa do frasco, pô-la de lado, enfiou a mão e, cuidadosamente, pegou nas duas maçãs apodrecidas, castanhas e mirradas. Examinou-as por um momento e pousou-as na secretária. – Infelizmente, parece que nem você, *nem* o seu filho, nem as suas maçãs vão secar e desfazer-se em pó, portanto *acolhi* o seu filho e farei tudo o que puder para que ele me adore, a mim, ao Al, a toda a nossa família. Na verdade, o Davis é um bom rapaz. Vou gostar de conquistar o seu respeito e apoio. Quem sabe? Talvez acabe por se sentir mais em casa com a *minha* família do que com a sua. Parece-me que tem muito em comum connosco. Inteligência, educação. Uma visão sofisticada do mundo.

– Não me assusta com essas ameaças. Passei pelo inferno com o meu filho. Estamos presos um ao outro como aço soldado.

Ela ficou tensa.

– Porque não hei de ameaçá-la, como me ameaçou a mim? *Roubou-me a minha filha*. *Nunca* a encorajou verdadeiramente a fazer as pazes comigo e com o pai.

– Sabe muito bem que isso é mentira. Vocês traíram a confiança dela e, para vossa surpresa, ela mostrou-se tão obstinada como a mãe. Não quer admitir que errou. Ser mãe significa que passamos metade do tempo a pedir desculpa por ter errado, e a outra metade do tempo a errar outra vez. Tem de compreender essa equação.

– Transformou-a praticamente numa campónia. A Eddie voltou para casa com umas jardineiras na mala. Agora gosta de fritos de maçã. E adora-a a si. A Hush é brilhante, bondosa, forte, generosa. «A Hush faz isto e a Hush diz que» é tudo o que tenho ouvido desde que ela voltou. Você está em *dívida* comigo. Quero o afeto da minha filha de volta.

– E eu o do meu *filho*. Vai demorar, mas hei de consegui-lo. Pelo caminho, agradeço também que deixem a alma do Nick Jakobek em paz. Foram *vocês* que quase o mataram, ontem.

– O que é que está para aí a dizer? Foi *você* que prendeu a alma dele no seu pequeno *paraíso de maçãs*. Pelos vistos, após alguns meses na sua companhia, ele ficou com instintos suicidas. Por que outro motivo se aproximaria de uma bomba humana? Se houvesse espetadores inocentes para proteger, ainda compreenderia. Mas não havia ninguém.

– Havia, *sim*. Aquele pobre louco patético, para começar. E o Jakobek, já agora. Se o Jakobek tivesse deixado os guardas matarem aquele homem, seria igualmente culpado… um assassino sem

misericórdia, como lhe chamam. Sei que sempre pensou nele assim também, por isso não me venha dizer…

– Acha que penso no Nicholas como um assassino sem misericórdia? Perdeu o juízo? Que conversa é *essa* agora?

– Em Chicago. Quando ele matou aquele homem à sua frente. A expressão que ele viu no seu rosto… o Jakobek diz que nunca mais foi a mesma com ele… que tinha medo dele.

– Meu Deus! Foi isso que ele pensou? – Edwina apoiou-se na secretária e levou a mão ao peito. – Naquele momento tive medo do *mundo* inteiro, não dele.

– Mas ele não sabia disso. Sentiu-se como se fosse tudo o que há de mau no mundo. Principalmente depois de o Al fazer questão de dizer a toda a gente que tinha sido legítima defesa. Pensou que o Al tinha vergonha dele.

– Meu Deus… Nicholas…

– Eu nunca lhe tirei nada, nunca fiz com que ele quisesse desistir da vida ou prescindir do seu bom senso. Simplesmente… *ouvi-o*. Talvez nunca ninguém lhe tenha dado oportunidade de falar, antes, ou talvez ele confie em mim como nunca confiou em ninguém. Porque eu não o julgo. Eu *amo-o*.

Ela olhou para mim.

– O quê?

– Não se preocupe. Não faço ideia se ele sente o mesmo por mim, ou se a ideia de ficar comigo e os meus duzentos acres de macieiras, um bando de familiares rezingões e a minha reputação abalada faz algum sentido para ele.

Edwina levantou-se.

– Garanto-lhe que o Nicholas *não* nasceu para ser produtor de maçãs. – Apertou os lábios e desviou o olhar, distraída, de testa franzida. Senti-me posta de lado. Senti-me insultada. Senti que ela provavelmente estava certa ao dizer que ele não quereria viver comigo e com as minhas maçãs. Mas senti também que estava na altura de deixar a minha fruta fazer uma última afirmação. *Há uma altura para lutar*, murmurou a *Grande Dama*.

Peguei numa das maçãs podres que Edwina pusera em cima da secretária.

– Edwina – disse, em tom calmo –, tenho de a batizar cerimonialmente com a essência da árvore da família McGillen.

Arremessei a maçã. A polpa podre, pegajosa, castanha e mal cheirosa da maçã *Sweet Hush* espalhou-se no perfeito fato formal de caxemira clara.

Edwina nem pestanejou. Era uma mulher dura. Como eu a admirava! Pegou na outra maçã, levantou o braço e atingiu-me na parte da frente do casaco.

– Igualmente – disse.

E depois ambas olhámos uma para a outra, horrorizadas, como as mulheres são treinadas a fazer depois de terem sido brutalmente honestas.

E eu saí.



Ele estava tão pálido, tão quieto. Sentei-me ao lado da cama de Jakobek, a vê-lo dormir aquele sono drogado de um animal ferido, sem sequer saber que eu estava ali. Chorei lágrimas silenciosas e peguei-lhe na mão esquerda, a que estava mutilada.

– Um velho padre disse-me, uma vez, que a mão direita de Deus governa tudo o que é bom e que a mão esquerda elimina tudo o que é mau – murmurei. – Mas eu digo que usaste esta mão, e a vida, e o coração, e a alma para fazer o bem e eliminar o que é mau. – Pus-lhe um pequeno crucifixo de madeira de macieira na palma da mão e enrolei o fio à volta do pulso para que não perdesse o talismã. – Jakobek, se me consegues ouvir, acredita: *Conquistaste as tuas bênçãos.*

Al entrou no quarto pouco tempo depois e contei-lhe que tinha atirado a maçã a Edwina e ele disse que provavelmente fora merecido. Não lhe disse nada sobre a noite anterior ou tudo o resto que se passara entre mim e ela, mas ele apertou-me a mão e disse, com um brilho grave nos olhos:

– Prometo-lhe que esta atmosfera de confronto não vai continuar. Adoro a minha mulher e compreendo os motivos dela, mas mesmo assim peço desculpa pelo seu comportamento.

– Não é preciso. Tenho de lhe admitir uma coisa. Ela é dura, é inteligente e nunca desiste. Se se candidatasse à presidência, votaria nela.

Al sorriu.

– Mesmo se fosse contra mim?

– Talvez pudesse ser o vice-presidente dela.

– Aí está uma resposta diplomática.

– Sim? Então acabo de esgotar a diplomacia de hoje. – Lancei um olhar longo e angustiado a Jakobek. Senti que Al me observava.

– Vejo que ama muito o meu sobrinho – disse ele.

Assenti com um aceno infeliz. Al pousou-me a mão no ombro num gesto de conforto.

– Então porque não lhe diz?

– Se eu ficar aqui vou fazer figuras tristes e talvez deixá-lo também embaraçado. Não, se ele acordar e disser que precisa de mim, diga-lhe que eu virei a correr. Caso contrário… enfim. – Senti um nó na garganta. – Enfim.

Al insistiu para que um agente dos Serviços Secretos me levasse ao aeroporto, mas eu recusei e o assessor chamou-me um táxi. Ótimo. Precisava de voltar para a minha vida normal e tentar não me esquecer, não só de quem fora, mas de quem tinha de ser a seguir. Assim, sentei-me no banco de trás de um táxi mal cheiroso, sentindo-me perdida e sozinha. Queria virar-me para trás e ver o hospital onde Jakobek estava desaparecer à distância. Mas tudo o que podia fazer era ir para casa, começar a arar o solo arrasado pelo inverno da minha vida e esperar pela primavera.

O taxista ligou o rádio.

– Espero que o barulho não a incomode – disse, por cima do ombro, num sotaque caribenho melodioso. – Oiço sempre o Haywood Kenney. É o maior.

A voz presumida de Kenney brotou do rádio, vinda do seu estúdio no alto de um prédio de escritórios em Chicago.

– «Então, ontem, o sobrinho assassino do Al Jacobs armou-se em John Wayne, como um idiota…» – estava Kenney a dizer. – «…como um super-homem polaco imbecil… Tanto quanto sei, foi ele que provocou aquele maluco para destruir a propriedade paga pelos contribuintes! Se querem saber a minha opinião, é uma pena que o Cão Raivoso Jakobek não tenha acabado espalhado no passeio…»

Peguei no telemóvel e fiz uma chamada. Ainda não tinha arranjado problemas suficientes por um dia.

– Gostava de alterar o meu bilhete de avião – pedi. – Preciso de ir a Chicago.



Se querem saber, estava destinada a fazer o que fiz. Asia Makumba, em Atlanta, retribuiu o meu telefonema e deu-me exatamente a informação de que precisava. As pessoas da comunicação social sabiam tudo umas sobre as outras.

– Ele costuma almoçar num restaurante chamado Hallowden's, todos os dias, depois do programa – informou Asia. – Posso perguntar o que está a pensar *fazer*?

– Dar-lhe a provar o seu próprio veneno.

Nessa tarde, entrei no elegante bar de um prédio em Chicago e estaquei ao ver um jarrão enorme em cima de uma mesa junto à entrada. Estava cheio de ramos e galhos nus. Juro por Deus, pareciam mesmo ramos de macieira.

Levei a mão ao coração, assombrada. Com a outra, parti cerca de meio metro de ramos finos e resistentes.

– Minha senhora! – exclamou uma empregada. – Isso é um arranjo decorativo muito caro…

– Mande a conta para a Quinta Sweet Hush, condado de Chocinaw, Geórgia. – Pousei um cartão de visita à frente dela. – E, quando os repórteres lhe vierem fazer perguntas a meu respeito, pode dar-lhes também o meu número de telefone e morada. Se tudo na minha vida é agora do domínio público, então tenciono fazer com que as notícias trabalhem a favor de mim e das pessoas que amo.

Passei por ela e entrei num bar apinhado, com painéis de madeira escura nas paredes, sofás de cabedal, mesas de bilhar e o aroma doce de fumo de charuto e *brandy* velho. Era hora dos *cocktails* e o local estava cheio, na sua maioria com homens de negócios bem vestidos. Ao passar entre as

cadeiras luxuosas, bati contra os ombros deles, fi-los entornar os uísques e comecei a atrair as atenções.

– Minha senhora? – chamou a empregada, mas eu já fechara os olhos e ouvidos a ela e a todas as outras distrações. Estava à caça.

Rapidamente encontrei a minha presa.

Haywood Kenney nunca fora bonito, mesmo nas fotografias publicitárias retocadas, mas em pessoa parecia que precisava de ser embalsamado – ele e os seus fatos de cinco mil dólares, os botões de punho de ouro maciço, os suspensórios de cabedal italiano, os charutos de quarenta dólares e o seu programa de rádio nojento. Estava sentado entre um grupo de homens de ar importante, numa alcova elevada que se via nitidamente ser uma mesa VIP.

– Haywood Kenney, seu filho da mãe mentiroso, deplorável e cobarde – chamei, em voz bem alta. Todo o bar se silenciou abruptamente. Kenney ergueu os olhos para mim e abriu a boca. Nessa altura, eu já estava ao lado dele. O elemento surpresa. Tinha de ser rápida. – Chamo-me Hush McGillen Thackery.

– Oh, céus! – disse ele.

– Não reze a pedir ajuda *agora*, seu excremento no traseiro da humanidade.

Bati-lhe na parte lateral da cabeça com os ramos de macieira, com força suficiente para quase o fazer cair da cadeira.

– Isto é por aquilo que disse sobre a minha família. – Atingi-o de novo com os ramos. – Isto é por aquilo que disse sobre a família Jacobs, porque é também a minha família. – Outra vergastada. – E *isto* é por ter dito aos outros imbecis ignorantes e cobardolas por esse mundo fora que o Nick Jakobek é um assassino e uma anedota.

Nesta altura, Kenney já estava em pé, a desviar-se e a tentar proteger a cabeça com os braços, encolhido a um canto.

– Alguém me ajude! – guinchou. Guinchou mesmo. Um colunista especialista em relações com a comunicação social escreveria, mais tarde, em todos os grandes jornais, que aquele guincho de medo fora o toque de finados do seu reinado na rádio. Não podia pregar políticas de força no ar e depois esconder-se ao canto de um bar fino enquanto uma mãe ultrajada lhe dava uma tareia com ramos de macieira falsos. Os comparsas dispersaram como insetos quando levantamos uma pedra. Não me teria surpreendido que se tivessem enrolado em bolas no chão de madeira.

Afastei as cadeiras vazias e encurralei Kenney. Mais uma vergastada.

– Isto é por se estar a rir do mundo na sua miserável torre de marfim enquanto homens como Jakobek mantêm esse mundo seguro para si. – *Zás*. – E, finalmente, isto é por abusar do significado da liberdade de expressão e reduzir as vidas de pessoas boas a estrume com as suas... – *Zás.* – ... mentiras... – *Zás.* – ... mesquinhas... – *Zás.* – ... e cruéis. – *Zás.*

Com a última vergastada ele caiu de joelhos com os braços à volta da cabeça, numa pose de submissão silenciosa. Olhei para ele como um gato olha para um rato que parou de se mexer.

– Não tenho paciência para si – disse. Atirei-lhe os ramos de macieira para cima e ele encolheu-se.

Dei meia-volta e olhei para a multidão. Estava toda a gente de pé. Ao fundo da sala, algumas pessoas tinham subido para cima das mesas para ver melhor. Vi vários rostos entusiasmados. Houve alguns aplausos dispersos.

– Se estão mesmo a ser sinceros – anunciei –, façam qualquer coisa. Acabem com aquele programa de rádio imundo. Digam às pessoas a verdade por trás das mentiras. E não se riam da infelicidade que ele causa aos outros. Hoje sou eu e a minha família. Mas amanhã podem ser vocês.

As pessoas afastaram-se para me deixar passar. Retórica debitada em sotaque sulista, com um certo brilho de loucura nos olhos, consegue abrir caminho, na maior parte das vezes. Saí para o passeio na tarde fria de Chicago, a pensar se seria detida por atacar uma celebridade nacional antes de chegar ao aeroporto. Um pouco aturdida, virei-me e colidi com uma mulher loira, alta e musculada, de fato de treino.

Lucille.

– Cheguei a Washington na altura em que a Hush estava a partir – disse ela. – O presidente pediu-me para verificar se chegava bem a casa. Portanto tenho-a seguido desde que saiu do hospital.

– Detesto ter de lhe dizer isto, mas acho que estou metida em sarilhos. Acabo de dar uma tareia

ao Haywood Kenney. Em público. Com testemunhas.

– Eu sei. – Pegou-me no braço e apontou para um carro escuro na estrada.

– Fui apanhada – lamentei.

– Não, foi *protegida* – corrigiu Lucille. – Tínhamos um pressentimento de que viria à procura do Kenney. Aliás, a senhora Jacobs disse que apostaria dinheiro nisso. Ela tem bons instintos.

– É mãe e uma mulher de força, como eu. Sabe quando há contas a ajustar.

Outro agente apareceu do nada e abriu a porta do carro. Lucille empurrou-me lá para dentro e sentou-se ao meu lado.

– Para o aeroporto – disse ao condutor. Depois olhou para mim. – O presidente e a senhora Jacobs disseram que a representarão pessoalmente se houver alguma acusação.

– A Edwina disse isso? Antes ou depois de limpar a maçã podre do fato caro?

– Depois. E, Hush… esta é apenas a minha opinião como sua futura cunhada, claro… – Lucille pigarreou. – Acaba de se juntar ao tenente-coronel na minha galeria de heróis.

Abanei a cabeça.

Os heróis não se sentiam tão sozinhos.

Capítulo 20

Nick

Quando acordei, sentia-me como se algo tivesse mudado dentro de mim. Não só porque me tinham cortado às fatias um pulmão e as artérias. Era algo mais fundamental. Sentia-me mais leve por dentro. Tonto, levantei a mão esquerda para ver o que me estava a fazer cócegas na palma. Pestanejei com força e finalmente consegui focar a vista e ver o pequeno crucifixo de madeira pendurado dos meus dedos numa corrente de ouro. Só uma pessoa esculpiria algo tão sagrado em madeira simples.

– Hush? – chamei, em voz rouca, e tentei sentar-me na cama de hospital.

– Ela foi para casa. Não sabia se tu precisavas dela ou a querias aqui. – Era a voz de Al. Pousou a mão no meu ombro para me impedir de mexer e sentou-se numa cadeira ao lado da cama. Recostei-me novamente nas almofadas, fraco. Não precisar dela? Nem conseguia encontrar palavras para expressar o *quanto* precisava dela. Tinha a garganta dorida dos tubos durante a cirurgia. Fechei a mão sobre o crucifixo, gravando Hush na minha palma.

Al olhou para mim.

– Não tentes falar. Ouve só. – Contou-me o que Hush fizera a Haywood Kenney, por mim. Tinha o cérebro lento e os nervos afetados pela medicação, mas senti um arrepio espalhar-se lentamente pelo meu corpo. Al continuou. – Tu és o herói dela. E ela é a tua heroína. Um termo piroso, *herói*… demasiado usado, trivializado… mas, neste caso, é verdade. – Fez uma pausa e engoliu em seco. – Podes pensar que a Edwina e eu deixámos de acreditar na tua humanidade básica há muitos anos, mas estás enganado. Sabíamos, desde o dia em que te trouxemos do México, que eras alguém especial, alguém que compreendia os extremos do mundo com uma clareza que só podemos invejar. Sei que te desapontámos, mas tu nunca nos desapontaste a nós. És também o *nosso* herói.

– Esquece – respondi, rouco. – Já estou em paz com aquilo que sou. Tomo conta da minha família. Não posso salvar o mundo. Mas…

– Fizeste o teu trabalho, Nick. Agora está na altura de te salvares a ti próprio. – Estudou-me em silêncio. – Se não amas a Hush Thackery, é contigo. Mas se a amas tens de o dizer. A ela. Não a mim, nem à Edwina. Nem às paredes deste quarto. Nem apenas a ti próprio. Tens de o dizer a ela. – Levantou-se. – Agora descansa. Gostamos muito de ti, Nick. – Deu-me uma palmadinha no ombro e saiu do quarto.

Levantei a mão com o crucifixo e, com gestos lentos e desajeitados, pus o fio à volta do pescoço e prendi-o. *Por favor, meu Deus, dá-me forças para sair rapidamente desta cama e fazer o que tenho de fazer.*



– Olá, Nicky. – O murmúrio suave de Eddie ecoou no meu ouvido. Abri os olhos nas sombras do quarto e disse:

– Olá, miúda. Não devias estar aqui.

– Não me conseguiram impedir de vir, mas prometi ficar só um bocadinho. O Davis está à minha espera lá fora. E a minha mãe. – Acariciou-me o cabelo com as pontas dos dedos. – Quando era pequenina, imaginava-te numa armadura prateada de cavaleiro, na floresta, a matar dragões. O meu pai era o rei do reino que tu protegias, a minha mãe era a rainha e eu era a princesa. E dizia aos meus amigos que não havia motivos para ter medo de nada no nosso reino, porque o meu cavaleiro, *Sir* Nicky, tinha os dragões todos controlados. – Sorriu com lágrimas nos olhos. – Agora sei que não estava só a fingir.

– Princesa Eddie. Continuo ao teu serviço.

– Princesa Edwina Margisia *Nicola* – corrigiu ela.

– Pobre miúda. Obrigada a viver com três nomes esquisitos.

– Nicky, chiu. Vim pedir-te favores. Está bem?

– O que quiseres.

– Aceitas ser o padrinho do meu bebé?

Fiquei em silêncio durante muito tempo.

– E o Davis?…

– Ele também quer convidar-te. Mas eu queria ser a primeira.

– Será uma honra. – Pigarreei, olhei para o lado, depois novamente para ela. – E o outro favor?

– Quero que te vás embora.

– O quê?

– Vai-te embora. Volta para onde devias estar. E não finjas que não sabes o que quero dizer, *Jakob*. – Levantou-se.

– Tenciono…

– Chiu. Não digas nada. A resposta é entre ti e o teu coração. – Beijou-me na cabeça, endireitou-me o lençol, sorriu e saiu do quarto com passo cuidadoso, as mãos sobre a barriga, a proteger a criança que eu protegeria também alegremente, tal como a protegera a ela. Fechei os olhos por um momento e, quando os abri, Edwina estava a endireitar-me o lençol.

– Devo estar mesmo cheio de rugas – brinquei.

– Ainda não. Mas, se esperares muitos mais anos para arranjares uma mulher, será *muito* difícil, porque estarás mirrado como… como uma *maçã* seca. – Fez uma careta. – Analogias com maçãs. Estou patologicamente obcecada com a maldita fruta. – Puxou a cadeira e sentou-se. O seu rosto e atitude suavizaram-se. – *Nicholas* – disse, com tristeza.

– Eu estou bem.

– Não, não estás. Deixámos-te vaguear pelo mundo estes anos todos sem te dizer as coisas que devíamos ter dito.

– Não faz mal se te sentires pouco à vontade ao pé de mim.

– Pouco à vontade? Queres dizer *com medo*? – Quando acenei afirmativamente ela suspirou. – Quando o Al te trouxe para viver connosco, admito que tive medo de ti. Mas provavelmente tanto como tu tiveste de mim.

– Sim, admito. Tu assustavas-me mesmo muito.

– Mas não demorei muito tempo a perceber que tinhas uma profunda noção de honra e uma capacidade ainda maior de honestidade e bondade.

– Percebeste isso tudo pelos crânios de coiote?

– Sim. Sim, percebi. – O sorriso dela desvaneceu-se. – Lamento muito que eu e o Al te tenhamos pregado as nossas regras de moralidade, quando afinal tu tinhas um código de dever e sacrifício que ia muito além dos nossos discursos simplistas. Infelizmente, quando precisaste mais do nosso apoio, revelámo-nos uns hipócritas.

– Não. Foram honestos. Era por isso que gostava tanto de vocês. E que ainda gosto.

Ela limpou os olhos e estendeu a mão para o crucifixo de madeira que eu tinha ao peito. Franziu os lábios.

Comecei a dizer algo sobre o meu futuro mas ela levantou-se.

– E… Nicholas? Sei que me transformei num monstro ao longo dos anos. Estou a planear algumas mudanças. Está bem? Agora descansa.

Apagou a luz por cima da minha cama e saiu do quarto. Fiquei sozinho, na escuridão, espantado. Tinha finalmente algo a dizer, mas ninguém me queria ouvir. Bom, uma pessoa ouvir-me-ia.

Só tinha de chegar ao pé dela.

Por vezes, conseguimos recuar nos anos. Com uma espécie de *déjà vu*, vemos um momento da nossa vida por aquilo que realmente é: um lembrete de como chegámos longe. Ao nascer do dia, eu estava sentado à beira da minha cama de hospital, a usar toda a minha concentração e a transpirar com o esforço de me tentar vestir. Não devia sequer estar sentado, quanto mais a preparar-me para sair. Já tinha conseguido enfiar as velhas calças de caqui e fechar a braguilha. A seguir, comecei a lutar com os botões da camisa de flanela.

Nesse momento, Bill Sniderman entrou no quarto. Era o mesmo filho da mãe elegante que naquele outro dia no hospital em Chicago, há vinte e tal anos. Tinha a camisa branca imaculada apertada no pescoço, um fato escuro e uma gravata de seda, e parecia um manequim de loja, com aquela atitude de «podem ver mas não podem tocar». O conselheiro mais antigo de Al olhou para mim por cima do nariz castanho, franzido com o mesmo ar de desagrado de sempre, como se tivesse farejado alguma coisa nauseabunda.

– Espero que estejas a pensar desaparecer outra vez, Nick.

– És um homem muito inteligente para quem usa as camisas tão apertadas que não sei como o sangue te chega ao cérebro.

– Não estás com muito bom ar. Suponho que seria pedir de mais que caísses para o lado e morresses antes de chegares à rua?

– Oh, Bill, não sejas tímido. Sabes que vais sentir a minha falta.

Bill arqueou uma sobrancelha que estava já a ficar grisalha.

– Vim cá dizer-te uma coisa: sempre achei que serias um excelente herói *morto*.

– Que simpático. Onde estavas ontem quando precisei de mudar a arrastadeira?

Ele estendeu a mão.

– Porque não voltas para a tua produtora de maçãs? Podes afastar-te dos holofotes do presidente e treinar para ser um bom herói *vivo*.

Trocámos um longo olhar.

– Raios, estou a começar a gostar de ti – disse eu, por fim.

Apertámos as mãos e nesse momento Davis entrou, vestido para uma longa viagem, com calças de ganga e um casaco grosso.

– Pronto?

– Já nasci pronto – respondi.

Hush

Os cabeçalhos dos jornais nacionais do dia:

Kenney foge sob as vergastadas da sogra da primeira-filha

Kenney não pretende apresentar queixa; fontes próximas dizem que quer que o incidente seja rapidamente esquecido

E o melhor de todos:

Duas estações de rádio cancelam o programa de Kenney

Tudo isto eram notícias fantásticas, mas não me serviu de grande consolo depois de regressar ao Hollow. Fechei a quinta, enxotei os meus familiares, desliguei os telefones da parede, tirei a bateria do telemóvel e fechei-o numa gaveta. O céu estava cinzento e caía uma chuva miudinha e gelada. O tempo frio e o gelo estavam a chegar. A mais terrível e maravilhosa estação da maçã da minha vida terminara. Só queria enroscar-me com uma manta e abraçar a infelicidade que me enchia o peito.

Atendi apenas um telefonema.

– Hush, é a Smooch.

– Smooch!

– Estou em Miami, sentada num cais, ao sol, à espera de um navio de cruzeiro para as Bahamas, mas… não consigo parar de chorar…

– Vem para *casa*.

– Queria esquecer o passado e encontrar um homem decente no cruzeiro, mas a prima Maryflo ligou para me contar o que aconteceu ao Jakobek, e depois vi nas notícias o que fizeste ao Kenney, e comecei a pensar que deves *precisar* mesmo de mim aí, quer dizer, precisas de uma boa relações públicas mais do que eu preciso de um homem…

– Smoochie, não imagino como sobreviverei sem ti se não voltares para casa.

– Não sei o que te dizer em relação ao meu irmão. Simplesmente não sei.

– Falamos depois. Encontraremos uma forma de o recordar, com o bom e o mau.

– Mas o problema é que… será que ainda consegues gostar de mim como uma irmã, se nunca amaste o meu irmão?

– Oh, Smoochie… O amor é como as maçãs. Todas as sementes são diferentes, mesmo que venham da mesma árvore. Claro que gosto de ti. Claro que continuas a ser uma irmã para mim. Vem

para *casa*.

– Está bem, então, está bem, Hush. – Parou de chorar e gritou a alguém no cais apinhado do sul da Florida: – Por favor, *señor*, traga outra vez as minhas malas.

Depois de desligar, saí para o ar frio e nublado e caminhei pelos pomares, a pensar em como conseguira, apesar de tudo, manter a minha família unida. *Planta bem e a colheita será boa*, sussurrou a *Grande Dama*.

– Colhemos aquilo que plantamos – respondi, em voz alta –, eu sei *disso*. Mas... e se o único homem capaz de encantar as minhas abelhas não der sinais de querer voltar para a próxima estação, ou para as outras a seguir?

Não tive resposta. Estava por minha conta.

Caminhei durante muito tempo, encoberta pela neblina. Fiquei com as calças de ganga e a camisola molhadas, a passear pelos velhos pomares e pelos socalcos das antigas montanhas, sobre os túmulos dos soldados galantes, até descer o vale em direção aos pomares novos e chegar aos limites da propriedade. Olhei para os grandes celeiros vazios e para os parques de estacionamento desertos, e para a McGillen Orchards Road, para lá do portão fechado. O vazio e a solidão pareciam rodear-me como a luz fraca do final da tarde. Aguardavam-me dias e noites de desolação. Sentei-me no limiar dos meus pomares, na penumbra do final do dia e da estação, e chorei.

Ainda tinha o rosto escondido nas mãos quando ouvi o ronco de motores. Franzi a testa, levantei-me e olhei para a estrada. O rugido aproximou-se. Uma parada de camiões militares verdes apareceu – cerca de uma dúzia. Fiquei estupefacta. O veículo da frente, um *Humvee*, aproximou-se do portão.

Davis saiu do lado do passageiro. O meu Davis. O meu filho. Bem, esta era a segunda viagem inesperada que ele fazia este ano – surpreendera-me no início e no fim da estação. Não me viu a olhar para ele, de boca aberta, junto do pomar, enquanto procurava a chave para abrir o cadeado do portão. Um soldado fardado ajudou-o a empurrá-lo. Davis e o soldado voltaram então a entrar no *Humvee*. A caravana – o comboio militar – subiu lentamente o caminho até aos parques de estacionamento.

Nessa altura, eu já corria ao encontro deles.

Estaquei com uma derrapagem ao mesmo tempo que os camiões começavam a estacionar. O rugido dos motores foi diminuindo até desaparecer. Só o sopro suave e húmido do vento da montanha quebrava o silêncio. Davis viu-me e saiu, com a mão erguida num cumprimento. Apontou para um veículo algures no meio dos outros e começou a andar nessa direção. Os meus pés estavam colados ao chão.

Homens e mulheres fardados começaram a descer de *Humvee*s e camiões, alguns com equipamento médico, outros aparentemente apenas como escolta. Convergiram para um *Humvee* onde alguém que eu não conseguia identificar estava a descer lentamente da parte de trás, com ajuda. Esse homem era alto, tinha cabelo escuro e rosto cicatrizado e curtido pelo tempo. Vestido com um blusão militar, uma camisa de flanela e calças de ganga coçadas, afastou com um gesto os homens que o ajudavam e virou-se. Começou a andar lentamente em direção a mim, com passo hesitante mas com grande determinação.

Jakobek.

Corri para ele.

– Não devias ter saído do hospital, Jakob! Oh, *Jakob*!

– Quero ser produtor de maçãs – disse ele.

Lancei-lhe os braços ao pescoço e beijei-o, e ele retribuiu o beijo com um braço à volta dos meus ombros e outro da minha cintura. Fiz um esforço para não o apertar demasiado, consciente dos ferimentos dele, mas Jakobek puxou-me para o lado bom e abraçou-me com força.

– Assim sendo, bem-vindo a casa – murmurei.

Um mês depois

Hush

A viagem a Washington para o nascimento do bebé de Eddie e Davis foi a primeira grande viagem de Jakobek depois da operação. Estava a recuperar bem. Quer isto dizer que estávamos a chegar lá, a tornar-nos um casal. Tal como a minha relação com Davis estava a melhorar depois de tudo o que acontecera, e a vida começava a entrar num novo tipo de normalidade. Para Jakobek, um mês dos meus cozinhados, de muita atenção minha e da maior parte dos habitantes do condado de Chocinaw, e de uma mistura equilibrada de conversas profundas e sexo cuidadoso, tinham feito maravilhas. A ele e a mim.

A próxima geração do ramo de Davis Thackery estava prestes a nascer, não por baixo de uma macieira mas numa maternidade avançada, extremamente cara, nos subúrbios de Washington. Eddie e Davis tinham escolhido esta maternidade porque era perto da cidade e os Serviços Secretos aprovaram. Num quarto especial para os visitantes mais novos, Puppy estava ocupada a fazer amizade com meia dúzia de crianças da família Jacobs e Habersham.

Os primos Jacobs eram miúdos barulhentos e espontâneos e naturalmente turbulentos, mas os Habersham eram demasiado limpos para crianças com menos de doze anos, e um bocadinho presumidos, como Edwina.

– Chamo-me Walford Habersham, o *Quarto* – disse um rapaz em tom altivo quando se apresentou a Puppy. – És uma campónia?

Ela não hesitou uma fração de segundo. Decidira quem queria ser e a forma como a sua história seria contada.

– Sou Hush McGillen, a *Sexta* – disse a Walford. – Portanto não me chateies.

Ao canto, a assistir à troca de palavras como uma mãe tigre, Lucille sorriu.

Edwina e eu estávamos numa pequena sala de espera privada. À espera. Al, Jakobek e Logan tinham ido fumar charutos lá fora, na neve. Eu queria fumar o meu cachimbo mas esquecera-me dele na pressa de vir para Washington assim que soubemos que Eddie estava em trabalho de parto. Smooch ficara na quinta para atender os telefones e planear o comunicado de imprensa. Planeava fazer um concurso para batizar um novo produto de maçã em homenagem ao bebé. Eu não queria, mas ela estava determinada.

De súbito, Edwina enfiou o braço forte no meu, como se fôssemos muito amigas.

– Estou a planear um casamento no final do verão para si e para o Nicholas – anunciou.

Olhei para ela de lado.

– Bom, obrigada por decidir informar-nos.

– Qual é o problema? Disseram-me que estavam decididos a casar.

– Sim, mas não a vou deixar ficar à frente da organização do nosso casamento.

– Não quer casar na Casa Branca?

Olhei para ela.

– Está a brincar?

– Nunca brinco – respondeu ela com frieza. – Já perguntei ao Nicholas se não se importava que eu falasse consigo. Ele diz que a decisão é sua.

Eu estava sem palavras. Por fim, perguntei:

– Faria isso por mim?

– Não, pelo Nicholas. Você é apenas um acessório necessário para celebrar a felicidade dele.

– Estou a ver.

Edwina pigarreou e desviou os olhos.

– Então, concorda?

– Edwina, acho que está a tentar ser simpática comigo e só posso dizer-lhe que até me está a custar vê-lo.

– Ou aceita o raio do convite, ou não aceita.

– Aceito.

– Ainda bem.

– Obrigada, sua Alteza.

– Oh, cale-se!

Continuámos a olhar para a frente, ambas de olhos postos na porta fechada da sala de parto.

– Está sempre tão ocupada com o seu negócio das maçãs no outono – disse ela, de súbito. – Portanto, todos os anos, o outono será a altura de eu passar com o *meu* neto.

– Está bem. Mas eu fico com o meu neto no inverno, na primavera e no solstício de verão.

– Inverno, primavera *e* solstício de verão? O *solstício*? Porquê? É algum feriado ritual das maçãs?

– De certa forma. É o dia do ano em que a estação da colheita começa. Há sempre uma grande reunião de família ao ar livre, nos pomares, com um piquenique, e fazemos uma antiga receita de guisado de maçãs verdes.

– Guisado de maçãs verdes? O que é que acontece depois de comerem um guisado de maçãs verdes? Todo o clã participa na «Corrida Cerimonial da Diarreia»? Não. Não vai pôr o *meu* neto uma comer a especialidade familiar que dá a volta à barriga.

– Oh, não seja mariquinhas. Eu envio a receita para o seu *chef*. Pode testá-la primeiro. Mande alguns dos seus servos ou camponeses prová-la. Veja se sobrevivem. Sabe como é, a rotina habitual.

Ela suspirou.

– Esqueça. Está bem, pronto, o bebé é meu do solstício do verão ao outono, incluindo o Natal.

– Alto aí! Os feriados importantes são uma negociação diferente.

– Muito bem, faremos Natais alternados.

– E o mesmo com o Dia de Ação de Graças.

– Mas eu fico sempre com a Páscoa. Vocês são praticamente pagãos. Não precisa da Páscoa.

– Se a reverenda Betty a ouvir dizer isso, lança-lhe uma maldição.

Al, Jakobek e Logan tinham entrado enquanto nós falávamos.

– Minhas senhoras – disse Al. – Tenho de vos recordar uma coisa. O bebé tem pais que talvez queiram *dizer-vos* quando é que podem ficar a cuidar dele.

– Nem pensar – dissemos eu e Edwina em uníssono.

Jakobek pegou-me no braço e levou-me até ao corredor.

– Relaxa – disse.

– Não consigo. Nunca fui avó. Quanto tempo pode isto demorar ainda? Tenho ideia de que o meu parto do Davis demorou cinco segundos. Ou talvez cinco dias. Só me lembro de chuva fria e dores, seguidas da alegria mais fantástica da minha vida.

– Eu estava lá quando a Eddie nasceu. Gostava de ter estado presente para ti e para o Davis – disse ele, baixinho.

– Teria sido complicado de explicar ao pai dele.

Uma piada de mau gosto, que nos silenciou. Demos as mãos num pedido de desculpas, aproximámo-nos de uma janela com vista para o jardim de inverno e vimos as sombras que o candeeiro de rua lançava num canteiro de azevinho.

– Também gostava que tivesses estado lá – murmurei, por fim.

– Sempre quiseste outro bebé.

Apertei-lhe a mão.

– Ainda tenho de ajudar a criar a Puppy. E um neto, daqui a pouco. – Fiz uma pausa. – Mas sim, sempre quis ter outro bebé do meu sangue.

– Vais fazer quarenta anos este ano. Eu tenho quarenta e quatro. Seríamos um bocadinho loucos por pensar sequer em…

– Vamos ser um bocadinho loucos, então. – Senti o coração bater mais depressa. Olhámos um para o outro com expressão séria e esperançosa. – Eras capaz? – murmurei. – Gostarias de ser pai, se conseguíssemos?

Ele assentiu, sem tirar os olhos dos meus.

– E tu? Outra vez mãe?

– *Sim.*

– Ótimo.

Ambos suspirámos de alívio e encostámos as cabeças uma à outra.

– É possível que não resulte – admiti, com algumas lágrimas. – Mas vamos arar o solo e plantar as sementes.

Ele riu-se.

– Não sei se hei de deitar fora os preservativos ou comprar um ancinho. – Abraçámo-nos de olhos húmidos, sorridentes, assustados, entusiasmados. Com bebé ou sem ele, era bom voltar a sentir-me fértil.

– Pessoal? – chamou Davis. – Mãe? Onde estás?

Jakobek e eu corremos para a sala de espera, onde vimos Davis, a sorrir, um pouco pálido, o corpo alto e desengonçado coberto numa bata azul. Nós, Al, Edwina, Logan e Lucille juntámo-nos à volta dele.

– A Eddie está bem – anunciou Davis –, e temos uma menina perfeita e linda.

Aplausos, abraços, lágrimas, apertos de mão.

– A nossa neta – disse Edwina a Al, e beijou-o.

– A minha neta – disse eu a Jakobek, e beijei-o.

– A minha afilhada – disse ele a todos, e beijou-me.

Poucos minutos depois as enfermeiras deixaram-nos entrar no quarto privado onde Eddie estava deitada com uma bebé encantadora ao colo, enrolada numa manta cor-de-rosa. Sem qualquer dignidade, todos nos debruçámos sobre ela e murmurámos e soltámos exclamações encantadas e levámos as mãos ao coração. Davis sentou-se na cama ao lado dela.

– Queres dizer-lhes agora? – perguntou. Exausta e desgrenhada, mas feliz, Eddie acenou afirmativamente.

– O Davis e eu decidimos que a nossa filha precisa de um conjunto de nomes que nunca a deixem esquecer as suas raízes.

– Oh, não me digas que é qualquer coisa a ver com *maçãs* – lamentou-se Edwina.

– Não, mãe. Algo que represente a força, o amor, e a pura e maravilhosa teimosia da sua árvore genealógica.

– Tudo o que tiver a ver com árvores está bem, para mim – comentei.

– Mãe, tem calma – ralhou Davis.

Eddie sorriu. Olhou carinhosamente para Davis, depois para a filha, e murmurou:

– Ela chama-se Edwina… Hush… Thackery.

Edwina Hush. Era difícil de dizer, nada musical. Mas adorei.

– Hush Edwina – murmurei. – Perfeito.

– Edwina Hush – corrigiu Edwina. – Perfeito.

Todos desataram a rir. Olhei para Jakobek e vi que ele estava a conter um sorriso.

– O que foi? – perguntei.

Al abanou a cabeça.

– Espero bem que alguém arranje uma alcunha depressa, senão tenho de pedir ao Supremo Tribunal que se pronuncie.



Sim, Edwina Hush ia precisar de uma alcunha. Para já, Davis e Eddie chamavam-lhe Pequena Eddie. Eu desconfiava que o nome ia pegar. Não me importei. Arranjei a minha própria versão.

– Pequena Eddie Hush – repeti várias vezes a Jakobek, com um sorriso. – Pequena Eddie Hush. Não é um nome muito grande. Quando ela vier ao Hollow, chamo-lhe Eddie Hush. É muito sulista.

Jakobek levantou uma sobrancelha.

– Parece nome de jóquei ou jogador profissional.

Ambos nos rimos.

Voltámos para Washington bem depois da meia-noite. Os Serviços Secretos estavam à nossa espera e deixaram-nos entrar na Casa Branca. Jakobek e eu dirigimo-nos a uma área iluminada por um candeeiro, aprovada pela burocracia que gere a grande e velha mansão e os seus jardins. E aí, onde receberia sol e chuva, plantámos uma macieira *Sweet Hush*.

A escuridão não venceria contra as maçãs.

É bom ser famoso, sussurrou-me a *Grande Dama*. *Às vezes, temos de deixar que as nossas lendas trabalhem por nós, para ver se sobreviverão até às estações mais difíceis.*

Sim, respondi. *Sobreviveram. E floresceram.*

Jakobek apertou a minha mão suja de terra na dele.

– Em que estás a pensar, com essa cara? Seja o que for, agrada-me.

– Estou a pensar em ti. Em ti, na nossa família, nesta noite maravilhosa, nas nossas macieiras e nas abelhas que estão à espera de regressar ao Hollow na primavera para serem encantadas por nós os dois. Imagina, Jakob. Tu e eu… dois encantadores de abelhas a trabalhar nos pomares, *juntos*. Estaremos sempre rodeados de maçãs e mel e bons tempos.

Ele sorriu.

– Já estamos – respondeu.

Epílogo

Sob a macieira da Casa Branca

Hush

Nunca façam demasiadas perguntas quando o homem com quem vão casar vos atira para cima da cama a meio de uma tarde quente de agosto e faz amor convosco de forma tão apaixonada que vos deixa os ouvidos a zumbir.

– Jakobek, meu rapaz querido e louco – brinquei, sem fôlego, envolta nos braços dele, com a *T-shirt* à volta do pescoço e a saia de ganga algures do outro lado do quarto, em cima de uma cómoda. – Quase me apanhaste com o meu vestido de noiva. O *nosso* vestido de noiva, para ser exata. Acabei de o guardar. Dá azar o noivo ver o vestido, sabes. Principalmente quando está embrulhado em dez toneladas de papel de seda para não se amarrotar. Não tive vestido de noiva no meu primeiro casamento, por isso este tem de ser absolutamente *perfeito*… e *sabes* que quando chegarmos a Washington amanhã a Edwina vai torcer o nariz se o vestido estiver amarrotado… Já a estou a ouvir, a chamar os seus lacaios… «Por favor, *alguém*, por favor levem este vestido abominavelmente amarrotado e preparem-no *como deve ser*.» – Agitei a mão para indicar o caos no quarto. – E olha para a confusão que ainda tenho de arrumar. Malas espalhadas por todo o lado… Tenho tanto que fazer e ainda preciso de ligar ao Davis e à Eddie para ver quando vão sair de Boston e saber se a pequena Eddie Hush ainda está muito aflita dos dentes…

– Chiu – disse Jakobek em voz rouca. Levantou a cabeça do meu ombro e beijou-me com força.

Soergui-me num cotovelo, franzi a testa, olhei para a expressão grave no rosto dele e parei de respirar.

– O que se passa?

– Acabo de ser contactado pelos conselheiros do Al. O Mostafa bin Ottma raptou um príncipe saudita. – Hesitou e fitou os meus olhos preocupados com ar determinado. – Quer dez milhões de euros, ou diz que manda o príncipe para casa aos bocadinhos. Se ele matar o príncipe, pode haver outra guerra.

Mostafa era um senhor da guerra de um daqueles países do Médio Oriente onde as tribos antigas eram mais poderosas do que o governo moderno. Para ele, raptar pessoas ricas dos países vizinhos era um passatempo lucrativo. Para me distrair do que Jakobek estava realmente a tentar dizer, sentei-me na cama e disse em tom feroz:

– Diz ao Al que aponte um míssil diretamente para o…

– Tenho de lá ir.

O mundo parou de girar. O meu pior receio concretizara-se. Levei a mão à garganta. *Respira. Mantém a calma.*

– Estás afastado do exército. Porque tens de ser *tu*?

– Sou o único ocidental em quem o Mostafa confia. Salvei-lhe a vida há dez anos, quando ele ainda estava a combater do nosso lado. Ele considera-me um… uma espécie de *amigo*. – A boca de Jakobek curvou-se num sorriso irónico ao pronunciar esta palavra, mas o sorriso desapareceu assim que olhou para mim. Eu estava a tentar decidir se havia de chorar, de gritar ou de o amarrar à cama apenas o tempo suficiente para ligar a Al e lhe dizer que o meu futuro marido, o sobrinho dele, o homem que eu amava e com quem planeava casar dentro de menos de uma semana na grandiosa Sala Leste da Casa Branca, não ia de maneira nenhuma arriscar a vida para um deserto infernal qualquer, negociar com um louco armado em Osama bin Laden.

Claro que Jakobek não devia ter de ouvir esse tipo de lamúrias. Portanto, disse-lhe apenas:

– Não me caso sem tu estares cá.

– Ainda bem. Nem eu o permitiria.

– Promete-me que estarás em segurança, Jakobek.

– Juro. Com um pouco de sorte, estarei de volta a tempo do jantar de ensaio.

Com um pouco de sorte.

Levantou-se e vestiu as calças. Eu enrolei-me num roupão e sentei-me ao lado dele na cama grande que tínhamos comprado meses antes – a nossa primeira compra como casal. Do outro lado da janela da minha casa, os pomares das Quintas Sweet Hush começavam a amadurecer para o

outono. Tínhamos apenas algumas semanas para casar, ir ao Havai em lua de mel e voltar para Chocinaw antes de a época da colheita começar. Agora, Tínhamos só algumas horas para passar juntos, e podiam muito bem ser o resto da nossa vida em comum.

– Quando vais? – perguntei, com a garganta a arder.

– Assim que o helicóptero militar chegar.

Baixei a cabeça. Ele pôs o braço à minha volta e encostei a cabeça ao ombro dele. Chorei. Não consegui conter-me.

– Encontramo-nos no altar – murmurou.

– Se não vieres – consegui dizer, entre as lágrimas –, hei de ir atrás do Mostafa como um cão de fila e enterro o que sobrar dele debaixo das minhas macieiras para servir de fertilizante.



– Essas coisas *não* se parecem nada com botões de magnólia de seda – gritou Edwina Jacobs a um decorador de ar assustado que estava a colocar enormes arranjos de flores por cima das janelas. – Parecem cravos brancos murchos da secção de florista de um Walter-Mart qualquer!

– É *Wal*-Mart, minha senhora – sussurrou uma assistente de forma audível.

– Walter Mart. Wal-Mart. *Seja o que for*. Tirem isso daí. Tirem-nas todas e chamem a responsável pelos arranjos florais e digam-lhe que substitua estas monstruosidades por magnólias a sério.

– Sabe, Edwina – disse eu atrás dela, parada à porta, rodeada por malas e uma escolta de agentes dos Serviços Secretos –, às vezes parece-me uma personagem exagerada de uma série de televisão.

Ela girou sobre si própria com precisão militar em cima dos sapatos de salto alto perfeitos, um dínamo loiro com olhos tão congestionados como os meus. Ela e Al estavam tão preocupados com Jakobek como eu, e eu sabia que Edwina colocaria uma fachada igualmente forte.

– Ora, quem ela é. Ainda bem que conseguiu chegar à Casa Branca a tempo das festividades da semana do seu casamento, Hush. Estava com receio de que fosse a caminho do Médio Oriente, armada com uma caçadeira e uma maçã podre para atirar ao Mostafa bin Ottma.

Dirigi-me a ela, aproximei-me e murmurei, em voz tensa:

– Se eu achasse que conseguia encontrá-lo antes de ele pôr as mãos no Jakobek, já iria a caminho com uma *granada* em forma de maçã.

A expressão severa de Edwina suavizou-se. Enfiou o braço no meu e murmurou também, para que os funcionários não a conseguissem ouvir.

– E eu iria logo atrás. Estou agoniada de tanta preocupação. – Por um segundo, inclinámos as cabeças juntas numa oração silenciosa, ela baixa e loira e vestida com um fato lilás que fazia lembrar uma vendedora Avon, eu alta e ruiva e desalinhada em calças de ganga e um casaco de linho encarnado.

Depois ambas recuámos, a fungar e a limpar os olhos, e continuámos a fingir que não gostávamos uma da outra. Ela fez uma careta.

– Se chorarmos só vamos fazer murchar ainda mais estas supostas magnólias.

– É verdade – concordei, em voz rouca. Fiz um esforço para olhar para os arranjos. – Mas parecem-me fantásticos.

– Isso é porque não tem gosto nenhum. – Puxou-me pelo braço e saímos da sala de jantar formal e ornamentada. Percorremos um dos grandiosos corredores da Casa Branca com um pequeno exército de pessoas atrás de nós, quase todas carregadas com as minhas malas e as flores que Edwina rejeitara. – Temos o jantar hoje para a apresentar oficialmente à sociedade de Washington e aos nossos principais angariadores de fundos – explicou Edwina secamente. – Amanhã à noite tem de ir a uma pequena receção organizada pelo vice-presidente e pela mulher, onde a apresentarão aos nossos maiores aliados no Congresso. Na noite *seguinte*, será apresentada a um grupo de órgãos de comunicação social cuidadosamente selecionados.

Com esforço, fechei a boca. Há vinte e quatro horas que não dormia, depois de ter visto Jakobek entrar num helicóptero militar e desaparecer no céu de verão, e tudo o que queria era sentar-me numa varanda a semana toda, virada para leste, para o Médio Oriente, à espera do regresso dele.

– E espera que eu faça isso tudo sozinha? Como é que tenciona explicar a ausência do Jakobek?

– O secretário de imprensa da Casa Branca informou toda a gente de que o Nicholas está a

cumprir um costume tradicional da semana antes do casamento, que vem da herança polaca que partilha com o Al. Vai ficar isolado da noiva até ao dia do casamento. – Edwina fez uma pausa. – Foi numa pescaria. Para um sítio muito remoto. No Pacífico Sul. Ou nos confins da Austrália.

Olhei para ela, assombrada. Esta mulher tinha um descaramento inacreditável.

– Nesse caso, pode dizer a toda a gente que *eu* também estou a observar um costume da minha herança… os montanheses têm o costume de ficar sentados no alpendre, com uma caçadeira no colo, pronta para disparar contra quem se atrever a falar comigo.

– Lamento, mas não pode ser.

– Não *pode* andar a desfilar comigo por Washington como um caniche premiado, como se não se passasse nada.

Edwina estacou como um comboio que tivesse colidido com uma parede e obrigou-me a parar também.

– Oiça bem – disse, em voz baixa. – Não há nada que eu e o Al mais gostássemos de fazer do que passar esta semana numa sala escura no Pentágono a ver imagens de satélite e a ouvir atualizações constantes sobre o paradeiro e a segurança do Nicholas. Mas temos um país para governar. E para o ano há eleições, Hush. Cada passo que damos é crucial para reforçar os números do Al nas sondagens. *Você* tornou-se uma atração muito popular no nosso carnaval político, Hush. Detesto ter de o admitir, mas neste momento é um dos nossos trunfos. Faz parte da nossa imagem, quer isso lhe agrade ou não, e tal como nós temos de cumprir o nosso dever… e tal como o Nicholas está a cumprir o dever dele… a Hush também tem de cumprir o seu. *O Nicholas havia de querer que o fizesse*.

Com esta, apanhou-me. Olhei para ela por um longo instante.

– Só lhe peço que diga ao caniche premiado quando tem de ladrar – disse-lhe, de má vontade.



Nessa noite, Smooch e eu instalámo-nos, de pijama, na cama Lincoln, no quarto Lincoln, a olhar para um retrato do presidente Lincoln. Pelo menos, eu estava a olhar. Smooch tinha uma câmara de vídeo na mão e estava a filmar tudo.

Abracei os joelhos e fiz um esforço para comer algumas fatias de maçã Sweet Hush salgada. Tinha a cabeça à roda com o medo, os olhos a arder por causa das lágrimas e a mente a milhares de quilómetros dali, com Jakobek. Algures, num deserto inóspito, estava um dia escaldante.

E ele podia já estar ferido. Ou pior.

Nick

– Glória a Alá! Morte aos infiéis! Tem charutos consigo, coronel?

O braço-direito de Mostafa, Orda, baixou os óculos de sol franceses, agitou a espingarda automática na minha cara e olhou para mim como se fosse capaz de me matar caso não tivesse charutos. À nossa volta, trinta soldados armados de Mostafa brincavam com os gatilhos das armas de olhos semicerrados por causa da areiam que se colava ao suor na minha cara. Sentia-me como uma lixa humana.

– Sei o que o Mostafa gosta. Trouxe-lhe o melhor. – Tirei um pacote de charutos cubanos enrolados à mão do bolso do colete camuflado. – Peço desculpa pelo sangue – comentei, com indiferença. – Pinguei um bocadinho. – Tinha um golpe a latejar por cima da orelha esquerda, um corte no lábio, os nós dos dedos de ambas as mãos em carne viva e a maçã do rosto dorida. Antes de Orda decidir que eu era quem dizia ser, envolvera-me numa escaramuça com alguns dos homens dele. Com orgulho, reparei que eles pareciam estar pior do que eu.

Orda pegou no pacote de charutos, cheirou-os, soltou uma exclamação de prazer e deu-me um toque com a espingarda.

– Vamos.

O nosso grupinho suado e coberto de areia começou a caminhar entre formações rochosas irregulares e dunas de areia, na direção da entrada de uma gruta. Quando estávamos a chegar,

Mostafa saiu. Vestia camuflagem para o deserto, tinha um lenço branco imaculado na cabeça e no pulso um Rolex com diamantes incrustados. Se procurarem «louco e podre de rico» no dicionário, é a fotografia dele que encontram. Os seus passatempos incluíam gerir a carteira de investimentos multimilionária, fumar charutos, jogar Dungeons & Dragons no computador, pôr bombas em sítios, raptar VIPs e colecionar as orelhas cortadas aos inimigos em grandes frascos de vidro cheios de formol.

– Jakobek! – gritou, com um sorriso. Apertou-me a mão energeticamente. – Então mandaram-te para me convencer a não leiloar as partes do meu príncipe saudita? Ou vieste assassinar-me? Ou conduzir os teus amigos do exército até mim para me capturarem e mostrarem na televisão americana?

Ele riu-se e deu-me uma palmada nas costas.

– Onde estão os meus charutos? – Orda deu-lhe o pacote. – Hum, maravilhosos. Coronel, lembraste-te. Que simpático.

– Os amigos são para estas coisas.

Mostafa riu-se mais ainda, mas os seus olhos eram os de um tubarão.

– Talvez – disse, tocando-me na orelha com o dedo – te salves de ir parar à minha coleção. Ou talvez não.

Sorriu e convidou-me a entrar. Com a arma de Orda encostada às costas, segui-o para o interior da gruta. Pus a mão sobre o bolso do colete, onde apenas uma coisa me interessava. A minha fotografia de Hush, a que começara a trazer comigo muito antes de ter alguma esperança de que ela pudesse amar alguém como eu.

Hush estaria sempre comigo, mesmo que eu nunca mais voltasse para casa.

Hush

– Chamam a esta divisão a «Sala Vermelha», não é? – perguntei a Smooch em surdina, enquanto uma das secretárias de Edwina nos conduzia para mais uma das salas públicas formais da Casa Branca.

Estacámos, espantadas, quando a secretária acabou de abrir as portas altas da sala. Esta fora esvaziada de todas as antiguidades e, em vez disso, continha mesas compridas cobertas de seda vermelha e, em cima destas, pilhas de coisas maravilhosas e *estranhas*.

– Os seus presentes de casamento, vindos de todo o mundo – declarou a secretária em tom solene. – Estão todos registados para poder enviar depois cartões de agradecimento. Os cartões originais estão presos a cada presente.

Smooch pegou numa máscara tribal de madeira trabalhada.

– «Coronel Jakobek» – leu, em voz alta –, «estarei sempre em dívida para consigo pelas vidas dos meus filhos. Que os deuses da chuva abençoem o vosso fruto.» – Smooch olhou para mim. – Vem do Chefe Não-Sei-Quê. De um país do qual nunca ouvi falar. – Pegou numa tartaruga de ouro maciço do tamanho da sua cabeça, virou-a e, ofegante com o esforço, leu o cartão preso por baixo. – Este está em espanhol. «Pelas vidas do meu povo, não há ouro suficiente para lhe agradecer.» Uau. Ele andou *mesmo* pelo mundo todo a fazer coisas heroicas de que ninguém pode falar.

– Nunca tive dúvidas. – *Oh, Jakobek*, pensei, de coração partido, *já salvaste o mundo vezes suficientes. Agora salva-te a ti e volta para mim e para o nosso Hollow.* Virei costas a Smooch e limpei os olhos com a manga do casaco. Obedientemente, transformara-me numa espécie de clone de Edwina, vestida com um fato de seda clara e uma gargantilha de pérolas. Fora às festas, aos almoços, às entrevistas. No entanto, só queria enfiar as minhas calças de ganga e uma das camisas de flanela macia de Jakobek, sentar-me no chão no meio de todos estes presentes e chorar como uma criança.

– Vejo que está a avaliar o seu saque. – Edwina entrou na sala.

Tive vontade de lhe bater, mas Al vinha atrás dela, de ar sério e presidencial, com um fato escuro. Aproximou-se e abraçou-me.

– Soubemos agora mesmo que o plano está a correr bem e que o Nick foi apanhado pelos homens do Mostafa. Está vivo, mas não sabemos para onde o levaram.

– Está vivo. Só quero que continue a dizer-me que ele está vivo.

– Prometo.

– Mana! – A voz ribombante do meu irmão ecoou pela sala. Logan, Lucille e Puppy entraram. Tinham acabado de chegar da Geórgia. Todos nos abraçámos. Quando me ajoelhei para deixar Puppy abraçar-me, o cheiro a pastilha elástica do seu perfume de menina entrou-me pelo nariz e dirigiu-se ao estômago como dinamite líquida.

– Afasta-te, querida, a tia Hush vai vomitar. – Virei-me e levei a mão à boca, aos vómitos.

– Nos tapetes antigos não! – ordenou Edwina.

Mas era tarde de mais.

Minutos depois, estava sentada numa cadeira antiga, meio tonta, com uma compressa gelada na testa. Smooch ajoelhou-se à minha frente e refrescou-me o rosto com um pano molhado.

– Hush, andas a vomitar muito, ultimamente. Ontem também vomitaste, e a semana passada estiveste mal disposta… Se calhar devias ir ao médico.

– Já fui. Tencionava contar ao Jakobek antes de virmos para Washington. Mas depois ele recebeu o telefonema sobre o Mostafa…

– Oh… meu… Deus! – exclamou Edwina. – A maçã de quarenta anos e a abelha de quarenta e quatro fizeram o milagre da polinização.

Olhei para os rostos estupefactos à minha volta e acenei afirmativamente.

– O Jakobek e eu vamos ter um bebé.

❧

– Mãe – disse Davis em tom severo, mas com um sorriso. – Como é que vais explicar à Eddie Hush que o teu bebé vai ser tio ou tia dela?

– Aplicaremos a tradição sulista. Dizemos-lhe para lhe chamar «primo».

Sentada ao meu colo, a minha linda neta de cabelos ruivos, a pequena Eddie Hush Jacobs, palrou e mostrou os dois dentes num sorriso. A mãe, Eddie, pôs o braço à minha volta.

– É uma notícia maravilhosa – disse, com a voz embargada. – O Nicky vai ficar tão contente. Ele será um pai fantástico. E *vai* voltar incólume, Hush, tenho a certeza.

– Claro que sim – disse, em tom firme e confiante. Uma mãe não mostrava medo e infelicidade em frente dos filhos. Pousei a mão na barriga, num gesto protetor. Nem mesmo daqueles que ainda estavam à espera de nascer.

Nick

– Coronel, lamento muito que tenha vindo de tão longe por minha causa. Receio que as nossas orelhas vão partilhar um lugar de honra na estante do Mostafa.

– Enquanto estivermos inteiros há esperança, alteza. – O príncipe saudita e eu partilhávamos um canto desconfortável do chão da gruta, onde estávamos algemados ao mesmo poste. As luzes do teto, alimentadas por uma bateria, mal chegavam a este canto escuro. Conseguia ouvir vagamente a televisão de ecrã gigante de Mostafa, algures num dos túneis da gruta.

De súbito, silêncio. Depois o som de passos a correr, vindos na nossa direção. O príncipe susteve a respiração.

Endireitei-me, preparado. *Amo-te*, disse, silenciosamente, a Hush. *Toda a minha vida valeu a pena só por este último ano que passei contigo.*

Mostafa entrou a correr, com expressão furiosa. Inclinou-se para mim e abanou os punhos à frente da minha cara.

– Como foste capaz? Como? Dez anos! Nem um telefonema, nem uma carta, e agora, *nem sequer me disseste que ias casar*! Tive de saber pelas notícias!

Consegui manter uma expressão neutra.

– Nunca me deste a entender que estavas interessado em mim. Como querias que adivinhasse?

Ele olhou para mim, de boca aberta. Depois, para meu alívio, riu-se. Às gargalhadas. Praticamente até às lágrimas. Agarrou-me pelos ombros, abanou-me e plantou um beijo a cheirar a

charuto no alto da minha cabeça.

– Sai daqui! Vai para casa! É o meu presente de casamento para ti! – Por cima do ombro, berrou: – Orda! Põe o Jakobek e o príncipe no próximo jato para Cabul!

– Vai libertar-me também? – inquiriu o príncipe, incrédulo.

Mostafa sorriu-lhe com humor mortífero e depois passou a mão pela orelha.

– Desta vez. Mas, se fosse a si, não gastava muito dinheiro em brincos.

Ali sentado, só consegui pensar: *Estou aqui há três dias. Se conseguir chegar a casa nos próximos três, chego a tempo da cerimónia. Hush, prometi que nos encontrávamos no altar. Não desistas de mim. Vou a caminho de casa.*

Hush

Era o dia do nosso casamento. Ainda não havia qualquer notícia sobre Jakobek. Tinham perdido todo o contacto. Uma equipa de operações especiais dos EUA localizara o último acampamento de Mostafa nas montanhas, mas Mostafa e os seus homens há muito que o tinham abandonado. A equipa usou cães especializados em identificar cheiro de cadáveres para procurar campas rasas onde pudessem estar os corpos do príncipe e de Jakobek, mas, felizmente, não tinham encontrado nada.

– Levou-os consigo – disse-me Al. – É bom sinal. Ainda estão vivos.

– Desapareceu no deserto com o Jakobek – respondi.

– Vista o vestido de noiva e cale-se – ordenou. – Além da família direta, ninguém sabe que o Nicholas está desaparecido nem porque saiu do país. Essa informação *não* pode chegar ao conhecimento do público, Hush. Estamos a falar de um incidente internacional.

Nick

O príncipe e eu estávamos num jato particular sobre o Oceano Atlântico, a caminho de Washington. Mostafa podia ser louco, mas era um louco esperto. Os homens dele tinham-nos feito saltitar por todo o Médio Oriente e Europa numa série de jatos, propriedade de uma rede obscura de aliados, para que a nossa viagem de regresso à civilização não pudesse conduzir o exército até ele. Entretanto, eu continuava com o meu camuflado empoeirado, sujo de sangue e manchado de suor, e conseguira apenas passar a cara e as mãos por água na casa de banho do jato. Sem contar com os nós dos dedos feridos, o lábio inferior inchado, o golpe na cabeça coberto de sangue seco, uma nódoa negra do tamanho de uma maçã na cara e barba de seis dias, capaz de riscar cromados.

O casamento era dentro de duas horas. Precisava de pelo menos esse tempo só para lavar a areia de todos os recantos do corpo.

– E se comunicássemos com a Casa Branca por rádio agora? – perguntei a um comissário de voo pouco amistoso das Linhas Aéreas Mostafa, armado com uma Uzi. – Daqui a pouco estaremos sobre águas dos Estados Unidos.

– As minhas ordens são «Zero contacto». – Com o sobrolho franzido, agitou a *Uzi* na minha direção e depois na direção do príncipe. – Vou deixar-vos aos dois num aeroporto em Washington. A partir daí, estão por vossa conta. Façam os telefonemas que quiserem. Por enquanto, boca fechada.

Olhei pela janela do avião. Hush levava muito a sério os votos sagrados. Prometera casar comigo, para o melhor ou para o pior, e assim faria. Só esperava conseguir chegar lá a tempo.

Rezei para que ela conseguisse aguentar o meu cheiro.

Hush

A filha de Teddy Roosevelt casara na Sala Leste da Casa Branca. A de Lyndon Johnson também. O corpo de Lincoln estivera a ser velado lá. Bem como o de John Kennedy.

Tentei não pensar nos funerais.

A grande sala branca e dourada estava cheia de flores, velas e centenas de pessoas que não faziam a mínima ideia de que o noivo estava desaparecido e podia mesmo estar morto. Cerca de metade do condado de Chocinaw estava presente. Gruncle estava sentado numa das filas da frente, entre Davis e Eddie, com Eddie Hush ao colo. Perto dele, Edwina e as irmãs, de caras sérias, organizavam o contingente Jacobs e Habersham. Al, de rosto empedernido, atento a notícias de Jakobek num auricular escondido, estava sentado ao lado de Logan, à espera para se posicionarem como padrinhos do noivo. Smooch e Lucille eram as damas de honor. Puppy, muito sorridente num vestido volumoso, estava preparada para atirar flores de macieira em seda à minha frente.

A reverenda Betty, com vestes brancas e uma faixa vermelha sorria a todos os presentes de trás de um bonito altar coberto de flores. O coro da igreja estava numa plataforma à direita da sala, a cantar um antigo hino. Quando acabaram, uma soprano de ópera subiu para uma plataforma do lado oposto da sala e começou a cantar uma ária de casamento em italiano.

Eu estava na antecâmara, com o mais bonito vestido de noiva e véu que alguma vez imaginara poder vir a usar, com um ramo feito de galhos de macieira, de cabeça baixa, a rezar e a chorar. Não queria saber da cerimónia, do vestido maravilhoso, das relações internacionais ou da campanha de reeleição de Al. Só sabia que Jakobek não tinha regressado a tempo e isso significava que devia estar gravemente ferido, aprisionado algures ou morto.

Quando a soprano acabou de cantar, levantei a cabeça e limpei os olhos. O rímel sujou-me os dedos. Os primeiros acordes desoladores da marcha nupcial ergueram-se da orquestra.

– Quando eles começarem a tocar a marcha nupcial – dissera Al –, eu subo ao altar e anuncio o cancelamento. Depois explico tudo aos convidados. E ao resto do mundo.

Era agora. O sinal. O prazo final. O jogo chegara ao fim. Não haveria casamento. Jakobek estava ferido, moribundo, morto. O meu coração despedaçou-se.

De súbito, soube o que tinha de fazer. Os assuntos de Jakobek eram os meus. Era eu que tinha de o representar, com orgulho, honra e coragem. Segurei no ramo e dirigi-me à porta que me levaria à coxia, para anunciar que tencionava revirar cada grão de areia, de Istambul a Riade, até encontrar Jakobek, vivo ou morto. Ao princípio, todas as atenções estavam concentradas no fundo da sala, onde Al saltou da cadeira e correu para o altar. Porém, quando comecei a percorrer a coxia, as cabeças viraram-se para mim. Al viu-me e começou a abanar os braços compridos e a apontar para o auricular. Parei, levei a mão ao coração e saltitei de um pé para o outro. A orquestra parou de tocar com uns acordes desafinados. Pelos vistos, o presidente estava a mostrar uma nova dança ou a ter um ataque qualquer. E eu também.

O silêncio – um silêncio horrorizado – encheu a Sala Leste.

Al riu-se e gritou-me:

– Para o jardim sul! Os fuzileiros vêm a caminho com ele de helicóptero, chegam dentro de sessenta segundos!

Larguei o ramo, levantei a saia, descalcei os sapatos e corri para a porta.

Nick

Graças a Deus pelos telemóveis e pelos fuzileiros. Assim que consegui deitar as mãos ao telemóvel de um carregador de bagagens na pista do aeroporto, enviei uma mensagem para a Casa Branca. Uma vez que são os fuzileiros que tratam dos voos do presidente a partir dos terrenos da Casa Branca, mandaram um dos seus grandes helicópteros. Pouco tempo depois estava a subir as escadas do helicóptero enquanto o príncipe me acenava dos degraus de outro igual.

Acenei-lhe com a mão e entrei. Um capitão dos fuzileiros gritou:

– Senhor! Desodorizante! – e borrifou-me com perfume.

Depois dirigimo-nos à Casa Branca.

Hush

Foram precisos Al, Logan e um fuzileiro da guarda de honra para me segurarem enquanto as pás

do helicóptero paravam de girar. Quando a porta se abriu e os degraus apareceram, eu já ia a correr, seguida pela maioria dos convidados do casamento. A avaliar pela forma como Jakobek se atirou para fora do helicóptero, também não tinha sido fácil segurá-lo.

Contive um soluço ao ver o seu estado, mas depois ele sorriu-me e tudo o resto perdeu importância. Um segundo depois estávamos nos braços um do outro. Ele levantou-me do chão enquanto eu beijava todos os sítios feridos do rosto dele e os outros também. Beijou-me demoradamente e depois olhou para mim de lágrimas nos olhos mas com um sorriso nos lábios.

– Tive uma despedida de solteiro horrível – lamentou-se.

Ri-me, chorei e enchi-lhe a barba de batom.

Quando finalmente nos virámos para as centenas de convidados, Edwina, sorridente e emocionada mas com expressão sardónica, estava à frente da multidão, de braços cruzados.

– O casamento que tanto trabalho me deu a planear está estragado, não sei se sabem. O que tencionam fazer a esse respeito?

A reverenda Betty aproximou-se.

– Lembro-me que plantaram uma macieira ali naquela elevação, no inverno passado. Parece-me que não há sítio melhor para celebrar este casamento do que ali mesmo, agora mesmo.

Olhei para Jakobek. Ele olhou para mim.

– *Sim* – dissemos em uníssono.



Havai. Terra de ananases, floresta tropical, residências de férias privadas de cinco estrelas onde a influência presidencial consegue instalar um sobrinho e a sua noiva, e areia. Muita areia, em praias maravilhosas.

– Acho que vou passar a semana aqui mesmo – disse Jakobek em tom relaxado, esticado na cama de dossel enorme, com vista para o jardim. – Neste momento, não gosto muito de areia.

Enrosquei-me junto dele, nua.

– Não me importo nada se nem sequer sairmos do quarto.

Ele puxou-me para si. Ficámos deitados em silêncio, a trocar carinhos, eu com o cuidado de evitar as nódoas negras e cortes dele.

– Tens de te pôr bom – disse-lhe. – Vais precisar das tuas forças. És um homem casado. Agora tens muito trabalho pela frente.

Jakobek virou-me de costas e fitou-me intensamente.

– Sei que a mãe natureza pode não estar do nosso lado, e que dissemos que seria um milagre ter um bebé com a nossa idade, mas… – apesar dos olhos sérios, uma nota de humor introduziu-se na sua voz – … já que vamos passar a semana no quarto, podemos concentrar-nos em ver se conseguimos fazer um milagre.

Estendi a mão e encostei-a ao rosto dele.

– Foi uma semana de milagres, por isso… Jakobek… meu encantador de abelhas… a mãe natureza está do nosso lado. Já estava do nosso lado quando partiste para o Médio Oriente. Só estava à espera de que voltasses para te contar.

Ele estudou-me o rosto com expressão confusa, até que compreendeu o que eu estava a dizer. Vi, deslumbrada, uma expressão de regeneração espalhar-se pelo rosto ferido, de dentro para fora.

– É bom estar vivo, contigo e com o nosso bebé – murmurou ele.

Sorri.

Os milagres sempre acontecem.